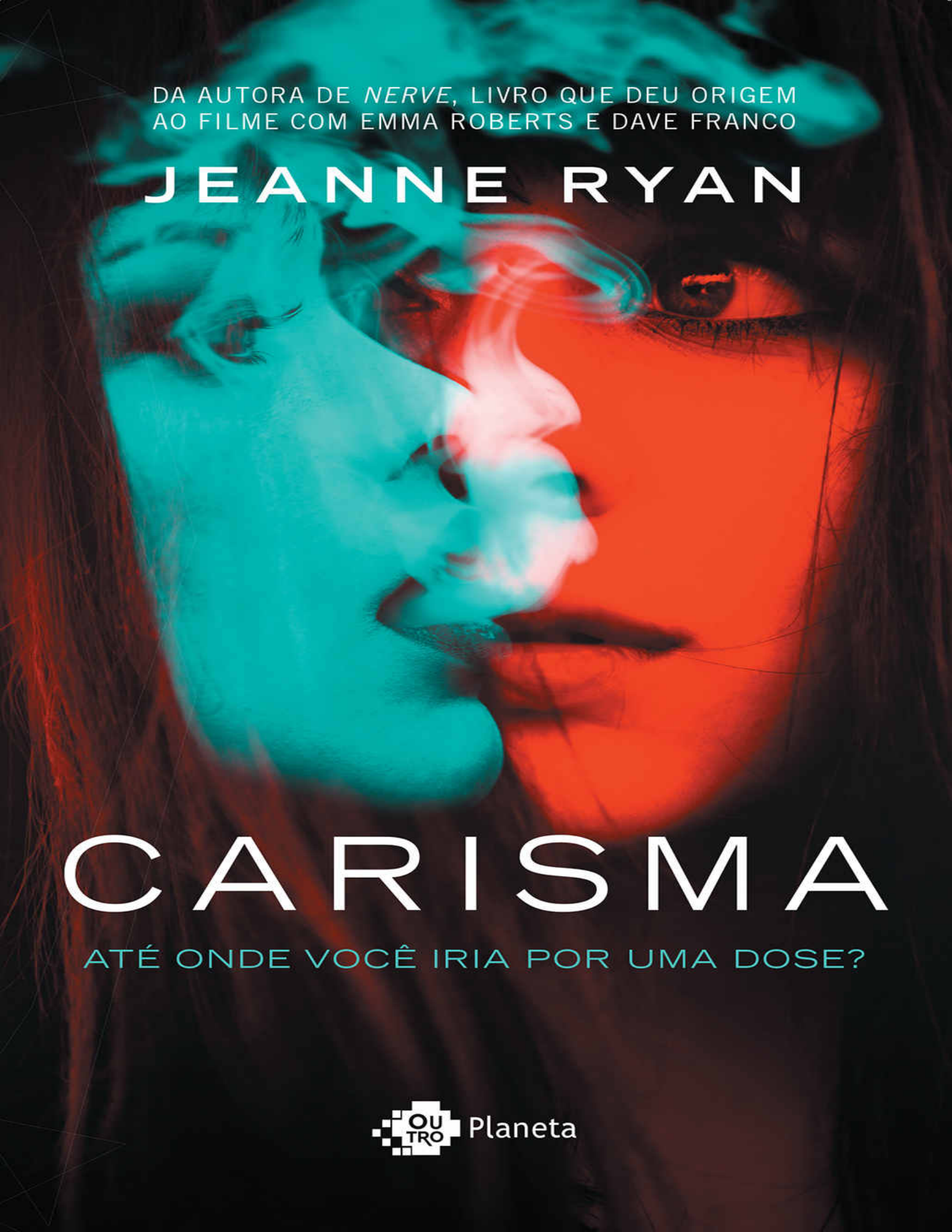




DA AUTORA DE *NERVE*, LIVRO QUE DEU ORIGEM
AO FILME COM EMMA ROBERTS E DAVE FRANCO

JEANNE RYAN

CARISMA

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA POR UMA DOSE?



Planeta



CARISMA

JEANNE RYAN

CARISMA

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA POR UMA DOSE?

Tradução
Débora Isidoro



Copyright © Jeanne Ryan, 2015

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019

Todos os direitos reservados.

Título original: *Charisma*



Leia e sinta-se livre

Preparação: Elisa Martins

Revisão: Opus Editorial e Laura Folgueira

Diagramação: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Imagens de capa: Ebru Sidar/Arcangel

Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) ANGÉLICA
ILACQUA CRB-8/7057

Ryan, Jeanne

Carisma [livro eletrônico] / Jeanne Ryan; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo: Planeta, 2019.

320 p.

ISBN: 978-85-422-1584-7

Título original: Charisma

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

19-0392

CDD 813

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Ryan e Lilia, que brilham muito

UM

Sou nadadora da equipe do colégio, mas conheço a sensação de ficar presa embaixo d'água. É isso. Peito apertado, cabeça latejando com o pânico de lutar por uma chance de respirar. Com as unhas cravadas na palma das mãos, tento respirar neste palco tedioso, diante dos juízes da feira de ciências, de desconhecidos vindos de todas as partes do estado de Washington, da minha família e de Jack, que também se classificou para esta competição.

O dr. Lin, chefe da banca julgadora e professor de física no meu colégio, bate na prancheta enquanto espera que eu o convença da relevância do meu projeto para a sociedade.

Apesar do medo de ter os pulmões invadidos por uma onda de desespero, obrigo-me a abrir um pouco a boca.

— Cientistas identificaram, hã, muitos genes associados a desordens específicas, então... — Meu coração é uma metralhadora no peito, minha voz é uma causa perdida.

O dr. Lin inclina a cabeça.

— Srta. Hollings? — Ele olha para os meus joelhos travados. — Aislyn? Está se sentindo bem?

Balanço a cabeça para dizer que sim e busco forças para terminar de responder à pergunta. Mas minha visão fica embaçada e eu me esforço para voltar a respirar, o que só aumenta a tontura. Todos os livros dizem para a gente “aceitar” um ataque de pânico como se fosse uma opção, deixá-lo fluir e sair da sua psique. Mas tem uma coisa que eles não falam: o pânico não flui, ele abala seu corpo como um terremoto, te deixa sem chão e caindo em um precipício cujo propósito é te devorar.

O dr. Lin levanta as sobrancelhas, espera por um momento insuportavelmente longo e puxa o microfone para perto da boca.

— Se você pudesse consertar mutações genéticas, onde estabeleceria o seu limite? O que dizer da pessoa que acha que sua calvície ou altura deve ser consertada? — Ele pensa como aqueles malucos que protestam em frente dos laboratórios da Nova Genetics, gritando que a terapia genética equivale a “brincar de Deus” e que interromperiam todas as curas que salvam vidas, se pudessem.

Mas saber quão erradas estão todas as pessoas que se opõem a tudo isso não confere nenhum brilhantismo ao que digo em seguida.

— Alterações genéticas fúteis não têm seu desenvolvimento aprovado. — Pisco para a plateia. Na primeira fila, minha mãe se inclina para a frente e projeta o queixo, como se assim pudesse me incentivar a continuar. A preocupação com como pagar meus estudos na faculdade se tornou uma entidade sempre presente, que eu pretendo exorcizar com o prêmio desta noite.

O dr. Lin suspira para a estudante patética que mal consegue descrever seu projeto, muito menos vencer uma competição, por mais que ele faça perguntas para orientá-la.

Tem muito mais coisas que eu preciso dizer, mas meus joelhos ameaçam ceder a qualquer momento. Eu me apoio na mesa que sustenta meu *display* de três partes. Péssima ideia. A mesa balança, e os gráficos de papelão tremem. Pulo para impedir que a mesa caia, mas não a tempo de evitar que o *display* tombe e meus panfletos voem pelo palco em direção à pessoa na mesa vizinha, que por acaso é Jack. O magro e loiro Jack do sorriso doce.

Ele recolhe os papéis e os devolve para mim, sussurrando:

— Você está indo bem.

Não. Bons oradores não provocam exclamações de espanto e risadinhas na plateia. E não correm o risco de sofrer asfixia no palco.

Meu rosto queima. Centenas de olhos observam, acompanham e, ah, droga, isso foi o flash de uma câmera? Tento ajeitar os papéis e sinto o pescoço queimar. Cada molécula do meu corpo grita: “Corra”. Mas não vou fugir. Há muito tempo me convenci de que, se algum dia me permitir fugir das minhas ansiedades, nunca vou parar de correr. Então fico aqui e aguento.

O dr. Lin faz anotações em seu bloco.

— Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Ou sua persistência se deve ao fato de eu estudar no colégio onde ele leciona, ou é sadismo. Não que faça alguma diferença.

Engulo o ar e olho para minha mãe, cujos lábios apertados perderam a cor. Ela deve se perguntar por que dediquei horas incontáveis a esse projeto, em vez de me ocupar com alguma coisa útil como, por exemplo, ajudá-la com meu irmão Sammy.

Engulo de novo.

— Espero que tenha uma chance de ler meu relatório. Ele pisca como se não tivesse me escutado corretamente.

— Gostaríamos de ouvi-la descrever o projeto.

Sim, eu também. Mas só consigo assentir, atordoada.

Ele diz:

— Muito bem, então. Se essa é sua decisão...

Eu me encolho por dentro ao ouvir a frase que parece uma ameaça, mas não consigo encontrar palavras para explicar quanto esse projeto é importante, como a terapia genética deu luz a cegos e vida a moribundos. Um dia ela vai consertar as mutações genéticas por trás da fibrose cística, que faz Sammy se sentir como se estivesse sufocando todos os dias. Todo santo dia.

É isso que eu devia dizer. Porém seria mais fácil fundir átomos do que forçar mais uma frase coerente a sair da minha boca.

O dr. Lin segue para a mesa de Jack. Tento não travar os joelhos. *Não fuja, não se esconda, não desabe.* Minha porta para o sucesso se resumiu a esse mantra.

Evitando olhar para minha mãe e Sammy, eu me concentro na apresentação de Jack, na voz calma e confiante tão característica dele. Normalmente eu o acompanho com

olhares rápidos, abortados quando descubro que ele já estava me olhando primeiro. Nas tardes em que editamos as matérias para o *The Drizzle*, sempre tentamos conversar, o que me deixa tão insegura quanto estou agora. É só uma questão de tempo antes de ele desistir. Como todos os outros garotos desistem, por mais que inventem elogios, em geral comparando meus cabelos longos e loiros, quase brancos, a unicórnios ou princesas nórdicas. É, vou terminar o terceiro ano como comecei, mais intocada que uma daquelas princesas trancadas em uma torre.

Finalmente os juízes nos dispensam. De cabeça baixa, eu me aproximo de minha mãe e de Sammy, que tosse baixinho em um lenço. Meu irmão tem onze anos, mas, como muitas crianças com fibrose cística, ou FC, parece ser bem mais novo por causa das dificuldades do corpo em absorver toda a nutrição necessária.

Com aquela voz muito alta que usa para mostrar casas, minha mãe diz:

— Nenhuma outra pesquisa é tão sofisticada quanto a sua. Quantos adolescentes aprendem a sequenciar o DNA?

Continuo de cabeça baixa. Quantos adolescentes que conseguem sequenciar o DNA são incapazes de falar quando

mais precisam?

Ficamos ali de braços cruzados, arrastando os pés no chão. Olho para o relógio a cada vinte segundos. Esperar é sempre um desafio. O desta noite é grande o bastante para fazer minha cabeça latejar. Intermináveis minutos mais tarde, eles chamam os finalistas de volta ao palco. Fico com minha mãe e Sammy, que está tossindo de novo. O dr. Lin anuncia que o projeto de Jack sobre a restauração dos rios de salmão é o vencedor, e que ele tem uma chance de competir por um prêmio ainda maior na etapa nacional neste verão. Eu ganho uma menção honrosa, mas nenhum prêmio.

Minha mãe cobre a boca com a mão, mas só por um momento, recuperando-se em seguida e dando de ombros corajosamente. A tosse de Sammy piora e ele fica vermelho, ofegante, algo com que minha mãe e eu estamos acostumadas, mas as pessoas à nossa volta olham e apontam.

Minha mãe bate nas costas de Sammy. Vasculho a bolsa dela procurando mais lenços de papel. Vamos saindo juntos diante dos olhares de piedade. Uma mulher se oferece para chamar uma ambulância, mas dizemos que não é necessário. Desta vez.

Lá fora, quando finalmente recupera o fôlego, Sammy fala:

— Desculpem pelo espetáculo.

Chuto seu tênis com a ponta da minha bota.

— Não se desculpe por isso. Além do mais, meu espetáculo foi maior que o seu, amigão. Eu tinha um palco e adereços.

Ele não discute.

A caminho de casa, mando uma mensagem para minha melhor amiga, Evie, contando todos os detalhes do fiasco, mesmo sabendo que ela só vai olhar o celular quando seu debate acabar. A mensagem seguinte é para minha mentora na Nova Genetics, a dra. Sternfield. Pelo menos o trabalho que fiz com ela vai render créditos no começo da faculdade.

Quando entramos, minha mãe sorri com entusiasmo moderado, o que deve exigir um esforço sobre-humano.

— Sei que você fez o melhor que podia.

Pena que o meu melhor não tenha sido o melhor. Esfrego os braços.

— Hoje eu ajudo o Sammy com o tratamento. — É o mínimo que posso fazer.

Subimos, e lá em cima bato em seu peito e suas costas, soltando tudo que tenta destruir seus pulmões. Normalmente, meu irmão tenta fazer piadas entre as sequências de tapinhas, mas hoje fica em silêncio com seu caderno de desenho. Não tento conversar. Seria egoísta reclamar da mensalidade da faculdade para alguém que tem uma expectativa de vida de trinta e poucos anos.

Quando termino, Sammy enche o inalador com vários remédios que vai inalar pelos próximos trinta minutos. Ele não precisa mais de ajuda com as tarefas noturnas, mas gosta de companhia. Com a máscara no rosto e a máquina ligada, ele senta na cama com o caderno de desenho, e eu me acomodo na poltrona ao seu lado.

À nossa volta, as paredes do quarto são cobertas de lado a lado, e do chão até onde Sammy consegue alcançar, com pinturas vibrantes de dragões e outras criaturas cujos nomes só ele sabe. No caderno, ele detalha o sombreado do desenho do Obelisco Espacial sendo atacado por robôs.

— Está muito bom — comento.

Ele inspira o ar da máscara.

— Muito tempo para treinar.

Sim, muito tempo. No entanto, talvez não o suficiente.

Quarenta minutos mais tarde, eu me preparo para dormir e me ajeito embaixo das cobertas com o laptop sobre os joelhos, querendo poder faltar à aula no dia seguinte. Mas é o último dia do terceiro ano, mesmo que seja só meio período sem nenhum conteúdo.

Meu telefone apita. Aceito uma chamada de vídeo, e o sorriso cintilante de Evie preenche a tela. Seu cabelo negro e grosso está preso em um coque que deixa à mostra os brincos de ouro que a mãe comprou para ela em sua viagem anual à Indonésia.

Ela é toda brilho e covinhas.

— Eu ganhei!

Batemos os punhos fechados na tela.

Seu rosto assume uma expressão mais séria.

— Graças a você, que me ajudou na preparação. Queria ter feito o mesmo para a sua competição de ciências. Heath Roberts é um babaca por ter postado aquela foto.

Sinto um espasmo na barriga.

— Que foto?

Antes de ouvir a resposta, mudo de aba para abrir a página de Heath. Embaixo de uma foto em que apareço

derrubando meu projeto na final da competição de ciências, ele escreveu: “Gostosa? Sim! Desajeitada? Caramba, sim!”.

O que ele estava fazendo lá? Então lembro que seu irmão se classificara para a divisão do ensino fundamental. O desespero e a náusea de antes voltam.

— Todo mundo viu isso?

Evie balança a mão em um gesto de desdém.

— Ontem foi o cofrinho da Shoshanna. E vários garotos a convidaram para sair por causa disso. Você ganhou pontos importantes na terapia de exposição só por ter entrado na competição de ciências. Foi um ato de coragem. Está ouvindo?

Graças à aula de psicologia, Evie tem insistido na terapia de exposição para tratar minha timidez. Para ser bem honesta comigo mesma, não é como se eu não tivesse tentado superar esse problema. Até agora, aguentei os remédios contra a ansiedade (que provocaram palpitações e não funcionaram), a hipnose (me fez dormir), os exercícios de visualização (não consegui me concentrar), uma dieta sem açúcar (me deixou mal-humorada) e agora a terapia de exposição que, de acordo com todo o material de leitura, é a maneira mais eficiente para tratar fobias sociais. Porém,

sempre tem aquela porcentagem de pessoas que, como eu, tenta, tenta e fracassa. Evie insiste em dizer que é só uma questão de tempo. Mas eu sei que todo gráfico tem pontos fora da curva.

Ela pisca na tela de um jeito exagerado.

— A propósito, um certo jogador de futebol que pode ser o elo mais fraco na equipe de debate, mas é bem bonitinho, me perguntou três vezes sobre a festa do Drew amanhã.

Sinto meu estômago se contrair.

— Você devia ir com Abby e Zoe.

Ela balança o dedo.

— Você não vai a uma festa há um mês, e as férias de verão estão chegando. Melhores amigas não deixam melhores amigas cometerem suicídio social.

— Melhores amigas não obrigam melhores amigas a saírem de sua zona de conforto depois de elas terem fracassado na única área em que são boas.

— Você é boa em outras coisas, além de ciências e de me ajudar a manter minha gloriosa média geral. Não seja um clichê da garota tímida. A partir de sábado, você vai ser a salva-vidas loira e gata. Lembre-se disso.

Respiro fundo. Meu emprego de verão, a que me candidatei em um surto de terapia de exposição e com o apoio do meu treinador na equipe de natação, é algo em que tenho evitado pensar, embora precise me apresentar depois de amanhã para o primeiro dia.

— Já aturei muita terapia de exposição.

— Por *hoje*. Vou ver se consigo convencer o Heath a deletar aquela foto. — Ela desaparece da tela.

Ah! Talvez eu quebre a perna antes de ir para o colégio amanhã. Ou talvez eu deva me expor a uma gripe rápida. Esse tipo de terapia de exposição , sim, pode servir para alguma coisa.

Sonhando com jeitos de evitar a realidade de ser... bem... eu, ponho o laptop em cima da mesa de cabeceira e durmo com os braços cruzados sobre o peito, como uma múmia. Mas acordo a cada duas horas. Como é habitual. E cada vez que acordo, Sammy está tossindo e arfando. Como é habitual.

Eu me dou conta de que nossa vida habitual é um esforço interminável para simplesmente respirar.

GRUPO PROTESTA CONTRA TESTES GENÉTICOS ABRANGENTES

por Norman Kim, Blog da Saúde de Seattle

Um grande número de manifestantes se reuniu para protestar contra o anúncio em conjunto do grupo Seattle Reproduction Specialists e da Nova Genetics, uma desenvolvedora de terapia genética, sobre a avaliação de milhares de possíveis defeitos em embriões. A dra. Madeline Olevsky, diretora da SRS, afirma: “Qualquer coisa que pudermos fazer para realizar o sonho de nossos clientes de ter um bebê saudável é um progresso que nós comemoramos”.

Outros, no entanto, acreditam que testes genéticos ultrapassam uma fronteira perigosa. Nita Farthing, presidente da Humans for Equality, argumenta: “Qualquer pessoa que raciocina deve ficar aterrorizada com a possibilidade de seleção não natural. Em uma sociedade na qual a divisão com base em ter e não ter já é alarmante, a ciência que nos diferencia no nível do DNA frustra o ideal americano de igualdade, dessa vez em caráter permanente. Faremos o que for necessário para impedir esse ataque à humanidade. As pessoas que desenvolvem tratamentos que alteram a espécie devem estar preparadas para quaisquer consequências que suas atitudes possam provocar”.

DOIS

No dia seguinte, na escola, encontro Evie na frente dos nossos armários, que são vizinhos. Ninguém ficava entre “Handojo” e “Hollings” desde o fim do ensino fundamental.

Um vestido dourado com estampa de *batik* cobre sua pele morena, e o cabelo na altura da cintura – algo que temos em comum, apesar de o dela ser tão escuro quanto o meu é claro – está solto, exceto por um grampinho de pedras verdes e brilhantes. Seus olhos analisam a camiseta cor-de-rosa e a calça cinza que combinei com sapatilhas.

— Bonitinho, mas eu teria caprichado mais para o último dia de aula. Criar lembranças, sabe?

— Tenho que encontrar minha mentora de ciências hoje à tarde.

Ela pisca.

— Ah, não, não, não, todo mundo vai almoçar no shopping.

— Desculpa. Tenho que fazer o encerramento com a dra. Sternfield, se quiser créditos para a faculdade.

— Convida ela para o evento das famílias no domingo.

— Aí seria diversão. Nossa conversa é séria, por isso ela insiste em dias separados. — Minha família vai comparecer ao evento por causa de Sammy, que participou como sujeito de pesquisa em um experimento na Nova Genetics. Sammy não foi ajudado pela droga, mas ele, mamãe e eu nos tornamos parte da “família” Nova Genetics, o que significa um número absurdo de eventos de “formação de laços” e sessões de apoio. Foi assim que conheci a dra. Sternfield.

Evie levanta as sobrancelhas.

— Tudo bem, te pego amanhã às oito para a festa do Drew, então.

A alça da minha bolsa escorrega do ombro.

— Talvez eu tenha que ficar com o Sammy, se minha mãe for encontrar clientes.

— No sábado à noite? — Ela cutuca minha clavícula com uma unha que acabou de fazer. — Não use seu irmão como desculpa. A última festa do ano é importante. Sua mãe vai entender. Ela fez parte de uma sororidade.

Fez parte de uma sororidade e ficou viúva antes de o segundo filho começar o jardim da infância, e desde então não tem vida social. Levanto a alça da bolsa.

— Amanhã é meu primeiro dia na piscina. Vou ficar muito cansada depois.

Evie revira os olhos lentamente, deixando à mostra o branco entre a íris e o lápis que delineia os cílios inferiores. Sério, se revirar os olhos fosse uma competição, ela seria campeã.

Passadas as desculpas, vou para as minhas aulas de duração reduzida, em uma das quais vejo de relance o cabelo loiro-escuro de Jack. Mas fujo antes que ele possa oferecer condolências pela noite passada. Cinco minutos depois do sinal da hora do almoço, estou no carro a caminho da saída do estacionamento.

O trajeto entre nossa escola, no norte de Tacoma, e o campus da Nova Genetics, perto de Gig Harbor, demora vinte minutos. Mas como inclui a Ponte de Tacoma Narrows, com seus cabos que parecem uma harpa gigantesca sobre as ondas lá embaixo, o caminho para a Península Olímpica lembra sempre uma viagem para uma cidade distante.

E hoje ela está sitiada.

Sinto um aperto por dentro quando me aproximo do estacionamento para visitantes do lado de fora da propriedade fechada por portões. Dúzias de manifestantes marcham entre o terreno e a entrada vigiada. Os cartazes que carregam exigem: DESENHEM JEANS, NÃO GENES e DEIXEM FRANKENSTEIN NA FICÇÃO.

A frustração com a ignorância daquela gente aumenta a pressão na minha cabeça. Eles deviam prestar atenção às boas notícias, como crianças que não precisam mais viver em bolhas estéreis.

Um homem de olhos redondos franze a testa quando me aproximo segurando a mochila contra o peito. Ele entoa:

— Nada justifica aberrações! Nada justifica aberrações!

Ele e os outros levantam os punhos e os cartazes, olhando para mim como se eu fosse a aberração em pessoa. Eles bloqueiam meu caminho para o portão, onde um guarda fala pelo telefone.

Tento passar entre os manifestantes.

— Com licença, desculpe.

Uma mulher de meia-idade com cabelo de Cleópatra rosna na minha cara.

— Não tem desculpa para nada do que acontece lá dentro.

Não, não tem desculpa para não se tentar tudo que é possível a fim de salvar vidas. Aposto que essa mulher não tem ninguém na família com uma doença degenerativa ou nada mais grave que uma mente fechada.

O guarda levanta as mãos e grita:

— Se continuarem bloqueando a entrada, vou ter que chamar a polícia.

A mulher e o homem se afastam alguns centímetros, mas ainda não consigo passar.

— Dá licença — repito. Queria mandar esses invasores embora ou, melhor ainda, enfiar os cartazes no lugar certo.

Eles gritam:

— Nada justifica aberrações! Nada justifica aberrações!

Passo para o lado deles, tento me espremer por uma brecha no meio do grupo, mas as pessoas marcham em círculo e me impedem de seguir em frente. Impedir a passagem é ilegal, não é? Minha cabeça ferve formando palavras que a boca não vai dizer. Talvez a dra. Sternfield entenda se eu remarcar nosso horário.

O guarda sopra um apito, o que só inflama ainda mais os manifestantes, que agora berram para um Audi que se

aproxima. Vejo minha oportunidade de passar pelo bloqueio quando o portão sobe para deixar o carro entrar.

Alguém puxa minha blusa. Eu grito.

O carro breca e o guarda vem em nossa direção. Por fim, a pressão diminui o suficiente para eu avançar, mas não tem como evitar o contato com os manifestantes.

— Você está do lado do mal — a mulher de cabelo de Cleópatra cochicha no meu ouvido com um hálito de cebola.

Eu me arrepio e percorro mais alguns centímetros. A porta do Audi se abre e a dra. Sternfield sai do carro apontando o telefone para os manifestantes.

— Sugiro que deixem esta garota em paz ou vou mandar o vídeo para a polícia. Sabem qual é a pena para quem agride um menor?

As pessoas recuam. A dra. Sternfield acena com a cabeça para o guarda e passa a mão no cabelo castanho avermelhado, que mantém preso em um coque elegante na altura da nuca aristocrática.

— Entre no carro, Aislyn — ela diz.

Entro depressa e ela dirige até uma vaga reservada perto da entrada principal. Minhas pernas tremem violentamente. Levo um momento para recuperar a voz e agradecer.

Ela gesticula, desprezando minha gratidão.

— Mudanças de paradigma sempre causam inquietação. As pessoas protestaram contra os direitos civis e as saias na altura dos joelhos. Sabia que lavar as mãos já foi considerado tabu?

Quero lavar o corpo todo depois de ter me espremido entre os manifestantes. Por que não me defendi daquela gente horrível? Meu celular tem uma câmera muito boa com a qual eu podia tê-los ameaçado. Se tivesse coragem.

Entramos em um pavilhão de enormes vigas de madeira que sustentam paredes de vidro. A arquitetura arejada engana, porém. No subsolo há ninhos esparramados de laboratórios que se conectam com todas as estruturas na superfície.

No saguão principal, uma escultura de cerâmica de dois andares com a forma de uma hélice dupla provoca os deuses do terremoto. Em volta dela, grupos de pessoas se dirigem a corredores que irradiam para o exterior. Dois homens altos e musculosos entram no corredor norte. Atrás deles segue uma mulher em cadeira de rodas, com tubos de oxigênio no nariz. A Nova Genetics vai estudar seus genes com a mesma

atenção dedicada aos genes “modelo” dos atletas à frente dela.

A dra. Sternfield para e dá um oi para Xavier Dionisio, um de seus estagiários. Ele é asiático, tem um corte de cabelo de banqueiro e peito e ombros de halterofilista.

A dra. Sternfield pergunta:

— Como vai a sequência do dançarino?

A voz de Xavier é suave, porém mais clara do que me lembro de tê-la ouvido antes.

— Identifiquei alguns alelos interessantes. — Suas sobrancelhas grossas se levantam quando ele fala “interessantes”. Talvez tenha descoberto uma mutação que explica a diferença entre uma bailarina destinada ao estrelato e outra que nunca vai sair do corpo de baile.

— Ótimo. Vou dar uma olhada assim que Aislyn e eu terminarmos.

Eu a sigo por uma porta que exige leitura de digital. Vamos parar em um escritório de canto, onde ocupo minha cadeira habitual em frente à mesa dela e pego uma pasta. Depois de ser uma de suas mentoradas no ano passado, e de vê-la em eventos durante anos antes disso, eu me sinto mais confortável com ela do que com a maioria dos adultos, cem

vezes mais à vontade do que me senti com o dr. Lin no palco, pelo menos.

Ela junta as mãos sobre a mesa.

— Seu projeto devia ter sido um sucesso na competição de ciências.

Massageio um calo no dedo.

— É, mas não sou a melhor pessoa pra falar em público.

— Um eufemismo tão grande que beira a ironia.

Ela assente.

— Às vezes não é suficiente ter a melhor pesquisa ou trabalhar mais que todo mundo, não é?

Empurro um formulário por cima da mesa.

— Pelo menos vou ter créditos para a faculdade.

Ela olha para o papel.

— Sua família vai ter muitas possibilidades para analisar hoje. O grupo que comanda a experiência AV719 quer minha recomendação sobre a viabilidade do Sammy como candidato.

Minha pulsação acelera. AV719 é um tratamento experimental voltado para a mutação específica da FC de Sammy. Resultados preliminares já sugerem a palavrinha com M em alguns pacientes, e um milagre é o que tem que

acontecer com meu irmão antes que sua capacidade pulmonar diminua ainda mais.

De mãos juntas, digo:

— Não poderia achar um garoto que merecesse mais. E garanto que vamos seguir todos os protocolos ao pé da letra.

— É claro que sim. O problema é só o número de vagas, que é muito menor que o de candidatos. E ele participou da experiência NSB-12. Mas você sabe que tenho muita consideração por toda a sua família.

Ainda tem, depois da noite passada?

— Não vai se arrepender se indicar meu irmão.

— Só vou avaliar a adequação. A seleção final ainda é aleatória.

Nunca trapaceei na escola, mas não consigo deixar de pensar em como uma pessoa pode usar um critério de seleção aleatório para um teste de medicamento. Teoricamente.

A dra. Sternfield dá uma olhada no meu formulário, mas não pega a caneta para assinar. Ela não pode me negar créditos porque falhei no exame final de ciências. Ou pode?

Ainda sem assinar nada, ela puxa o computador para colocá-lo entre nós. Com movimentos lânguidos, abre

alguns arquivos que reconheço como capturas de tela de amostras de DNA em que trabalhei. Cromossomos que ela me ensinou a identificar com um microscópio. Cromossomos que, aliás, saíram de uma amostra de sangue que ela tirou de mim no meu primeiro dia no projeto.

Ela vai abrindo várias imagens e usa o cursor para marcar sequências específicas.

— Lembra desse gene? É parcialmente responsável por esse seu incrível cabelo loiro. E esse aqui contribui para o tom cinza-prateado dos seus olhos.

Assinto. Talvez essa revisão seja necessária para os créditos. Perda de tempo, mas se é indispensável, tudo bem. Ela continua apontando um ou outro traço enquanto pressiono os pés contra tapete oriental. Depois ela abre uma dúzia de imagens ao mesmo tempo. Alguns genes eu reconheço, outros, não. Ela destaca um trecho de cada slide e olha para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Essa é uma combinação de alelos que resulta em um fenótipo. Consegue deduzir qual é?

Um teste? Sério? Penso, mas não consigo me lembrar de nada sobre essa combinação ou seus componentes. Droga, vou falhar de novo. Gaguejo:

— N... não sei.

Ela se inclina para mim.

— Sociabilidade.

Franzo a testa.

— Mas isso não seria afetado por milhares de genes? E pelo ambiente?

— Sim, mas acredito que essa combinação é a chave. Se for alterada do jeito certo, o fator Q de uma pessoa explodiria. Sabe o que é isso?

Graças a Evie, eu tinha uma ideia.

— Um quociente usado para medir carisma e fama de uma celebridade, certo?

— Boa, garota.

Entendo o impacto do que ela está dizendo.

— Uau. Se você desenvolver uma terapia para aumentar esse quociente, as pessoas vão fazer fila na porta.

Os olhos dela brilham.

— Ah, fariam, mesmo.

Movo a cabeça apontando o portão da frente.

— E as pessoas lá fora ficariam ainda mais furiosas.

Ela ri.

— Também é verdade.

Mordo o lábio.

— O material que li diz que relacionar genes a características de personalidade é muito complexo. Eles explicam só uma pequena parte de como agimos.

Ela olha para as imagens e passa o dedo por uma fita de código genético com a sequência C-A-T.

— As pessoas não têm procurado nos lugares certos. Tenho feito um trabalho preliminar que sugere que isso é muito possível.

— Sério? Você nunca falou nada.

Ela sobrepõe as mãos.

— Por que será que nunca falei?

Levo uma fração de segundo para responder.

— Porque o assunto é muito polêmico. E você não conseguiria levar o projeto além dos testes com animais, de qualquer jeito.

Ela aperta um botão imaginário no ar.

— Bingo.

Olho pela janela, para a tarde nublada de junho. No gramado viçoso, vejo alguma coisa marrom e enrugada, uma ave que se chocou contra a vidraça. Pena que a terapia genética não pode levantar os mortos.

Desvio o olhar rapidamente.

— Hum, não quero ser ofensiva, mas se está trabalhando em coisas tão avançadas, por que não se concentrar em doenças?

— Quem disse que não me concentro? Mas mil outros pesquisadores também se dedicam a isso. — Os olhos da dra. Sternfield brilham, apesar da atitude tranquila. — Porém, sei quanto uma patologia social pode ser debilitante. E você também sabe.

Engulo.

— E é por isso que está me contando tudo isso — deduzo. Ela apoia os braços na mesa e respira fundo.

— Quero que você saiba que há esperança, Aislyn.

Esperança. Olho novamente para o computador.

— Acha que um dia vai mesmo conseguir fazer alguma coisa em relação à timidez? Alterando genes?

O sorriso dela é conspirador.

— Acho. Mas, por enquanto, vamos manter isso entre nós, está bem? A linha do grupo aqui é pesquisar só doenças, principalmente a do meu pai. — O pai dela, dr. Gordon, é o presidente da Nova Genetics.

— Com certeza.

Ela pega uma caneta e assina meu formulário.

— Vejo você no evento das famílias, no domingo?

— É claro. — Tenho o que vim buscar e um pouco mais.

Mesmo assim, não consigo deixar de olhar mais uma vez para a pilha de penas marrons na grama lá fora antes de sair do escritório.

Sentindo que agora sei um segredo, passo pela hélice gigante e saio para um dia que se tornou encoberto, carregado. Felizmente, a ameaça de chuva espantou a maioria dos manifestantes.

Volto a Tacoma com os pensamentos flutuando no ar úmido que paira sobre a estrada. Imagino como seria a vida se a dra. Sternfield pudesse desenvolver sua pesquisa. E me imagino com Jack, cara a cara, sem ficar vermelha.

Meu telefone vibra. Fico tensa. Mesmo que não tivesse sido obrigada a assistir a filmes de acidentes causados por uso de celular ao volante quando estava tirando carta, eu teria evitado atender. Sei quem é. Sei o que ela quer. Vou falar que amanhã à noite vou ter que ficar em casa.

Limpo o suor da testa enquanto o celular vibra mais algumas vezes. Evie não desiste tão fácil. Se ao menos a pesquisa da dra. Sternfield já estivesse concluída! Se for à

festa do Drew, vou repetir a experiência da última para a qual Evie me arrastou, com todo mundo sabendo como agir e o que dizer enquanto eu fico em um canto, segurando um copo com alguma coisa que deveria servir para me deixar à vontade.

Dirijo sonhando em saber lidar com a timidez. Devia poder ir além do meu DNA. As pessoas mudam. E depois escrevem livros sobre isso. Por que não eu?

Quando estaciono em frente do nosso jardim cercado, em uma rua tipicamente úmida de Tacoma, eu suspiro. Como sempre faço quando chego ao meu esconderijo e fujo do mundo grande e mau. Meu santuário.

Que só vai ser um porto seguro até eu começar no novo emprego amanhã.

.....

E-MAIL INTERNO NOVA GENETICS

De: Dra. Charlotte Sternfield, Pesquisadora

Para: Cecily Frank, Chefe do Departamento de Segurança

Para implementação imediata, favor mudar a lista da segurança para acesso ao Laboratório 6 no B2, só eu entro a partir de agora. Isso inclui cuidadores dos primatas e zeladoria. Eu agendo com os respectivos departamentos e os acompanho ao laboratório quando for necessário.

.....

TRÊS

Na manhã seguinte, lamento não poder ficar na cama e me esconder. Preciso ganhar dinheiro. Agora mais do que nunca. O bônus, diz Evie, é que o emprego de salva-vidas não tem nada a ver com o clichê da garota tímida e vai oferecer oportunidades para a terapia de exposição. Muitas, muitas oportunidades.

E é por isso que quero vomitar.

Sammy esmurra minha porta.

— Aislyn!

Corro para abrir, assustada com a urgência da voz.

— Que foi?

— Mamãe falou pra te acordar, pra você não se atrasar e não ser demitida.

É, todo mundo sabe que a mensalidade da faculdade desanima. Eu me visto com movimentos pesados. Lá fora, o clima promete ser quente, o que sugere que o primeiro dia

de piscina aberta vai ser movimentado. No caminho, meu corpo treme cada vez mais. Nesse momento, trabalhar em um almoxarifado ou em uma caverna parece ser mais atraente.

Janie Simpson, a administradora da piscina, me encontra na entrada e me entrega o apito oficial.

— É só lembrar o treinamento. E não tenha medo de usar isso aí.

Espera, sem tempo para o aquecimento? Como se fosse me ajudar. Guardo minhas coisas em um armário e acompanho Janie para o meu local de trabalho. Pelo menos o expediente é curto, já que as aulas de natação só começam na segunda-feira.

Subo na cadeira, que parece mais alta do que quando a vejo do chão. Tudo bem, eu consigo, só preciso ficar de olho nas pessoas e apitar, se houver algum problema. Bem menos complicado que sequenciar DNA.

Em poucos minutos, vejo Asher Johnson e seu amigo Zeke fazendo palhaçada no escorregador. Os dois vivem atormentando Sammy por ele ser o menor garoto da turma. Ranjo os dentes e fico de olho neles. Asher se posiciona no topo do escorregador, olha para mim e esboça um sorriso.

Engulo em seco. Os amigos de Asher, que estão na beirada da piscina, olham para ele e para mim. Trêmula, levo o apito aos lábios, só por precaução. Asher se apoia no corrimão e deixa os pés balançarem uns três centímetros acima da faixa amarela. Ele se balança olhando para mim. Não está fazendo nada que eu possa denunciar, mas vai fazer, é evidente.

De repente, ele se joga de bruços no escorregador e desce de cabeça. Os garotos em volta da piscina gritam enlouquecidos. Tomo coragem, encho os pulmões de ar e sopro. *Piiii.*

Mais um apito, e Janie Simpson grita:

— Primeira notificação.

Mas é para mim que ela olha, não para Asher. Todo mundo olha para mim. Sinto o rosto quente. Pisco e tento olhar para qualquer lugar, menos para Janie, que marcha em minha direção.

Ela para embaixo da cadeira de salva-vidas.

— Sei que você o viu, Aislyn.

Confirmo com um movimento de cabeça.

— E apitei assim que ele escorregou.

— Demorou. Olhe, sei que vai conseguir nadar mais rápido que um raio se alguém tiver problemas na água, mas

precisa interferir assim que identifica uma situação que pode ser um problema. Você é a primeira defesa.

— Eu sei. Desculpe. — Devia tatuar “desculpe” na testa.

Ela respira bem fundo e olha para ao céu.

— Por mais que o treinador de natação tenha te recomendado, não vou conseguir te manter aqui se não puder contar com você totalmente.

— Vou apitar mais alto, na próxima vez.

Com um suspiro teatral, ela volta para a sede do clube.

Droga. Meu coração dispara. Olho para a piscina e mordo a boca. Todo mundo continua olhando para mim.

A cadeira range enquanto enfrento o restante do meu turno, sentindo o nó no estômago crescer com o medo de alguém escorregar no deque e quebrar um osso. O relógio finalmente anuncia meio-dia, quando tenho um intervalo de cinco minutos antes de começar as tarefas de manutenção, um jeito delicado de falar que tenho que recolher o lixo.

Em vez de ir tomar um refrigerante com os outros funcionários, mergulho no canto mais vazio da parte funda da piscina. A água fria envolve meu corpo, esfria a cabeça de um jeito que me faz sentir instantaneamente limpa. Durante o tempo em que fico submersa, meu mundo é substituído

por algo que beira a calma, um intervalo na sensação de afogamento que tenho em terra. O ruído baixo domina a audição quando solto bolhas de ar que envolvem meu rosto. Tudo que vejo fica turvo, nebuloso e menos ameaçador que algodão. Entendo o que atraía meu pai para a água, mesmo que a paixão dele tenha ido longe demais.

Volto à superfície para respirar e retorno imediatamente ao meu casulo embaixo d'água. Meus cinco minutos acabam depressa, e volto ao mundo barulhento.

É estranho, mas recolher o lixo e jogá-lo em sacos é um alívio, depois do tempo que passei na cadeira. Meio zen. Crio um ritmo de coleta de lixo.

Perto da beirada do deque, Heath, que postou aquela foto minha horrorosa na competição de ciências, passa acompanhado por outro salva-vidas. Eles me observam de cima, o que me faz ficar vermelha e olhar apenas para o saco de lixo. De algum jeito, resisto à urgência poderosa de largar tudo ali e mergulhar na piscina.

Quando eles estão se afastando, Heath diz:

— É, ela é demais, mas é muda ou alguma coisa assim.

O outro cara resmunga:

— Que desperdício.

Eles riem, e eu tento me encolher. Deve haver uma resposta inteligente, mas, mesmo que eu pense em alguma coisa, ela só seria arquivada com todos os outros milhares de respostas que nunca usei.

Termino de pegar o lixo, vou me lavar e sigo para o treinamento no caixa do bar. Felizmente, minha colega é uma garota chamada Alicia, e ela interage com os clientes enquanto eu pego sorvetes e fritas.

Às duas da tarde meu horário acaba. Mesmo tendo sido um expediente mais curto que os que terei na próxima semana, estar perto de tanta gente me deixou completamente sem energia. E não tenho tempo para me recuperar. Quando estou a caminho do estacionamento, meu celular vibra com outra mensagem de Evie.

NÃO VAI USAR O SAMMY COMO DESCULPA, TE VEJO ÀS 8

Droga. Ela não vai desistir enquanto eu não aceitar meu destino. Saio do estacionamento me sentindo derrotada. Talvez tenha algum lugar para eu me esconder na casa do Drew. Uma piscina seria legal.

Em casa, a tosse de Sammy está meio rouca, e ele me analisa com aquele olhar mais sábio do que é esperado para sua idade.

— Dia difícil?

Digo a mim mesma que difícil é tomar doze remédios por dia para controlar a FC e, provavelmente, precisar de um transplante de pulmão antes de se formar no ensino médio.

— Estou me acostumando com o emprego novo — respondo.

Seria legal poder contar para ele sobre a chance de ser aceito como sujeito da pesquisa AV719, mas ainda é cedo para alimentar esperanças. Quando a esperança é seu bem mais precioso, você aprende a tratá-la com cuidado.

E medo.

Evie, toda fresca em um vestido verde e faixa de cabelo da mesma cor, chega às oito da noite para me buscar. Quando entro no carro, ela diz:

— Se você relaxar, a festa pode ser bem divertida. E nem precisa se preocupar com dirigir.

— Talvez devesse. Se eu fosse com meu carro...

Ela pisa no acelerador.

— Pense no meio ambiente. Se precisar sair cedo da festa, use a senha.

Nas outras duas festas a que ela me obrigou a ir neste ano, e que renderam muitos pontos de terapia de exposição, não recorri à senha por considerar esse artifício uma fuga, e Evie sabe disso.

Ela me manipula.

— Eu devia te fazer sair mais vezes. Para a terapia funcionar.

— E se estiver me expondo a uma úlcera? — Puxo um elástico no meu pulso.

Ela estica o braço e pega o elástico.

— Quantas vezes tenho que repetir? Garotas com cabelo de Rapunzel têm que se orgulhar dele. Do corpo firme também. Essa camisa é muito larga.

Cruzo os braços.

— É confortável. Dá um tempo, vai!

Ela suspira.

— Aiz, se você não quer ir, se não quer mesmo, posso voltar e te deixar em casa. Mas tenho esperança de que consiga superar esse seu medo do mundo.

— Até parece que eu não tento! Você é a pessoa que mais devia...

— Só não quero que você desista. Nunca.

Ela tem razão. Como vou defender crianças como Sammy um dia, se não consigo falar em público? Preciso parar com isso.

Pena que a determinação não me faz parar de tremer.

— Só não quero ficar até tarde, está bem?

— Tudo bem.

Não, não está tudo bem. Uma coisa simples como ir a uma festa não devia mexer com meu estômago a ponto de eu não ter conseguido jantar e ainda sentir ânsia de vômito.

A batida pesada da música dentro do carro é como uma marcha fúnebre. Cruzo e descruzo as pernas na esperança de relaxar, talvez pressionar algum ponto de acupuntura. Nada acontece.

Paramos o carro a um quarteirão da casa de Drew e encontramos gente rindo e gritando muitos metros antes da entrada. Alguém deve ter subornado os vizinhos para ninguém reclamar. Tudo pulsa dentro de mim, e pulsa cada vez mais forte à medida que me aproximo da porta.

Evie me puxa pelo braço e nós entramos, ela distribuindo “ois” rápidos para os garotos que estão perto da porta abordando todo mundo que chega. Ela ignora os olhares de aprovação e me leva até a cozinha em menos de um minuto.

Antes que eu possa reclamar, Evie enche um copo vermelho até a boca com o líquido de um barril e me entrega.

— Sei que é ridículo se apoiar no álcool, mas momentos de desespero pedem medidas drásticas. Beba.

Deve ser assim que uma pessoa se torna alcoólatra. Tentando fugir da própria personalidade.

Esvazio metade do copo de uma vez só.

— Facilitadora. — Isso vai mostrar a ela que não é legal ficar despejando essa porcaria de psicologia em cima de mim o tempo todo.

— Só estou facilitando um tempinho legal pra você. — Evie enche meu copo e pega um refrigerante para ela. — Agora vamos circular.

Existem em nosso idioma duas palavras mais terríveis que “vamos circular”?

Ela bate no meu ombro.

— Vamos começar devagar. Olhe lá a Abby e as meninas da natação.

Elas estão reunidas perto de uma porta de vidro, e   para l  que vamos. Converso com essas garotas em todos os treinos, o que significa que esse deve ser um território

“seguro”. Teoricamente. Mas alguma coisa em festas, ou em qualquer tipo de reunião social, na verdade, envolve meu estômago com arame farpado. Engulo a cerveja, arranjo os músculos faciais no que espero ser um sorriso e bebo mais um pouco. Meu copo esvazia depressa demais. Evie pega o copo vazio para encher de novo, apesar de eu dizer que não quero mais. Enquanto ela está longe, finjo que acompanho as histórias, as piadas e a paquera com os garotos que se juntaram a nós. Mas é muita coisa, e volto a me sentir como me sinto sempre que estou no meio de muita gente, como se a multidão fosse uma criatura com milhares de membros se movendo em sincronia num ritmo que não consigo identificar.

Qual é o problema comigo?

Quando Evie volta, bebo mais um gole e me odeio por precisar de muleta. Especialmente uma tão estúpida.

Os ombros de Evie de repente se abrem, e seu corpo todo entra em estado de alerta. Sigo seu olhar até o hall de entrada, onde Rafe Sellers, um cara alto com cabelo preto na altura dos ombros e a promessa de uma bolsa de jogador de futebol na UCLA, acaba de entrar.

Puxo a manga da blusa dela.

— Tudo bem se você for falar com ele.

Evie não é a única que pode empurrar a melhor amiga para o sucesso.

Ela morde o lábio, fazendo-me lembrar de que boa parte de sua coragem é um ato de força de vontade que aprendeu ainda pequena, quando nossos colegas de sala riam dela porque sua família comia pés de frango. Naquela época Evie também se escondia nos cantos, mas, com o passar dos anos, começou a se mostrar mais e tem me levado com ela.

Evie responde:

— Daqui a pouco ele pode vir pra cá.

Provavelmente viria. Evie e Rafe estão flertando há meses, embora não tenham ido além disso. O que faz dele um idiota, na minha opinião. Que homem não ficaria maluco com minha amiga linda e incrível?

Não sou eu quem vai estragar a diversão dela.

— Vai lá. Eu fico bem aqui, sério. — Bebo mais um gole de cerveja para provar o que digo.

— Tem certeza?

Limpo o canto da boca.

— Se eu mudar de ideia, tenho a senha.

Ela assente ainda insegura, apesar do fio invisível que a puxa para a cozinha, onde Rafe e os amigos desaparecem.

Eu a empurro com delicadeza.

— Quem está amarelando agora?

Ela respira fundo e se afasta. Olho para o grupo à minha volta e tento pensar em alguma contribuição para a conversa sobre ciclistas pelados na parada do solstício. Mas, francamente, o que posso dizer, além de sugerir a colocação de um pouco de talco em um lugar estratégico?

Bebo, balanço a cabeça concordando com tudo e olho para o celular. Faz só vinte e cinco minutos que chegamos? Arroto. Hum, melhor ir mais devagar com a cerveja.

Abby O’Keefe enrola um cacho vermelho no dedo e me pergunta sobre o trabalho na piscina. Abro a boca para responder, e é então que vejo quem acabou de chegar. Minha respiração vira um soluço. Jack está aqui.

Abby ri.

— Uau, a coisa é séria.

Não sei o que responder. De algum jeito, nem pensei na possibilidade de Jack também vir à festa. Que burrice. Ou negação. Sou especialista nisso. Passei anos me agarrando à crença patética de que meu pai não tinha morrido em um

acidente enquanto mergulhava de que tudo era só um grande engano.

Abby fica séria.

— Vou te ajudar. — Ela acena para Jack. O que acontece comigo que faz todas as minhas amigas entrarem em modo cafetina?

Finalmente, consigo reagir.

— Não. — Por mais que eu goste de Jack, me ver diante da versão da vida real faz todos os meus mecanismos de defesa gritarem “esconda-se!”. Mas demoro demais para protestar. Ele está se aproximando e olhando para mim. Só me resta torcer para não estar com os olhos vidrados e para não ficar muito vermelha. Mais negação.

Juro que ele me olha da cabeça aos pés quando se aproxima. É justo, considerando que faço a mesma coisa com ele, apreciando o cabelo meio úmido, os olhos azuis e o corpo de nadador. Ele é líder da equipe na modalidade borboleta.

Um sorriso lento deixa seus traços mais suaves.

— Aislyn, você veio.

— É. — Respiro fundo e empurro as palavras para fora da boca. — Evie me obrigou.

— Eu estava torcendo por isso.

— Hum, sei. — Engulo um arroto de cerveja. Por que é tão difícil? Jack e eu temos conversas interessantes on-line, e já trocamos um zilhão de e-mails sobre artigos para o *The Drizzle*. Mas agora, por mais que eu tente fazer pulmões e coração se acalmarem, os joelhos me sustentarem e o cérebro funcionar, meu corpo resiste a todos os comandos. — Ah... parabéns pela competição de ciências — falo.

— Eu tinha certeza de que você ia ganhar. O que você produz é sempre muito melhor do que os trabalhos que todos nós fazemos. — Ele puxa a camisa. — Que calor!

Resisto ao impulso de explicar o calor que estou sentindo ali e aponto a porta de vidro como um robô.

— Boa ideia. — Ele abre a porta e deixa entrar a brisa da noite.

Ah, que delícia esse sopro no meu rosto quente. Alguns minutos desse ventinho e vou conseguir esfriar o suficiente para não desmaiar nem vomitar. Se tiver muita sorte.

Ele dá um passo em direção à porta.

— Você não vem?

Ah, não, Jack quer que eu vá lá fora com ele.

Sinto a mão em minhas costas. Abby diz:

— Foi rápido. — E me empurra.

Vou tropeçando atrás de Jack. Tem mais ou menos umas vinte pessoas no quintal, mas Jack consegue achar duas cadeiras vazias no deque. É um alívio não ter que contar com meus pés, porque não confio muito neles, mesmo. A barriga é outra parte do corpo que vai me deixar na mão, porque já começou a ficar esquisita só por eu estar aqui com o objeto do meu... bom, com Jack. Respiro fundo. Quero chorar. Meu Deus, eu quero chorar. Só desmoronar e deixar a ansiedade sair em uma enxurrada de lágrimas. Ninguém nunca mais ia esperar que eu me submetesse a outro episódio de terapia de exposição.

Ele aponta meu copo.

— O que tem aí?

Olho para a bebida como se não soubesse.

— Hum, cerveja. Tem um barril na cozinha. — Estou falando mole. Que maravilha. Finalmente consigo falar duas frases seguidas, e estou com voz de bêbada.

Jack dá de ombros.

— Talvez mais tarde.

Garotos como ele não precisam de coragem líquida, o que me faz sentir mais patética. Pare, pare, pense em alguma

coisa para dizer, como faria uma pessoa normal. Pergunto:

— Verdade que vai começar a trabalhar na estação de rádio na semana que vem?

Ele conseguiu um estágio que vai melhorar muito suas chances na universidade, além de abrir caminho para uma dúzia de outras conquistas.

— É, o Kids Eat Free vai dar uma entrevista no meu primeiro dia.

Balanço a cabeça.

— Não imagino como é fazer alguma coisa tão... tão pública.

Jack encolhe aqueles ombros musculosos que formam um V largo até a cintura.

— Faz parte.

— Mesmo assim, ter que estar sempre tão “ligado”. — Ah, não, uma gota de suor escorre por meu rosto. A primeira, provavelmente, no tsunami de desgraça em que espero me desfazer a qualquer momento.

Ele ri.

— Você fala como se eu tivesse que recolher cocô de elefante.

Ah, não, ele acha que estou ofendendo a banda.

— Não, não, eles são ótimos. Igual a você. Você sempre foi ótimo. — Pisco depressa e ponho a mão na cabeça, em parte para estabilizar a visão, em parte para enxugar outra gota que desce pela têmpora.

Ele inclina a cabeça e olha para mim da maneira de sempre, o que me faz sentir muito “notada”. Normalmente, isso me causa uma combinação de excitação e terror, mas hoje eu preferia passar despercebida.

— Precisa de alguma coisa? — pergunta.

— Não, tudo bem. Estou um pouco tonta, só isso. Não estou acostumada com tanta cerveja.

Levanto-me e me inclino em direção a um arbusto para esvaziar o copo, mas erro a mira e jogo tudo no pé dele.

— Ai, meu Deus, desculpe!

Ele se levanta depressa.

— Vou buscar água para você. Vai ajudar.

Jack corre para a cozinha. Nesse momento, minha barriga protesta e sinto uma necessidade enorme de me esconder de toda aquela gente que está olhando para mim. Lembro-me de ter visto um banheiro na entrada. Só preciso conseguir andar sem cair. Eu tento. Minhas pernas estão quase firmes, agora que Jack não está por perto. Entro na casa e vou

andando no meio das pessoas em direção ao banheiro. Mas está trancado. Não!

Resmungo baixinho:

— Não vomite. Não desmaie.

Os segundos passam intermináveis. Jack já deve ter voltado com minha água. Eu devia ir correndo falar para ele que preciso ir para casa, que não me sinto bem, não seria difícil convencê-lo disso. Meu estômago revira. Não, não vou correr para lugar nenhum.

Finalmente, a porta do banheiro se abre e Jessica e Caleb saem de lá. Passo por eles, bato a porta e me apoio ofegante na pia.

Com movimentos trêmulos, limpo a testa com um lenço umedecido. Depois cometo o erro de olhar para o espelho. Meus olhos estão vermelhos e a boca abre e fecha como a de um peixe. Ponho a mão no queixo para fechar a boca, mas ele se recusa a me obedecer. Comprimo os lábios tentando manter a boca fechada, evitando absorver mais disso, dessa loucura, seja ela qual for. Meus olhos saltam com a pressão. Minha cabeça roda. É agora que vou explodir com o tumulto que cresce dentro de mim todos os dias desde que tive pela primeira vez aquela sensação consciente de medo rasgando o

peito? Minha existência é uma luta constante contra o mundo. E agora estou aqui em uma festa, em uma *festa*, com álcool demais correndo nas veias.

Solto o queixo e seguro a pia com as duas mãos. É quando as lágrimas, o muco e tudo que eu estava segurando decidem explodir. E também é nesse instante que alguém bate na porta.

— Só um minuto — respondo sufocada.

Passo os cinco minutos seguintes soluçando, tentando me limpar da melhor maneira possível. Quando as batidas se tornam mais persistentes, lavo e enxugo o rosto e saio do banheiro cambaleando.

Uma garota da minha turma de educação física, do primeiro ano, me empurra e entra.

— Vadia.

A hostilidade da garota ameaça me fazer chorar de novo. Segurando as lágrimas, vou andando para o quintal.

Mas Jack não está lá. Nem em nenhum lugar por ali. Giro lentamente espiando a escuridão. De repente, pingos de chuva começam a cair como mísseis, e todo mundo corre para dentro da casa. Sigo a manada. Lá dentro, procuro na sala lotada, mas Jack também não está lá. Cubro as orelhas

com as mãos para diminuir o estrondo da música *techno* que parece muito mais alta ecoando nas paredes. Só quando chego à cozinha, onde a multidão é ainda maior, eu o vejo no canto do outro lado, rindo como se nunca tivesse escutado nada mais engraçado. Ao lado dele, Alexandra, a editora do jornal do colégio, também dá risada. O rosto de capa de revista é radiante, e eles parecem muito envolvidos em uma conversa animada.

Meu coração despenca em queda livre. É claro que ele está com Alexandra. Por que meu cérebro nota dez demorou tanto para perceber? Ela e Jack são perfeitos um para o outro. Os dois se dedicam a escrever, os dois são naturalmente lindos e, por mais que eu odeie admitir, os dois são muito legais. Posso ter inveja da confiança tranquila de Alexandra, mas ela não é uma das meninas malvadas, nem perto disso. O que só me faz sentir pior.

Nesse momento, o barulho e o movimento giram à minha volta como se eu estivesse no centro de um vórtice, sendo sugada por um buraco negro. Minha respiração acelera e fico enjoada. *Não corra, não corra, não corra.* Não preciso brilhar, mas não posso fugir. Essa é a promessa que fiz a mim mesma e tenho que cumprir.

O fantasma do surto no banheiro dança na minha cabeça, implorando para sair de novo depois do choro e ranger de dentes. Tremendo, volto à sala de estar e vejo Evie e Rafe conversando no sofá. Bom, ela está conversando. Ele só olha para o peito dela.

Minhas pernas parecem se mover por conta própria na direção de Evie. Sei que devia parar. Ela está feliz. Mas, ou cedo à determinação das minhas pernas, ou à necessidade de gritar com o mundo. Alguns minutos na companhia de Evie podem me acalmar.

Sento ao lado dela, e me odeio quando a vejo forçar um sorriso para mim. Corpo e espírito estão completamente voltados para Rafe, e eu estou no caminho. Devia voltar para perto das meninas da natação, para o banheiro ou para a cozinha. Não, para a cozinha, não. Mas também não aqui, estragando as chances de Evie. Porém, meu cérebro e meu corpo parecem que vão perder o controle a qualquer momento.

Minha boca dispara:

— Sucrilhos.

Essa palavra provoca uma onda de culpa e desprezo por mim mesma. Quero desesperadamente retirar o que disse.

Mas não posso ficar nesta casa nem mais um segundo sem implodir, ou explodir o que for pior.

Os ombros caídos de Evie me fazem sentir como se tivesse chutado um cestinho de bebê. Hesitante, ela pergunta:

— Tem certeza?

Ah, que droga, como eu posso fazer isso? O fato de estar me equilibrando na beirada de um precipício não significa que preciso destruir a noite dela também. Quase sem conseguir encará-la, resmungo:

— Se me der a chave, vou esperar no carro até você decidir ir embora. Não tem pressa. Sério.

Ela assente e me dá a chave. Saio correndo debaixo de chuva. Por que não levei uma jaqueta? Porque sou uma imprestável. Com a cabeça latejando, corro pela rua com os braços cruzados. Chove forte, mas não me importo mais.

Um soluço aperta meu peito e eu deixo escapar um gemido. É isso. Eu me solto. Finalmente. Há certa liberdade em desistir desse último fio de controle sobre a aflição. Mas também um desespero que sufoca.

Sigo correndo, passo pelo carro de Evie e continuo pelo quarteirão seguinte, indo mais ou menos na direção de casa.

A chuva encharca minhas roupas e escorre da cabeça, misturando-se às lágrimas. Quando não consigo mais correr, passo a andar com os ombros encurvados, o peito arfando. Não sei há quanto tempo estou chorando até que um carro reduz a velocidade ao meu lado. Meu primeiro pensamento é que essa noite horrível vai ser coroada por um assassino em série me arrastando para dentro de uma van.

Mas Evie se debruça na janela e grita:

— Aislyn! Você ficou maluca?

Paro e perco a fala. Ela nunca, jamais insinuou que eu sou louca. E agora fez isso na frente do Rafe, que está no assento do motorista e continua olhando para a frente.

Passo a mão no rosto.

— Eu disse que você não precisava sair.

— Eu não ia deixar minha melhor amiga contrariada no carro. Mas quando cheguei lá, você não estava. Entra, a gente te leva para casa.

O que mais eu posso fazer? Entro e entrego a chave do carro para Evie por cima do encosto.

— Desculpe.

— A gente pode voltar. Nenhum problema.

Meu coração sofre um espasmo no segundo que levo para perceber que o plural se refere a ela e Rafe, não a ela e a mim. É um alívio não ter que voltar à festa, mas a repentina mudança na declaração de fidelidade me abala. Felizmente, ela não pede detalhes. Ainda sobrou alguma lealdade, pelo menos.

Em minha casa, ela repete que tudo vai ficar bem, como se tranquilizasse um paciente terminal. Ando em direção à varanda. A tontura de antes se transformou em exaustão. Passo a mão no cabelo e limpo o rosto com o avesso da camiseta. Sem fazer barulho, abro a porta.

Mamãe está dormindo no sofá, com o cabelo loiro, alguns tons mais escuro que o meu, espalhado sobre um lado do rosto e o laptop no colo. Sufoco um gemido quando vejo que ela estava procurando um emprego em meio período. Para compensar o prêmio que perdi, é claro. O dia não tem horas suficientes para ela trabalhar. Meu pai teria se arriscado naquele mergulho idiota se soubesse a vida que deixaria para ela?

Tremendo, cubro minha mãe com a manta. Vou arrumar um jeito de pagar a faculdade. Tenho que arrumar. Mas saber que sucumbi ao impulso de fugir hoje à noite me faz

duvidar de que vou conseguir me dedicar a alguma outra coisa.

Lá em cima, a tosse de Sammy tem uma nota diferente de sua tosse normal. Como observadores de pássaros que aprendem a identificar cada pio, mamãe e eu estamos sempre atentas a sinais de infecção pulmonar. Vamos ter que medir a temperatura dele de manhã. Por ora, o melhor é que ele durma tanto quanto puder. Eu também.

Assim que me ajeito embaixo das cobertas, eu me sinto segura em meu quarto, como se tivesse escapado de um furacão. Mas também me sinto isolada, como se estivesse perdendo alguma coisa.

Adormeço em profunda tristeza. Agora que me permiti fugir uma vez, o que vai me impedir de fugir de tudo? Tenho o pressentimento de que meu medo do mundo está aumentando rapidamente e se aproxima de um ponto do qual não tem volta.

IMPORTANTE INDÚSTRIA FARMACÊUTICA QUER IMPEDIR NOVA DROGA

por Harrison Makitani, *Pharma Today*

A VidaLexor, uma das principais desenvolvedoras de medicamentos do mundo, está tentando impedir a patente solicitada pela Nova Genetics para uma nova terapia

genética que trata a distrofia muscular. Dr. Geoff Gordon, proprietário e diretor da Nova Genetics, afirma: “Tragicamente, os que se opõem às nossas drogas inovadoras são motivados pelo lucro, não pelos pacientes. A medicina vive uma gigantesca mudança de paradigmas. É preciso perguntar por que submetemos os pacientes a uma vida inteira de medicamentos quando uma só dose pode resolver tudo. O tempo da terapia genética chegou”.

Dra. Linda Galleon, CEO da VidaLexor, rebate: “Quem realmente se preocupa com a segurança do paciente deve exigir minuciosos testes para drogas que podem ser mais letais que as doenças que pretendem curar”.

.....

QUATRO

Na manhã de domingo, acordo com o celular vibrando e uma mensagem de Evie: FUI VELEJAR. TEMOS QUE CONVERSAR ASSIM QUE EU VOLTAR!

Provavelmente, ela quer falar sobre a noite passada e pensar em um jeito de “consertar” tudo. De *me* consertar, se fosse possível. Bem, não temos que discutir esse assunto com detalhes angustiantes imediatamente. A família dela vai passar o dia todo no barco. Com a cabeça latejante, vou até o quarto de Sammy, onde mamãe está fazendo a tapotagem matinal.

Sento em uma cadeira.

— Ontem à noite a tosse estava mais carregada.

A voz de Sammy vibra com os tapinhas nas costas.

— Não tenho febre, a gente pode sair sem problema nenhum, a menos que você arrume outra desculpa.

— Dá um tempo, Sam. Você sabe que eu quero que a gente vá. — E quero. Mais ou menos. Como pacientes de FC são orientados a ficar afastados uns dos outros para evitar infecções cruzadas, Sammy só é convidado para as festas de família na Nova Genetics duas vezes por ano. Mesmo assim, todo mundo que tem FC é designado para participar de grupos diferentes.

Mamãe é quem decide, e depois de medir a temperatura dele três vezes e observá-lo com atenção durante o café, declara que Sammy pode sair. O rosto dele expressa alívio.

A caminho da Nova Genetics, ele canta junto com a mamãe uma velha canção grunge e me convida:

— Cante com a gente!

Vejo a decepção em seus olhos antes mesmo de balançar a cabeça. Eu nunca canto com eles, o que acaba fazendo os dois cantarem mais alto, enquanto eu me sinto a esquisita excluída.

Estacionamos o carro na Nova Genetics, e eu vejo que os manifestantes estão afastados, vigiados pela segurança extra contratada para o evento. Assim que descemos do carro, um guarda verifica nossas credenciais e nos deixa entrar no campus. Bandos de gaivotas sobrevoam a área e há dúzias de

mirantes de onde dá para ver o mar. Devia ser um lugar tranquilo, mas alguma coisa no excesso de quietude incomoda, como ficar no colégio depois do horário de aulas.

Mal entramos no campus quando a amiga de Sam, Bailey, vem mancando em nossa direção acompanhada pela família. Ela tem distrofia muscular e, apesar de não sermos incentivados a trocar abraços por aqui, envolve Sammy com seus braços finos.

Respiro fundo e me preparo para o dia, que provavelmente vai incluir exercícios de troca de sentimentos que vão me deixar mais exausta do que algumas horas carregando pedras. A menos que eu fuja. Afinal, é isso que faço agora.

A irmã de Bailey, Chloe, uma garota de corpo cheio de curvas e longos cabelos castanhos, um ano mais velha que eu e designada pela Nova para ser minha “parceira” anos atrás, diz:

— Oi, Aislyn. — Ela está passando batom. Alguma coisa nela parece mais radiante, emprestando um brilho ainda mais intenso aos lábios carnudos cobertos de gloss. Deve estar apaixonada pelo sr. Perfeito 3.0.

Sally Sims, a alegre e miúda coordenadora de divulgação da Nova Genetics, nos recebe com uma risada animada.

— Ei, pessoal! — Ela cutuca Chloe com o cotovelo. — Obrigada por ter trazido a documentação de Bailey na semana passada.

Chloe dá de ombros.

— Tudo bem. Sempre tem alguma coisa divertida acontecendo por aqui.

Sally fala para Chloe e para mim:

— Precisam conhecer Shane, o mais novo membro do nosso grupo de irmãos. — E aponta para um cara alto com cabelos negros e enrolados na altura do queixo. Ele boceja ao lado de uma menina de sorriso largo e cara de gnomo. A menina deve ter quase vinte anos. Síndrome de Williams, aposto.

Sally passa um braço sobre os ombros de Chloe e se inclina para nós.

— Vocês vão sair com o Joe Firelli para pegar mexilhões.

Chloe faz uma careta.

— Por que a Steffie não vai com a gente?

Steffie Wong é responsável pelo laboratório de animais da Nova Genetics e, portanto, considerada a funcionária

perfeita para se relacionar com os adolescentes nos eventos “festivos”.

Sally suspira.

— Steffie está doente. Mas o dia vai ser ótimo aqui fora.

Bom, vai ser melhor do que ficar sentada em um círculo em uma das salas de reunião falando sobre as dificuldades da nossa família.

Vou me arrastando ao lado de Chloe e de uma garota chamada Rosa, que tem grandes olhos castanhos e cabelos grossos e brilhantes, e sempre parece tão tímida quanto eu nas reuniões. Talvez seja porque nosso idioma não é sua língua natal. Trocamos um sorriso que é, basicamente, toda a nossa interação naquele dia.

Depois que Sally Sims distribui as garrafas de água sem bisfenol, vinte adolescentes se dirigem à praia que fica perto da propriedade da Nova Genetics. Levamos nossos baldes com a ferramenta para pegar mexilhões, e Joe Firelli, que normalmente trabalha como terapeuta, vai dando uma pequena palestra sobre moluscos gigantes chamados geoducks. Tenho a impressão de que ele decorou a página da Wikipedia. Qualquer residente do estuário de Puget sabe que geoducks são moluscos, não aves aquáticas, apesar de *ducks*

significar patos em inglês. E graças às minhas notas em biologia, consigo mapear a espécie desde a família até o filo.

Os grupos de irmãos se espalham para procurar os buracos característicos dos geoducks, que lembram símbolos do infinito. Tenho medo de que Chloe acabe se afastando com os garotos, mas ela fica comigo. Que alívio. Nós nos conhecemos há tempo suficiente para eu ser eu mesma com ela, seja lá o que for eu mesma.

— Aqui — eu grito e enterro na areia um pedaço de cano de setenta centímetros de diâmetro.

Ela empurra para trás os cachos escuros.

— Não precisa ter pressa. O coitadinho não vai a lugar nenhum. Deixe-o aproveitar seus últimos minutos.

Suspiro.

— Pensei que tivesse abandonado essa coisa de veganismo.

Chloe coleciona causas como as outras garotas colecionam sapatos.

— Ainda respeito a vida dos moluscos.

Paro de empurrar o cano na areia.

— Prefere ir andar na beira da água?

Chloe bufa.

— Não. Ciclo da vida, sabe como é.

Nós nos revezamos com a pá e conversamos. Chloe e eu temos contato on-line, mas falamos sobre tudo que aconteceu desde o último evento da NG. Ela tem um novo namorado atleta chamado Jesse, o que explica o brilho, e eu ultrapassei dois mil e duzentos na minha pontuação do SAT. Nada de novo. Mas não é exatamente como antes. Depois da noite passada, minha vida afundou um pouco mais, talvez aqueles últimos centímetros que me empurraram para além do limite do qual é possível subir de volta.

Troco a pá por uma espátula e, lentamente, desenterro a maior parte do pescoço bege do molusco, que parece uma tromba de elefante.

Chloe limpa a testa bronzeada com o braço.

— Parece um pinto.

Cavo mais um pouco.

— Bom, meu conhecimento da anatomia masculina é mais teórico que prático, mas isto aqui tem mais de trinta centímetros de comprimento.

Ela sorri como se guardasse um segredo.

Meu celular vibra no bolso. Olho para minhas mãos cobertas de areia.

Chloe comenta:

— Dá para sobreviver sem uma atualização de status dos seus amigos. — Sua expressão é altiva, como se fosse muito mais sofisticada que eu, agora que se formou no colégio. E isso nem exige muito.

Enfio a espátula na areia.

— Ah, sei, se ouvir o toque do sr. Quarterback, duvido que não vai atender.

— Ele é *half back*, e já o avisei para não me ligar até hoje à noite.

— Por isso está de olho no garoto novo, o Shane?

Ela ri.

— O cara é lindo, mas não traio meu namorado. E você, está sentindo mais calor por causa dele?

— Estou interessada em outra pessoa. — Lembro-me da noite passada e suspiro.

Vejo Shane perto de nós. Ele ouviu nossa conversa? Volto a cavar depressa.

Chloe bate no meu braço.

— Preste atenção no que está fazendo.

Olho para baixo e vejo que bati na concha do geoduck. Debruço sobre o buraco e continuo tirando areia com as

mãos. Chloe torce o nariz.

Quando capturamos nossa presa, eu limpo as mãos em um pano e pego o celular. A mensagem é de Evie: NÃO CONSIGO MAIS ESPERAR PARA CONTAR – RAFE E EU FICAMOS! TENHO MUITO MAIS PARA FALAR!

Fico feliz por ela, mas tenho que admitir que também me sinto um pouco triste. Vou segurar vela de novo. Bebo um gole de água e estremeço ao lembrar o que aconteceu na festa na noite passada.

Alguns minutos mais tarde, estou pronta para procurar mais geoducks, mas alguns caras do grupo cercaram Chloe. Ela sempre atrai atenção masculina, mas hoje está demais. Alguma coisa em uma garota “comprometida” deve estimular a produção de feromônios. Evie agora vai viver o mesmo fenômeno.

Bom, eu posso cavar sozinha. Sozinha eu sempre faço tudo melhor, afinal. Eu e meu jeitinho sem feromônios.

Tenho a impressão de ver um movimento na areia. Mas, quando me aproximo do lugar, é só um buraquinho no chão.

— Tem um ali — diz uma voz atrás de mim.

Viro-me e vejo Shane em toda a sua beleza alta e morena apontando para um ponto alguns metros à minha esquerda.

Ter um cara lindo perto de mim, bom, qualquer cara perto de mim, é a deixa que meu sistema circulatório espera para me trair. Droga. Talvez eu faça um intervalo, e ele pode interpretar o vermelho no meu rosto como queimadura de sol.

Respondo meio engasgada:

— Você achou, é seu.

— Já atingi meu limite de carne fresca. — Seu sorriso é carregado de expectativas.

— Ah, hum, obrigada. — Chamo Chloe, mas ela me ignora. Vai mesmo me deixar aqui sozinha com um garoto que eu não conheço? Um desconforto familiar começa a crescer dentro de mim.

— Eu te ajudo. — Shane vai buscar o cano que Chloe largou na areia. Ele podia ficar por lá.

Respiro fundo e me esforço para acalmar o pânico.

Shane volta e pergunta:

— Quer começar com a pá? Você parece estar pensando em atacar alguma coisa.

Olho para ele tentando identificar sinais de deboche. Chloe o subornou para vir ficar perto de mim? Não vou desenterrar um geoduck com esse cara enquanto ainda

lembro o comentário que ela fez sobre o molusco parecer um pinto.

Pigarreio.

— Na verdade, hum, vou descansar um pouco. Mas obrigada de qualquer jeito.

Sem esperar pela resposta dele e sem me permitir questionar se isso vale como uma fuga, tiro as sandálias e corro até a beira d'água. Ai, ai, ai. Finalmente chego na água. Uau. Respire. Calma. Ele não é o Jack. E não é alguém que vejo com frequência, talvez nunca mais, se tiver sorte. Não que eu deva contar com sorte.

A maré envolve meus pés, e a água fria os adormece. Queria poder eliminar todas as outras sensações do meu corpo. Sigo com os olhos uma águia que passa no céu até vê-la desaparecer no meio de árvores próximas. Dou mais alguns passos e, com água na altura dos joelhos, paro e fecho os olhos. As ondas dançam em torno das minhas pernas sem fazer nenhum barulho, e meu estômago começa a se acalmar. Quase consigo esquecer...

— E aí, quanto tempo demorou para aperfeiçoar essa saída?

Pulo assustada e vejo que Shane me seguiu. Quando recupero o fôlego, eu digo:

— Escute, desculpe. Não estou muito legal, só isso.

— Ah, a próxima desculpa é inventar uma cãibra?

Por que ele está me atormentando? Olho para ele sem saber o que dizer, sinto as lágrimas se formando e imagino que vou ser acusada de fazer drama.

Em vez disso, Shane muda de atitude.

— Chloe falou que você praticamente mora aqui. Que pé no saco.

Engulo a saliva.

— É pelo meu irmão.

Ele passa a mão no cabelo grosso.

— Acho que minha irmã não liga. Mas minha mãe prometeu pagar minha gasolina durante uma semana se eu viesse hoje.

Cruzo os braços.

— Todo mundo sai ganhando.

— Todo mundo sai ganhando, é? Mesmo tendo que cavar esses mexilhões esquisitos?

Mergulho as mãos na água. Uma alga marinha desliza entre meus dedos.

— Não é tão ruim cavar, só a areia que é um pouco grudenta.

Ele lambe os lábios.

— Gosto de uma garota que não tem medo de se sujar.

Olho para ele. Isso é uma indireta sexual? Eu devia me afastar de novo. Parece grosseiro, mas seguir alguém que não quer conversar também é.

Mas respondo:

— Sim, bem. — Paro por aí. Caramba. Sou muito ruim nisso, seja lá o que for “isso”.

Ele aponta a praia.

— E aí, quer cavar mais, antes de arrastarem a gente lá para dentro?

Olho em volta. Chloe e seus seguidores desapareceram do outro lado de uma rocha.

— Não.

Por que ele não me deixa em paz com minha disfunção social?

Shane olha para mim de um jeito meio hostil.

— Sabe, garotas que pensam que valem um esforço extra normalmente estão enganadas. — Sem esperar por uma

resposta – não que eu tivesse uma para dar – ele se vira e se afasta chutando a areia.

Que babaca. Por que acha que pode presumir alguma coisa sobre mim? Viro-me para o estreito e dou mais alguns passos, ando até a água envolver minhas coxas. Mas nem a água consegue desfazer o nó no estômago ou acalmar as batidas no peito.

Quando Joe Firelli nos reúne, minhas pernas estão duras de frio. Vou mancando pela praia. Chloe aparece do nada, corada e sorridente, seguida por três garotos. Shane faz uma careta para mim e cochicha alguma coisa para o rapaz ao lado dele.

Joe vai andando de balde em balde, examinando o resultado da expedição e aplaudindo.

— Trabalho maravilhoso! Vamos levar tudo isso para o refeitório e deixar os cozinheiros trabalharem.

Talvez ele não saia muito da sala de atendimento.

Voltamos ao prédio da Nova Genetics, e Joe nos leva por uma porta perto da cozinha para deixarmos os moluscos e nos lavarmos.

— Depois do almoço, vamos nos juntar na sala de reunião para uma sessão rápida.

Meu coração fica apertado. Essas sessões, para as quais todos têm que contribuir, acabam comigo. Alguém vai perceber se eu me esconder atrás do estande de *tie-dye* e dormir até o dia “divertido” acabar?

Chloe se aproxima de mim toda animada.

— Você e Shane ficam fofos juntos.

— E você precisa melhorar muito seu senso de observação. Por que fez isso?

Ela parece assustada.

— Eu não fiz nada, sério. Ele só queria conversar com você. Só isso.

Desvio o olhar. Ela já devia saber que não é “só” isso. Era para ser, mas não é.

Chloe bate no meu braço.

— Vou te compensar pelo estrago, está bem? Mais tarde, quando estivermos na porcaria da reunião, vou falar tanto que você nem vai precisar participar. Assim ficamos quites. Certo?

— Acho que sim. — Não pergunto por que ela acha que tem que me compensar, se não incentivou Shane a ir atrás de mim.

Quando voltamos ao pavilhão principal, vejo a dra. Sternfield conversando com Rosa, que assente e morde o lábio. Ela está informando Rosa sobre sua mais recente pesquisa? Sou tomada de assalto por uma onda de ciúme e começo a andar na direção delas.

Mas Sammy me aborda. Ele ri na companhia do dr. Gordon, pai da dra. Sternfield e diretor da Nova Genetics. O dr. Gordon tem quase o dobro da altura de Sammy e ombros capazes de atravessar concreto, provavelmente, mas o cabelo claro e os óculos redondos dão a ele a aparência de um coala gigante.

Ele nos cumprimenta com um oi simpático e nos chama pelo nome.

— Como se saíram com os mexilhões, meninas?

— Muito bem — Chloe mente. — Não tão bem para os bichinhos, mas eles devem estar no paraíso dos geoducks.

Ele ri.

— Charlie adorava pegar os próprios mexilhões. Ela foi com vocês?

Não consigo imaginar a dra. Sternfield cavando a areia com um de seus terninhos impecáveis.

— Hoje, não.

— Minha garota vive para o trabalho. — Ele balança a cabeça orgulhoso.

Sammy tem um ataque de tosse, que esperamos passar evitando encará-lo. Mas ele continua tossindo. Bato em suas costas e as sinto quentes embaixo da camiseta. Seu rosto está suado do esforço e ele tira um lenço de papel do bolso.

— Vamos sentar um pouco? — sugiro. — Você está quente.

Ele responde sufocado.

— Estou bem.

Minha mãe já nos viu e se aproxima apressada. Suspiro. Sammy odeia ser motivo de comoção. Minutos depois, mamãe e o dr. Gordon o acompanham ao consultório de um dos médicos da Nova Genetics para um exame rápido. Sammy parece infeliz quando é levado dali tossindo. Eu queria poder passar por parte disso no lugar dele.

Antes que mais alguém mergulhe no clima pesado, Sally Sims aparece saltitante no meio das pessoas e anuncia:

— Vamos almoçar!

Já comi aqui várias vezes, o suficiente para saber que o cardápio inclui patinhas de caranguejo e risoto de trufa. Felizmente, Sammy logo vai ser liberado pelo médico.

Procuro Chloe, mas ela está conversando com Shane, provavelmente contando a ele como sou desajustada e sugerindo que ele não se ofenda. Ótimo, vou ter que comer sozinha. Não que eu esteja com fome. De ombros caídos, sigo as pessoas.

Perto da porta, sinto um cheiro de perfume de jasmim. Viro-me e vejo a dra. Sternfield ao meu lado. Ela está vestida de branco, desde a faixa de seda na cabeça até os sapatos brilhantes. Nesse instante, um raio de sol passa pela janela larga lá em cima, iluminando-a como uma fada madrinha dos tempos modernos.

E, ah, eu tenho pedidos a fazer.

DOPING GENÉTICO – O FIM DOS ESPORTES DE COMPETIÇÃO?

Ou o começo de um novo jogo?

por Lance Starkman, *US Sports and Leisure*

O rápido ganho muscular de Will Williams, universitário e *linebacker* do time de futebol Warriors, provocou a reação das equipes adversárias. Williams afirma que o ganho de vinte e dois quilos no último ano é resultado de um programa intenso de musculação, dieta proteica e do “bom e velho estirão do crescimento”. Outros apontam para a nova ciência do doping genético, ou a injeção de DNA alterado no corpo de um atleta para aumentar o desempenho estimulando a tolerância à dor, o crescimento muscular e a resistência.

O Conselho Internacional de Desportos está desenvolvendo um exame de sangue para detectar genes alterados. O dr. Sampson Vogler declara: “O DNA introduzido de maneira artificial não tem certas sequências encontradas no DNA de ocorrência natural.

Sabemos onde procurar e sabemos o que procurar. Esse exame deve ser incluído em nosso arsenal até o fim do ano”.

Até agora, a ciência pode conseguir identificar os trapaceiros. Mas há quem acredite que é só uma questão de tempo para que os que pretendem escapar dos exames desenvolvam genes transgênicos que não incluam os sinais reveladores da manipulação. Como dinheiro perfeitamente falsificado, os genes modificados de maneira indetectável vão render fortunas.

.....

CINCO

Diferentemente dos outros funcionários, que hoje trocaram as roupas de trabalho por jeans e blusas comuns, a dra. Sternfield usa um vestido de linho simples sob o jaleco de laboratório. Mas pela primeira vez, desde que consigo lembrar, o cabelo castanho avermelhado está solto sobre os ombros, afastado do rosto por uma faixa. Ela se inclina para mim.

— Oi, Aislyn. Está com muita fome?

— Não muita.

— Quer ir visitar nossos amigos de braços compridos?

Como se alguma vez eu recusasse um convite para brincar com os chipanzés.

— É claro.

Ela me leva por um corredor silencioso, para longe do refeitório.

— Que alívio ficar longe da papelada por um dia.

Sei que devia falar sobre amenidades antes de ir direto ao ponto, mas não consigo me conter.

— E aí, Sammy é um candidato, hum, viável?

Ela pisca.

— Bem, não posso dar nenhum detalhe ainda, mas as diretrizes abrem espaço suficiente para eu trabalhar.

— Agradeço por tudo que fizer. Isso é muito importante para nós.

Estava imaginando que iríamos lá fora, para as jaulas geodésicas onde os chipanzés costumam brincar, mas a dra. Sternfield espera na frente de um elevador não sinalizado que exige uma chave. Descemos dois andares até uma área onde o ar-condicionado deixa tudo gelado, e de lá seguimos por uma passagem até um espaço que nunca visitei antes. Quando chegamos a uma porta pesada, ela posiciona um olho diante de um leitor de retina e digita uma senha. Nenhum outro laboratório que conheci exige tantos procedimentos de segurança.

O interior da sala brilha com a iluminação forte, e sinto um arrepio claustrofóbico. O ambiente é ainda mais frio que o corredor e tem cheiro de álcool.

Passamos por várias jaulas até chegarmos a uma identificada com uma placa. RUBY. Ela é minha chimpanzé favorita, e Steffie, responsável por cuidar dela, me deixava alimentá-la quando ela era bebê. Ruby devia estar acostumada com humanos, mas ainda se esconde quando as vozes próximas ficam altas demais. Eu entendo.

Paramos em frente à jaula. Ruby se aproxima de nós e estende a mão como se quisesse nos cumprimentar. Eu nunca tinha visto isso. A dra. Sternfield ri e toca os dedos longos. Juro que Ruby sorri antes de se virar.

A dra. Sternfield se inclina para mim e, embora não tenha mais ninguém por perto, cochicha:

— Carisma.

— Ela tem de monte. Mas como a treinou?

A médica afaga a cabeça de Ruby.

— Treinei? Acho que não entendeu. Ela foi tratada com o medicamento que mencionei, o da sociabilidade. Carisma, ou CZ88, se preferir o nome oficial.

O sangue sobe à minha cabeça tão depressa que fico tonta.

— Quê? Já tem um tratamento? Pensei que fosse só um estudo.

Os olhos dela cintilam.

— Bom, preciso tomar cuidado com o que conto e para quem. Mas sinto que você é confiável, Aislyn. Estou trabalhando nisso desde a faculdade de medicina. Os chimpanzés são meu segundo grupo de testes com mamíferos. O primeiro era formado pelos ratos mais charmosos que alguém pode esperar encontrar.

Sinto o coração bater mais forte.

— Uau. Uau. — Deixo Ruby segurar minha mão entre as barras da grade. — Ela é muito simpática. Em quantos chimpanzés já fez o teste?

— Cinco. Às vezes isto aqui vira uma festa.

— Aposto que Steffie adora.

Os olhos da dra. Sternfield brilham por um momento antes de ela sorrir.

— É, ela tem se divertido.

Observo Ruby, que parece dançar.

— Ela está muito feliz. Consegue medir quanto?

A dra. Sternfield comprime os lábios.

— Essa é uma avaliação muito subjetiva em humanos, mais ainda em animais. Mas podemos medir o estresse. E os

níveis de norepinefrina, cortisol e adrenalina em Ruby diminuíram significativamente.

Não seria preciso um exame de sangue para provar que meus hormônios do estresse estavam fora da curva na festa, apesar da cerveja. Qual é meu nível normal de felicidade? Quando converso com Jack on-line, tenho certeza de que ele sobe. Mas agora? Baixo. Muito baixo.

A dra. Sternfield continua:

— Por mais que os chimpanzés estejam felizes, tem uma grande distância entre os testes com animais e os testes clínicos com humanos. Sabe como chamam essa distância no campo de pesquisa e desenvolvimento? Vale da Morte. Onde projetos muito bons têm um fim precoce.

Ela já usara a expressão antes, mas nunca provocou em mim o desapontamento de agora.

— Não pode deixar esse projeto morrer. Ele tem um potencial incrível.

O sorriso dela é triste.

— Eu sei. Mas incrível não é suficiente para conseguir aprovação pelos canais oficiais em um futuro próximo. Meu pai é irredutível no que se refere à Nova Genetics tratar apenas doenças, e quanto mais letais, melhor.

Respondo em voz baixa:

— Às vezes acho que me sentir assim é pior que uma doença.

Ela suspira.

— Eu entendo, Aislyn. E quando o mundo aceitar a melhoria genética, eu provavelmente estarei usando um andador.

— Quer dizer que não vai fazer testes com humanos tão cedo? — Lágrimas se formam em meus olhos, embora eu tenha certeza de já ter esgotado minha cota na noite passada.

Ela fica séria.

— É ridículo. Dá para imaginar quantas pessoas tolhidas pela timidez e pela fobia social eu poderia ajudar?

— Seria transformador.

Ela olha para mim como se me analisasse.

— Vi os questionários que você respondeu para o estudo de dinâmicas familiares. Sei quanto quer se expressar, ser ouvida, mas, ao mesmo tempo, tem medo de se colocar. Quando comecei a me preparar para a faculdade, aos catorze anos, eu era a menor aluna na sala, tinha a voz fraca e era

incapaz de levantar a mão, mesmo sabendo todas as respostas.

Sei tudo sobre ficar com a mão abaixada. Sobre manter a alma presa no térreo.

— É difícil acreditar que a terapia genética pode fazer alguém ser mais corajoso.

Ela comprime os lábios.

— Bem, a personalidade é algo muito complexo. Carisma, ou CZ88, aborda vários genes que funcionam em harmonia, DNA que poderia ser ignorado por outros pesquisadores. Mas o lixo de um cientista é o tesouro de outro.

Não consigo imaginar genes como pacotinhos de lixo ou tesouros, mas a dra. Sternfield sempre faz descrições bem pitorescas. Uma das primeiras explicações que ela me deu sobre o funcionamento da terapia genética incluía imaginar o vetor viral como uma encomenda endereçada a tecidos específicos do corpo. Dentro desse pacote tem DNA alterado que pode ocupar o lugar de genes defeituosos ou instruí-los para se comportar de maneira diferente. O vírus pode reter bastante DNA antes de se romper, mas se tiver muito pouco DNA nele, você vai ter que incluir DNA de preenchimento, como aquele isopor dentro de embalagens.

— Se conseguisse aprovação, em quanto tempo teria alguma coisa que pudesse testar em humanos?

Ela inclina a cabeça e olha para mim por um longo momento.

— Já tenho. Hoje.

Minha visão fica turva.

— Hoje, tipo, *agora*?

— Hoje, agora — ela fala com um sorriso contido.

Estremeço.

— E é seguro?

— Testo drogas há anos com um registro de segurança fabuloso. — E exala com um ruído alto. — Porém, por mais que eu saiba que o Carisma é seguro, o FDA, órgão que controla novos medicamentos, entre outras coisas, não vai permitir testes clínicos. E é por isso que meus dias na Nova Genetics estão contados.

Uma onda de pânico me invade. Minha voz soa esganiçada.

— Quê?

— Tenho que ir aonde eu possa ajudar o maior número de pessoas. No momento, esse lugar não é nos Estados Unidos.

Não, isso não pode estar acontecendo. Chegar tão perto de um sonho e tê-lo arrancado de mim antes que eu possa agarrá-lo. Sem pensar no que está saindo da minha boca, digo:

— E se fizer um pré-teste antes de ir embora? Em alguém que realmente precise disso?

Ela franze a testa.

— Está propondo o que acho que está propondo?

Não sei. Estou?

Então ela continua:

— Está tudo bem dizer não. Nem todo mundo quer fazer mudanças radicais na própria vida.

Ela está fazendo uma oferta. Bom, que cobaia pode ser melhor que alguém cuja vida é um desastre monumental?

— Quando tenho que decidir e cuidar da papelada?

Ela balança a cabeça.

— Infelizmente, não vai ter muito tempo para pensar. Nem para a documentação. Mas se quer melhorar sua vida, posso te ajudar hoje, tipo *agora*.

Eu me sinto congelar por dentro.

— Não precisa registrar tudo para poder publicar suas descobertas?

Ela enfia a mão na jaula da Ruby para afagar a cabeça dela.

— Pensei que estivéssemos de acordo sobre ignorar os canais oficiais. Quando você voltar para a próxima reunião das famílias, eu já terei ido embora.

As paredes à minha volta parecem vibrar, ou são minhas veias pulsando. Massageio as têmporas.

— Desculpe, só estou me acostumando à ideia. Fazer tudo escondido pode causar problemas sérios para você, não?

— Só se alguém descobrir. Mas confio em você, Aislyn. E quero te ajudar e ajudar os outros *agora*. Como quero ajudar Sammy a entrar no programa de testes do AV719, embora ele tenha mais infecções e menos capacidade pulmonar que a média dos pacientes de onze anos com FC. Os interesses comerciais por trás desses testes preferem crianças com mais chances de melhora, o que favorece maior índice de sucesso.

O pânico que senti um momento antes, com a ideia de desperdiçar a chance de usar uma droga milagrosa, é duas vezes maior diante da ideia de Sammy perder essa oportunidade.

— Isso é muito injusto. Eles deveriam ajudar os mais necessitados.

Ela põe as mãos sobre meus ombros, e essa é a primeira vez que o contato físico vai além de um aperto de mão. Sinto suas unhas através das mangas da blusa.

— Estou disposta a apoiá-lo, mesmo que para isso eu tenha que ignorar a rigidez dos protocolos de regulamentação. Posso contar com você, Aislyn?

Tudo à minha volta fica turvo, exceto os olhos dela, que brilham como cristais.

— Se eu concordar, como vou receber a droga?

— Na forma injetável. Simples e limpo. Provavelmente em dose única, mas não posso garantir nada. Não sabemos com que rapidez o vetor viral que ativa o tratamento vai se propagar, nem quanto do seu DNA será afetado. É claro, você vai decidir se recebe ou não outras doses.

Ao nosso lado, Ruby parece satisfeita de um jeito como nunca me senti. Penso um pouco.

— Posso falar com minha mãe? Ela não vai dizer nada, os filhos são mais importantes para ela que qualquer regulamentação.

A dra. Sternfield tira as mãos dos meus ombros.

— Uau, pensei que com seu QI... olhe só, vamos esquecer tudo isso, está bem? — Ela se vira para a porta esfregando as mãos, como se estivessem sujas.

Espera. O quê? Sammy e eu podemos mudar de vida graças à Nova Genetics e à dra. Sternfield. Superar a timidez me ajudaria até a defender essa causa por ele. Como posso recusar essa chance? Minha mãe entenderia, é claro.

Respiro fundo o bastante para ficar tonta e falo:

— Não, escute, entendo perfeitamente que precisa de sigilo, sobretudo com esses malucos protestando lá fora. Eu aceito. Conte comigo.

Ela me encara pelo que parece ser um minuto, depois assente.

— Tudo bem, Aislyn, mas precisa ter certeza disso.

— Certeza absoluta. — Sim, é um experimento tão secreto que não posso contar nem para minha mãe. Sim, a tática de persuasão passiva-agressiva da dra. Sternfield é irritante. Mas sinto que estamos muito perto de algo incrível.

Ela tira uma presilha do bolso e prende o cabelo num coque.

— Como ainda temos um pouco da sua amostra de sangue, já conheço vários anticorpos que poderiam atrapalhar. Você tem alguns bem improváveis, sabe? Talvez da viagem que fez à Ásia há alguns anos. Mas nada que impeça o procedimento, felizmente.

Felizmente. É assustador saber que ter ido com a família de Evie à Indonésia depois da nossa formatura no fundamental poderia ter arruinado minhas chances nisso.

— A única coisa melhor seria Carisma em comprimidos, em vez de injeções.

Ela traça o contorno do lábio inferior com a unha feita.

— Bem, sonho em um dia poder produzir em massa uma versão que será vendida em farmácias, talvez um pó que as pessoas possam inalar para ultrapassar a barreira hematoencefálica. Seria vendido em sachês amarelos com estampas de corações cor-de-rosa. O que acha? — Ela pisca para mim, o que me faz pensar que o comentário é uma brincadeira para me deixar à vontade.

Mas não consigo rir. Sigo a dra. Sternfield até uma porta, aberta com outra senha, que nos leva a uma saleta. Lá dentro, ela me convida a sentar enquanto lava as mãos e

calça luvas. Depois pega uma seringa grande em um armário de aço.

— Sei que isso assusta, mas já usei agulhas maiores em mim mesma. Dois segundos de dor e uma vida inteira de recompensa.

A doutora limpa meu braço com uma compressa de álcool e injeta o tratamento nos dois segundos previstos. Com movimentos habilidosos, ela cola um pequeno curativo adesivo no local. Mal posso esperar para deixar de ser tímida, mas uma onda de pânico aperta meu peito. Caramba, eu fiz isso mesmo.

Ela tira as luvas.

— Se sentir algum sinal de pânico, respire fundo. E se precisar falar com alguém, já tem algo que dou a pouquíssimas pessoas: o número do meu telefone pessoal. Pode usar. Você e eu vamos mudar o mundo.

Olho para o curativo miúdo que cobre mais que o necessário.

— Só quero mudar a mim mesma.

— É claro. Bom, vamos subir e ver se sobrou alguma coisa com trufas?

Não falamos mais nada. Saímos da sala e eu massageio o braço, pensando no que agora corre sob a pele, em minhas veias. Posso arrancar o adesivo e sugar a substância como veneno de cobra? Em quanto tempo ela vai começar a me afetar? Um dia? Uma semana? Eu devia fazer essas perguntas à dra. Sternfield, mas agora que tudo está feito, não consigo falar ela, com a mulher de expressão satisfeita ali perto de mim no elevador.

Antes de sair, ela cochicha:

— Não esqueça: nem uma palavra a ninguém sobre o Carisma e os testes clínicos com Sammy, certo?

Concordo gaguejando, e ela se afasta. Eu devia ter pedido mais detalhes. Bem, logo, espero, não terei mais medo de me colocar. Meu futuro agora parece muito mais amplo, pronto para ser preenchido por oportunidades, liberdade e até Jack, talvez, se eu conseguir consertar o estrago da noite passada. Vou para o refeitório, mas ainda não tenho coragem para me juntar a Chloe, a Shane e às outras pessoas rindo em volta de uma mesa comprida.

Pela última vez, espero, me encolho em um canto para comer sozinha.

Enquanto saboreio salmão grelhado e aspargos sem geoducks, muito obrigada, tiro proveito do sinal de celular que voltou, finalmente. Evie mandou outra mensagem com mais detalhes. Ela e Rafe se beijaram “como doidos” depois da festa. É claro que estou feliz por ela, porém fico ainda mais intrigada com o restante da mensagem. Jack não entendeu por que fui embora cedo. E quando Evie contou que eu tinha ido embora, ele também foi.

Sério? Tirei conclusões precipitadas e surtei por causa da Alexandra. Agora ele deve achar que sou maluca. Bom, já devia achar desde o incidente com a cerveja. Antes que eu possa ligar para a Evie para saber mais, Sally Sims anuncia que a próxima atividade vai começar em dois minutos. Droga. Se tivesse a senha de acesso aos laboratórios lá embaixo, eu me esconderia com a Ruby.

Engulo o restante do almoço e vou para a sala de reuniões Watson e Crick, onde ocupo meu lugar no círculo de cadeiras. Rosa entra correndo no último minuto, e seu rosto está pálido. Estranho. Ela é sempre muito contida. Sou tomada pela desconfiança. Vejo se não tem nenhum curativo em seu braço, mas, como eu, ela usa as mangas compridas para esconder qualquer evidência.

Joe começa a reunião.

— Excelente trabalho na praia, pessoal! De que parte vocês mais gostaram?

As pessoas erguem a mão e falam da água, da procura, do sol, blá-blá-blá. Encerrada a fase quebra-gelo, Joe entra no terreno da terapia.

— Alguém tem alguma coisa para compartilhar depois da nossa última sessão?

Olhamos uns para os outros num silêncio desconfortável até uma garota chamada Kiera se manifestar. Desde o nosso último encontro, ela tingiu as pontas do cabelo vermelho de dourado, criando uma impressão de fogo. Ela resmunga sobre como os pais dão mais atenção para o irmão Jacob, que tem o gene para Huntington.

Isso faz Joe perguntar ao grupo se sentimos ciúmes da atenção que nossos pais dão aos nossos irmãos. Não me importo de minha mãe se desdobrar por Sammy. Eu também cuido dele.

Uma sensação familiar comprime meu estômago quando penso em falar diante do grupo. Acho que o Carisma ainda não fez efeito. Espero que Chloe cumpra o que prometeu. Um a um, os membros do grupo falam sobre como é horrível ser

ignorado pelo mundo sempre que os irmãos estão por perto.
Todos uns bebês.

Quando chega a vez de Shane, ele estende as pernas longas.

— Não me incomodo quando minha irmã recebe atenção.

Joe levanta as sobrancelhas grossas.

— Sério? Seja honesto. Você está entre amigos.

Shane faz uma careta.

— Ah, é? Bom, quando as pessoas a notam, também notam que eu a ajudo. Sabe quanta atenção recebo de garotas que acham que sou um santo? — O cara ao lado de Shane estende a mão para um *high five*.

Joe franze a testa.

— Está dizendo que usa o desconforto da sua irmã para chamar a atenção das meninas?

— Por que não? Todo mundo sai ganhando.

Ele olha para mim sem sorrir. Reviro os olhos.

Joe coça o queixo.

— Bom, acho que não tem motivo que os impeça de encontrar o lado positivo na situação que vivem. Desde que não explorem ninguém...

Shane sorri.

— Também é uma excelente estratégia de fuga. Quando fico entediado, posso fingir que estou tão preocupado com minha irmã que não consigo me dedicar a um *relacionamento*.

Dois garotos riem com ele. O restante do grupo fica em silêncio e de boca aberta.

Joe olha em volta.

— O que acham disso? — Ele me encara. — Aislyn, fale a primeira coisa que surgir em sua cabeça.

— Babaca.

Ai, meu Deus, foi isso mesmo que eu disse?

Todo mundo ri, menos Shane. Joe bate palmas até recuperar o silêncio.

Ele diz:

— Obrigado pela franqueza, Aislyn e Shane. Mais alguém quer falar?

Chloe levanta a mão. E, cumprindo o que prometeu, começa uma longa história sobre como ama Bailey, mas se sente prejudicada quando os pais dedicam tanta energia a ela. Sei que tudo isso é bobagem, mas a história desperta meu interesse. Todo mundo olha para ela. Chloe fala até

chegar a hora de irmos para o próximo evento no salão de baile.

Chloe se aproxima de mim quando saímos da sala.

— Funcionou muito bem, não?

Sim, foi ótimo. Mas só consigo pensar no tratamento que corre em meu organismo, atacando células inocentes e fazendo sei lá o quê. Ofender Shane foi o primeiro sinal de mudança em minha personalidade? E se eu não conseguir controlar futuras explosões? Talvez ser extrovertido tenha a ver com isso, a falta do controle de impulsos. Nunca pensei no assunto desse jeito. Mas se o Carisma já me fez agir desse jeito tão atípico, o que mais me espera?

SEIS

No salão de baile, Sammy está meio abatido, mas menos vermelho que antes.

— O médico me pôs no nebulizador. Nada muito importante.

Mamãe mantém um braço sobre os ombros dele.

— É melhor irmos embora.

Sammy não discute, e essa é prova de que não se sente bem.

Nós nos despedimos do pessoal da Nova Genetics e das outras famílias. Olho em volta procurando a dra. Sternfield. Nem sinal dela. Provavelmente, está recrutando outras pessoas em seu consultório secreto. Sei o suficiente sobre testes de pesquisas, sigilosas ou não, para entender que uma amostra de um indivíduo não resolve nada.

Saímos para enfrentar a tarde ensolarada e os manifestantes. Eles empunham cartazes e entoam:

— Não mude a natureza!

Os guardas extras garantem nossa caminhada até o carro. Mas estou aborrecida porque a Nova Genetics não nos deixou usar o estacionamento VIP do lado de dentro do portão. Está praticamente vazio, exceto por um carro escuro de onde saem um homem e uma mulher vestidos com uniforme militar.

Os manifestantes explodem em gritos de “supersoldado” ao verem os militares. Minha mãe abraça Sammy, que parece nervoso, e nós andamos mais depressa. Olho irritada para os manifestantes. Com tantos problemas sérios no mundo, eles desperdiçam energia trabalhando contra avanços médicos que poderiam ajudar muita gente.

De repente, uma mulher transtornada sai do meio do grupo e aponta em minha direção.

— Eu conheço aquela ali. Ela estava aqui na sexta-feira.

Todo mundo olha para mim. Meus ombros ficam tensos. Reconheço a mulher com cabelo de Cleópatra e hálito de cebola. Ela vira um celular para nós.

Eu me encolho.

— O que está fazendo?

Ela ri e mantém o telefone na mesma posição.

— Fazendo você provar um pouco do seu remédio.

Lembro como a dra. Sternfield filmou os manifestantes. Para quem a mulher mostraria a minha imagem? Eu, que fui geneticamente melhorada. Bom, espero ter sido.

Corremos para o carro e vamos embora. No primeiro semáforo, mamãe põe um CD do Pearl Jam e tenta deixar o clima mais leve, incentivando Sammy a cantar com ela a canção sobre um garoto que fica maluco. E ou eu estou ficando meio maluca também, ou a terapia genética já afrouxou um parafuso no meu cérebro, porque canto junto sem hesitar.

Sammy arregala os olhos, e mamãe olha para mim com ar surpreso. Ela tem que virar o volante depressa para não atropelar um veado.

Enquanto canto, mando uma mensagem para Evie pedindo mais informações sobre Jack. Ele sentiu minha falta na festa, sério? Mas estava rindo com Alexandra! Evie responde: ELE ESTÁ AFIM. ENTENDEU? ALGUMAS PESSOAS ACHAM QUE GAROTAS TÍMIDAS E DOIDAS SÃO MUITO INTERESSANTES!

Não que ela, ou qualquer outra pessoa, tenha me achado interessante na noite passada. Quero contar sobre o experimento da dra. Sternfield, mas Evie surtaria, embora já

tenha passado muito da hora de eu tomar uma atitude. Além disso, jurei segredo. Mesmo assim, a vontade de confiar em alguém lateja em meu peito. Uma urgência tão forte de contar uma novidade é algo novo. Apesar de contar tudo a Evie, eu conto porque quero, não porque *preciso*.

Chegamos em casa exaustos, mas contentes. Subo a escada na ponta dos pés imaginando o Carisma fluindo em meu corpo como o perfume de gardênia em uma ilha tropical, tocando tudo por onde passa. Todos os meus genes submetidos a uma necessária vitória. Ahhh. Pela primeira vez, desde que consigo lembrar, vou dormir animada com o que o dia seguinte pode trazer. Talvez a droga devesse ser chamada de “Otimismo”.

Na manhã seguinte, assim que me levanto, uma dor lancinante explode em minha têmpora. Cambaleio até a escrivaninha massageando um lado da cabeça. Na mesma velocidade com que surgiu, a dor desaparece, felizmente. A dra. Sternfield não mencionou efeitos colaterais. A dor pode ser resultado da agitação do dia anterior.

On-line, clico em um vídeo que Chloe postou de uma *rave* na noite passada, depois que voltou da Nova Genetics. Pisco e pisco de novo, até ter certeza de que estou lendo

corretamente. Onde ela foi buscar energia para isso? Em um domingo à noite?

Uma câmera trêmula a segue para o palco diante de uma multidão de universitários. O tecno pulsante para enquanto ela faz um discurso breve sobre como o povo de Puget não pode mais sobreviver sem ciclovias. Tomadas da plateia registram expressões arrebatadas e vivas! Hã? Chloe sempre foi dramática, mas eu nunca percebi todo aquele talento para falar em público.

Sammy entra no meu quarto e se aproxima da escrivaninha.

— Uau, Chloe virou estela de cinema!

— Pois é! — Posto um “Yay!” embaixo de outros sessenta comentários no vídeo, embora não ande de bicicleta há um ano.

Cantarolando, como mingau de aveia com Sammy, me arrumo para ir trabalhar e vou de carro para a piscina. Será que o Carisma vai fazer meu dia tolerável ou mesmo divertido? Cumpro meu horário esperando o impulso de fazer algo radical como cantar em público, mas as horas passam sem outros atos aleatórios de exibicionismo. E todas as crianças na aula de natação querem ficar na equipe do

outro professor para as brincadeiras. Meu dia de trabalho for uma versão neutra do sábado. E se a ausência de coisas ruins acontecendo é tudo que o Carisma vai me dar, já vou me sentir vencedora. Encerro o dia mais aliviada que qualquer outra coisa.

Depois do trabalho, escolho *Flores para Algernon* na lista de leituras de verão do colégio. Leio cinquenta páginas e o deixo de lado para ir olhar meu rosto no espelho. Minha versão mais extrovertida devia parecer diferente, certo? Os mesmos olhos cinzentos e desconfiados. Tento alguns sorrisos para ver se revelam alguma coisa mais sociável, mas pareço mais maluca que atraente.

A campainha me arranca da reflexão.

Lá embaixo, Evie entra saltitante. Os olhos dela se voltam significativos na direção do meu quarto.

Subimos correndo e escapamos dos ouvidos de minha mãe. Sentada na minha cama, Evie olha para mim com uma expressão séria.

— E aí, como vão as coisas?

Por um momento penso que ela sabe sobre o Carisma, mas logo lembro que a última vez que ela me viu eu estava saindo da casa do Drew como uma doida.

— Já superei — respondo. — Foi culpa da cerveja. Agora me fala do Rafe.

Ela pensa por um momento e, aparentemente convencida de que superei a histeria, descreve ofegante como ela e Rafe ficaram juntos depois da festa, e de novo na noite anterior, e como vão se encontrar no dia seguinte.

Meu aplauso é sincero.

— Fantástico!

Ela se joga para trás com os braços abertos e caídos nas laterais da cama.

— Parece que demorou uma eternidade, e agora bum, bum, bum, três vezes em cinco dias. E se ele enjoar de mim?

Chuto o pé dela.

— Ah, não, nem vem. Quanto mais te conhecer, mais ele vai te querer por perto.

Ela puxa os braços e envolve o próprio corpo.

— O último ano vai ser incrível! — E faz uma pausa. — Se você e Jack...

— É, eu sei.

— Ainda tem uma chance, Aiz. Ele gosta muito, muito de você. Eu sei. Mas você tem que demonstrar que também gosta dele. Chega de fugir. Sei que não é fácil. — Ela cerra os

punhos e bate na colcha perto do corpo. — Nós duas podemos ter o último ano que sonhamos. — Enquanto fala, seus olhos ficam tristes, como se ela imaginasse um último ano menos que incrível para mim. Um ano em que ela segue em frente para mais e mais experiências, e eu fico para trás. Mas pode ser diferente, depois do grande risco que assumi ontem. Como não compartilhar uma notícia tão gigantesca? Evie não vai me delatar para o FDA.

Mas não posso.

O suspiro dela é longo e alto.

— Eu tinha muita certeza de que a terapia de exposição era a resposta. Em alguns pacientes, ela altera até os exames do cérebro.

— Ei, você desistiu de mim? Porque eu não desisti.

Ela vira de lado e se apoia sobre um braço.

— Eu nunca desistiria de você. Só não sei o que mais posso tentar. — A voz treme.

Sento na cama ao lado dela.

— Você é criativa. Tenho certeza de que vai pensar em alguma exposição que não envolva outra festa. Não enquanto eu não estiver preparada, pelo menos. Mas posso tentar alguma coisa pequena. Bem pequena.

— Tem certeza? Tem muita coisa menor que festas na hierarquia das inibições, sabe?

— Tipo?

Ela olha em volta e vê meu celular.

— Por que não manda uma mensagem para o Jack? Vocês já conversaram antes pela internet.

— Sobre coisas para o *The Drizzle*. E sempre foi ele quem começou a conversa.

— Exatamente. — Ela se levanta para pegar meu celular.

— Você devia começar as coisas, só desta vez. Voltar ao cavalo antes de ficar confortável demais no chão. — E balança o telefone.

Mal sabe ela que já pus a sela em um animal completamente novo, mesmo que ainda não esteja bem certa de como cavalgá-lo.

— Não sei. O que eu diria?

— O que acha de “oi”?

Minha pulsação acelera.

— Só isso? Oi? Tipo “Oi, Jack, sou eu, Aislyn. Estou te assediando”?

Ela cai de novo na cama e balança a cabeça.

— Não seja tão negativa. Ele vai ficar maluco quando receber a mensagem.

— Como pode saber?

Evie suspira com ar dramático.

— Ele foi te procurar assim que chegou na festa, e foi embora quando descobriu que você tinha ido.

— E daí?

— Não precisa ser gênio pra perceber isso. Fala sério. — Evie segura minha mão e põe o celular nela.

Ela está certa, mas isso não torna mais fácil tomar a iniciativa do contato. Mas também não é totalmente impossível. É só uma mensagem, não é? Uma pequena mensagem.

Engulo em seco e digito OI. Meu dedo paira sobre o “ENVIAR”.

Evie se aproxima.

— Preparar, apontar, fogo!

Respiro fundo e toco no botão. Evie arregala os olhos. Uma onda de ansiedade se forma imediatamente em meu peito. Ai, não, o que foi que eu fiz? Jack vai pensar que estou desesperada. Vai achar que sou estranha. Vai pensar que eu...

OI PARA VOCÊ TAMBÉM!

Quase derrubo o telefone.

— Meu Deus, ele respondeu em dez segundos.

Ela pula na cama.

— Em cinco. E aí, vai responder?

— Responder?

Evie fala bem devagar e com clareza.

— Sim, agora você pergunta alguma coisa complicada, sei lá, o que ele está fazendo. Vai, você está indo muito bem.

Isso é patético. Preciso de conselhos para conversar por mensagem de texto. Antes de pensar o suficiente para mudar de ideia, mando outra mensagem.

Segundos depois: ESPERANDO O ZEKE PARA IR AO PARQUE DE SKATE. O QUE FEZ NO FIM DE SEMANA?

ONTEM FUI PROCURAR GEODUCKS. Hum, isso não é muito atraente, é sabotar toda e qualquer chance de uma vida amorosa. Geoducks? Sério?

HUM. INVEJA. E AGORA?

CONVERSANDO COM A EVIE. SONHANDO COM UMA TIGELA DE SORVETE. Fraco e aleatório, mas melhor que a mensagem anterior.

E AMANHÃ?

Opa. Meu peito aperta e o cérebro grita: “Fuja!”. Mas o que eu respondo é: SOU CAPAZ DE TOMAR SORVETE TODO DIA.

COMIGO?

Com ele, nele, como ele quiser.

TUDO BEM.

LEGAL!

Não acredito. Nós vamos sair. Evie não consegue evitar o ar presunçoso, não que ela tente. Mas eu a perdoo. Como tenho certeza de que ela vai me perdoar por ter aceitado o Carisma. Quando eu contar para ela. Algum dia.

Depois de combinar o encontro com Jack para depois do trabalho, deixo o celular de lado e dou um gritinho.

Evie pula da cama.

— Não é incrível? — Ela esfrega as mãos. — Legal, hora de escolher o visual perfeito. — E abre meu armário.

Fico sentada na cama, ainda perplexa com o que aconteceu. Com o que pode acontecer amanhã à noite. Mas e se o que me deu coragem para mandar a mensagem não for forte o bastante para um encontro?

Evie segura uma bermuda preta cortada de uma calça.

— Hora da limpeza. Posso jogar na pilha da doação?

— É claro. — Tudo bem, respire. Pense em qual seria a preocupação de uma garota normal antes de um encontro. Maquiagem, sim. É isso. Eu me aproximo do espelho para pegar o conjunto de sombras que quase não usei, enquanto Evie revira meu armário.

Depois de deixar algumas opções de roupa em cima da minha cama e muitas outras na pilha da doação, ela se aproxima e nós duas ficamos em frente ao espelho.

— Tem alguma coisa meio diferente em você.

— Deve ser o brilho do tesão. Ou é a sombra azul esfumaçada?

Ela estreita os olhos.

— É maior que isso. Mais cintilante, não sei. Até sua voz parece diferente, mais rouca.

Baixo o tom duas notas abaixo do normal.

— Está me deixando com vergonha.

Ela passa o dedo na sombra e espalha um pouco de cor em cada pálpebra.

— Talvez a confiança adquirida com a terapia de exposição tenha mudado sua aparência.

Ou a terapia genética. Respiro fundo para controlar a palpitação.

Voltamos a estudar as roupas, e penso nas mensagens que troquei com Jack. Talvez não tenha nada a ver com o Carisma. Talvez a explicação seja meu interesse por ele. Mais ou menos como Chloe parecia brilhar ontem com o novo namorado. Apaixonar-se por alguém pode provocar mudanças drásticas de personalidade. Todas as canções falam sobre isso.

Na hora de ir dormir, Evie e eu já tínhamos escolhido todas as combinações de roupa aceitáveis para a “nova eu”. Estamos discutindo a cor do esmalte quando meu celular vibra anunciando uma mensagem da Chloe: ASSISTA AO JORNAL DA KBLB! É AINDA MELHOR QUE A RAVE!

Mostro a mensagem a Evie. Ela franze a testa.

— Só isso? Nenhuma dica de assunto?

Reviro os olhos.

— Ela tem certeza de que as pessoas vão assistir ao jornal, se ela mandar.

Evie abre a embalagem de esmalte Scarlett Secrets e começa a pintar suas unhas.

— Não vai ver o que é?

— Não. — Aponto o esmalte. — Ei, até eu sei que esse tom de vermelho é só para unhas dos pés, a menos que você

more em Jersey.

Antes que ela possa argumentar, meu celular vibra de novo. É a Chloe.

NÃO VAI SE ARREPENDER!

Dou risada e ligo o computador.

— Agora estou curiosa.

Evie continua pintando as unhas enquanto acesso o site. Lá está o vídeo da Chloe. Levo o laptop para a cama para Evie poder ver também. Chloe foi entrevistada na rua sobre um festival de música local. Ela fala animada sobre o evento. Depois o repórter a convida para voltar no dia seguinte.

Evie sopra as unhas.

— Você nunca me contou que Chloe era tão fotogênica.

Examino a cena congelada.

— Nunca pensei nisso antes.

Mas agora penso. Se eu estou mais radiante, Chloe agora é ofuscante. E ontem ela desabrochou com alguma coisa a mais. Talvez as coisas com o jogador de futebol tenham ido mais longe do que ela contou. Bem, seja o que for, está dando certo com ela. E as coisas estão funcionando comigo também. Tenho planos com Jack. Planos!

Então, Chloe pode dominar o planeta com sua nova fama em vídeo. Tudo bem. Na verdade, não tenho do que me queixar, exceto, talvez, do fato de metade do meu guarda-roupa estar na pilha da doação. E por ter que esperar até amanhã para ver Jack. Mas esperar um pouco não é o fim do mundo. Nem de longe.

PROFESSORA QUERIDA NO ZOLÓGICO LOCAL PERDE BATALHA CONTRA DOENÇA DESCONHECIDA

por Jenna Dawson, *The Gig Harbor Herald*

Stephanie “Steffie” Wong, chefe do laboratório dos primatas na Nova Genetics, morreu no último sábado após uma enfermidade rápida. Em seu tempo livre, ela era voluntária no zoológico e ensinava as crianças sobre os habitats dos animais e trabalhos de conservação. Era considerada uma especialista mundial em comportamento primata e trabalhava para a Nova Genetics fazendo testes inovadores em terapia genética, da maneira mais ética possível. Como ela lembrava aos alunos em suas visitas: “Temos mais de noventa e nove por cento dos nossos genes em comum com os chimpanzés. Tratar outros primatas de forma ‘humana’ significa agir com eles com compaixão e dignidade, como eles se tratam”. Por isso, ela era defensora da adoção de testes sem utilização de animais.

Stephanie deixa pais e uma irmã, e uma cerimônia fúnebre está programada para esta semana. Em vez de flores, a família pede doações para o Santuário dos Chimpanzés em Serra Leoa.

SETE

Na manhã seguinte, na piscina, recebo minha turma de alunos de cinco anos de idade, entre eles Molly, uma garota de bochechas gordinhas e franja preta, que no dia anterior se recusou a sair da beirada. A mãe grita da arquibancada:

— Põe o corpo todo na água, amorzinho.

Molly balança a cabeça.

Eu e Patrick, o outro professor, orientamos as demais crianças nos mergulhos enquanto Molly assiste a tudo com ar infeliz. Quando a convido para participar, ela fica tensa.

— Talvez na próxima vez — digo.

Eu me afasto dela para organizar o jogo de Tubarões contra Sardinhas, dizendo a mim mesma para não me sentir rejeitada quando as crianças pedirem para ficar no time do Patrick, como fizeram ontem. Mas algo estranho acontece. Uma a uma, as crianças anunciam que querem ficar no time da Aislyn. Quê? Até Patrick tenta esconder a surpresa.

Jogamos por cinco minutos, e depois, com duas crianças rindo penduradas nos meus braços, nado para perto de Molly e mantenho uma expressão suave.

— Quer pegar carona na tartaruga gigante?

Ela morde o lábio e assente. Flutuando, e não só por estar na água, oriento Molly a subir em minhas costas e saio de perto da parede. Tenho a sensação de que ela vai me sufocar com a força dos braços no meu pescoço.

Peço ofegante:

— Não aperte tanto, gatinha.

Ela diminui um pouco a pressão, mas sinto uma tontura repentina e uma dor aguda atrás dos olhos. Devia ir um pouco mais devagar. Chego mais perto da beirada do lado raso, caso tenha que tirar Molly das minhas costas rapidamente. Mas, no fim da brincadeira, Molly exhibe um sorriso largo e eu estou me sentindo bem.

A aula seguinte é tão tranquila quanto a primeira. De novo, as crianças pedem para ficar no meu time. Brinco com Patrick sobre ele ter comido alho no café da manhã. Mas ele diz que o motivo para a minha recém-descoberta popularidade é que meu método didático melhorou da noite

para o dia. Não sabe explicar como exatamente, mas afirma que agora estou mais presente.

Mais presente. É possível que os genes tenham alguma coisa a ver com isso?

Quando troco a aula pelo horário de salva-vidas, meu corpo todo pulsa com uma energia estranha. Talvez seja presença. Talvez seja minha imaginação.

Cinco minutos depois do começo do meu horário, Heath, que normalmente está acompanhado de uma ou outra líder de torcida, se aproxima da cadeira.

— E aí, Aislyn, pronta para o último ano?

Ajeito a viseira.

— Acho que sim. Mas vou aproveitar o verão primeiro.

Ele me examina sem pressa.

— Você é diferente do que eu imaginava.

Dou de ombros.

— Menos muda ou menos desajeitada? Está postando mais fotos humilhantes?

Ele se assusta e dá uma risadinha nervosa.

— Eu posto essas porcarias o tempo todo. Nenhum dos meus amigos leva a sério.

— E os inimigos?

Ele pisca algumas vezes.

— Uau. Você é rápida no ataque, garota. — Ele fecha um pouco os olhos e pigarreja. — Então, está com alguém?

Escorrego para a beirada do assento.

— Oi?

— Você entendeu. Está namorando? — Um sorriso casual, um tique nervoso que eu não havia notado antes.

Divido minha atenção entre ele e a piscina.

— Hum, não, na verdade. — Mas tenho mais chances do que jamais tive.

Heath levanta o olhar com um movimento tão incisivo quanto a espada de um samurai.

— Quer sair hoje à noite, então? Ir ao cinema?

Quase caio da cadeira. Ele quer ir ao cinema comigo? Alguém que considera um “desperdício”?

Olho para a piscina.

— Já marquei outra coisa.

— Talvez amanhã?

Nesse momento, vejo um garoto se preparando para descer pelo escorregador com outro menino em cima dos ombros. Apito forte e alerta os dois pelo megafone. Em vez de me ignorarem, um deles bate continência e o outro grita:

— Desculpe.

Eles escorregam separados, um de cada vez. Uau. Até minha competência como salva-vidas está melhorando.

Heath bate no meu tornozelo.

— Aislyn? Amanhã?

— Ah, não, valeu. — Eu não devia achar isso tão gostoso.

Desapontado, ele se afasta.

Examino meu peito como se ali pudesse encontrar uma explicação para o interesse repentino. Mas a mudança no guarda-roupa não incluiu o maiô cor de laranja, que é uniforme para quem trabalha na piscina. Toco meu longo rabo de cavalo. Nada de especial hoje, nem maquiagem, a menos que eu considere a atraente camada de óxido de zinco no meu nariz. Dei algum sinal sem perceber? Não, nem olhei para ele. Talvez sejam os feromônios antecipando a noite de hoje.

Depois do meu horário na piscina, vou cumprir o turno no bar. Massageio um lado da cabeça, que começou a pulsar, e respiro fundo antes de me posicionar ao lado de Camilla, minha colega de trabalho. Depois de alguns momentos, a dor de cabeça desaparece.

Normalmente, um grupo tão grande e barulhento seria motivo para eu hiperventilar, mas, em vez disso, cumprimento um aluno da natação que perguntou se eu era uma sereia. Sorrio como se vender lanches fosse meu sonho de vida. Ele sorri de volta. Logo estou brincando com ele e com sua irmã, e também com as crianças que estão atrás dos dois. Continuo rindo sem esforço enquanto atendo as pessoas na fila, adotando um ritmo confortável, como se a troca com o público alimentasse alguma coisa dentro de mim.

Sorrindo, falo oi para um garoto chamado Alex, do curso avançado de matemática. O garoto fica de queixo caído e, s  para variar, não sou em quem fica vermelha.

Ele me d  o dinheiro e cochicha:

— Alguém já falou que seria legal calcular a área das suas curvas?

Dou um passo para tr s. Credo! Ele está usando piadinhas de cálculo para dar em cima de mim?

— Ah, sério? Se for embora agora, prometo que não conto a ninguém o que acabou de falar. Pronto, aqui está seu *parfait* de amendoim.

Ele se afasta olhando para trás. Acho que hoje estou provocando o melhor e o pior nas pessoas. Mas é uma troca válida, considerando que o restante dos clientes não faz mais nenhuma piadinha de nerd sedutor.

Às quatro da tarde, entro no carro torcendo para a tranquilidade do dia se manter à noite. É difícil não correr no caminho para casa.

Quando chego, mamãe avisa que vai levar Sammy para fazer compras, o que sempre inclui pedaços de pizza gordurosa que ela espera que, ajudem no ganho de peso. Faço um sanduíche para o jantar e dou uma olhada no celular. Chloe postou outro vídeo. Uau, já são três. Mas ela não limita as postagens às notícias sobre si mesma. Aparentemente, um cara chamado Sebastian, que ela conheceu na Nova Genetics, fez um teste bem-sucedido para ingressar em uma companhia de dança local e passou para a próxima etapa do processo seletivo. Assisto ao vídeo que Chloe postou.

A imagem é granulada, mas os saltos e as piruetas são impressionantes. Tem até um elogio deixado por Shane, o desagradável, na área dos comentários. Ele não demorou muito para se conectar ao universo de Chloe.

Fico curiosa para saber se o tipo *bad boy* é só uma encenação de Shane para o grupo de adolescentes, com um esforço extra para mim, e dou uma olhada em sua página. Tem várias fotos dele em cima de um texto: “Adivinhem, gatas?!! Estou disponível e aceitando candidatas para o posto de próxima namorada. Satisfação garantida. Mandem fotos e número do celular”.

Que porcaria é essa?

Mais surpreendente ainda é o número de fotos postadas na página como parte do processo de “seleção”, que começou no dia anterior. Ele já recebeu uma dúzia de respostas de meninas que não parecem loucas ou desesperadas, mas compartilham fotos de vestido de festa e biquíni e tudo entre uma coisa e outra. É como aquele programa de televisão em que várias mulheres competem por um homem, e a ganhadora conquista o direito de entrar em um relacionamento fracassado.

Balanço a cabeça espantada e vou me arrumar para sair com um cara melhor que Shane ou qualquer outro garanhão da TV.

Jack é das antigas o bastante para me buscar em casa às seis e meia em seu Ford prata. Respiro fundo. O Carisma

pode me permitir sair para um encontro, mas isso não significa que vai ser fácil. Com os joelhos tremendo, abro a porta de casa.

Seguro no batente para me apoiar quando ficamos cara a cara. Respiro fundo de novo.

— Ah, entre. — Dou um passo para o lado. Tudo bem até aqui. Não derrubei nada nele nem desmaiei.

Ele entra e olha em volta.

— Sua mãe não quer me conhecer?

Caramba, ele é realmente das antigas. Que gracinha. Pego a bolsa na mesinha da entrada e respondo:

— Ela levou meu irmão para fazer compras. Mas deixei um bilhete com sua descrição, número do RG e ficha de antecedentes criminais. — Esta sou eu? Falando frases completas e fazendo piadinhas?

Ele arregala os olhos por um segundo, depois sorri.

— Bom, espero que o incidente no laboratório de metanfetamina não seja motivo para ela me proibir de sair com você de novo.

Sorrio e sinto o rosto formigar com a ideia do “de novo”.

No caminho para a minha sorveteria favorita, mantenho meu lado da conversa sem hiperventilar. Jack fala mais

devagar e com um tom mais suave que o habitual, como se conversasse com um gatinho, como eu falei com Molly mais cedo. Talvez ele me ofereça carona na tartaruga gigante. Que ideia deliciosa.

Compramos sorvete de casquinha e vamos nos sentar no banco de ferro diante de uma fonte, onde crianças fogem dos jatos de água que brotam da boca de fadas de bronze. Jack lambe o sorvete devagar, saboreando. Olho para ele e entendo por que tomar sorvete em público é proibido em alguns países.

Ele diz:

— É legal você não fingir que está de dieta, como outras garotas fazem.

— Hum. Está insinuando alguma coisa?

Ele reage horrorizado.

— Não, é claro que não! Você é, ah, perfeita. E não sou de insinuar nada, posso simplesmente falar o que eu penso.

Isso é verdade. A franqueza dele é algo que sempre me encantou, mesmo quando é uma crítica a algum texto que escrevi para o *The Drizzle*.

Ficamos sentados no banco, conversando e tomando sorvete. Quando terminamos, aproveitamos o céu claro para

dar um passeio pela área aberta do shopping. Embaixo de um toldo listrado e colorido, aponto para um manequim vestido com uma jaqueta fechada por alfinetes de segurança.

— Isso não faz sentido, por mais que a Evie me faça ver fotos da *Vogue*.

— Uma garota que gosta de sorvete e odeia moda pretensiosamente alternativa. Por onde você andou esse tempo todo?

Sinto o ar preso em meu peito. Estava bem aqui, quero dizer, imaginando a gente deste jeito. E certa de que isso nunca seria possível.

Em um parque no fim da calçada, uma banda se prepara para um concerto gratuito. Eles começam a tocar uma canção animada. Balançamos no ritmo da música e aplaudimos algumas crianças pequenas que dançam animadas.

Com um suspiro feliz, deixo a música flutuar em meu corpo de DNA alterado. Aaahh. Respiração e batimentos cardíacos fluem em perfeita harmonia com a melodia. E então, por um breve momento, tenho a mais estranha sensação, como se de alguma forma me misturasse com o público à minha volta. É uma sensação quente, poderosa, de

total conexão com o mundo. Meus olhos se abrem. O que está acontecendo? Pensei que Carisma tivesse mais a ver com confiança, não com essa coisa fofinha, quente.

Respiro fundo e recuo mentalmente para a minha desconfiança normal, com a psique pairando fora do grupo. Mesmo assim, as pessoas que nos cercam não parecem tão distantes e “alheias” como de hábito. Talvez a presença de Jack, não a terapia genética, esteja exercendo esse efeito sobre mim.

À beira da plateia, o cinegrafista de uma emissora local, que deve ter perdido uma aposta, registra cenas do evento. A câmera aponta para mim e parece parar. Meu primeiro impulso é me esconder atrás de uma mulher com cabelos compridos, mas, por alguma razão, supero o acanhamento e olho diretamente para a lente. Depois de alguns momentos, a câmera parece assentir antes de retomar o passeio pela plateia.

Jack se inclina para mim.

- O cara com a câmera gostou de você.
- Isso é maluquice.
- Não, é completamente lógico.

Sinto o rosto esquentar. A dra. Sternfield poderia ganhar uma fortuna se consertasse o gene do rubor. Bom, uma terapia de cada vez.

Quando o sol se põe, voltamos ao carro de Jack com notas musicais ao fundo e um calorzinho pairando no ar. Ele olha para mim e segura minha mão. Cada terminação nervosa da pele que entra em contato com a dele vibra loucamente. De mãos dadas, com os cotovelos se tocando, caminhamos juntos. Eu e Jack. Ai, meu Deus. Que coisa mais fofa.

A viagem de volta para casa é rápida demais, e antes que eu perceba estamos na varanda de mãos dadas. Odeio me despedir, mas curto esse momento. Com os joelhos tremendo, balanço um pouco diante dele com uma palpitação no peito.

Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Foi incrível.

— Ótimo.

— É como o artigo que você escreveu para o *The Drizzle* no primeiro ano. Sobre uma tarde perfeita que teve com seus pais e seu irmão na praia. Como tudo se alinhou com perfeição e você acompanhou os acontecimentos, como foi melhor que um sonho.

— Você se lembra disso?

— É claro. O artigo me fez lembrar de acampar na floresta tropical com minha família, antes da separação dos meus pais.

Concordo movendo a cabeça. Sei como é sentir que a maior parte das suas melhores lembranças ficou “antes” de alguma linha terrível que marcou o começo do “depois” na sua vida. Mas hoje sou parte de um radiante “agora”, uma dessas contas preciosas que vou acrescentar ao meu colar de momentos excepcionais.

Jack olha para mim e balança a cabeça como se tivesse dificuldade para acreditar em alguma coisa.

— Sempre achei você ótima, mas só hoje percebi quanto é incrível. Parece que você brilha ou alguma coisa assim.

— Tudo bem, sei que não tenho um bronzado, mas...

— Você entendeu.

Entendi? Dentro de mim, tudo indica que sim. Eu me sinto quente, viva e muito feliz.

Ele dá um passo em minha direção. Imito o movimento quando ele chega mais perto. E ainda mais. Fecho os olhos e passo a língua pelos lábios. Finalmente, finalmente...

A luz da varanda acende, e nós dois pulamos assustados. A porta se abre com um rangido e mamãe espia pela fresta.

Ela arregala os olhos ao ver Jack.

— Ah, oi, ouvi um ruído aqui fora...

Espero ela ter o bom senso de entrar antes de o clima passar de constrangedor a irrecuperável. Mas ela não lê minhas mensagens mentais que gritam: “Vá embora!”. Fica ali parada, esperando em silêncio até Jack estender a mão e se apresentar.

Ela parece impressionada com o gesto, mas não volta para dentro de casa depois do aperto de mão. Está fazendo isso de propósito? O fato de não ter tentado namorar desde que o papai morreu não dá a ela o direito de estragar tudo entre mim e Jack.

Ficamos os três ali, num silêncio desconfortável por um longo momento. Depois Jack pega a chave do carro e anuncia que vai embora. Meu corpo se esvazia como uma bola de futebol chutada com força demais.

— Quer ir à festa da Erin amanhã à noite? — Jack pergunta por cima do ombro a caminho da calçada.

— É claro — respondo, notando a ruga na testa da minha mãe.

Pelo menos vou ter outra chance com ele. Entro em casa e contendo o impulso de jogar em minha mãe uma das minhas sandálias douradas cuidadosamente escolhidas. Isso é estranho. Violência nunca fez parte da minha lista de características. Talvez seja parte da mudança.

Quem ia imaginar que os genes poderiam ser tão imprevisíveis?

OITO

Na manhã seguinte, ligo para Evie e conto sobre minha noite perfeita até quase o último minuto.

Ela suspira.

— Na próxima vez vai ter que ser mais rápida. Esperar até o fim do encontro aumenta muito a pressão. Sério, dá um jeito de ficar sozinha com ele na primeira hora. Entende? Depois disso, tudo vai ser muito mais legal.

É engraçado ouvir Evie dando esse tipo de conselho, considerando que ela está só dois encontros na minha frente. Alunas esforçadas, passamos muito tempo discutindo hipóteses e assistindo à MTV. Mas ter finalmente a chance de planejar experiências *in situ*, ah, não tem comparação.

Ela ri.

— Aislyn tem um namorado, Aislyn tem um na...

Desligo e desço a escada dançando, e encontro Sammy engolindo os comprimidos de enzima que ele precisa tomar

com cada refeição. Minha mãe levanta os olhos da xícara de café e diz:

— Notícia triste no boletim das famílias da Nova Genetics. Steffie, aquela cuidadora tão amorosa, morreu. — Ela balança a cabeça. — Dizem que tinha um histórico de problemas de saúde, inclusive asma.

Sento em uma das cadeiras. Perdi quase todo o apetite.

— Caramba. Pensei que ela estivesse só resfriada. Ela sempre foi muito legal com o grupo adolescente.

Aposto que a terapia genética poderia ter curado a asma e todos os outros problemas de Steffie. É terrivelmente injusto trabalhar para uma empresa que desenvolve pesquisas médicas e não ter a ajuda necessária. Felizmente, minha participação em um experimento de terapia genética, mesmo que ainda não aprovado, vai ajudar no avanço dessa ciência.

Depois de um café da manhã triste, vou trabalhar. A melancolia causada pela morte de Steffie diminui quando chego para a aula de natação. Molly pula na piscina e me abraça. Patrick e eu nos olhamos intrigados.

Passo o dia com a mesma facilidade de ontem. Não, é mais que facilidade, é liberação, como se eu me visse livre

depois de anos acorrentada. Minha nova ousadia me deixa curiosa para testar como esse Carisma funciona. Ando no meio das pessoas e dou um sorriso aqui, uma piscada ali. O primeiro garoto parece satisfeito, o segundo, intrigado. Interessante. Passo o resto da tarde brincando com minha nova personalidade como se fosse um jogo. As menores expressões têm a força de uma pitada de canela no chocolate quente. Vou ter que aprender a lidar com elas com cuidado.

Não quero me afastar da energia pulsante das pessoas no fim do meu horário, por isso, encontro uma cadeira no deque e relaxo ouvindo os ruídos felizes daquela gente na piscina. Pego o celular e uso a câmera como espelho. A garota loira de olhos cinzentos não parece nada diferente. Mas ela tem um encontro e vai a uma festa, então, como posso saber?

Olho como está a vida na esfera virtual. Na página de Chloe, várias mensagens desejam uma rápida recuperação. Que azar ficar doente neste momento, quando ela está no auge com os vídeos. Começo a escrever um comentário, mas antes que termine, Chloe posta uma atualização anunciando um alarme falso e dizendo que está ótima. Suspiro. A notícia me deixa mais aliviada do que deveria.

Chloe então posta um vídeo do Veggiefest com um formulário para os leitores denunciarem OGMs, ou organismos geneticamente modificados. Hum. Ela sempre defendeu várias causas, mas eu nunca tinha visto nenhum resultado até agora. O único jeito de descrever a mudança é dizer que agora ela está mais carismática. Uma suspeita invade meus pensamentos. A curiosidade é forte demais para ser ignorada, e eu mando uma mensagem: ADOREI O QUE ESTÁ FAZENDO. MINHA VIDA TAMBÉM MUDOU PARA MELHOR. VAMOS CONVERSAR!

Isso não é exatamente divulgar segredos, é?

Leio os comentários embaixo do vídeo da Chloe. Shane escreveu: “Seguindo seus passos!”.

Quê? Clico na página dele. Mais fotos de Shane e mais fotos de meninas se “candidatando” a integrar seu harém. No alto, um post misterioso: “Fiquem ligados!”.

Coço o rosto. É muita coincidência que Chloe e Shane tenham intensificado a presença on-line nesta semana. Mas não faz sentido que a dra. Sternfield tenha dado Carisma a pessoas que não precisam ser mais extrovertidas.

Incomodada com as suspeitas, vou clicando e visitando outras páginas de adolescentes conhecidos. Tudo muito

normal. A única possível exceção é Rosa. Seus posts em inglês anunciam coisas como “o MELHOR dia”, e os posts em espanhol são cheios de pontos de exclamação.

Sinto uma pontada de dor atrás dos olhos. Se outras pessoas receberam a terapia genética, estão enfrentando efeitos colaterais? Mesmo que não pergunte diretamente a elas, tem alguém com quem posso falar. Devia ter feito isso antes. Seleciono o número da dra. Sternfield.

Ela atende no segundo toque.

— Ah, oi, Aislyn. Como vai a vida?

— Muito bem, na verdade.

Ela ri.

— Como era esperado.

— Só tem uma coisa. Tenho tido dores de cabeça estranhas, e às vezes fico um pouco tonta.

Ela faz uma pequena pausa antes de dizer:

— Completamente normal. Seu cérebro está produzindo novas proteínas e criando novas vias neurais. Assim que as coisas se acomodarem, as dores de cabeça vão desaparecer.

— As outras pessoas para quem deu Carisma também têm esses efeitos colaterais? Ouvi dizer que Chloe ficou doente ontem.

Desta vez a pausa foi mais longa.

— Se tivesse deixado outras pessoas experimentarem a terapia genética, não seria prudente falar nada. Não quero influenciar o modo como você percebe as mudanças em sua vida com evidências relatadas por terceiros. Sabe como funciona a pesquisa. — A voz dela fica mais baixa. — Aislyn, você não contou nada a ninguém, contou?

— É claro que não — respondo, pensando em quanto queria poder contar a Evie.

— Que bom. Como confio na sua discrição, vou contar uma novidade: Sammy está no programa de pesquisa do AV719. Eu não ficaria surpresa se ele fosse, ah, aleatoriamente selecionado.

— Ei, isso é fantástico! Muito obrigada.

— Não esqueça, guarde segredo até o anúncio oficial, está bem? Não queremos prejudicar nada.

Aceno para dois salva-vidas que passam por mim.

— É claro.

— Agora me conta como está a vida nova.

Conto alguns detalhes, inclusive sobre a festa com Jack hoje à noite. Enquanto falo, minhas bochechas ficam vermelhas.

— É como se eu fosse a pessoa que sempre sonhei ser, sabe?

— Não imagina como isso me deixa eufórica, Aislyn.

E as dores de cabeça são tão passageiras que nem chegam a ser um problema.

Eu me sinto mais calma após desligarmos. Tenho sorte por participar de um estudo secreto, é como ganhar na loteria. Eu, a garota que teve o azar de não crescer com um pai e de ter uma debilitante desordem de personalidade.

Satisfeita, pego minhas coisas e saio, e dou oi para meia dúzia de pessoas que encontro a caminho do carro.

Naquela noite, Jack chega na hora marcada outra vez. Quando saio, comento:

— Ainda bem que passou na verificação policial.

Ele pisca.

— Neste estado, pelo menos. Mas se quiser que eu cometa alguns crimes, é só falar.

— Hum. Vou pensar em alguma coisa.

O sol está se pondo.

Jack balança a cabeça.

— Quase não dá para acreditar que estou com a mesma garota.

Isso me faz parar. Ele está com a mesma garota, não está? Quero dizer, ainda sou eu, só que mais disposta a deixar outras pessoas me verem. Passo os dedos na têmpora, embora não sinta dor. Minha pele arrepia como se o corpo tentasse entender alguma coisa. Acomodar uma nova personalidade deve ser como um caracol tentando se instalar em uma nova concha, contorcendo-se e se ajustando até tudo se encaixar.

Felizmente, minha confusão se dissipa depois de percorrermos três ruas. Quando Jack estaciona o carro, descubro que minhas pernas não tremem tanto quanto da última vez, e a música na casa de Erin é mais um abraço do que um ataque.

Evie e Rafe já se acomodaram em um canto. Eles levantam copos vermelhos quando Jack e eu entramos. Rafe aproxima a boca do pescoço de Evie, e ela olha para mim com um sorriso astuto. Então eles tiveram tempo suficiente *sozinhos* para ficar à vontade com as demonstrações de afeto. Bom, espero estar na mesma situação com Jack em breve.

Entramos em uma conversa sobre o pai de alguém ter aplicado botox e a irmã de uma garota ter colocado silicone nos seios no aniversário de dezoito anos.

Zoe, uma artista que é mais amiga de Evie que minha, balança a cabeça.

— Eu nunca ia querer ser tão falsificada.

O garoto ao lado dela olha para seu peito cheio de saúde.

— Para você é fácil falar.

Ela bate em seu braço.

— Temos que aceitar quem somos. Qualquer coisa além disso é falsificação.

Os outros concordam balançando a cabeça.

Endireito os ombros.

— As pessoas devem fazer as próprias escolhas. Desde que não pirem com essa coisa de cirurgia toda hora, a escolha é de cada um. Como colorir o cabelo ou fazer dieta. Quem somos nós para julgar?

Todo mundo olha para mim em silêncio. O olhar de Evie é intenso.

Zoe puxa a orelha com vários furos.

— Todas essas propagandas retocadas fazem as pessoas se sentirem horríveis por não se enquadrarem. Eu me recuso a entrar nessa.

Respondo:

— Não temos que corresponder aos padrões impossíveis de Hollywood. Mas a maioria das pessoas se modifica todos os dias para ser mais atraente. Se quisesse se manter completamente natural, você não usaria desodorante nem arrumaria o cabelo.

A expressão chocada de Jack é quase cômica, mas ele consegue gaguejar:

— Sim, não quero ninguém me falando o que posso e não posso fazer. Posso recusar todas as bobagens.

Evie não para de olhar para mim.

Jack aponta para a cozinha.

— Quer beber alguma coisa?

Lembro-me rapidamente da festa de Drew.

— Talvez um refrigerante?

Jack sorri e vai buscar a bebida. O pessoal no grupo passa de cirurgia plástica para uma boate nova no centro da cidade, um lugar que atende a todas as idades.

O cara ao lado de Zoe diz:

— Fiquei sabendo que na semana passada aconteceu um negócio bem ruim por lá. Tory Simmons teve que fazer lavagem estomacal.

Zoe suspira de um jeito dramático.

— Droga, se as pessoas não estão se reformando fisicamente, estão fazendo isso mentalmente.

Aponto o copo dela.

— Com cerveja, por exemplo?

Todo mundo ri, até Zoe, que é inteligente o bastante para não discutir. Convencer outras pessoas a verem as coisas do meu jeito é tão poderoso que me enche de energia, me deixa leve.

Evie me puxa pelo braço.

— Tem um segundo?

— É claro.

Ela me leva para uma garagem vazia que tem cheiro de removedor. A porta nem acabou de se fechar quando ela vira de repente.

— O que é isso?

— Isso o quê?

Evie conta nos dedos.

— Você mandou uma mensagem para o Jack. Saiu com ele. Veio a uma festa sem eu ter que insistir e sem vomitar. E agora é o centro das atenções. E está gostando, na verdade. Depois do último fim de semana, não consigo acreditar nisso. Não é possível.

Tento não rir.

— Você sempre disse que a terapia de exposição é tudo, a solução perfeita! Talvez ela esteja fazendo efeito, finalmente.

— A terapia de exposição fez você desmoronar na festa do Drew.

— Que outra explicação pode haver? — Admito que estou me divertindo com isso.

Ela cruza os braços e anda de um lado para o outro.

— Não sei. Talvez eu esteja surtando agora porque você não é a Aislyn com quem estou acostumada. — Sua mandíbula está tensa.

Parece cruel não contar a novidade para minha melhor amiga. Além do mais, ela já sabe que tem alguma coisa acontecendo, e vou implodir se tentar esconder isso dela por mais tempo.

Respiro fundo e me inclino para Evie.

— Se eu te contar uma coisa, promete que não vai contar pra ninguém?

— Você está bem? Vai me contar uma coisa horrível?

Sorriso.

— De jeito nenhum. Promete que não vai contar nada?

— É claro. Agora conta. Endireito os ombros e engulo.

— Tudo bem. Tem uma médica na Nova Genetics que está trabalhando em uma terapia genética para tornar as pessoas mais sociáveis. E no domingo tive uma oportunidade única de experimentar. — Meu Deus, dividir meu segredo é a maior adrenalina.

Evie inclina a cabeça.

— Como? Tipo Prozac? Ou mais pra cocaína?

Dou risada, e o alívio de contar tudo me causa uma leve tontura enquanto revelo os detalhes.

Ela fica pálida e balança a cabeça.

— Ai, Aiz. Isso parece muito extremo. E se não funcionar?

— Você já viu que funciona. Muito bem. No encontro dos irmãos adolescentes, até chamei um cara de babaca.

Ela comprime os lábios e olha para mim com um brilho intenso nos olhos pretos.

— Não sei se fico orgulhosa ou te esbofeteio.

Finjo que me encolho.

— Talvez a gente deva voltar à festa e aproveitar essa nova eu antes de você decidir.

Evie suspira de um jeito dramático e saímos da garagem. Dessa vez ela me segue.

Jack levanta as sobrancelhas quando voltamos ao grupo.
Eu sussurro:

— Conversa de mulher.

Bebo um pouco do refrigerante que ele trouxe e devolvo o copo. Ele coloca os lábios exatamente onde estiveram os meus e bebe um longo gole. O queixo bronzeado cintila com um esboço de barba loira, como o cabelo. Quero muito deslizar o dedo lentamente por sua pele.

De repente a sala balança e minha cabeça roda. Opa. Eu me apoio no braço de Jack.

— Tudo bem? — Ele limpa gotas de refrigerante do rosto e lambe o dedo.

Rafe dá risada.

— Cara, alguém não sabe beber.

Recupero o equilíbrio.

— Não é nada.

Jack me leva para o sofá.

— Venha, vamos sentar.

Embora me sinta bem, eu me deixo levar. Nós nos acomodamos nas almofadas bem perto um do outro. Ele cheira a cedro e chuva de primavera. Talvez eu devesse ter ficado tonta antes.

Ele deixa o copo em cima de uma mesinha.

— Se tiver que ir pra casa, me avisa.

Mordo o lábio.

— Eu poderia passar a noite inteira aqui.

Jack cochicha no meu ouvido:

— Concordo.

— Ei, parem com isso, vocês dois — provoca Johnny Sonoma, que pratica todos os esportes universitários. Ele se senta ao nosso lado e puxa Abby O’Keefe para cima do colo.

Antes que a gente perceba, meia dúzia de jovens se espalha pelo chão à nossa volta ou sobre os braços do sofá. Jack e eu logo nos juntamos às risadas e à conversa confusa de gente que eu nem conheço. Como nunca percebi como essas pessoas são simpáticas? É revigorante estar no centro das atenções. Outros se juntam a nós, ou para observar do lado de fora, ou tentando participar do grupo. Mas estamos no centro da agitação. Vejo Evie me observando do outro lado da sala. Ela balança a cabeça admirada.

Ela e eu temos muito para conversar. Preciso da minha melhor amiga me ajudando a entender tudo isso.

Por ora, me divirto aprendendo sobre os colegas de sala e ficando bem perto de Jack. A pele dele é deliciosamente

morna. Em algum momento, as luzes da sala diminuem e a música fica mais alta. Johnny e Abby se levantam para dançar. Alguns outros se juntam a eles. Jack olha para mim com um ar interrogativo.

— É claro — eu falo, e me levanto junto com ele, a cabeça tão firme e clara quanto um diamante.

Logo todo mundo está dançando. Tenho aquela sensação que tive na outra noite, como se estivesse conectada a uma massa de gente que pulsa e flui. Em vez de me desligar dela, dessa vez me deixo mergulhar na sensação. Mentalmente, estou surfando no mar de gente, em perfeita harmonia com meu corpo, que Jack segura tão próximo do dele que sinto cada botão de sua camisa.

Envoltos em uma névoa de música e risos, Jack e eu nos olhamos. Meu rosto e o dele se aproximam lentamente, até nossos lábios se tocarem. Nós nos afastamos sorrindo, depois nos aproximamos de novo para um beijo de verdade, quente e pulsante. Ah, cara, se ficar de mãos dadas é uma chama, beijar é um inferno. Meu corpo parece saber o que fazer melhor do que meu cérebro, para variar. E eu o deixo assumir o comando. Ficamos colados por longos e perfeitos minutos.

Alguém grita:

— Vão lá para fora!

Abro os olhos e vejo que Jack e eu não somos os únicos envolvidos pelo momento. Jogamos a cabeça para trás, levantamos os braços e dançamos, sem nos importar com nada que não seja a música. Muitas canções mais tarde, percebo que o vestido está colado em minhas costas e que é difícil respirar.

Jack me segura pelo braço e me leva para o corredor. Ele dá uma olhada no celular.

— Droga, você devia ter chegado em casa há vinte e cinco minutos.

Apoio o rosto em seu peito.

— Não se preocupe. Minha mãe deve estar dormindo.

Zoe e outra garota se aproximam de nós com os celulares erguidos.

— Têm alguma coisa pra dizer ao mundo? Talvez um anúncio público sobre cirurgia plástica?

Pigarreio. O que dizer “ao mundo”? A primeira coisa que sai é:

— Divirtam-se. Mas se forem exagerar na diversão, não esqueçam de se cadastrar antes como doadores de órgãos.

Todo mundo ri. Eu também finjo dar risada, embora saiba que a razão para o comentário esquisito é a assustadora probabilidade de Sammy precisar de um transplante de pulmão algum dia.

Alguns minutos mais tarde, quando me despeço de Evie, ela cutuca meu braço.

— Ei, eu também quero me inscrever para o você sabe o quê.

Olho para Rafe, que não saiu do lado dela a noite toda.

— Você está se saindo bem.

Jack acelera fundo na volta, apenas para ficar estacionado em frente de casa. Sempre que a pele dele toca a minha, eu arrepio. Não vou levá-lo à varanda, onde minha mãe pode nos interromper. Quinze minutos depois das onze da noite, eu o beijo pela última vez e corro para a porta com um sorriso que faz meu rosto doer.

Abro a porta sem fazer barulho e suspiro ao ver a sala vazia. Mas quando subo a escada na ponta dos pés, a tosse de Sammy parece sacudir as paredes. Dou uma olhada no quarto dele e vejo minha mãe oferecendo lenços e um balde de plástico.

Os dois olham para mim com uma expressão magoada.

— Eu me atrasei, desculpe.

Mamãe bate nas costas de Sammy.

— Não podia telefonar?

Sammy tem mais um ataque de tosse e põe o rosto dentro do balde.

— Perdi completamente a noção do tempo. Sério, me desculpe.

Sammy limpa a boca.

— Dá um tempo, mãe. Ela nunca teve um namorado antes.

A expressão austera de minha mãe diz mais sobre quebrar ossos do que sobre dar um tempo, mas tudo que ela fala é:

— É melhor ir dormir um pouco ou vai ficar sonolenta amanhã no trabalho.

Assinto e fecho a porta.

Mas estou agitada demais para ir para a cama. Saboreio a lembrança eletrizante do meu primeiro beijo verdadeiro, e do segundo, décimo e vigésimo. Não vou conseguir dormir depois disso.

Ligo o computador e, antes que perceba, posto alguns comentários aleatórios sobre a festa. Duas pessoas respondem. Logo acontece uma enxurrada de comentários e

solicitações de amizade. Alguém posta vídeos da gente dançando. No meio da atividade, percebo que Chloe respondeu à mensagem privada que enviei mais cedo: FELIZ COM A AGITAÇÃO NA SUA VIDA. TALVEZ TODO AQUELE CONHECIMENTO TEÓRICO SOBRE GAROTOS SE TORNE PRÁTICO. HAHA! VIU A PÁGINA DO SHANE HOJE?

Deixo escapar um gemido, mas vou ver a página. Parece que Shane levou o processo de seleção de namorada ao “próximo nível”. Meio que esperando que ele esteja se referindo a orgias, descubro que a etapa seguinte é um plano para os alunos do curso de cinema o seguirem e produzirem o *Shane Show* para o canal a cabo da cidade.

Maluco. Que garota ia querer participar disso? Suspiro. Nem todo Carisma do mundo me convenceria a entrar nessa.

A menos que...

Sorrindo, tenho uma ideia doida e preencho o formulário de inscrição. Sem nenhuma foto de biquíni à mão, posto o link de um vídeo em que apareço dançando na festa. Alguém tem que pôr esse garoto no lugar dele.

Termino de me inscrever, depois a culpa me induz a usar minha personalidade melhorada para fazer alguma coisa além de cutucar o ego de Shane. Não tenho nenhuma ideia

de que grande bem pode ser esse, mas vou para a cama e pego no sono esperando poder fazer alguma diferença no mundo. O meu já mudou para melhor. Milagrosamente. Disso, não tenho dúvida.

Após seis horas de sono, acordo na manhã seguinte cheia de energia. Durante dezesseis anos e nove meses, minhas manhãs sempre foram sufocadas pelo medo de enfrentar o dia. É tempo de compensar tudo isso.

Pego o celular, mas o mundo parece girar quando encontro dúzias de mensagens sobre Chloe ter desmaiado em uma boate na noite passada. Ela diz que foi só porque tem estado muito ocupada. Mas não deve estar ocupada o bastante ou não teria convidado todo mundo para uma grande festa de solstício hoje à noite na praia. Ela garante que a festa será épica.

Toco minha testa. Normal. Mesmo assim, mando uma mensagem para a dra. Sternfield contando sobre Chloe, só por precaução.

Meu celular vibra. Espero que seja a médica me tranquilizando, mas é Evie. SEU VÍDEO FOI ESCOLHIDO PELO SITE TEENS TALK.

Que vídeo? Vou olhar o Teens Talk. Aquela bobagem gravada na festa da Erin já tem duas mil visualizações e muitos comentários de pessoas que também visitaram o site de doação de órgãos. Sério? Giro a cadeira. Então é essa a sensação de se tornar viral. De um jeito bom.

Na minha página, leio dúzias de congratulações e mais solicitações de amizade. A maioria das mensagens é positiva, mas de vez em quando aparece alguma coisa anônima do tipo COMO É PASSAR DE DESASTRE A DIVA? e EM QUANTO TEMPO VAI FAZER A VIAGEM DE VOLTA?

Ligo para Evie. Minha visão fica turva por um segundo e a sala gira. Fecho os olhos. Caramba, queria que minhas sinapses, ou seja o que for que está pirando na minha cabeça, se comportassem direito.

Quando Evie atende, eu falo:

— Já comecei a receber mensagens de ódio.

— Cretinos.

— Mas ainda quero fazer mais vídeos. Muita gente se inscreveu para ser doador de órgãos. Isso é importante.

— É verdade. Mas pode planejar melhor o próximo vídeo, não? Eu teria te ajudado a escolher uma roupa mais adequada e a arrumar o cabelo.

Ela está magoada?

— É claro que teria. Mas ficou legal, não ficou? E agora você não precisa me arrastar para festas. Posso ser a amiga que você sempre quis que eu fosse.

Ela suspira.

— Você já era a amiga que eu queria que fosse.

Se eu era, por que ela criou as cotas de festas? Mas o instinto sugere que eu tenha essa conversa pessoalmente. Engraçado, há três dias eu teria preferido ter conversas difíceis por mensagem de texto. Agora quero falar cara a cara para evitar mal-entendidos.

Evie rompe o silêncio.

— E aí, qual é a próxima etapa do seu plano para dominar o mundo?

— Seja qual for, você vai ser a primeira a saber.

— Aí sim.

Talvez esteja tudo bem entre nós, afinal.

Desço a escada certa de que o dia vai ser legal. Sammy me mostra uma caixa de cereal. Mamãe serve suco de laranja nos copos. Eu me aproximo deles determinada, querendo que todo mundo sinta meu otimismo, apesar de estar meio tonta.

Mas quando abro a boca para falar, o mundo escurece de repente.

SURTO INEXPLICADO ENTRE DEPENDENTES DE HEROÍNA

por Stephan Mott, *Portland Planet*

Profissionais da área da saúde de Portland relatam uma bizarra e alarmante tendência entre os usuários de heroína na cidade. Nas últimas três semanas, mais de uma dúzia deles entrou em coma depois de um episódio de comportamento maníaco, que contrasta diretamente com os efeitos tipicamente sedativos do uso do opiáceo. Representantes da lei acreditam que pode haver um novo alucinógeno nas ruas, e têm interrogado usuários de drogas injetáveis para tentar identificar sua origem. Quem acredita que pode ter sido exposto a essa substância deve procurar seu médico ou a Hazelwood Free Clinic imediatamente.

NOVE

Quando abro os olhos, estou no chão da cozinha.

— O que aconteceu?

Mamãe está ajoelhada ao meu lado, com o telefone na orelha.

— Ela acabou de acordar.

Tento levantar. Tudo gira.

Minha mãe diz:

— Relaxe. Mantenha a cabeça abaixada.

Ótima ideia, considerando que estou vendo pontos brilhantes.

— Quanto tempo fiquei desmaiada?

— Só um minuto. — Ela toca minha testa e fala ao telefone. — Talvez uma febre baixa. — E olha para mim. — Quando foi a última vez que comeu?

— Jantar.

Minha mãe ouve a pessoa do outro lado com o rosto tenso. Ela cobre o fone com a mão.

— Aislyn, você ingeriu ou inalou alguma coisa incomum na festa?

Ingerir? Inalar?

— Se está falando de heroína ou crack, não. — Devo mencionar a terapia genética? Ainda não, ainda não. Antes preciso falar com a dra. Sternfield.

Depois de fazer mais algumas perguntas, minha mãe desliga.

— Vou te levar ao pronto-socorro.

Fico em pé sem nenhuma ajuda.

— Mas eu estou bem.

Segurando meu cotovelo como se fosse um leme, ela me leva até uma cadeira e me faz sentar.

— Desmaiar não é normal. Nem que sejam só alguns segundos. Você vai comer, depois vamos ao hospital.

Enquanto minha mãe me faz engolir um ovo e uma torrada, peço a Sammy para ir buscar meu celular no quarto. Ele parece satisfeito por estar ajudando um paciente, para variar. E volta com o telefone.

— Posso fazer mais alguma coisa?

— Lavar meu carro? — Tomo café sentindo o olhar de minha mãe nas costas, sem dúvida tentando adivinhar que droga ilícita eu experimentei. — Já estou bem melhor. Além do mais, ninguém aqui pode se dar ao luxo de perder um dia de trabalho.

— Eu remarco o horário com o cliente. Você pode avisar o pessoal na piscina quando estivermos a caminho do hospital. Agora vamos — ela conclui com aquele tom que não admite negociação.

Vou me arrastando até o carro. O tempo mudou, o céu está encoberto e o ar é meio frio. Típico de junho. A caminho do Hospital Pediátrico Florence Bishop, ligo para o trabalho avisando que estou doente e mando uma mensagem para a dra. Sternfield contando o que aconteceu.

Mamãe me analisa a cada semáforo fechado.

— Seus olhos estão vidrados.

Forço um sorriso.

— Está tudo bem, tive uma semana cheia, deve ser isso. — Queria contar a ela sobre a terapia genética. Chloe também desmaiou, o que me faz duvidar que seja uma coincidência. Mas ela disse que também estava sobrecarregada, como eu. Deve ser isso. Muita coisa boa. E se

eu contar, minha mãe pode exigir que a dra. Sternfield me dê um antídoto para essa coisa boa. Estremeço ao pensar em voltar a ser a garota que mal conseguia formular uma frase perto de Jack. A garota que era invisível para todo mundo, mesmo quando se humilhava nas festas e feiras de ciências. O Carisma é um milagre. Meu cérebro só precisa se acostumar com ele.

Minha mãe pigarreia.

— Tem certeza de que não quer me contar nada?

Desde quando ela é tão desconfiada?

— Hum, tipo o quê?

E desde quando eu sou tão dissimulada?

Ela franze a testa e, pelo para-brisa, olha para a garoa lá fora.

— Está muito instável ultimamente; deprimida na manhã de domingo, depois eufórica por causa do Jack no dia seguinte.

— Odeio ter que te contar, mas sou adolescente. Somos imprevisíveis.

Ela suspira.

— Você nunca foi.

Esse era o problema.

Percorremos a distância que falta em um silêncio que seria total não fosse meu celular vibrando. Vejo se é uma resposta da dra. Sternfield, mas é Jack me convidando para sair à noite. Fico tonta de novo. Não sei o que está acontecendo, mas é bom que não interfira no tempo que passo com Jack.

Sob o olhar desconfiado de minha mãe, respondo um sim. Também escrevo para a Chloe contando que desmaiei, como ela. Talvez isso a convença a conversar sobre o assunto. Depois de mandar mais uma mensagem para a dra. Sternfield, caso a primeira não tenha chegado, deixo o celular de lado.

No pronto-socorro, a enfermeira comprime os lábios.

— Como não há sintomas agudos, a espera pode ser longa.

Pronto, nem ela está preocupada.

Sentamos em cadeiras de plástico, mais apropriadas para facilitar a limpeza do vômito do que para garantir conforto. Somos assíduas aqui, graças a Sammy. Por isso sei que fico sem sinal de celular em boa parte do prédio. Tento ignorar a propaganda de lipoaspiração berrada pelos alto-falantes, enquanto Sammy senta em uma daquelas almofadas de

estádio que trouxe de casa e tira o caderno de desenho. Por que não pensei em pegar o equipamento básico, como faço em todas as visitas?

Uma propaganda e dois desenhos animados mais tarde, um enfermeiro cheio de piercings me convida a segui-lo. Minha mãe vai ficar na sala de espera com Sammy, a menos que a presença dela seja necessária.

Passamos por carrinhos de equipamentos e vamos até uma sala onde o enfermeiro me pesa e me mede, examina minha temperatura e a pressão arterial. Ele digita os dados em um tablet.

— Bom, você parece estar estável agora. Mas não dá para ignorar um desmaio.

— Minha mãe também acha que não.

Ele dá de ombros.

— Os pais são assim. Aproveite enquanto pode. — E me deixa em uma sala.

Visto o avental fino e sento na maca. As paredes são cobertas de pinturas de folhas e macacos para fazer as crianças esquecerem que estão em um hospital. Não funciona. Deviam contratar Sammy para fazer um mural.

Uma mulher magra, com cabelos curtos e grisalhos e olhos azuis penetrantes, entra na sala alguns minutos depois.

— Oi, Aislyn. Sou a dra. Sandra Culdicott. — O rosto enrugado parece não sorrir há muito tempo. Ela não é o tipo de médico animado que contratam por aqui.

A doutora me examina rapidamente e faz uma longa lista de perguntas. A única coisa que omito em minhas respostas é o Carisma. Que, claro, é a única explicação para o desmaio.

Ela lê a tela do tablet.

— Você não está desidratada, não precisa de soro. Mas vou pedir um repertório básico de dosagens metabólicas, que você vai fazer no laboratório. Também vou pedir um exame de urina e um eletrocardiograma. Se todos os resultados forem normais, mando você para casa com a indicação de continuar investigando o episódio com seu médico. Mas se desmaiar de novo, volte imediatamente.

Quanto tudo isso ia custar? Uma onda de culpa me invade. Mas se eu revelar a terapia genética, quantos exames adicionais a médica vai pedir? Minha mãe vai falir, e eu vou ficar presa aqui o dia todo, talvez mais.

Uma hora mais tarde, depois de a máquina do eletrocardiograma cuspir uma fita com os resultados e uma assistente do laboratório colher todas as amostras necessárias para provar que não vou morrer, sou dispensada. Voltamos à garoa lá fora.

Olho meu celular.

— Se a gente correr, ainda consigo cumprir as últimas duas horas do meu expediente.

Minha mãe para como se alguém a tivesse laçado.

— E se desmaiar na piscina? Não, você vai para casa. E vai descansar.

Sammy olha para mim com ar cúmplice e um movimento de ombros, como se lamentasse.

Em casa, depois de medir minha temperatura de novo, minha mãe deixa Sammy na casa de uma vizinha para eu não ter motivo para não dormir enquanto ela vai trabalhar. É claro, agora o sol brilha forte e quente, prometendo uma tarde espetacular.

Nem um pouco cansada, dou uma olhada no telefone. Chloe não respondeu à mensagem. Ou melhor, respondeu, mas só para me convidar para a festa que ela vai dar hoje à noite e que eu não posso perder. Vai ser divertido ir com

Jack, e ainda vou ter a chance de ver Chloe de perto e tentar perceber se ela também recebeu o Carisma.

Jack aceita o convite quando mando uma mensagem para ele. Ainda tenho tempo para cochilar um pouco e cumprir minha obrigação de filha. Afinal, minha mãe deu ordens para eu tirar o dia para descansar. Ela não falou nada sobre a noite.

Quando Jack chega duas horas mais tarde, nós nos cumprimentamos com um beijo que começa tímido, mas esquenta depois de um momento.

— Pronta? — ele pergunta.

— Para qualquer coisa.

Jack arregala os olhos de um jeito muito satisfatório.

Vamos de carro em direção a Ballard, mais ou menos uns cinquenta quilômetros a noroeste, e atravessamos o centro de Seattle, que eu sempre considero a “cidade grande”, embora Tacoma não seja nenhum vilarejo. No caminho, pegamos espigas de milho para a fogueira, e Jack compra uma embalagem de suco de maracujá para aumentar nossa contribuição. Para completar, ainda compramos um shake grande e borbulhante de inhame, uma preparação doce e

leitosa de cor lilás que é misturada a bolinhas mastigáveis de sagu para criar a sensação de “bolhas”.

Com o vento morno entrando no carro e Mumford and Sons brotando dos alto-falantes, seguimos viagem dividindo o shake e a animação. Temos que gritar por causa do barulho do vento e do motor, mas na maior parte do tempo só damos risada, até eu quase sufocar com uma bolinha de sagu.

Jack reduz a velocidade.

— Cuidado ou vai acabar no hospital.

— Ah, não, já estive lá hoje.

— Quê? Por quê? — Ele parece se preparar para voltar para casa.

— Nada sério, estou ótima. Foi por causa do, hã, meu irmão. Ele faz visitas constantes ao hospital por causa da FC. Mas ele também está bem. — Tenho a sensação de ter jogado um copo de ácido nessa piscina de alegria. Chega de mentir, prometo a mim mesma.

Em pouco tempo Jack me faz rir novamente, e seguimos rindo até Golden Gardens Park. A chuva de hoje de manhã deixou o céu limpo além da água, até as montanhas Olímpicas ao longe.

Andamos para a praia, onde vários tambores ecoam perto das ondas. Algumas mulheres de roupas coloridas estão sentadas de pernas cruzadas atrás de cobertores sobre os quais há bijuterias de cristal e grandes bambolês decorados com fitas coloridas.

— Feliz solstício! — A mulher tem cabelo comprido penteado em tranças e usa um vestido fluido. — Querem ler a sorte?

Jack parece interessado, mas eu recuso a oferta. Não preciso de uma falsa vidente anunciando que meu futuro mudou para melhor.

Chloe circula entre dúzias de adolescentes e jovens adultos. Reconheço um afro-americano de ombros enormes e covinhas, alguém que vi na página de Chloe na internet. Jesse, o namorado dela. Se a explicação para seu brilho recente não é o Carisma, só pode ser esse homem que agora enlaça a sua cintura com um braço.

Jack e eu deixamos nossa contribuição na mesa de comida e enchemos dois copos com suco de maracujá. Tem uma grelha sobre o fogo, e espetinhos de frango e abacaxi perfumam o ar com uma fumaça doce. Inspiro a noite, certa de que os desconhecidos que cantam felizes à nossa volta

são oportunidades a serem exploradas, não ameaças a serem evitadas.

Antes que a gente possa se aproximar de um grupo animado, alguém me agarra por trás e grita:

— Aislyn!

Demoro um instante para reconhecer Rosa, que faz parte do grupo de irmãos na Nova Genetics. Seu rosto em forma de coração está corado, e os olhos castanhos brilham muito.

Ela me cumprimenta abrindo os braços. Literalmente. Essa é a Rosa, mesmo? Desde quando ela abraça? Desde quando eu abraço de volta? Um nozinho se forma no meu estômago quando percebo as mudanças em sua personalidade.

Sua risada tilinta como sininhos.

— Chloe também te convenceu a vir. Excelente. Ótima noite para isso. Eu me sinto cheia de energia, viva. Acabei de fazer o teste para a equipe de líderes de torcida do meu colégio. Não é incrível?

Dou um passo para trás. Eu me enganei completamente quando deduzi que Rosa era acanhada por não dominar bem nosso idioma.

Um garoto de cabelo curto e escuro e sobrancelhas grossas para ao lado dela. Rosa segura seu braço e o apresenta. Jonathan. O orgulho em sua voz sugere que o relacionamento é recente. Minha voz deve ter a mesma nota quando apresento Jack.

Tento não olhar para Rosa de um jeito muito surpreso.

— É estranho te ver fora da Nova Genetics. Você está diferente. — Deve ser o Carisma, mas ela vai admitir?

Rosa balança a mão como se desprezasse meu comentário.

— O lugar onde fico diferente é lá, naquelas reuniões ridículas. Aquilo não é horrível?

Como perguntar o que quero saber sem os rapazes perceberem?

— Aquele dia não foi totalmente perdido, foi? A dra. Sternfield te levou para ver os chimpanzés?

Ela pisca para mim uma vez, depois sorri.

— Só a Ruby. Ela estava muito simpática.

É uma confissão.

— Cheia de carisma?

Rosa olha para Jonathan e responde nervosa:

— Acho que sim. — E aponta para um cara tocando violão. — Ele é ótimo, não é?

Então, o voto de sigilo ainda está mantido.

Desisto de tentar tirar informações de Rosa por enquanto e me deixo envolver pela música, pelo grupo, pela noite perfeita. O violonista é excelente, mesmo. Talvez também tenha sido melhorado com algum medicamento.

Jack e eu, sempre ligados por alguma parte do corpo, conhecemos os amigos e seguidores de Chloe: estudantes, músicos, artistas e gente cuja missão de vida parece ser encontrar as melhores festas. Estendo o braço para uma garota que o pinta com um desenho elaborado de espirais e ondas que me lembram o oceano. Perto de nós, o mar de verdade vai e vem na praia áspera. Chloe dança bem no limite onde água e areia se encontram. Puxo Jack para lá.

Ela me oferece uma bebida como forma de cumprimento.

— Que bom que veio, Aislyn. — E olha para Jack. — Aposto que sei quem é você.

Vermelha, confirmo seu palpite.

Ela faz um biquinho teatral.

— Shane vai ficar decepcionado.

Jack está confuso, mas continua sorrindo.

— Shane?

— Um garoto ridículo que foi ao nosso evento das famílias — explico.

Chloe ri e aponta.

— E também trouxe sua equipe de cinegrafistas hoje.

A vinte metros de nós, Shane ri com duas garotas vestidas de regatas que mostram grandes tatuagens em suas costas. Um cara com uma câmera sobre um ombro e uma garota com um microfone seguem cada movimento que elas fazem.

Chloe grita até chamar a atenção de Shane. Ele acena e se aproxima de nós.

Para mim, ele diz:

— Minha mais nova candidata!

Jack e Chloe repetem em uníssono:

— Candidata?

Ah, é, eu me candidatei. Hora de seguir com o plano. Olho para a câmera com uma expressão sedutora e falo para Shane:

— E aí, eu me encaixo nos requisitos?

Ele olha para Jack.

— Se o garotão aí não se importar, eu acho legal.

Jack parece confuso, mesmo depois de eu beijar seu rosto para tranquilizá-lo. Olho para a lente da câmera.

— Na verdade, nada disso é legal. Uma garota que acha que precisa competir para estar com um cara como esse, que tem lances com mais uma dúzia de meninas, deve parar e pensar melhor. — Olho para Chloe. — Você se envolveria com um cara que te trai?

Ela ri.

— Ah, não, nem que fosse gostoso como o Shane.

Shane toca o peito e finge que está horrorizado. As garotas tatuadas se penduram nele e olham para mim como se me desaprovassem. A mais baixa comenta:

— Não sabe o que está perdendo.

Os três começam a rebolar ao ritmo dos tambores. O cara da câmera balança o quadril com alegria. Bom, eu tentei.

Jack e eu vamos sentar perto da fogueira. Ele ri quando explico toda a história com Shane. Uau. Com o rosto bem perto do meu, Jack conclui:

— Mas chega dessas candidaturas, tudo bem?

Eu o beijo sem pressa.

— Estou totalmente, completamente comprometida.

Com faíscas das brasas flutuando no ar, curto a conversa, a comida e a música. Rosa e Jonathan se juntam a nós outra vez. Quem poderia imaginar que eu ia me relacionar com gente do grupo de adolescentes da Nova Genetics, com pelo menos duas de nós se comportando de um jeito bem mais extrovertido que de costume? E bem mais feliz.

Graças ao Carisma.

Embora Shane seja o principal alvo da câmera, percebo a lente apontada para mim, Chloe e Rosa com uma frequência muito maior do que é dirigida para as outras pessoas. Ou Shane orientou o cinegrafista, ou nós brilhamos mais, realmente.

Em dado momento, Chloe convence Rosa e eu a dançarmos com ela uma hula que diz ser afrodisíaca. Jack não reclama quando saio de perto dele para isso. Nós três rimos muito e fazemos pose para a câmera.

Os cheiros que pairam no ar agora incluem maconha e alguma coisa floral, como se estivéssemos em uma ilha tropical. Fecho os olhos e ouço os barulhos à nossa volta. Logo sinto os lábios quentes de Jack nos meus e o beijo.

Dançamos e namoramos enquanto o sol mergulha no horizonte. Sinto o calor, a leveza e o amor. Em outra vida, eu

poderia ter sido hippie. A noite é nossa e não quero ir embora. Não quero nem abrir os olhos.

Mas um grito me arranca do transe delicioso.

Todo mundo olha para a pilha de renda cor-de-rosa no chão. Rosa.

DEZ

Cinquenta celulares aparecem do nada, prontos para pedir ajuda ou gravar imagens, não sei.

Jonathan ajoelha ao lado dela e grita:

— Rosa, acorda!

De repente, Chloe me puxa de lado e cochicha no meu ouvido:

— Ela vai despertar logo. Só passei alguns minutos desacordada. É normal.

— Normal como?

— Você sabe. E não podemos falar nada.

— Mesmo que a gente possa ajudar?

— Como? — A voz dela sobe um tom. — Só provocaríamos um pânico desnecessário que não ajudaria ninguém.

Felizmente, há uma enfermeira no meio do grupo, e ela cuida de Rosa. E antes de a primeira sirene se aproximar,

Rosa já está acordando. Tenho que reconhecer que Chloe está certa. Nada ali é estranho aos sintomas “normais” do Carisma.

Normal ou não, os médicos decidem levar Rosa ao hospital, mesmo depois de ela implorar para não ir. Antes de ser posta na ambulância, ela grita para todo mundo:

— Vou ficar furiosa se pararem a festa.

Acenamos para ela desejando que tudo fique bem e trocamos comentários tranquilizadores entre nós. Os tambores voltam a tocar aquela cadência hipnótica.

Olho que horas são e digo a Jack:

— A gente tem que ir.

No caminho para Tacoma, o silêncio cansado no carro é interrompido apenas por uma notificação de mensagem do meu telefone. É a dra. Sternfield: O DESMAIO É PORQUE SEU CORPO ESTÁ FUNCIONANDO EM RITMO ACELERADO. TEM MUITA COISA COM QUE SE ENTUSIASMAR! COMA MAIS, BEBA MAIS E DURMA MAIS. SEUS SONHOS VÃO SE REALIZAR, SE FICAR CALMA E QUIETA.

Deixo escapar um longo suspiro.

— Rosa vai ficar bem. É muita agitação, só isso.

— Entendo essa coisa da agitação. — Ele batuca no volante reproduzindo o ritmo dos tambores na praia. —

Engraçado como as coisas mudaram depressa para você e para mim.

— Demorou muito.

Ele desliza um dedo pelo meu braço.

— Nem fala.

A atmosfera quente é repleta de expectativa. Em casa, a gente se despede com um boa-noite carregado de desejo e a promessa de um novo encontro no dia seguinte. Arrepiada da cabeça aos pés, entro na sala flutuando.

E encontro minha mãe sentada no sofá. Acordada.

— Viu meu bilhete? — pergunto.

A voz dela é dura.

— Você devia ter ficado descansando.

— Eu descansei. Mas tinha planos com o Jack. E amanhã vou trabalhar.

Ela ajeita a manta sobre os ombros.

— Não sei o que deu em você ultimamente.

Bom, é verdade, ela não sabe. Tenho que pensar em como meu comportamento deve parecer bizarro.

— Mãe, nunca estive tão feliz. Espero que fique contente por mim.

Ela suspira.

— É claro que quero ver você feliz. Mas Sammy também teve um motivo para ficar feliz hoje, e queria comemorar com nós duas. Ele foi selecionado para o teste do AV719.

— Meu Deus, que maravilha! — Corro para abraçá-la. Devemos muito à dra. Sternfield e à Nova Genetics. Um dia direi à minha mãe quanto.

O abraço espontâneo acaba com a tensão. Estamos sempre de acordo ao desejarmos o melhor para Sammy.

Minha mãe ajeita meu cabelo atrás da orelha.

— Vá dormir.

Subo a escada saltitante. Sério, todas essas coisas boas são muito maiores que um ou outro efeito colateral. Sammy também terá alguns durante os testes com o AV719. A gente só precisa se acostumar.

Na manhã seguinte, recebo uma mensagem de alguém da Cruz Vermelha que me viu falando sobre doação de órgãos e me pede para fazer um anúncio público incentivando as doações de sangue. Paro e penso. Tem muito mais por trás do Carisma que o tempo que passo com Jack. Minhas novas habilidades podem fazer uma diferença significativa no mundo.

Sou procurada por empresas de marketing, e uma delas oferece pagamento por cada vez que eu falar em seu nome; outra sugere que eu abra minha página on-line para a publicação de anúncios, prometendo que, com meu “poder de estrela”, em pouco tempo posso ganhar o suficiente para pagar a faculdade. Uau. Cobrir as despesas da faculdade seria tirar um peso enorme das costas de minha mãe. Fiz muito bem em aceitar o tratamento da dra. Sternfield.

Fascinada com as oportunidades na internet, dou uma olhada no *Shane Show*. A página está repleta de fotos e cliques da noite passada. “Exuberante” é a única palavra que me ocorre para descrever como apareço nos vídeos. Algumas mensagens insinuem que o programa de Shane vai ser veiculado pela TrueNufTV. A grande mídia não perde tempo.

Desço para ir comemorar com Sammy por ele ter sido aceito como sujeito do estudo. Mas quando chego à sala de estar, paro de repente. Mamãe está sentada à mesa com uma expressão de sofrimento. Temos que parar com esses encontros.

— Que foi agora? — pergunto.

— É você quem vai me dizer.

Opa. Vá com calma e avalie o estrago.

— Que foi?

Ela gira a caneca de um lado para o outro em cima da mesa.

— A mãe da Chloe ligou para mim. Rosa e Chloe desmaiaram na última semana. Sabia disso?

— Fiquei sabendo que a Chloe ficou doente, mas ela já melhorou.

— Bom, por precaução, falei com o dr. Gordon. Ele marcou uma reunião com os adolescentes que estiveram no evento do último domingo para entendermos tudo isso.

Sinto um aperto por dentro. Todo mundo vai guardar segredo até os efeitos colaterais desaparecerem?

— Mãe, isso não deve ser nada.

— Vamos nos reunir em uma hora no Florence Bishop. É o hospital mais próximo da Nova Genetics.

Mamãe e dr. Gordon, a dupla dinâmica da eficiência.

— Mas eu tenho que ir trabalhar — argumento. — Já faltei ontem. Eles vão me demitir.

— Já liguei para a sua chefe. Saúde em primeiro lugar.

Não dá para rebater seu mantra favorito. Finalmente consigo um emprego decente de salva-vidas e vou ser dispensada por faltar demais. Ótimo. Bufando, frito um ovo

para mostrar à minha mãe como me sinto saudável e bem. E é verdade. Exceto pelo receio de alguém revelar nosso segredo e estragar a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Como depressa e subo para contar as novidades a Evie.

Ela assobia.

— Vai abrir o jogo?

Cochicho, embora a porta do quarto esteja fechada.

— Não vejo vantagem nenhuma nisso.

— Fala sério, Aiz, você desmaiou.

— Já falei que tem uma explicação para isso.

— Então, por que a dra. Lixofield não te avisou antes?

Eu me encolho e seguro o telefone com mais força.

— Talvez ela só tenha percebido depois da administração.

— Acho bem estranho.

Suspiro.

— Ainda está do meu lado, não está?

Uma pausa mais longa do que o necessário.

— É claro. Mas se você não for sensata, nós duas vamos acabar bem encrencadas. — Ela desliga.

Evie conta com a minha sensatez. Eu conto com ela para me incentivar, quando eu perder a coragem. Acho que nenhuma de nós está correspondendo às expectativas.

Mamãe e eu deixamos Sammy na vizinha a caminho do centro de Tacoma. Ele carrega uma mochila lotada de material de arte e revistas em quadrinhos, e caminha diretamente para a porta da casa como um soldado que enfrenta a batalha. Faço uma prece silenciosa para os filhos da vizinha incluírem Sam nas brincadeiras, só para variar.

No Florence Bishop, minha mãe e eu somos levadas a uma sala ampla com um buffet privado. Rosa e os pais já estão lá de braços cruzados e cara feia.

Corro para abraçar Rosa.

— Tudo bem?

— Bem melhor. É muita agitação. Até meus ouvidos estão apitando. Meu corpo está acelerado, sabe?

Acelerado. Ela também trocou mensagens com a dra. Sternfield.

Pegamos um pedaço de rocambole de carne e milho e sentamos à mesa com Chloe e o pai dela. Pergunto a Chloe como ela está.

Ela pega um pouco de purê de batatas do prato.

— Meio tonta. Nada sério.

O pai dela, um homem pesado com cabelos castanhos que estão ficando grisalhos, levanta a faca no ar.

— Nada sério? Crianças não têm que desmaiar. Eu nunca desmaiei em toda a minha vida. — E aponta a faca para mim e para Rosa. — Seus pais acham que não é nada sério?

Olho para o meu prato e me sinto grata por minha mãe ter ido sentar em outra mesa.

— Agora me sinto bem.

— Eu também. — Rosa coça a orelha.

O pai de Chloe balança a cabeça.

— Crianças.

Estudo a sala enquanto comemos. Minha mãe está com um grupo de pais, sem dúvida trocando informações. Shane brinca com as gêmeas, cujas risadas ecoam sem cessar. Felizmente, a equipe de gravação do *Shane Show* não veio.

O grupo silencia quando o dr. Gordon entra na sala acompanhado por duas mulheres de jaleco branco. Uma delas é a médica alta e de cabelo curto que me examinou ontem, a outra é bem mais jovem, loira, usa rabo de cavalo e óculos.

O dr. Gordon aperta algumas mãos, depois tosse para limpar a garganta.

— Agradeço a todos por terem atendido a um chamado assim, em cima da hora. — Ele olha para as médicas. — E

obrigado, dra. Culdicott e dra. Fisk, por se juntarem a nós. — E para o grupo: — Até agora, sabemos que três adolescentes desmaiaram depois do encontro das famílias. Portanto, estamos verificando as possibilidades de um contaminante. Quanto mais soubermos, mais poderemos ajudar.

Kiera, a menina de cabelos vermelhos com pontas douradas, reclama:

— Não podiam ter mandado uma mensagem de texto?

O dr. Gordon une as mãos.

— É mais eficiente falar cara a cara e examinar possíveis sintomas físicos. Também é muito importante não entrar em pânico nem espalhar boatos até sabermos o que está acontecendo.

Kiera faz um barulho de ânsia de vômito.

— Quais são os sintomas?

O dr. Gordon conta nos dedos.

— Dor de cabeça, febre moderada e desmaios breves. Também ouvimos relatos de alterações de personalidade.

Um garoto com bochechas avermelhadas grita:

— Tipo o médico e o monstro? — E balança a cabeça para a frente e para trás com os olhos arregalados.

O dr. Gordon franze a testa.

— Nada tão sinistro. A descrição fala de um comportamento mais extrovertido que o habitual.

— Tipo a Chloe! — grita uma das gêmeas.

Chloe se anima.

— Vejam o site da KBLB hoje à noite.

Ainda não consigo entender por que ela aceitou o Carisma, mas sua animação me dá confiança.

A voz da minha mãe se sobrepõe ao barulho.

— Os sintomas que notou têm alguma relação com a doença daquela pessoa de sua equipe, Steffie Wong?

Todo mundo fica quieto. Chocado. Por que minha mãe está apavorando as pessoas? Nós só desmaiamos, ninguém está morrendo.

O dr. Gordon levanta os braços para nos acalmar.

— Lamentamos profundamente a perda de Steffie. Mas nada indica que haja uma conexão.

As pessoas assentem e murmuram. Mais algumas perguntas são feitas, mas nenhuma traz novidades. Hora de começar a trabalhar. O dr. Gordon e as médicas vão chamando um a um pelo nome. Os três primeiros convocados se aproximam deles para o interrogatório.

Chloe usa o cotovelo para cutucar Rosa e eu.

— Vamos tratar tudo isso com inteligência, certo?

Nós duas respondemos:

— É claro.

— Ótimo. Vamos ficar com os outros, então.

Puxamos cadeiras para perto da mesa onde está a maioria dos adolescentes.

Shane olha para mim de um jeito duro.

Afasto o cabelo do rosto.

— Que foi?

Ele se recosta na cadeira e cruza os braços.

— Só estou apreciando a mudança de personalidade da garota que antes era chamada de princesa do gelo.

Eu também cruzo os braços.

— Por que o cara que atualmente é chamado de gigolô se importa com isso?

Ele lambe os lábios e sorri.

— Quantas vezes você desmaiou?

Rosa toca meu braço.

— Vamos deixar essas informações para a conversa com os médicos.

Encaro Shane.

— E você? Teve febre?

— Eu sou sempre bem quente.

Reviro os olhos.

Os médicos chamam mais três adolescentes, inclusive Chloe e uma das gêmeas. Elas atendem resignadas, como se tudo isso fosse uma grande bobagem.

Kiera suspira.

— Que perda de tempo. Só porque algumas garotas ficaram doentes.

Dez minutos mais tarde, os médicos dispensam o segundo grupo e me chamam junto com Rosa e a outra gêmea. Ei, talvez eu saia daqui cedo, afinal. E consiga ver Jack hoje à noite.

Rosa segura meu braço e cochicha:

— Não se preocupe. Está tudo bem. Nunca me senti mais viva, mais conectada. Vejo todo mundo com mais clareza, percebo como se sentem, com que se animam. É incrível. Quero sentir isso para sempre. E você?

Eu também, é claro. O que significa que nosso segredo ainda está seguro.

Sento ao lado da dra. Culdicott. Ela me pede para contar tudo que fiz na Nova Genetics no fim de semana anterior. Conto tudo, mas não menciono o Carisma.

Quando chego na parte em que fui visitar a chimpanzé, a médica levanta as sobrancelhas.

— Não falou sobre isso quando estive aqui antes.

— Não falei? — Olho para Rosa, que está conversando com o dr. Gordon e gesticula de um jeito exagerado. Ela sua embaixo dos braços, apesar do ar-condicionado, e todo o seu corpo parece balançar de um jeito precário na cadeira.

Estou tão atenta a Rosa que não escuto a pergunta da médica.

— Desculpe, o que disse?

— Perguntei se tocou os chimpanzés.

— Ah, sim, segurei a mão de Ruby.

— E depois foi almoçar? Lavou as mãos antes?

Eu me sinto uma pré-escolar mal-educada.

— Hã, não.

— Arrá! — Ela digita como se houvesse descoberto os pergaminhos do mar Morto.

Olho para Rosa, que está cobrindo as duas orelhas com as mãos. Olho em volta e percebo que todo mundo está olhando para ela. Ah, não.

Gemendo, Rosa desaba em cima do dr. Gordon. A dra. Culdicott vai ajudar e deita Rosa no chão. A jovem médica vai

buscar ajuda.

Todo mundo fica em silêncio.

Rosa afasta os médicos com gestos fracos.

— Está tudo bem — diz com voz rouca antes de ficar quieta.

Prendo a respiração e sinto a pressão crescer dentro da cabeça. Levanta, Rosa, levanta.

Todos demonstram nervosismo, mas curiosidade também, e até alguma excitação. Um homem de barba alaranjada grita para abriremos espaço para a maca. Todo mundo se afasta, e o interesse e a apreensão aumentam quando o corpo de Rosa fica inerte nos braços da dra. Culdicott. A médica e o homem que acabou de chegar a colocam na maca e levam para fora. A dra. Fisk os segue.

O silêncio dura só alguns momentos. Xavier, estagiário da dra. Sternfield, entra na sala correndo e derruba uma cadeira. Espera aí. Ele não estava no evento das famílias. Não precisava ter vindo.

Embora ele sempre falasse com um tom suave na Nova Genetics, agora sua voz lembra a de um apresentador de telejornal.

— Chega — ele diz. — Sei o que está deixando as pessoas doentes.

ONZE

Todo mundo olha para ele. Eu me aproximo da porta.

O pai de Chloe bate na mesa.

— Fale, então.

Uma das mães, cujo rosto tem muitas manchas, puxa a manga de Xavier.

— Antes de mais alguém desmaiar.

Os outros pais estão furiosos e cercam Xavier.

Ele endireita os ombros.

— Acho que o pessoal que começou a desmaiar está fazendo terapia genética.

Pronto. A cinza vulcânica da verdade paira sobre as pessoas.

O dr. Gordon fica de queixo caído, como todo mundo. Depois, aponta um dedo para Xavier.

— Não, espera aí, um minuto.

Porém ninguém espera mais nada. O pai de Chloe grita:

— Uma terapia genética? Para quê?

Chloe está do meu lado praguejando. A sala fica mais quente. Mas não consigo me mover, e aquela antiga sensação de afogamento comprime meus pulmões.

Xavier pigarreja.

— Para ser mais extrovertido, menos inibido.

A sala explode de novo.

O dr. Gordon, que está cercado de pais enlouquecidos, grita:

— Por favor, tenham calma. Garanto que a Nova Genetics não faz esse tipo de terapia genética, muito menos para inibições, apesar do que diz esse jovem. — Ele olha para Xavier. — Devia se envergonhar de preocupar todo mundo desnecessariamente.

Xavier não se abala.

— Tem uma explicação melhor? Geoducks estragados, talvez?

O médico fica vermelho.

— Por favor, acalmem-se até eu esclarecer tudo com esse rapaz. — Ele leva Xavier para fora por uma porta lateral.

A sala fica em silêncio enquanto todo mundo pensa no que está acontecendo, depois explode em exclamações de

incredulidade. O pai de Chloe a agarra pelos ombros.

— O que você fez? — ele grita.

Nesse momento, vejo minha mãe andando em minha direção, o olhar sugerindo que ela está pronta para explodir. Eu me encolho atrás de uma cadeira, como se isso pudesse me ajudar.

Sua expressão sugere medo e raiva numa intensidade que nunca vi antes.

— Você sabia alguma coisa sobre isso? — Ela agarra meu braço. — Pare de mentir. Isso é perigoso.

Levanto as mãos num gesto de rendição.

— Podemos conversar mais tarde?

A porta lateral se abre e a cabeça do dr. Gordon aparece na abertura.

— Chloe e Aislyn, quero as duas aqui fora também.

Kiera choraminga.

— Por que não entrei em nenhuma terapia genética? Não é justo.

Com todo mundo olhando para nós, mamãe me leva pela porta para um corredor. Chloe e os pais dela saem atrás de nós.

O dr. Gordon olha diretamente para Xavier.

— Conte para eles o que acabou de me dizer.

Xavier fala:

— Há três semanas, uma pesquisadora me ofereceu uma terapia genética chamada Carisma, ou CZ88. Ela não me mostrou a combinação exata dos genes a serem tratados, mas eu confiava o suficiente no trabalho dela para aceitar. No dia seguinte me senti muito poderoso, não tive medo de perguntar aos meus pais se podia me matricular em um curso de arte, que eles consideram perda de tempo para alguém que quer ser médico. E não tive dificuldade para conversar com as pessoas que chegavam interessadas em sequenciamento de genes.

Ele engole em seco, e o brilho em seus olhos se apaga.

— Mas comecei a ter dores de cabeça e tontura. Desmaiei há uma semana, e de novo na noite passada.

O dr. Gordon massageia a testa.

— Vou perguntar de novo. Quem é essa pesquisadora?

Xavier hesita por um segundo.

— Prefiro falar com alguém mais oficial.

O pai de Chloe se aproxima de Xavier com uma expressão sombria. A voz dele transborda veneno.

— Um advogado, por exemplo? Por quê? Você fez isso com minha filha?

Xavier cerra o punho.

— Não.

O pai de Chloe cutuca o peito de Xavier com um dedo acusador.

— Então, pare de enrolar. Quem está por trás disso?

Xavier olha para Chloe, depois para mim. Movo a cabeça em sentido afirmativo. O segredo acabou. Não vale a pena correr o risco de levar um soco do pai de Chloe.

Xavier respira fundo.

— Dra. Sternfield.

O dr. Gordon gagueja.

— Charlie? Impossível.

Xavier se mantém ereto, mas sinto que desaba por dentro por trair sua chefe e ídolo.

— Queria que não fosse verdade.

O dr. Gordon olha para mim.

— E você, Aislyn? Charlie te deu alguma coisa?

Engulo em seco.

— Hã...

Mamãe me encara.

— A verdade. Agora.

Lembro do corpo inerte de Rosa e digo:

— Sim.

Ouço o coro de exclamações. O dr. Gordon fala com Chloe:

— Você também?

Chloe cruza os braços.

— A dra. Sternfield é um gênio. A droga elevou minha personalidade a um novo nível.

O pai de Chloe perde a paciência.

— Esse *gênio* devia estar na cadeia!

O dr. Gordon afrouxa a gravata.

— Por favor, vamos nos ater aos fatos antes de condenar.

A porta perto de nós se abre e o barulho transborda para o corredor junto com Shane e o pai dele. Eu não devia me surpreender por saber que a droga está por trás do comportamento de Shane com as garotas, mas onde a dra. Sternfield estava com a cabeça?

Shane dá de ombros.

— A verdade vai libertar a gente, certo?

Sua história é igual à nossa. A dra. Sternfield deu a ele, a Rosa e a mim o CZ88 na semana passada. Chloe e Sebastian receberam a droga uma semana antes de nós, e Xavier foi

tratado uma semana antes deles. Nenhum de nós sabe se há outras pessoas.

Mamãe puxa a gola da blusa.

— Temos que contar aos médicos, agora que sabemos a verdade. — Quando fala a última palavra, ela olha para mim de um jeito capaz de derrubar um pássaro do céu.

O dr. Gordon está mexendo no celular.

— Preciso ligar para Charlie primeiro, ouvir o lado dela da história. — Ele se afasta de nós.

Minha mãe me puxa para longe dos outros. Sua garganta pulsa e a pele está vermelha.

— Você aceitou ser usada como cobaia de uma droga contra timidez?

O peso de sua fúria me abala.

— A dra. Sternfield garantiu que seria seguro. Ela está do nosso lado. Conseguiu colocar o Sammy nos testes do AV719.

A respiração de minha mãe está ficando ruidosa.

— Incrível. Essa mulher aplicou uma droga que não foi testada? Em crianças? — Ela bufa irritada. — Você sempre foi muito sensata. E isso é uma loucura.

— É tão louco assim querer ser melhor?

Chloe e Shane enfrentam a mesma discussão com os pais. Suando muito, Xavier se apoia a uma parede e parece infeliz. Espero que não desmaie. Mas ele, como todos nós, fica alerta quando a dra. Culdicott se junta ao grupo no corredor.

O dr. Gordon se aproxima dela.

— Como está a Rosa?

Pelo menos ele perguntou dela antes de qualquer outra coisa. Mas pode ser só encenação.

O rosto da dra. Culdicott está sério.

— Ainda inconsciente. — Ela aponta para a porta. — Aquelas pessoas disseram alguma coisa sobre uma terapia genética?

O dr. Gordon esfrega as mãos.

— Estou tentando verificar a afirmação.

Ela se vira para mim e dispara:

— O que aconteceu?

Respiro fundo e conto a ela sobre o Carisma.

Chloe põe uma das mãos na cintura.

— Os desmaios e as dores de cabeça são normais, pergunte à dra. Sternfield.

— Quem? — A dra. Culdicott estranha.

É a vez do dr. Gordon dar explicações.

— Minha filha. Ela comanda um laboratório na Nova Genetics. Mas duvido que tenha participado de alguma coisa assim.

A dra. Culdicott faz uma pausa, então segura a porta atrás dela.

— Depois que eu dispensar todo mundo que não está envolvido com essa droga, vou conversar com todos vocês. E dessa vez vão me contar toda a verdade. — Ela vai para a outra sala.

A mãe de Chloe puxa o paletó do dr. Gordon.

— A dra. Sternfield nunca falou com você sobre o CZ88? Toda essa ideia é maluca, não é?

Ele tira os óculos e os limpa com um lenço pela segunda vez em cinco minutos.

— Sim. Minha empresa trata doenças, não características de personalidade, que nem podem ser associadas a um gene, de qualquer maneira. Isso tudo deve ser um enorme mal-entendido.

Mamãe bate o pé no chão.

— Ah, francamente, não tem nenhum mal-entendido. Temos que notificar as autoridades. — Ela pega o celular, que não deve ter sinal ali.

O dr. Gordon toca seu braço com delicadeza.

— Não creio que tenha sinal de celular aqui. E que autoridades devemos notificar, Danielle? Farei tudo que puder para entender se e o que foi dado a esses jovens e como reverter esse efeito. É crucial mantermos tudo sob controle para poder nos concentrar em uma solução, em vez de lidar com a histeria que certamente será provocada se a notícia for divulgada.

Minha mãe o encara com as narinas dilatadas.

— Vamos ouvir o que a dra. Culdicott tem para dizer.

Desesperada por um pouco de paz, escapo para o corredor. Se levantar o celular bem alto, consigo um sinal fraco. Digito uma mensagem para a dra. Sternfield e levanto o aparelho antes de apertar “ENVIAR”. Também mando uma mensagem para Evie contando que o segredo foi descoberto. Ela vai ficar feliz com isso.

Depois de quinze minutos, alguém abre a porta. A dra. Culdicott diz:

— Tenho notícias totalmente inesperadas. Primeiro, Rosa entrou em coma.

Todo mundo fica em silêncio.

A médica tem olheiras fundas, como se houvesse feito vários plantões seguidos.

— Segundo, um jovem chamado Jesse deu entrada no pronto-socorro com queixa de desmaio. Ele diz que é...

A voz de Chloe é fraca.

— Meu namorado?

A médica assente.

— O rapaz diz que nunca esteve na Nova Genetics nem foi submetido a nenhuma terapia genética.

Nós nos olhamos chocados com as implicações dessa notícia.

A dra. Culdicott respira fundo.

— Não sei o que tem nesse tratamento genético, mas pode ser contagioso.

Engulo em seco.

— Contagioso? Como isso é possível?

A doutora pergunta:

— Alguma teoria, dr. Gordon?

Xavier interfere:

— O DNA alterado é transportado por um vírus. A dra. Sternfield experimentou diversos vetores virais para ultrapassar a barreira hematoencefálica e ainda garantir

doses suficientes de terapias de múltiplos genes. Ela pode ter cometido um erro de cálculo sobre a desativação do vírus.

— Em que medida esse vírus que carrega o tratamento é contagioso? — minha mãe indaga.

O dr. Gordon está agitado.

— Devagar, devagar. Não vamos nos precipitar.

A dra. Culdicott olha de rosto em rosto, como se tentasse estabelecer a verdade do que deve soar insano. Nem eu mesma consigo acreditar. Fico gelada por dentro ao pensar na possibilidade de ter infectado família e amigos com o CZ88. Ai, meu Deus, e o Jack.

Os médicos se reúnem e saem do recinto para conversar com outros profissionais. Todos nós ficamos esperando na sala de reunião, os pais discutindo processos, os adolescentes sem muito o que dizer, o que é estranho, considerando que agora somos extrovertidos. Shane e Chloe se revezam no telefone público preso à parede.

Uma hora mais tarde, o dr. Gordon retorna.

— Vou sair para levantar informações sobre essa suposta terapia genética. Enquanto isso, sugeri à dra. Culdicott que vocês passem a noite aqui em observação. A Nova Genetics vai arcar com todas as despesas.

Olho para minha mãe.

— Não preciso ficar. Não senti dor de cabeça o dia todo.

Ela está séria, firme.

— Você vai fazer o que os médicos acham que é melhor.

Os médicos acham que devemos ir para o terceiro andar e passar por uma porta de segurança que tem uma câmera. A dra. Culdicott acena para a lente e nós somos admitidos na ala. Eu a sigo aborrecida. Só quando ouço a porta se fechar atrás de mim, penso que devia ter ido lá fora pela última vez para respirar ar puro e dar uma volta no jardim.

O Carisma deve estar me deixando paranoica.

NOTÍCIAS ON-LINE...

POSTADO PELA EQUIPE DO SHANE SHOW: Mandem energias positivas para o nosso amigo Shane, que está internado no Hospital Pediátrico Florence Bishop (que, só para efeito de esclarecimento, atende pacientes de até vinte e um anos). Se você trabalha lá e é uma enfermeira gostosa, dá um alô para nós!

POSTADO POR FARAHS: Chloe e Jesse! Vocês dois? O que é isso? Beijos e abraços, gente! Quando é a próxima festa?

POSTADO POR MIA SANTIAGO: A equipe de líderes de torcida da Raven está definida! Parabéns à minha garota Rosa!

POSTADO POR KIERA, A RUIVA: Muita gente que esteve na Nova Genetics na semana passada tomou um remédio para se tornar querido. Não é patético?

POSTADO POR JACK THOMPSON: Aislyn? Por que não atende às minhas ligações?

DOZE

A dra. Fisk acompanha os rapazes por um corredor, enquanto a dra. Culdicott leva Chloe e eu para um quarto grande com três camas e cortinas cor-de-rosa desbotadas. Ela diz:

— Um técnico pode vir colher outra amostra de sangue mais tarde, agora que sabemos o que está acontecendo.

Ela sai com um brilho determinado nos olhos.

Chloe escolhe a cama perto da janela e eu fico com a outra, perto da porta. Espero que Rosa se recupere e venha ocupar o leito entre nós duas com seu jeito todo animado. Depois de alguns minutos de discussão, nossos pais saem para ir buscar algumas coisas de que precisamos para passar a noite ali.

No segundo em que eles se afastam, Chloe e eu nos atiramos sobre o telefone fixo em cima de cada mesinha de cabeceira. Minha primeira ligação é para Evie, é claro.

Ela atende mastigando alguma coisa.

— Aislyn! O que aconteceu? Já mandei um milhão de mensagens!

Tento contar tudo com voz calma.

— Eu só não entendo como o namorado da Chloe foi conta minado. — Isso é o mais estranho. Terapia genética não é contagiosa. Mas criar um vírus para atacar células específicas e injetar DNA no lugar exato ainda é uma ciência radicalmente nova.

—O Jack já sabe?

Tremo de um jeito incontrolável.

— Não sei o que falar para ele.

— Eu contaria a verdade — Evie responde, séria.

A mão enrolada no fio do telefone fica vermelha.

— Vai dar tudo certo.

Ouçõ batidas na porta.

— Preciso desligar. Pode descobrir se Jack desmaiou ou alguma coisa assim, por favor?

— Isso é mesmo...

— Você é ótima. — Desenrolo o fio da mão com dedos trêmulos.

Uma enfermeira entra no quarto seguida por Xavier, Shane, Jesse e um rapaz de pele marrom clara, cabelo bem curto e um jeito fluido de se mover que me faz pensar em um felino. Ele se apresenta como Sebastian. Chloe e Xavier o conheceram na Nova Genetics. Aparentemente, ele tem genes superiores de bailarino, e não preciso de um sequenciamento genômico para saber disso.

Com voz prática, a enfermeira avisa que os garotos vão ter que voltar ao quarto deles, se houver muito barulho. Antes de sair, ela avisa:

— Sem nenhuma gracinha.

A maioria dos garotos pega uma cadeira e forma um semicírculo na área do quarto onde não há camas. Chloe e Jesse se acomodam no lugar que deveria ser de Rosa, olhando para a cama de Chloe como se tivessem planos para uma “gracinha”. Ainda bem que tem cortinas.

Falo para Sebastian:

— Eu te vi no vídeo na página da Chloe. Como foi a segunda audição?

Ele cruza as pernas com elegância.

— Fui bem.

Xavier, que não consegue tirar os olhos dele, comenta:

— Aposto que foi aprovado.

— Agora sou bem menos inibido, isso ajuda.

Shane inclina a cabeça.

— E como veio parar aqui, se não faz parte do grupo de irmãos?

— Xavier e eu continuamos em contato depois que ele sequenciou meu genoma. — Ele ri. — É esquisito quando falo desse jeito, não? Enfim, quando postei alguma coisa sobre uma tontura, ele disse para eu vir para cá.

Xavier suspira alto.

— Ainda não consigo acreditar que a dra. Sternfield te envolveu nisso. Se tivesse alguma ideia...

— Ela te envolveu também.

— Mas eu precisava disso. Você é o melhor bailarino que já vi.

Sebastian puxa a perna contra o peito se alongando.

— Eu precisava de alguma coisa a mais para as audições. A dra. Sternfield sabia.

— Ela conhecia todos nós — comento. Olho para Shane com a testa franzida. — Mas acho que você teria sido uma cobaia melhor para uma droga que diminuísse a extroversão.

Ele ri.

— A dra. Charlotte me prometeu uma coisa um pouco diferente.

— Sério? A cura pra arrogância?

Ele me olha com as pálpebras meio abaixadas.

— Ela disse que a droga me tornaria irresistivelmente encantador.

Meu Deus. Finjo que o analiso.

— Não deu certo.

Ele passa a mão pelos cachos longos e me olha de cima.

— Sabe, eu achava que o lance sexy e fria estava dando certo pra você. Nunca imaginei que enfrentaria aquela injeção enorme, assustadora. Continua me surpreendendo, Loirinha.

Canalizo minha Evie interior para revirar os olhos lentamente. Mas, por alguma razão, hoje ele não me incomoda tanto. Talvez eu esteja adquirindo imunidade.

Shane olha em volta.

— E vocês? O que a PG prometeu a cada um?

— PG? — pergunto.

— Pesquisadora gostos...

— Deixa para lá.

Chloe fala sobre suas ambições políticas. Eu menciono a desastrosa feira de ciências. Quando chega a sua vez, Xavier hesita tanto que chego a duvidar do efeito do CZ88 nele. Finalmente, ele relata:

— Queria me posicionar, especialmente com a família. Eles vieram das Filipinas. Se perco a missa no domingo, fazem novenas extras por minha alma.

Sebastian bufa.

— Quanta pressão!

Xavier sorri para ele com gratidão. Ficamos todos quietos por um momento.

O estagiário olha para todos na sala.

— Não quero assustar vocês, mas alguém ainda está com febre ou sente que vai desmaiar?

Todo mundo diz que se sente bem. Shane nem desmaiou.

Massageio a têmpora.

— A dra. Sternfield não atende às minhas ligações. Tem certeza de que não sabe mais nada sobre o que ela deu para nós?

Xavier pega um bloquinho de papel de cima do balcão atrás das camas.

— Ela estava investigando muitos genes e fenótipos. Se eu começar um *brainstorming*, talvez chegue a alguma coisa.

— E escreve furiosamente.

Shane pega o controle remoto da TV. Ele vai mudando os canais até parar em um. Olho para a tela e me espanto.

Sebastian aponta a televisão com o pé estendido.

— Não é a Kiera?

Shane aumenta o som. Sim, Kiera olha para a câmera e está ofegante, agitada.

— Alguns garotos tomaram uma droga secreta para serem mais populares.

O repórter de cabelo duro de spray pergunta:

— Droga secreta?

Kiera puxa para a frente um cacho do cabelo bicolor e brinca com ele.

— A Nova Genetics está sempre pesquisando soluções para doenças raras. Mas quem não quer ser popular, não é? Devia ver a Chloe. Ela já era meio diva, mas chegou aos jornais e tudo! — Kiera dá risada, como se percebesse que também está no jornal. Depois tenta fazer um biquinho. — É claro, tudo isso tem um preço. Agora eles estão desmaiando por aí.

Era uma vez um segredo.

O repórter olha para a câmera.

— Ainda não temos detalhes sobre quem forneceu a droga e como tantas pessoas a receberam. A Nova Genetics se recusa a comentar o caso. Vamos continuar investigando e informando sobre as condições das vítimas.

Shane balança o controle remoto no ar.

— Vítimas?

Chloe bufa.

— Eu sou a única vítima aqui. Essa vadia acabou de contar ao mundo que usei uma droga ilegal.

Sebastian se levanta e começa a andar de um lado para o outro, e cada passo é leve como água fluindo. Sem nenhum esforço aparente, ele faz piruetas até parar de frente para a janela. E franze a testa.

— Não vão acreditar nisso.

Nós nos juntamos a ele e todo mundo arregalamos os olhos. Tem vários carros de equipes da imprensa parados na entrada do estacionamento. Todo mundo vai saber o que a gente fez. Inclusive Jack.

Shane bate nas costas de Xavier.

— Isso é legal, cara. O escândalo vai pressionar a dra. Charlotte, e ela vai curar a gente rapidinho.

Chloe funga.

— Ou ela vai ficar tão assustada que vai fugir do país. Droga. Eu devia estar trabalhando para a KBLB em um artigo sobre o Carisma.

Eu tusso.

— Pensei que estivesse brava por Kiera ter contado tudo na televisão.

Ela ajeita a saia.

— Quero ter o controle sobre minha publicidade. Essa história pode nos levar a vários lugares.

Xavier fala em voz baixa.

— Não se entrarmos em coma.

Sebastian se aproxima dele.

— Rosa deve ser uma exceção. Vamos pensar no lado positivo. Porque, até agora, ganhei mais do que perdi. Já nem percebo as dores de cabeça. E vejo as pessoas de um jeito diferente. Com mais nitidez.

Olho para ele. Rosa não falou alguma coisa parecida?

Uma voz retumbante vem do corredor.

— Onde estão os garotos? — O dr. Gordon entra no quarto, cumprimenta cada um de nós e faz uma pausa para um suspiro dramático. — Fico feliz por ver todo mundo mais animado.

— O que a dra. Sternfield falou? — eu pergunto.

Um lado do rosto dele treme.

— Esqueci completamente que este fim de semana ela está de folga e foi acampar. Enquanto isso, vou fazer tudo que é necessário para trazer Rosa de volta ao seu estado normal, e vocês também.

A dra. Sternfield foi acampar? Nunca pensei que ela fosse do tipo que gosta da vida ao ar livre.

Shane fecha um pouco os olhos.

— E se não quisermos voltar ao nosso estado normal? Os efeitos colaterais são temporários.

Xavier respira fundo.

— Coma temporário? Se a dra. Sternfield cometeu um erro tão grave com relação aos efeitos colaterais, é melhor reverter o CZ88 o mais depressa possível.

Jesse dá um soco na mão aberta.

— Preciso tirar essa coisa do meu organismo antes da temporada de futebol. Se eu cair no antidoping por causa

disso...

O dr. Gordon levanta as mãos.

— Calma. Hoje vocês vão passar a noite aqui e evitar a imprensa. Já avisei a telefonia do hospital para rastrear as ligações.

Chloe faz cara feia.

— Por quê? A notícia já vazou.

Ele nega com um movimento de cabeça, o que faz balançar as bochechas.

— Parte da história vazou. Até agora, conseguimos proteger a identidade de vocês. — Seu rosto se torna sombrio e a voz baixa um tom. — Como devem saber, tem gente que não apoia a terapia genética, e essas pessoas podem querer atacar o que consideram uma ameaça.

Chloe segura o braço de Jesse.

— Como assim?

O dr. Gordon passa um dedo embaixo dos óculos.

— Não são apenas manifestantes revoltados. São empresários que não querem que essa ciência se desenvolva. Se a alteração genética pode curar doenças com uma ou duas injeções, em que situação ficariam os produtores de medicamentos de uso contínuo? Quando as pessoas correm o

risco de perder muito dinheiro, elas se tornam perigosas. Sugiro que sejam discretos. Certo?

Assentimos sem dizer nada. Ele agradece e sai do quarto.

Assim que ele fecha a porta, Chloe reage.

— Dá para acreditar nisso? Ele só quer tirar o dele da reta.

Brinco com um fio solto no cobertor.

— Você alguma vez topou com esse pessoal antiterapia genética de perto?

— É um bando de fracassados carregando cartazes. Cara, o dr. Gordon fez a sua cabeça completamente. Ele está tentando deixar a gente com medo para proteger aquela filha podre.

Shane dá um tapa na testa

— Ah, cara. Perdemos a chance de fazer chantagem com ele em troca do nosso silêncio.

Eu suspiro.

— Sério? O que teria exigido?

— Diversão, para começar. Este lugar é bem chato.

Sebastian se levanta e gira.

— Podemos criar um pouco de diversão. Quem tem música no celular?

Xavier liga a televisão em um canal de música. Sebastian convence todo mundo a ficar em pé e aprender com ele alguns passos de hip-hop. Logo estamos todos dançando e rindo. As mãos dele estão nos meus ombros, me orientando em uma sequência, quando minha mãe entra.

Ela carrega uma mala pequena.

— Não acham que é hora de sossegar?

A dra. Fisk entra na sala atrás dela.

— A sra. Hollings tem razão. Por que não voltam para o quarto de vocês, meninos? Vou dar uma olhada rápida em todo mundo.

Resignados, os garotos se despedem e saem. A dra. Fisk começa por mim. Faz perguntas e digita rapidamente.

— Parece que está tudo bem — diz, e passa para a cama de Chloe.

Mamãe senta na cadeira ao lado da minha cama.

— Você parece nervosa.

Na verdade, é ela quem está tirando o esmalte das unhas com os dentes. O medo que a domina é palpável.

Escolho uma calça de moletom entre as três opções que ela trouxe.

— Só tenho medo do que meus amigos vão pensar.

— E o que *eu* penso? — Ela se inclina para a frente. — Nunca imaginei que a situação fosse dolorosa a ponto de você tomar medidas tão drásticas para mudá-la.

Olho para o chão.

— Perdi aquela bolsa escolar na feira de ciências. Tinha que lidar com o nervosismo na piscina. Não conseguia nem sobreviver a uma festa! Sempre tem alguma coisa pra incomodar, mãe, todos os dias. Eu já tinha tentado de tudo para sair daquela situação horrorosa e viver como vivi os últimos dias. Um pouco de dor de cabeça e um desmaio de vez em quando não são grande coisa, vale a pena.

Ela respira fundo.

— Não devia se preocupar com a bolsa. Se eu fizer mais contatos, se aceitar mais imóveis que os outros corretores não conseguiram vender, aí...

— Mãe, você já trabalha demais. E precisa de todo dinheiro que ganha para cuidar do Sammy. Está na hora de eu fazer alguma coisa.

A voz de Chloe se altera do outro lado do quarto.

— Estou dizendo que me sinto bem.

A dra. Fisk se mantém calma.

— Você está com trinta e nove graus de febre.

— Prometo que aviso se me sentir estranha.

A dra. Fisk fica em pé.

— Já volto.

Minha mãe pergunta se pode conversar com a médica no corredor. Em seguida me dá um abraço rápido de despedida. Alguma coisa me diz que eu devia ter prolongado o abraço. Mas, em vez disso, só falo que a gente se vê de manhã.

Ela e a dra. Fisk saem juntas, e logo nosso jantar chega. Frango sem tempero, vegetais no vapor e fruta em conserva. Assistimos à televisão e acompanhamos as notícias, que se espalham mais depressa que nossos vetores virais. Uma emissora anuncia para o dia seguinte uma mesa-redonda na qual serão discutidos os perigos da terapia genética.

Depois que os pais de Chloe chegam com as coisas dela e perguntam mais de dez vezes como estamos nos sentindo, nos preparamos para dormir. Eu me ajeito embaixo das cobertas e apago a luz.

No escuro, Chloe fala:

— Não sei o que a gente tem, mas passei para o Jesse. Isso é uma droga.

Se o CZ88 fosse tão contagioso, outras pessoas já não teriam sido contaminadas por nós? Jesse é o único

diretamente infectado, o que me faz deduzir um mecanismo de transmissão. Mas dá para contrair essa coisa com um beijo? Uma onda de náusea brota do meu estômago. Ainda bem que pedi para Evie ver se Jack está bem.

Amanhã, quando for para casa, eu mesma vou ligar para ele. Até lá vou ter mais informações. Todos nós vamos. Precisamos.

A PROCURA POR VÍTIMAS DA TERAPIA GENÉTICA SE AMPLIA

Sondra Chevez, *Northwest News Central*

À luz dos recentes relatos de uma terapia genética não regulamentada aplicada em sete adolescentes de Tacoma, além de outras vítimas em várias cidades do noroeste, as autoridades estão investigando os hospitais locais em busca de casos de coma e desmaios sem explicação. As famílias e os amigos de pacientes que tiveram esses sintomas relatam que esses indivíduos exibiam comportamento mais expansivo antes de adoecerem. Representantes do Departamento de Saúde Pública estabeleceram um posto de comando em Seattle, e nossas fontes dão conta de que em breve eles vão convocar uma coletiva de imprensa.

Em que medida isso se propagou e quem é o culpado são alguns dos pontos cruciais que estamos investigando, sendo o mais importante determinar o potencial de perigo do CZ88, ou “Carisma”, para o público em geral.

TREZE

Na manhã seguinte, equipes dos jornais disputam com manifestantes o espaço na calçada. Quando os garotos chegam para o café da manhã, sonhamos com disfarces para passarmos ilesos por toda aquela loucura. Menos Chloe, que mal pode esperar para ser filmada.

Sebastian garante que vamos ficar menos ansiosos se nos movimentarmos. Aceito qualquer coisa que possa aliviar esse nervosismo. Até Xavier deixa de lado o bloquinho de anotações para se juntar a nós, rindo e dançando até anunciar que precisa parar um pouco. A camada de suor em sua testa e o tom acinzentado da pele provocam uma troca de olhares entre mim e Sebastian.

A aparência de Xavier piora quando os pais dele chegam. O pai, que usa o mesmo estilo de cabelo raspado do filho, olha para nós. Ele e a esposa se aproximam de Xavier, e cada

um se coloca embaixo de um braço do filho. Os pés de Xavier vão se arrastando no chão conforme o trio se dirige à porta.

Dois minutos mais tarde, um médico mais idoso chama os outros garotos de volta ao quarto deles para um exame. A dra. Culdicott aparece para examinar Chloe e eu. Quando ela pega o estetoscópio, meu novo eu sociável pergunta:

— Você trabalha normalmente no pronto-socorro ou aqui em cima?

Ela levanta uma sobrancelha.

— Aqui, mas após vinte anos como médica no Exército, eles também me recebem bem no pronto-socorro.

Agora a atitude firme e dura faz muito mais sentido.

— E a Rosa? — pergunto.

Ela desliza o estetoscópio por minhas costas.

— Na mesma, infelizmente.

Tento não imaginar o DNA estranho marchando pelo meu organismo enquanto a médica examina meus nódulos linfáticos. A expressão dela é neutra.

Eu falo:

— A dra. Sternfield comentou que eu tinha anticorpos estranhos, provavelmente de quando visitei a Indonésia. Por isso não desmaiei mais e não entrei em coma?

— É possível. Seria mais fácil responder se conseguíssemos localizar a dra. Sternfield.

— Posso ter contaminado minha família ou meu namorado? — Como é agriçoce que essa seja a primeira vez que uso a palavra “namorado”.

— É cedo demais para dizer. Você e seu namorado tiveram relações íntimas?

Sinto o rosto quente.

— A gente só se beijou.

— Diga para ele prestar atenção a quaisquer sintomas. Essa é a mesma instrução que estamos dando a todos os familiares e a outras pessoas que tenham entrado em contato com vocês.

É como ter febre tifoide.

A dra. Culdicott se aproxima de Chloe, que ainda tem febre. Sem responder sobre que horas vamos ter alta, a médica sai do quarto.

Minutos depois, os meninos retornam. Menos Xavier, que foi levado para fazer outros exames. Ficamos ali trocando comentários motivadores, afirmando que estamos bem. Até Chloe, que evidentemente não está. As risadas de antes

foram substituídas pelo barulho dos manifestantes e pelas buzinas dos carros lá fora.

Shane põe as mãos nos bolsos.

— É como aquele filme de terror em que todo mundo fica preso numa ilha, enquanto um maluco mata um por um.

Chloe arregala os olhos apavorada. Se Jesse não estivesse ocupado tentando confortá-la, Shane seria o próximo morto nesta nossa ilha.

Eu me irritito.

— Não foi você que disse que ter fã's compensava uma ou outra dor de cabeça?

A expressão dele perde a arrogância típica.

— Xave não parecia ter tanta febre. E não acredito que seja por ele ter passado a noite toda cochichando com Sebastian.

Penso na possibilidade de ele estar realmente preocupado e digo:

— Xavier deve melhorar logo. Não sei o que temos, mas o contágio não deve ser tão simples. Portanto, se tivermos cuidado, eles vão nos dar alta logo.

Isso devolve um esboço de sorriso aos lábios de Shane.

— Defina “ter cuidado”.

Não me dou ao trabalho de responder. Sebastian liga a televisão em um telejornal local.

A segunda matéria mostra o dr. Gordon e uma equipe vestida com jalecos brancos no auditório da Nova Genetics. Ele anuncia:

— Estamos investigando com todo afinho os relatos de um tratamento não autorizado, supostamente ministrado por uma pesquisadora daqui. Quero enfatizar que esse comportamento seria uma severa violação dos nossos padrões de conduta. Minha equipe está colaborando com as autoridades na investigação, e eu estou dirigindo todos os esforços da empresa para mitigar a situação. — Ele encerra a coletiva e sai da sala sem responder a nenhuma pergunta.

Chloe toca o próprio rosto e geme.

— Por que meus ouvidos apitam tão alto? Por que não consigo...? — Ela cai para a frente.

Jesse a segura pelos ombros.

— Chloe!

Aperto o botão da emergência. Poucos momentos depois, uma enfermeira entra correndo no quarto. Depois de uma verificação rápida, ela fala pelo interfone.

A dra. Culdicott chega em seguida, acompanhada por dois ajudantes que empurram a maca. Jesse segura a mão de Chloe enquanto os ajudantes a tiram da cama.

Tensa, a dra. Culdicott segue a maca.

— Você fica aqui.

Jesse não solta a mão de Chloe.

— Ela precisa estar perto de alguém que a ama.

A médica usa um tom de voz de quem está acostumada a dar ordens.

— Solte-a. Agora.

Jesse mantém a mão estendida e suspensa por alguns segundos após soltar a de Chloe. Depois, com um gemido, cai sentado no pé da minha cama.

Eu me aproximo dele.

— Ela já desmaiou antes e melhorou, pode acontecer de novo.

Ficamos sentados em silêncio, perdidos em pensamentos. Isso tudo é surreal. Por que a dra. Sternfield nos escolheu? Éramos só os alvos mais fáceis ou cada um de nós oferecia alguma razão científica para ser incluído em seu experimento perverso? Não sei se me sentiria melhor por ter sido escolhida de modo aleatório ou deliberado.

Sebastian balança para a frente e para trás na cadeira e passa a mão no cabelo.

— Vocês sabiam que o Xavier começou a faculdade um ano antes do normal com uma bolsa de estudos integral? A família dele está muito orgulhosa, mas espera que ele vá trabalhar com o pai depois de formado. E que se case com uma garota filipina.

Entrego um lenço de papel para Sebastian.

— E o que ele quer?

Seu sorriso é triste.

— Fazer pesquisas médicas. E amar quem quiser. — Ele choraminga. — Pena que a gente não teve chance de se conhecer antes.

Eu me levanto da cama.

— Vou ligar para o dr. Gordon. Ele precisa localizar a filha, nem que tenha que mandar a patrulha florestal atrás dela.

Jesse dá um soco na palma da mão.

— Aquele lixo de laboratório de pesquisa devia ser incendiado. — Seu rosto brilha, e torço para não ser febre.

Shane opina:

— O que realmente devíamos...

Uma voz no corredor parece vir de um megafone.

— Todos vocês, ponham a máscara agora. Estão nas mesas de cabeceira.

— O que está acontecendo? — Jesse grita.

— Vamos explicar tudo assim que obedecerem à ordem.

Como o único jeito de obter informações é “obedecendo”, pegamos as máscaras e gritamos para a pessoa lá fora que já estamos com boca e nariz cobertos.

A dra. Culdicott entra vestida com o que parece ser um traje espacial. Os olhos dela brilham desconfiados atrás do visor transparente.

— Vamos implementar um severo controle de infecção e levá-los para uma sala de pressão negativa.

Mais uma pessoa mascarada entra no quarto para ajustar o sistema de ventilação. Ou para impedir a entrada de ar, porque, de repente, tenho muita dificuldade para respirar.

Shane senta em uma cadeira e estende as pernas como fez na reunião do grupo de adolescentes na Nova Genetics.

— Já temos o que a dra. Charlotte colocou em nós, seja lá o que for. Por que as medidas de guerra?

Apesar da atitude casual de Shane, sinto meus músculos cada vez mais tensos. E a dra. Culdicott cruza os braços,

adotando uma atitude solene. Tem alguma coisa grave acontecendo. Muito grave.

Finalmente, a dra. Culdicott suspira e anuncia:

— Lamento muito, mas a amiga de vocês, Rosa, faleceu.

CATORZE

Meu corpo congela. Não é possível que Rosa tenha partido. Para sempre. E por quê? Porque queria falar com o garoto de quem gostava e estava suficientemente desesperada para ser seduzida pela dra. Sternfield, que agora é uma assassina.

A dra. Culdicott passa um instante olhando para a janela, depois recupera o foco.

— Os testes com a proteína C-reativa, ou PCR, identificaram o mesmo vírus em todas as amostras de sangue. Deve ser o vetor utilizado pela dra. Sternfield para transportar o DNA alterado. Normalmente, terapeutas genômicos removem os aspectos infecciosos desses vetores virais, mas a doutora pode ter cometido algum erro em sua ansiedade.

Sebastian pergunta:

— E você pode resolver o problema?

— A identificação é o primeiro passo. Vamos colocar todos vocês em um tratamento com interferon, que é eficiente contra vários outros vírus. Porém, mesmo que possamos deter o vetor do CZ88, os sintomas devem ser resultado do DNA alterado que esse vetor transportou, e que pode permanecer nas células depois que o vírus parar de se espalhar. É complicado.

É claro. Complicado. O que significa que eles não vão encontrar respostas a tempo. Em vez de febre, sinto frio. Muito frio.

Até Shane parece ter desanimado. Ele empurra a cadeira para trás, sobre duas pernas, e a deixa cair para a frente com um “tunc” várias vezes.

A dra. Culdicott diz:

— Já notificamos seus pais, que não podem visitá-los, por enquanto. — Ela respira fundo. — Lamento muito pela Rosa. Perder alguém tão jovem é sempre uma grande pena.

Ela pede aos meninos para apanhar seus pertences no outro quarto. Jesse fica para pegar as coisas de Chloe, e eu recolho tudo que é meu e o bloquinho que Xavier deixou ali. Dou uma olhada nas páginas, em que ele relacionou dúzias de possíveis genes e fez várias anotações. É o suficiente para

alimentar minhas esperanças até a última página, na qual ele rabiscou “LIXO” em letras garrafais, como se tivesse decidido que toda essa especulação não ia dar em nada.

Uma enfermeira mascarada nos leva a uma câmara pressurizada que parece nos sugar para dentro. Os olhos assustados dos garotos ficam maiores sob a máscara. Escolhemos as camas sem muito interesse. O espaço com iluminação forte não tem janelas e é revestido com lâminas plásticas do teto até o chão. O zumbido constante é de alguma coisa que vibra e suga nossa respiração, possivelmente doente, para filtros de limpeza. A enfermeira fica por alguns minutos, depois se retira. Assim que ela fecha a porta, tiramos as máscaras. Que se danem. O CZ88 já está em todos nós.

Os cílios de Sebastian brilham, e pela primeira vez eu o vejo parado.

— Coitada da Rosa. Achrom que ela teve alguma alegria com o Carisma antes de... vocês sabem?

Pego um lenço.

— Ela estava muito animada por finalmente ter descolado o garoto de quem estava afim. — Conto algumas coisas sobre Rosa, como se essas informações confirmassem

sua existência. Foi o que a fez aceitar o Carisma, não foi? Ser vista, ser conhecida, relacionar-se. A dra. Sternfield não tinha o direito de explorar essas coisas em nós.

Shane suspira.

— Acho que a gente devia exigir do dr. Gordon um jeito de ver a família ou mandar vídeos de despedida pra eles, pelo menos. Só pra garantir.

Fico esperando Sebastian censurá-lo pela morbidez da sugestão, mas ele pula da cama.

— Cada segundo é precioso. Vai, me filma. Em homenagem a Rosa.

Pego o celular e aponto a câmera para Sebastian, que já começou a dar piruetas, a se alongar e saltar como um doido. Ele continua em movimento mesmo quando gotas de suor escorrem por seu pescoço, e gira uma vez, duas, cinco vezes seguidas. Não para até as pernas cederem. Então, ajoelhado no chão, ele soluça.

Shane e eu corremos e o seguramos pelos ombros. Odeio perguntar, mas é necessário:

— Está sentindo alguma coisa, Sebastian? Vamos chamar o médico.

Sebastian levanta.

— Não! Eles não podem fazer nada. Vi a frustração e a impotência na cara de cada um deles. — E olha para Shane e para mim. — Como vejo na cara de vocês. Desde que aceitei o Carisma, ninguém consegue esconder de mim o que sente.

Shane e eu nos olhamos confusos. A alteração genética está causando alucinações em Sebastian?

Balançando, ele diz:

— Vou me deitar.

Shane o segura pelo braço.

— Ótima ideia.

Cruzo os braços e ando de um lado para o outro, furiosa comigo por ter sido tão ingênua. Quando encontrar a dra. Sternfield, vou usar esta voz que não tenho mais medo de pôr para fora. Talvez os punhos também.

— Jesse, você é o único realmente inocente nisso — comento.

Ele está ao lado da porta fazendo malabarismo com um copo descartável, jogando para cima e pegando de novo.

— Vocês foram muito sem noção.

Olho para o chão.

— Deve ser difícil alguém como você entender o desespero de uma pessoa para mudar.

Ele pega um copo com um barulho oco.

— Como assim, alguém como eu?

— Alguém que tem tudo. Beleza, confiança, é atleta. Aposto que sempre teve muita atenção como astro do time de futebol.

Ele faz uma careta.

— Não sou nenhum astro. E nunca me senti tentado a fazer nada radical por isso.

— Está falando de esteroides?

— Os verdadeiros astros do nosso time usam. Todo mundo sabe. Algumas vezes, estive muito perto de seguir por esse caminho, apenas para brilhar. Mas não seria eu, não de verdade. E isso é jogar sujo.

— Acha que jogamos sujo quando usamos o CZ88?

Ele me encara.

— Você não acha?

O telefone ao lado da minha cama toca. Nós nos entreolhamos. Ele toca de novo. Shane parece colado em Sebastian, e Jesse não para de brincar com a porcaria do copo. Eu pego o telefone.

— Aisllyn?

Meu coração para de bater por um segundo.

— Jack? Como me encontrou?

— Bom, sua mãe reagiu de um jeito estranho quando fui à sua casa, e a Evie está me mandando mensagens com perguntas esquisitas sobre a minha saúde. Quando vi as notícias, não foi difícil ligar os pontos.

— Eu queria te contar, mas estou muito envergonhada.

— Foi por causa desse Carisma que parou de fugir de mim? Mordo o lábio.

— Nunca quis fugir, mas era muito difícil falar com você.

— Por quê? Eu sempre fui afim de você. Nunca conheci uma garota mais bonita, mais inteligente.

— Eu não me sentia assim. Lembra como fiquei nervosa na festa do Drew? E na feira de ciências, meu Deus.

— Teria me deixado chegar perto em algum momento, sem nenhum remédio.

— Bom, agora a gente nunca vai saber.

O silêncio é prolongado e minhas pernas tremem. Finalmente, Jack diz:

— Se ficar bem e sair logo daí, não tem problema.

Viro de costas para os outros e ponho a mão em concha perto da boca.

— Talvez mude de ideia depois que eu contar o resto da história. Uma das garotas aqui contaminou o namorado. Eles estiveram juntos de um jeito, hum, bem íntimo, acho, mas os médicos nos colocaram em um quarto com pressão controlada após a primeira morte.

— Alguém morreu?

Conto a ele sobre Rosa.

A respiração de Jack é rápida e audível.

— Acha que eu também devo fazer exames?

— Converse com a dra. Culdicott aqui no hospital. Tem se sentido diferente? Mais extrovertido? Ou com dor de cabeça? Ou tonto?

— Não, nada disso. — Mais uma pausa. — Vou ligar para a médica. Aislyn, isso é uma loucura.

— Desculpe. E me conte sobre a conversa com a médica. Por favor.

— É claro.

Diferente de mim, que não tive coragem para falar antes, ele vai me contar. Quando desligo o telefone, sinto uma dor na cabeça. Sinal de coma iminente? Deito embaixo das cobertas e cubro a cabeça. Mas fechar os olhos com força não

ajuda em nada. E quando durmo, meus sonhos são furiosos e sombrios.

No meio da noite, a porta de sucção é aberta e dois enfermeiros entram com a maca para levar Sebastian inconsciente para a UTI. Não consigo conter um gemido e me sinto muito, muito pesada. Sonolenta, prometo a mim mesma que, assim que puder, vou postar o vídeo dele dançando. O mundo vai conhecer Sebastian de um jeito como nós nunca vamos conhecer Rosa.

Na manhã seguinte, um novo médico informa que todos os outros adolescentes que aceitaram o CZ88 estão em coma. Também tem alguns pacientes no hospital Seattle General com sintomas semelhantes.

Minha respiração fica mais rápida.

— Por que ainda não estamos doentes, então?

— Mesmo quando pragas mataram milhões, muita gente sobreviveu — responde o médico. — Talvez vocês sejam os sortudos.

Caio de costas na cama.

Jesse resmunga:

— Maravilha. Pegamos a praga. Que sorte.

O médico se mexe, e as roupas de proteção fazem barulho.

— Cada pessoa é diferente, com imunidades diferentes.

Jesse começa a jogar o copo para cima de novo e quase acerta a máscara do médico.

— Ou o vírus é lento, como o da aids.

— Vocês três estão estáveis até agora.

Jesse dá risada.

— Até agora. Chloe parecia estar bem depois que parou de desmaiar e, de repente, bum! — O copo cai no chão com um estalo alto.

O médico respira fundo.

— Sei que deve ser frustrante.

Jesse grunhe e agarra a coberta da cama. Seus olhos estão vermelhos e úmidos.

— Faz mais de um dia que eu desmaiei. É a calma antes da tempestade, não é? Quanto tempo acha que eu tenho?

O médico tenta acalmá-lo. Mas o que ele pode dizer? E eu estou sem sintomas há mais tempo que o Jesse. Se tem uma tempestade a caminho, vai desabar primeiro em cima de mim.

Levanto-me e fecho a cortina em volta da minha cama.

— Pode me examinar.

Sem muitos comentários, o médico vai de leito em leito repetindo os exames. Com exceção de Jesse, que reclama de um apito nos ouvidos, estamos bem. Por enquanto.

O médico sai.

Shane pega o telefone ao lado da cama dele e disca.

— Alô, dr. Gordon, é o Shane de novo. Precisamos de alguma coisa melhor que estes telefones velhos para falar com a família e os amigos enquanto ainda é possível. Caso contrário, vou ver se algum canal de notícias pode arrumar alguma coisa pra nós em troca de uma entrevista sobre sua filha. — Ele desliga.

Jesse se anima o suficiente para encenar um toque de mão no ar.

— O filho da mãe merece.

Meu telefone toca. Atendo depressa.

Minha mãe fala:

— Oi, amor. Como você está?

— Bem. Triste pela Rosa e preocupada com os outros, só isso. — Tão bem quanto posso estar.

— Meu bem... — O soluço que ela tenta sufocar transforma meu coração em gelo. Minha mãe nunca chora.

Ela está sempre ocupada demais com a gente. De algum jeito, ela recupera a compostura e continua: — O dr. Gordon está confiante, ele acredita que vão encontrar uma solução. Estão estudando o DNA que compõe o vírus encontrado em todos vocês. Só precisa aguentar firme como eu sei que você pode, está bem?

Engulo o choro.

— Vou tentar.

A voz rouca de Sammy se junta à dela pela extensão:

— Volte logo pra casa, Aislyn. — Ele tosse.

Minha voz treme.

— Sinto muito por tudo isso.

Quando finalmente desligamos, mal consigo respirar. Shane, que também acabou de desligar o telefone, parece estar tão mal quanto eu. Ele dá um soco na cama.

— Os médicos te interrogaram sobre seus... contatos?

— Mais ou menos. — De repente, eu entendo. — Uma das suas namoradas está doente?

Ele esfrega os olhos.

— As duas meninas que me acompanham no show estão falando coisas. A gente encenava uns beijinhos para a câmera, mas deixamos o melhor para os próximos episódios,

sabe? Enfim, a família de uma delas está ameaçando um processo gigantesco.

Cruzo os braços.

— Está dizendo que o grande Shane não pegou ninguém desde que recebeu o Carisma?

Ele faz uma careta.

— Eu tinha acabado de conhecer as meninas. Não sou tão cachorro.

Jesse bufa na cama ao lado da de Shane.

Esfrego os lábios lembrando a sensação quente do beijo de Jack. Espero não ter passado para ele essa coisa que eu tenho. Pena que minha mãe não interrompeu todos os nossos encontros.

O desespero me sufoca. Não quero desabar na frente desses dois, por isso corro para o banheiro da suíte. Embaixo da água quente do chuveiro, choro e soco a parede de azulejos. Quando minhas mãos começam a doer e a pele já enrugou, eu me arrasto de volta para o quarto.

Uma pessoa vestida com um traje de proteção trabalha em uma tomada. Ele se afasta ao me ver e diz:

— Precisa pôr a máscara imediatamente.

Pego uma bem depressa. Tem um laptop no pé da minha cama. Shane está usando outro, que colocou sobre a mesa de cabeceira. Vinte minutos mais tarde, o técnico se levanta e pega suas coisas.

— Não sei quem vocês chantagearam, mas agora têm uma conexão de internet aqui. — E corre para a porta.

Acesso a rede. Minha página está explodindo, cheia de posts me dando os parabéns por ter mudado para melhor, outros desejando que eu não morra por isso. Kiera deve ter delatado todos nós. Surpreendentemente, algumas pessoas perguntam como podem conseguir o Carisma. E uma mulher em Los Angeles quer saber como lidar com os efeitos colaterais da “piranhagem”. Ah, deve ser piada.

Reviro o site da Nova Genetics procurando uma foto da dra. Sternfield para usar em um grupo de busca on-line. Acampando coisa nenhuma. Atenta, examino a página da equipe mais uma vez.

— É como se ela nunca houvesse existido — comento, enquanto um arrepio gelado percorre meu corpo.

— Oi? — Shane pergunta.

— Não tem nenhuma menção ao nome da dra. Sternfield no site da Nova Genetics. Quero divulgar uma foto dela.

Começar uma busca.

Ele digita.

— Não dá para se esconder dos motores de busca. —
Alguns cliques depois ele continua: — Nada desde a faculdade de Medicina. É como se ela soubesse que um dia teria que se esconder.

E recrutou a gente do mesmo jeito. O gelo em minhas veias se transforma em fogo.

Furiosa, divulgo a foto da faculdade de Medicina com um pedido para quem tiver alguma informação sobre ela entrar em contato com o hospital. Minhas pernas se mexem sem parar. Entrar em ação e procurar a médica me dá uma energia inesperada.

Mas durante o dia eu só recebo mensagens de gente cada vez mais maluca. Vou dormir à noite sem ter feito nenhum progresso.

De manhã, acordo Shane quando pergunto em voz alta:

— Jesse, está tudo bem?

Jesse está deitado na cama com uma expressão atordoada e as mãos sobre as orelhas.

— Estou bem — ele resmunga, mas não parece.

— É melhor falar se não estiver bem, cara. — Shane pega o controle remoto.

Na TV, vários especialistas especulam sobre a extensão do surto, e se isso é consequência de terrorismo ou de um cientista maluco em ação. Peço a Shane para desligar o aparelho, mas a âncora de um telejornal, com feições de porcelana, aparece na tela anunciando “notícias que acabaram de chegar”.

Apesar do pavor de saber que há mais vítimas, mais mortes, eu me inclino em direção à TV. Surge na tela uma foto da dra. Sternfield. Meio borrada, porém mais recente que aquela que postei. A âncora relata:

— Em um desdobramento bizarro, a pesquisadora da Nova Genetics que supostamente conduziu um tratamento genético não autorizado e letal, com pelo menos duas dúzias de pessoas na região noroeste, aparece em um vídeo perturbador enviado para a nossa emissora. As imagens a seguir não são apropriadas para crianças.

O que é isso? Alguém localizou a médica?

A dra. Sternfield olha para a câmera com uma expressão solene, os olhos e os lábios compostos em linhas duras. O

vento sacode seu cabelo castanho avermelhado com um céu cinzento ao fundo.

Ela fala com voz trêmula:

— Peço desculpas. Por tudo. — A câmera se afasta um pouco para mostrar que ela está pendurada na grade lateral de uma ponte.

Meu sangue, ou o que restou dele, parece congelar. Torço para ela descer da grade, voltar de onde está e desenvolver uma cura para nós.

Shane resmunga na cama dele:

— Não faz isso. Não faz isso.

O tempo parece parar enquanto a câmera treme. A dra. Sternfield olha para o céu como se procurasse uma resposta. Depois ela endireita os ombros e assente.

Puxo a coberta até o queixo e torço para ela recuperar a razão.

A dra. Sternfield respira fundo. Depois, com um beijo na ponta dos dedos e um aceno, ela se vira e pula.

QUINZE

Não.

Não.

Não.

Salto para a frente como se quisesse mergulhar na TV e ir atrás dela. A câmera acompanha a descida da médica até a água lá embaixo, onde ela desaparece em um mergulho silencioso. Por um longo momento, a água ocupa toda a tela. Depois o vídeo é cortado.

Shane e eu nos olhamos. Ele está chocado.

A apresentadora do telejornal volta.

— Nossas fontes estão tentando localizar essa ponte, mas o vídeo parece ser autêntico. Estamos tentando descobrir quem o enviou.

Shane explode.

— Isso é absurdo!

Não consigo tirar as mãos de cima do estômago.

— Por que ela faria isso? Não faz sentido.

Shane aponta o controle remoto para a televisão e vai mudando de canal. Depois joga o controle em cima da cama.

— Se ela não estiver morta, eu mato a vadia.

Olho para a TV me sentindo atordoada. A morte de Rosa acabou com minha alegria. A morte da dra. Sternfield acabou com minha esperança.

Dou uma geral no quarto. Jesse está muito doente. Eu me aproximo para cutucar seu ombro. Respirando superficialmente, ele não reage nem quando puxo seu braço.

— Acorda!

Shane usa o botão para chamar uma enfermeira e põe a máscara. Minutos depois, uma equipe médica aparece apressada empurrando outra maca. Duas mulheres grandes tiram Jesse da cama e o levam dali. Apenas isso.

E agora somos só dois. Sem nenhuma pesquisadora para aparecer e anunciar que desenvolveu uma cura.

Shane está pálido.

— Droga. Isso tudo dá muito medo.

Fecho os olhos com força, tentando desesperadamente segurar o choro. Não tenho nem dezessete anos. Não pode ser assim. Eu devia estar em casa com minha mãe e Sammy,

fazendo coisas normais, trabalhando na piscina, saindo com Evie, falando para minha família do meu amor por eles. Não posso deixar de dizer isso a eles.

Limpo o rosto.

— Talvez a gente deva fazer aqueles vídeos de despedida que você sugeriu.

Shane respira fundo.

— Quer que eu vá pro banheiro pra você ter privacidade?

Shane está respeitando limites? Estamos com as horas contadas, realmente.

Respiro fundo várias vezes para resistir ao pânico.

— Não sei o que dizer.

Ele senta ao meu lado na cama. Em casa, nenhum garoto da minha idade jamais entrou no meu quarto. Quando Shane segura minha mão, o gesto é confortante. Não é como se ele estivesse dando em cima de mim.

— Fale pra cada pessoa quanto ela é importante pra você. Fale sobre os melhores momentos que viveu com elas, talvez. E o que deseja pra essas pessoas no futuro.

As sugestões soavam definitivas. E é isso que os vídeos podem ser, droga.

Minhas palavras saem entrecortadas por soluços.

— Não quero que minha mãe e Sammy me vejam chorando.

A voz dele é gentil.

— Aí você para o vídeo, lava o rosto e começa de novo.

Assinto.

— Vou te deixar agora. Se quiser que eu volte, é só gritar.

Ele leva o laptop para o banheiro e eu olho para o meu, pensando em fazer primeiro o vídeo para minha mãe. Respiro fundo. De novo.

Fungando, começo a gravar. Digo para minha mãe quanto eu lamento tudo isso e como ela é a melhor mãe que eu poderia querer. Adoro como ela faz Sammy e eu nos sentirmos especiais. Tenho que refazer tudo várias vezes, mas finalmente consigo ir até o fim.

Então gravo um vídeo para Evie. O que a gente diz para a melhor amiga? Faço um esforço enorme, o que só serve para me fazer chorar de novo, mas não paro o vídeo. Lembro como no começo de cada ano letivo nós desenhávamos um mapa para maximizar o número de vezes que íamos nos encontrar entre as aulas. E a cada encontro eu vivia um momento de calma em meio ao caos de um dia no colégio. Ela sempre foi meu porto seguro. Termino o vídeo com:

— Sucrilhos, Sucrilhos, Sucrilhos.

Se fosse assim tão fácil escapar!

Assoo o nariz e respiro mais algumas vezes antes de fazer o vídeo para Jack. Falo basicamente sobre o que queria ter feito e o que deveria ter feito. Termino com a sensação de estar sendo roubada, privada de alguma coisa que ainda nem era minha de verdade.

Agora falta o vídeo mais difícil. O que dizer a Sammy?

Começo a gravar e tusso para limpar a garganta.

— Ei, cara. Estou aqui neste hospital chato. Pensei em mandar um vídeo pra você, caso... — Caso o quê? Não, não posso falar isso.

Apago o vídeo e começo de novo.

E de novo.

O inferno é tentar dizer ao seu irmão mais novo que vai ficar tudo bem quando você sabe que ele vai ficar devastado. Não quero que a última coisa que Sammy tenha de mim seja uma mentira.

Sigo meu coração.

— Oi, Sammy. Se você está vendo isto agora, é porque as coisas não acabaram bem. Sei que está triste. Queria que soubesse que amei ser sua irmã. Você é a pessoa mais forte

que conheço. E mesmo que não tenham encontrado uma cura pra mim a tempo, sei que com você vai ser diferente. Vai ter que ser.

Paro o vídeo para enxugar os olhos, depois continuo.

— Então, agora é você quem tem que impedir que a mamãe se meta em alguma encrenca. Não a deixe tocar música grunge muito alto. E quando ela chegar em casa muito cansada do trabalho, deixe-a tirar um cochilo. Você pode criar um elenco inteiro de novos personagens de mangá ou um mural enquanto espera. Amo você, Sammy.

Clique.

Só então percebo uma coisa sobre meu irmão. Durante todos esses anos, presumi que a paixão dele pela arte fosse um jeito divertido de passar o tempo, talvez até uma fuga para seus males diários. Mas agora entendo que não é só isso. Sammy quer deixar sua marca, criar alguma coisa duradoura no tempo de vida que tiver. Como não notei isso antes?

Salvo os vídeos em uma pasta chamada “EM CASO DE EMERGÊNCIA”.

Embaixo do cobertor, assisto a um programa sobre aquecimento global até Shane voltar do banheiro com os

olhos inchados. Sem fazer perguntas, ele joga o laptop na cama e senta ao meu lado, em frente à televisão. Continuamos assim até a dra. Culdicott entrar com aquele ar confuso.

Shane segura minha mão.

— Diga.

Ela cruza os braços e respira fundo no traje espacial.

— Pode haver mais de cem vítimas pela Costa Oeste. Aparentemente, a dra. Sternfield teve acesso a uma rede de pessoas que ganham a vida se oferecendo como voluntárias para testes clínicos. E a situação de Xavier é bem delicada. Ele teve que ser ressuscitado duas vezes nas últimas horas.

Um soluço escapa do meu peito. Aquele garoto tão legal que merecia muito mais tempo. Com Sebastian.

— Não temos muita chance, temos? — Shane pergunta.

A dra. Culdicott balança a cabeça.

— Assim que conseguirmos entender alguma coisa, vocês serão avisados. Até lá...

A pulsação de Shane está acelerada.

— Já fizemos nossos vídeos de despedida.

A dra. Culdicott reage surpresa, mas em vez de nos acusar de estarmos desistindo, ela assente.

— Os rapazes que servem no Afeganistão teriam feito a mesma coisa.

Os dias seguintes são confusos, frenéticos. Passo a maior parte do tempo conversando por vídeo, dizendo o que tem de ser dito, mesmo que seja chorando. Os médicos aplicam interferon em nós, mas nossa carga viral não diminui.

Uma semana depois da nossa internação, no Quatro de Julho, Sammy balança uma bandeira durante a nossa conversa matinal.

— Mamãe vai me levar para ver os fogos e... — O relato é interrompido por um ataque de tosse.

Instintivamente, pego a caixa de lenços.

— Os testes com o AV719 vão começar logo. Na semana que vem, não é?

Seus olhos se enchem de lágrimas e ele quase sufoca.

— Não vai ter teste.

— Não vão fazer o teste? — A Nova Genetics nem é a principal pesquisadora desse estudo.

— Vão, mas não comigo.

Mal consigo respirar. Eles o excluíram por minha causa?

— Vou dar um jeito nisso, Sammy. Vou ligar para o dr. Gordon, e ele pode falar com a universidade.

Sammy olha para a câmera e respira com dificuldade.

— Não foi uma decisão deles. Mamãe não quer correr o risco, depois do que aconteceu com você.

Meu grito quase mata de susto Sammy e Shane, que corre para perto de mim. Eu o afasto com um gesto e grito para a tela.

— Isso é insano! Chame a mamãe.

Sammy balança a cabeça.

— Terapia genética não é milagre. Você já devia saber disso.

— São coisas totalmente diferentes. Não acredito que vocês não me contaram. Chame a mamãe! — Quando ela aparece, eu grito: — Por que tirou o Sammy do programa de testes?

— Calma. Está assustando seu irmão.

Minha voz fica ainda mais estridente.

— Assustando? Não quer falar sobre a cura do Sammy? Você viu os dados do AV719. Ele precisa disso.

— Agora não, Aislyn. Quando você se controlar, podemos conversar como adultas. — E ela encerra a ligação por vídeo.

Ah, não, o que foi que eu fiz? Agora minha decisão de aceitar o CZ88 também tem consequências de vida e morte sobre Sammy. Soluço balançando na cama.

Shane afaga minhas costas e faz ruídos reconfortantes, mas peço para ele me deixar sozinha. Tenho que arrumar tudo isso, garantir uma chance para Sammy. Pego o telefone.

Quando o dr. Gordon atende, tento me controlar, mas as palavras ainda saem de mim como o som de uma buzina a gás.

— Como pôde deixar minha mãe tirar o Sammy do programa de testes do AV719?

A voz dele é contida, o que me faz lembrar que o homem ainda está de luto pela filha.

— Eu tentei convencê-la a não desistir. Sua mãe precisa de um tempo.

Quero jogar o telefone na parede.

— Tempo? Se esperarmos muito, a capacidade pulmonar do Sammy vai ser baixa demais pra qualquer coisa que não seja um transplante.

— Ela está com medo, Aislyn.

— Nesse caso, você tem que encontrar uma cura pra mim logo, assim ela vai superar o medo.

Ele suspira como se estivesse enfrentando muitas horas de sofrimento.

— Estou tentando.

— Não está se esforçando o bastante. Tem gente morrendo.

Agora a voz dele treme.

— Eu sei, Aislyn. Eu sei.

Depois do telefonema, não consigo ficar quieta. Se não estivesse presa aqui, eu poderia convencer minha mãe pessoalmente. Quase ataco a dra. Culdicott quando ela entra.

— Quando meu irmão é internado, tem uma lista de critérios que ele tem que cumprir pra poder ter alta. Qual é a lista para Shane e eu? Não pode nos segurar aqui pra sempre.

Ela parece surpresa.

— No caso de vocês, o isolamento tem mais a ver com a possibilidade de infectar outras pessoas do que com os sintomas que apresentam agora.

Sintomas que eles não podem tratar, de qualquer jeito.

— Mas todas as evidências demonstram que o contágio não acontece pelo ar. Teríamos que transmitir o vírus de propósito.

Ela balança a cabeça.

— Ainda tem muita coisa que não sabemos sobre a terapia genética. E muita gente lutando contra a alta de vocês.

Faço um esforço para me acalmar e parecer prática.

— E se ficarmos sem sintomas por alguns dias? E se Shane assinar um compromisso de não se relacionar com nenhuma garota?

A máscara da dra. Culdicott parece acompanhar a ruga que eu sei que se forma em sua testa.

— A decisão não é só médica, é política também. O governador teria que endossá-la.

— Cada dia que vocês nos mantêm aqui é um dia que passamos longe da nossa família.

Ela suspira.

— Vou conversar com os epidemiologistas.

Quando ela sai, eu grito:

— Feliz Dia da Independência!

Naquela noite, horas depois da queima de fogos, acordo no escuro com Shane se debatendo a poucos metros de mim e os passos do pessoal do plantão noturno no corredor lá fora. O terror ameaça me dominar. Só consigo pensar em

fechar os olhos e mergulhar em um vácuo que nunca mais vai me deixar acordar. Ou pior, acordar sabendo que estou em coma, com o corpo servindo de túmulo para a minha mente.

Repenso cada conversa que tive recentemente. Devia ter convencido minha mãe a dedicar mais tempo para si. Preciso fazer Evie perceber que ela tem a coragem com que sempre sonhei. Sammy tem de entender que ele já deixou uma marca indelével, muito além de sua arte. Jack sabe quanto aprecio o fato de ele ter olhado além da garota incrivelmente esquisita que eu era e se aproximado de mim? Relaciono mentalmente as coisas que vou dizer amanhã, quando pode ser minha última chance de falar com as pessoas que amo, se o CZ88 continuar dentro de mim. É um jeito perturbador de viver. Ou morrer.

Mas acordo na manhã seguinte. A dra. Culdicott não cede quanto ao prazo de limite para ausência de sintomas, mas também não encerra a questão. Converso com Sammy e minha mãe, que me interrompe sempre que menciono o AV719. Na terceira vez que toco no assunto, Sammy pede para falar com Shane. Eu concordo, desde que Shane não tente dar conselhos sobre namoro.

Falando em namorar, esta é minha chance de pseudoprivacidade. Abro uma conversa com Jack.

Ele me cumprimenta com os olhos vermelhos do cloro da piscina onde nada todas as manhãs. Consigo quase sentir o cheiro nele. Queria muito estar perto o suficiente para cheirá-lo. E tocá-lo. Minha pele formiga com a esperança de sentir seus dedos nela de novo algum dia.

Torço a coberta da cama enquanto conto para ele as últimas informações.

— Ninguém que tenha respirado perto de nós deu sinais de ter o vírus na corrente sanguínea. Se não compartilharmos agulhas ou coisas desse tipo, ninguém vai ser contaminado. — Fico imaginando se ele pensa sobre “coisas desse tipo”, como eu.

O rosto de Jack chega mais perto da tela, como se ele pudesse ler meu desejo.

— Uma advogada da ACLU, a União Americana pelas Liberdades Cívicas, falou sobre vocês ontem em uma entrevista para uma emissora de rádio. Estão protegidos pela lei. E tudo indica que a transmissão seja semelhante à do HIV.

— Isso te assusta?

Ele engole a saliva, desvia o olhar, depois olha para a tela de novo.

— Só quero ficar com você, Aislyn. Podemos esperar para, ah, fazer coisas... quando estiver curada.

Passo um dedo em volta do monitor.

— O dr. Gordon fica repetindo que estamos mais seguros aqui do que aí fora. — Suspiro. — Tem algum canal de contato com essa advogada da ACLU?

Ele manda as informações depois que encerramos nossa conversa. Shane e eu ligamos para ela imediatamente e apresentamos a situação. Ela aceita o caso na hora e diz que não vai cobrar nada, porque é pelo bem público.

Mais tarde, Shane e eu sentamos lado a lado no meio da cama, e ele pega o controle remoto da televisão. Limitamos o consumo de notícias para conseguirmos dormir à noite, mas é impossível evitar a contagem dos mortos e das pessoas em coma por conta do CZ88.

Ele vai mudando de canal e para ao encontrar outra entrevista sobre a Nova Genetics, desta vez com uma mulher de meia-idade muito parecida com a dra. Sternfield. É a mãe dela, Sheyla Sternfield. Aparentemente, a médica recebeu ou escolheu usar o sobrenome materno.

Sheyla Sternfield encara a câmera com um olhar firme.

— Minha filha jamais teria cometido um ato tão desesperado se não estivesse acuada. Espero que pelo menos deixem a memória dela em paz.

Alguna coisa em sua atitude parece não encaixar, algo que não consigo identificar. Talvez eu esperasse mais sinais de luto. Meus olhos lacrimejam quando penso em minha mãe na mesma situação.

— Quer que eu mude de canal? — Shane pergunta.

— Não. Alguma coisa na expressão dela é estranha.

Ele assente.

— Sim, também vejo alguma coisa. Se um dia sairmos daqui, imagina o que poderemos fazer nas festas.

Não é que agora podemos ler pensamentos. É mais uma questão de estar muito, muito atenta à expressão das pessoas, o que, provavelmente, faz parte das características de alguém bastante sociável. Muito obrigada, querida finada dra. Sternfield.

— Acha que a frieza da mãe transformou a dra. Sternfield em uma cientista maluca? — pergunto.

Ele grunhe.

— Seria preciso mais que isso. Além do mais, odr. Gordon parece ser legal. Os dois pais influenciam a personalidade dos filhos.

Mordo o lábio sem saber o que responder.

Ele olha para mim como se entendesse de repente.

— Ai, desculpe. — E descansa as mãos abertas sobre as coxas. — Não quero ser invasivo, mas o que aconteceu com seu pai?

— Um acidente de mergulho. — Olho para ele.

Shane afaga meus dedos.

— Sinto muito.

Aquiesço, respiro fundo, mas não consigo inspirar todo o ar de que preciso.

Na manhã seguinte, a dra. Culdicott anuncia que em suas reuniões com as autoridades competentes, sem dúvida orientadas por uma certa advogada da ACLU, ficou acertada a criação de uma lista de critérios para a nossa alta.

— Que critérios? — Shane quer saber.

Ela vai contando nos dedos.

— Sinais vitais estáveis, é claro. E nenhum outro sintoma, como desmaios ou ouvidos apitando. Seria útil ter um teste confiável para o CZ88, um procedimento mais

econômico que o que temos usado. Também vai ser feita uma avaliação psíquica para estabelecer se vão se comportar de maneira responsável fora daqui.

Ambos concordamos balançando a cabeça. Espero que Shane não complique as coisas para nós.

— Cumpridos os requisitos, talvez, e só talvez, possamos convencer o governador a revogar a ordem de isolamento. — Antes de sair, a dra. Culdicott acrescenta: — A propósito, fizeram contato com outros pacientes do CZ88? Estamos tentando localizar uma jovem chamada Sophia Washington, que desapareceu do Seattle General.

— Ela não esperou a revogação da ordem de isolamento? — pergunto.

Talvez eu deva fugir daqui e berrar com minha mãe até ela mudar de ideia sobre o teste do Sammy.

Os olhos da dra. Culdicott brilham atrás do eterno visor de plástico transparente.

— Ou isso ou alguém a obrigou a sair de lá. Pessoas estranhas têm andado pelos hospitais procurando pacientes do CZ88.

Um arrepio de desconforto percorre minhas costas.

— É, já lemos sobre esquisitos que queriam fazer um exorcismo nos pacientes de Los Angeles. Acha que eles foram pra Seattle?

— É o que estamos tentando descobrir. Mas não tem motivo para pânico. Aqui a segurança é rígida. Ninguém entra ou sai sem autorização.

E lá se vão meus planos de fuga.

Na manhã seguinte, ouço Shane falando sozinho no banheiro e faço uma brincadeira quando ele sai de lá.

— Estava ensaiando para a entrevista. Preciso ser convincente.

Solto o garfo do café da manhã.

— Você não tem nenhum sintoma, tem?

— Não. Mas eles podem pensar que estamos mentindo pra sair daqui.

— Hum. Se a gente conseguir convencer um ao outro, passamos em qualquer teste.

Sentamos na minha cama de pernas cruzadas, joelho com joelho, nos encarando.

Shane sorri.

— Você começa.

— Tudo bem. — Fecho os olhos por um momento para adotar uma expressão neutra. Quando estou pronta, falo: — Hoje não tenho nenhum sintoma do CZ88.

Ele me encara atento.

— Está falando a verdade. Agora fala uma mentira pra eu poder comparar.

— Não seria melhor se você não soubesse se é mentira ou verdade?

— Tem razão.

Respiro fundo mais uma vez e falo:

— Quando te conheci, achei que você era o maior de todos os babacas.

— Essa é fácil. Verdade.

— Agora você parece meio legal.

Ele estreita os olhos.

— Estou vendo uns tremores. Não acha que sou meio legal?

Abaixo o olhar para não ver sua decepção.

— Honestamente? Acho que você é mais que meio legal.

Ele sorri, e o sorriso provoca covinhas.

— Ah, legal. Bem honesto.

— Sua vez.

Ele fica sério.

— Quando te conheci, achei que você tinha problemas.

— Eu mesma podia ter te contado essa sem nossa habilidade para ler expressões. Tanto que eu tinha problemas quanto que você sabia disso.

— Agora sei que você se acha.

Bato no braço dele.

— Mentira, mentira, mentira.

— Tudo bem, mais uma. Acho você gata, uma gracinha, e queria que o Jack sumisse para eu ficar no lugar dele.

Prendo a respiração por um segundo. Tudo em seu rosto sugere que ele diz a verdade, mas eu falo:

— A maior parte é mentira.

Ele fica vermelho e desvia o olhar.

— Acertou.

Depois de um silêncio incômodo, ensaiamos até estarmos prontos para o interrogatório mais duro.

E ele acontece no dia seguinte, com médicos, pesquisadores e psicólogos. Mais tarde, Shane resmunga:

— Devíamos processar essa gente. Ninguém faz os pacientes de aids passarem por tudo isso antes de ter alta do hospital.

— Eles sabem exatamente como a aids é transmitida.
Para nós, os dados ainda não são suficientes.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Podemos fornecer alguns.

— Hum, não vai dar certo com a gente, nós dois já temos o vírus.

Ele passa a mão no cabelo.

— Porcaria. Essa transferência de gene fez exatamente o contrário do que a dra. Sternfield prometeu.

— Bom, você ficou mais legal, pelo menos.

— E isso não vai me ajudar em nada. — Ele bate na cama.
— Olha só, sei que gosta do garotão. Mas vai chegar uma hora em que vocês dois vão ficar frustrados por não poder fazer nada. — Ele sorri. — Sabe o que falam sobre o último homem da Terra?

Apoio as mãos no colo e suspiro.

— Normalmente é algo hipotético, tipo, “não ficaria com o fulano nem que ele fosse o último homem da Terra”.

— É, mas a realidade pode ser diferente, não esqueça.
Não sou tão mau quanto imaginava. Você mesma disse.

Dou de ombros.

A morte iminente pode fazer a gente relevar comportamentos desagradáveis.

Ele se aproxima e baixa a voz.

— E se esta for nossa última chance?

Olho para o queixo forte, para os olhos brilhantes e os dentes muito brancos. Tudo em sua atitude sugere sinceridade, não tem nada de deboche. Se eu não gostasse do Jack ficaria com Shane, agora que vi seu lado legal?

Suspiro.

— Vamos torcer por uma cura rápida. Após doze dias de convivência, ficar comigo seria como ficar com sua irmã.

Ele joga um travesseiro em mim.

— Precisava falar isso?

E assim começa a guerra de travesseiros número duzentos e três.

A dra. Culdicott chega com aquele habitual jeitão de sargento, os ombros para trás, o queixo erguido. Porém, pela primeira vez desde a morte de Rosa, ela não está usando traje de proteção e máscara. É estranho ver um rosto humano descoberto que não seja o de Shane. Ela não sorri, não exatamente, mas não tem aquela ruga na testa com que me acostumei.

— Vocês vão ter alta.

Ai, meu Deus. Se eu correr, consigo levar Sammy para os testes do AV719. Começam hoje.

Ela acrescenta:

— Amanhã.

Toda a minha euforia implode.

— Ah, por favor, libere a gente hoje. Meu irmão tem que fazer uns testes, e eu sou a única disposta a brigar por isso. Por favor, dra. Culdicott.

— Lamento, Aislyn. Vários departamentos de saúde pública estão se coordenando para uma coletiva de imprensa cujo objetivo é controlar a histeria com que algumas facções vão reagir. Isso é o máximo que podemos fazer.

— Não dá para abrir uma exceção?

— Não. Amanhã. Além do mais, se sua mãe quisesse levar seu irmão para participar dos testes de pesquisa, ele já estaria lá. — Seu olhar é duro.

A médica sai do quarto, e fico tão deprimida quanto se ela tivesse dito que não podíamos sair. E meu humor piora naquela noite, quando minha mãe telefona e tenta me confortar.

— Mesmo que você não tivesse aceitado o CZ88, outros teriam concordado, e minha decisão seria a mesma. Não vou autorizar meu filho a participar de uma coisa com tantos fatores desconhecidos.

— Mas o estudo preliminar teve resultados incríveis. É loucura não aproveitar essa chance.

— Não. Loucura é participar. E devíamos estar comemorando sua alta, não brigando.

— Não entendo por que está desistindo do Sammy!

Ela grita:

— Desistindo? Como pode dizer isso? Como?

— Você entendeu.

— Não, não entendi. Não tenho ideia do que passa por sua cabeça, se é que algum dia tive.

Suspiro.

— A gente se vê amanhã, mãe. — Desligo, exausta.

Shane senta ao meu lado.

— Ela tem enfrentado muita coisa.

— Nós também. — Apoio a cabeça no ombro dele por um longo tempo.

Depois me levanto para ligar para o dr. Gordon e tentar convencê-lo a me contar onde os testes estão acontecendo.

Mas ele é tão teimoso quanto minha mãe.

No dia seguinte, a dra. Culdicott se despede de mim e de Shane dizendo:

— Se vocês tiverem tontura ou febre, zumbido nos ouvidos ou qualquer outro sintoma do CZ88, voltem imediatamente para cá.

Shane e eu nos olhamos. Está acontecendo de verdade. Com um dia de atraso, mas está acontecendo. E quando eu estiver em casa, talvez minha mãe veja como estou me sentindo bem e mude de ideia sobre Sammy. Depois vamos convencer os pesquisadores a aceitar Sammy no grupo, mesmo com os testes já iniciados. Sair daqui significa voltar ao mundo, lutar pelo que quero.

A dra. Culdicott aperta minha mão e a de Shane.

— Logo as famílias virão buscar vocês. Hora de voltar à vida normal.

Normal. Suspiro. Nada nunca foi tão anormal.

E ELES ESTÃO NA RUA!

por Lulu Lakes para *In the Know*

Apesar dos protestos de cidadãos em pânico, seis hospitais em Washington e na Califórnia deram alta a onze pacientes que contraíram o vírus CZ88 diretamente, como parte de uma terapia genética ilegal, ou foram contaminados por alguém submetido ao

tratamento. A alta ocorre apesar das dezessete mortes e dos cento e doze pacientes que permanecem em coma. Departamentos de saúde pública dos outros três estados com pacientes infectados pelo CZ88 ainda se recusam a revogar a ordem de isolamento.

O dr. Dean Presley, do Centro Médico da Califórnia, afirma: “Nos casos em que conseguimos identificar a transmissão de pessoa para pessoa, ela foi causada por agulhas compartilhadas ou sexo sem proteção. Não há motivo para alarme, se forem evitados os comportamentos de risco”.

O site *In the Know* (www.NowYouKnowToo.com) será atualizado continuamente com alertas de saúde e mapas das áreas afetadas pelo CZ88.

.....

DEZESSEIS

O normal é relativo, claro. Como minha vida poderia voltar à rotina se Rosa e mais dezesseis pessoas morreram, e minha saúde pode ir pelo ralo a qualquer momento graças a uma médica do mal que espero que esteja se retorcendo no inferno?

Então, o normal existe na fantasia.

Minha mãe e Sammy entram correndo e me abraçam. Ficamos ali por muito tempo.

Finalmente, quando nos afastamos, minha mãe fala no meu ouvido:

— Não vamos discutir o teste do AV719. Ponto-final.

Sammy está tão falante, animado e alegre que concordo com os termos da minha mãe. Por enquanto.

Quando saímos do hospital, passamos discretamente de carro por grupos de repórteres. Em casa, onde os repórteres ainda não estão presentes, minha mãe tenta se agarrar à

fantasia de uma vida normal com biscoitos saindo do forno e um jantar ao ar livre planejado para mais tarde. Lá fora, o tempo é típico do verão em Tacoma, como se mamãe também tivesse encomendado o clima.

Perto de uma janela aberta na sala de estar, tentando não voltar a ser eu mesma ainda, me acomodo no sofá que cheira levemente ao óleo marroquino de minha mãe. Cada móvel, cada objeto, cada aroma que não notei durante anos agora me confortam, me acolhem de volta à realidade que pensava ter perdido. Uma realidade que ainda posso perder.

Por mais que odeie estragar o momento, falo:

— Mãe, temos que conversar sobre o teste do AV719 antes que seja tarde demais.

Seus olhos brilham, e ela se coloca entre mim e Sammy.

— Não vai me convencer a expor meu filho a uma droga que não foi totalmente aprovada. Pare com isso, Aislyn. Pare.

— Seu corpo todo treme, e os olhos estão vermelhos.

Sammy a abraça pelas costas.

— Tudo bem, mãe, não vou fazer o teste.

Eu me sinto uma intrusa. Sei que estou certa, mas é evidente que minha mãe está no limite. No entanto, não

consigo olhar para ela sem sentir vontade de gritar sobre o AV719.

— Acho que vou nadar um pouco antes do jantar — decido.

Minha mãe suspira.

— Aislyn, vá devagar. Dê um tempo para voltar ao ritmo.

Ela não percebe que dar um tempo é um luxo só para quem tem tempo? Tentando engolir a frustração, respondo:

— Preciso falar com a Janie sobre voltar ao trabalho. Quero poder ajudar aqui. — Antes que alguém consiga tentar me fazer mudar de ideia, subo a escada correndo para pegar o maiô e convenço Sammy a ir comigo.

Minutos depois estamos de novo lá embaixo. Minha mãe está lá parada, perplexa e meio brava. Caramba, essa habilidade de ler expressões é ainda mais eficiente cara a cara.

— Quer ir com a gente? — convido.

Isso a acalma um pouco.

— Não, obrigada. Só não demorem muito.

— Apenas um mergulho rápido, e a gente volta para te ajudar a preparar o jantar. Uma hora, mais ou menos.

Quando eu começar a trazer o salário para casa, o humor dela vai melhorar, tenho certeza. Agora que lido melhor com as pessoas, talvez Janie me dê alguns turnos a mais.

Dirijo com o vento brincando com meu cabelo e o de Sammy. Meu irmão avisa para eu ir mais devagar.

— Não estou nem dez quilômetros acima do limite, amigão.

— Acho que nem todo mundo gosta de correr riscos.

A voz dele tem uma nota nervosa.

Piso de leve no freio.

— Desculpe. — Tento ler a expressão de Sammy, mas ele olha para a janela. — Você sabe que discuti com a mamãe por telefone sobre você fazer os testes do AV719. E não vou desistir. Temos que coordenar nosso ataque.

— Tarde demais. Os testes já começaram. E a mamãe disse não, lembra?

— Mas...

— Cala a boca, Aislyn. Sério.

Fico paralisada. Ele nunca falou comigo desse jeito antes.

— Se é isso que você quer...

Mas não pode ser. Mamãe deve ter assustado Sammy.

Depois do trajeto silencioso até a piscina, corro para o portão, mas um minuto depois Sammy começa a arfar. Reduzo a velocidade e digo:

— A gente pode voltar pra casa depois que eu falar com a Janie, se quiser.

Ele endireita os ombros.

— Tá brincando? Não vim na piscina o verão todo.

Coitado, tão preso quanto eu. Precisamos dar um jeito nisso.

Aceno para Heath, que está trabalhando na entrada. Ele arregala os olhos. O que vejo é choque ou medo?

— Janie está por aqui? — pergunto.

Ele recua.

— Ah, sim. Está lá. — Sua voz é estranha, como se não respirasse. Ele deve ter lido aqueles blogs ridículos que descrevem as vítimas de CZ88 como uma mistura de zumbis e vampiros.

Vejo Janie perto das mesas de piquenique, chamando a atenção de um garoto que dava comida aos corvos. Quando me vê, ela se assusta. Também? Preferia ser invisível a assustar as pessoas.

Ela me leva para uma área gramada onde não tem ninguém.

— Fico feliz por te ver bem.

— Estou me sentindo ótima. Assim que você me encaixar no horário, eu volto a trabalhar.

Ela age como se não soubesse o que dizer, o que é totalmente inusitado.

— Ah, Aislyn, contratamos outra pessoa.

É claro, a vida continuou sem mim.

— Bem, posso substituir alguém que ficar doente, como me substituíram.

Ela balança a cabeça.

— Tem ideia de quantos pais telefonaram chorando porque você trabalhava aqui antes de ir para o hospital? Não dá, não podemos correr esse risco.

— Está falando sério? Se o que tenho fosse transmitido com tanta facilidade, outras pessoas já teriam ficado doentes. — Não preciso contar que beijei Jack e ele está bem.

O pescoço dela fica tenso.

— As pessoas são cautelosas, principalmente com relação aos filhos. Então, até segunda ordem, você e sua família não podem vir à piscina.

— Espere aí, minha família toda está vetada?

Ela olha para Sammy e cruza os braços.

— Desculpe, mas a menos que um médico garanta que é totalmente seguro e assine um atestado, é assim que tem que ser.

Que médico vai fazer isso? Lembro da pequena Molly, com tanto medo da água. E agora com mais medo ainda de mim. Seguro o braço de Sammy.

— Desculpe, amigão. Você ouviu.

Saímos dali. Sammy tenta diminuir a importância do acontecimento a caminho de casa, mas vejo o ressentimento em seu rosto outra vez.

Quando contamos tudo para minha mãe, ela suspira.

— Dê uma chance para eles se acostumarem com as coisas. — Ela me abraça de repente, cumprindo a nobre tarefa de demonstrar que não tem medo dos meus germes.

— Mas eu preciso ajudar aqui. Antes de ir para o hospital, alguns anunciantes se ofereceram para pagar por espaços na minha página. Não sei se ainda estão interessados, e não acho certo lucrar com o CZ88, mas...

Ela balança a cabeça com firmeza, apesar do desespero que parece emanar de sua pele. Minha volta para casa não

devia perturbá-la tanto. Sufoco um grito frustrado.

O telefone fixo toca. Sammy vai atender.

— Ela não vai falar com repórteres. — Ele desliga o aparelho e o tira da tomada. — Hora de mudar o número de novo.

Ótimo, mais assédio em cima da família. Pela milésima vez, repito.

— Desculpe, gente.

— Esquece. Aliás, lembrei uma coisa. — Minha mãe vai até a cozinha e volta com meu celular. — Carregado.

Mando mensagens para Jack e Evie lembrando que estou em casa, mesmo com medo do que vou ver no rosto deles, presumindo que apareçam por aqui.

Jack responde: CHEGO JÁ.

Minha respiração acelera. Ele ainda quer ficar comigo. Pessoalmente. Sim, sim, sim. Eu devia ter imaginado que ele é inteligente demais para ouvir os medrosos.

Minha pele formiga quando penso em estar com ele de novo. Subo correndo para me arrumar. Depois de quase duas semanas de moletom, procuro na gaveta uma blusa mais justa e um shorts.

Quando escuto a campainha, desço correndo e grito:

— Eu atendo!

Respiro fundo e abro a porta.

E lá está Jack, meu delicioso garoto dourado.

Sinto meu corpo flutuar.

— Oi.

Mas percebo a hesitação antes do abraço. Tento me convencer de que era esperado. Com os olhos ardendo, sinto seu cheiro de praia e sol. Ah, cara, ele é quente e cheio de vida. Eu poderia ficar ali até derreter por dentro.

Mas ouço um ruído.

Olho por cima do ombro de Jack e vejo dois homens com câmeras. Puxo Jack para dentro e bato a porta.

Minha mãe franze a testa quando tranco a porta e resmungo:

— Repórteres.

Ela vai até a janela e espia pela persiana.

— Não estão na nossa propriedade, não dá para fazer nada.

Minha mãe vai de janela em janela fechando as cortinas. Jack e eu a ajudamos.

Quero privacidade, mas não vou deixar esses babacas me prenderem dentro de casa.

— Vamos para o quintal.

— Eles vão dar a volta e espiar por cima da cerca.

Vou até a cozinha pegar dois copos de suco de uva.

— Não imediatamente, espero.

Jack e eu chegamos no quintal e damos uma olhada em volta, para ter certeza de que não tem ninguém escondido atrás dos arbustos com uma câmera. Satisfeitos, sentamos no balanço.

Ele deixa o copo no chão.

— Tente não derrubar nada em mim, ok?

Faz só três semanas que estivemos em outro quintal, naquela desastrosa festa de fim de ano letivo?

Dou risada.

— Não sou mais aquela Aislyn.

Nós ficamos quietos. De certa forma, é verdade. Não posso ser a mesma. Não com todo esse DNA estranho em meu organismo.

Ele segura a minha mão.

— Você é a mesma nas coisas que realmente importam.

Adoraria saber que coisas são essas, exatamente. Mas agradeço e empurro o pé contra o chão para dar impulso no balanço.

Sentamos ali virados um para o outro. Sinto que estou trapaceando, mas tento ler sua expressão com minha nova habilidade de observação. Ao mesmo tempo, admiro o queixo forte e o rosto de traços definidos, a pele bronzeada e dourada. Só então percebo a ansiedade e a preocupação nos olhos azuis como o céu infinito.

Ele apoia o braço no encosto do banco. Ponho o meu braço junto ao dele, pele quente contra pele quente. Ele se encolhe de um jeito quase imperceptível. Quase. Mas mantém o braço perto do meu.

— Nenhuma novidade sobre uma possível cura? — Jack pergunta.

— Eles estão muito certos com relação ao vírus para o qual você também foi testado. E sobre os genes alterados transportados por esse vírus. Agora precisam descobrir como deter o vírus e reverter as modificações genéticas.

A voz dele é macia.

— Tem certeza de que ainda pode contagiar alguém?

— Prometi a muita gente que não correria nenhum risco.

Ele segura a minha mão e chega tão perto que posso sentir seu calor, depois me puxa para a frente e apoia meu rosto em seu peito. É incrível essa sensação de

pertencimento quando estou aninhada em seu corpo acolhedor. Ele beija meu cabelo, e o arrepio que brota em minha nuca se espalha pelo corpo. A mão de Jack em minha coxa provoca uma indecisão, meu corpo não sabe se derrete ou pega fogo. Ah, se o CZ88 não me matar, essa coisa de ser “só amiguinhos” mata.

Mas pensar no perigo que ele pode correr, se formos além disso, me faz recuar assustada. Não devíamos nem permitir a tentação.

Os olhos dele estão vidrados.

— Quer que eu vá embora?

Brinco com a gola da minha blusa.

— É claro que não. Mas tenta não ser tão, ah, irresistível.

Ele ri.

— Então para de puxar o decote.

Eu paro, e novamente empurro o balanço com o pé no chão.

— Isso tudo é muito maluco.

Ele apenas morde o lábio. É gentil demais para afirmar o óbvio. É claro que é maluco, e a culpa é toda minha.

Ouçó um ruído perto da cerca. Droga. Os repórteres acharam a gente.

Um deles grita:

— Aislyn, seu namorado também tem isso? Você passou para ele?

Jack e eu entramos depressa, deixando para trás os copos de suco.

Minha mãe está na cozinha lavando vegetais. A televisão está ligada e sintonizada em um programa sobre uma cientista boa que virou má: dra. Charlotte Sternfield.

Minha mãe pega um pano de prato.

— Desculpe. Vou mudar de canal.

Eu a seguro pelo braço.

— Não. Quero ver.

A tela mostra fotos de uma garotinha com um sorriso acanhado. Os retratos da criança sem alguns dentes são exibidos com depoimentos de alguns antigos professores que se espantavam com sua genialidade para as ciências. Os vídeos elogiosos são substituídos pelos de manifestantes que a acusam de querer ser Deus, ou pior, Satã. São esses os supostos perseguidores que a pressionaram e a levaram a fazer o impensável?

O programa agora mostra uma entrevista com a mãe da dra. Sternfield. O que é isso, manipulação póstuma da

opinião pública? Olho para os olhos frios e inexpressivos de Sheyla Sternfield e tento imaginar se marcaram a filha o suficiente para induzi-la a perseguir suas ambições a qualquer custo.

A sra. Sternfield ataca a mídia mais uma vez, afirmando que Charlotte era uma “boa menina”. Estudo as expressões faciais da mulher, e mais uma vez me surpreendo com quanto são estranhas. Só então me dou conta de que o balançar de cabeça e a inquietação não têm a ver com estar distraída ou não se importar. Não é nada disso. O que acontece é que ela fala frases curtas e bem ensaiadas que são completamente falsas.

Hipnotizada, dou um passo em direção ao aparelho. O piso parece se elevar embaixo dos meus pés.

Minha pulsação acelera.

— Ela está mentindo.

Jack olha para mim intrigado.

— Mentindo? Sobre o quê?

Boa pergunta.

— Não sei. Mas é alguma coisa importante. — Alguma coisa que preciso saber, sinto isso em meus ossos. E continuo:

— Está vendo como ela toca o nariz e a boca o tempo todo? Não está falando a verdade, e aposto qualquer coisa como isso tem a ver com o motivo da morte da dra. Sternfield.

Mamãe larga o pano de prato.

— Meu bem, sei que a morte da médica foi muito chocante, mas não podemos nos envolver nisso. E ninguém deve julgar as palavras de uma mãe de luto.

Bom, pois eu vou. Porque sei que essas palavras são bobagens. Mas não posso admitir, porque ainda não revelei a ninguém, além de Shane, meu talento recém-descoberto para ler expressões. Por que apavorar as pessoas que amamos com mais uma coisa ou, pior, deixá-las desconfortáveis perto de nós? Torço as mãos.

— Só quero ter certeza de que ninguém vai deixar passar nada.

Minha mãe responde:

— É o que todos queremos, meu bem. Os pesquisadores da Nova Genetics e as autoridades estão trabalhando de maneira incansável para achar uma cura. É nisso que temos que acreditar.

Eu percebo as emoções de minha mãe. Ela está desesperada para acreditar na ciência que pode me curar. E precisa lidar com a raiva que sente da dra. Sternfield.

Pelo bem dela, respondo:

— Tudo bem.

Mas minha raiva acabou de ser reacendida. Enquanto corto os pimentões, tenho uma certeza cada vez maior de que preciso falar com Sheyla Sternfield e descobrir o que ela está escondendo. Seria possível que a dra. Sternfield tenha deixado dados cruciais que a mãe agora esconde para impedir novos ataques à memória da filha? Ou esses dados estariam sendo leiloados em segredo, e ela espera pela proposta mais alta de uma organização de notícias ou indústria farmacêutica, por exemplo? Tudo bem, isso é ir longe demais, mas essa mulher que estragou tantas vidas é um mistério que precisa ser resolvido com todos os detalhes possíveis.

Não tenho tempo para fazer nada a esse respeito agora. Mamãe admitiu que pediu para Evie trazer “convidados”. Jack, Sammy e eu estamos arrumando os pratos e guardanapos quando ouvimos a campainha.

Minha mãe recebe Abby e algumas garotas da equipe de natação. Evie está atrás delas com Rafe. O grupo é bem menor que o número de convidados, mas é maior do que eu esperava. Algumas pessoas trazem flores e comida, e todos têm a ansiedade estampada no rosto.

Não quero testar o nível de amizade tentando abraçá-los. Evie é a única exceção, porque ela me abraça primeiro, enquanto os outros observam o gesto com olhos arregalados. Graças a Deus por Evie.

Ficamos na sala conversando e rindo, como se eu não tivesse uma doença potencialmente fatal. Na verdade, eles querem fazer perguntas sobre o tempo que passei no hospital e as outras pessoas que não foram expostas pela mídia. Ninguém se aproxima muito fisicamente, mas todos prestam atenção ao que eu tenho para contar. É bizarro. Bom, bizarro é um termo apropriado para descrever minha vida recente.

Fico sentada no sofá como uma rainha, contando minha história. Eles absorvem cada palavra. Essa parte ainda é legal, pelo menos.

Minha mãe está na cozinha e recusa todas as ofertas de ajuda.

— Divirtam-se, só isso.

Cada vez que olho para ela, vejo um sorriso largo. É triste, mas compreendo que esse é o tipo de evento que ela sempre quis organizar para mim, porém em circunstâncias bem diferentes. E alguma coisa em seus olhos revela uma preocupação ininterrupta com minha saúde. Quero me chutar por ter dado a ela mais uma filha com uma doença que pode ser fatal.

Ouçõ a campainha de novo. Vou abrir a porta apressada, antes de minha mãe. Tem alguém na varanda, um garoto magro com um moletom preto de capuz e um esqueleto na manga. Seu sorriso é meio torto.

— Ficamos sabendo que vai rolar uma festa.

Diferente dos meus amigos, ele se inclina como se quisesse invadir meu espaço pessoal.

Apoio o corpo atrás da porta.

— É uma reunião particular.

Ele ri de um jeito que me faz querer tomar banho e mostra uma caixa de cerveja.

— Trouxemos a contribuição.

— Quem sabe outro dia? — Em outra vida, talvez.

Ele pisca.

— Vou cobrar essa, preciosa.

Bato a porta e passo a chave. Eca, que coisa esquisita.

— Ei, vamos para o quintal — grita Abby.

Ar fresco é uma ótima ideia, mesmo que venha acompanhado de repórteres. Se a gente mostrar para eles que a vida segue como sempre, talvez se cansem e me deixem em paz. Talvez.

Vamos para o quintal e tentamos ignorar as câmeras e os rostos que aparecem imediatamente sobre a cerca de arbustos. Como minha casa é de esquina, a imprensa tem uma área expandida de observação.

Evie não se abala. Ela tira a camiseta e exhibe um top de biquíni cor de cereja.

— Todo mundo trouxe roupa apropriada, como eu falei, certo? Hora do superescorregador do Sammy.

Sammy, que ainda está de sunga após nossa visita frustrada à piscina, grita animado enquanto desenrola um enorme tapete de borracha e o liga à mangueira. Bom, se a piscina não permite nossa entrada, temos que encontrar outro jeito de brincar com água. Mais provas da vida normal de Aislyn para os repórteres.

Minutos depois, todo mundo parece pronto para escorregar, mas as pessoas esperam para ver quem vai primeiro. Olho para o outro lado do quintal, corro e, com uma prece para os deuses da brincadeira na água, me jogo sobre o tapete para escorregar de lado. Deslizo até o fim e me levanto dando risada.

Fico ali parada esperando o próximo a escorregar, mas ninguém se mexe. Estão com medo de eu ter contaminado o brinquedo? O desânimo me invade.

Sammy grita:

— Covardes! — E se joga no tapete.

Isso parece destravar tudo, porque Evie e Jack vão atrás dele, e depois todos os outros escorregam. Vamos nos revezando, experimentando todas as posições e gritos de guerra que conseguimos imaginar. Amanhã vou estar cheia de hematomas, mas tem jeitos piores de se machucar.

Sinto o calor dentro de mim, a alegria de aproveitar o sol outra vez. Pena que Chloe e os outros no hospital não acordem para brincar com a gente.

Escorregamos até o filtro solar desaparecer da pele, e depois continuamos escorregando. Cada vez que Jack se

aproxima o suficiente para tocar em mim, sua pele está mais quente e mais escorregadia. Ai, ai.

Quando já estou pensando que vou desmaiar com a descarga de feromônios, minha mãe grita avisando que os hambúrgueres estão prontos. Nós nos enxugamos e vamos comer. Mamãe se superou. Tento não pensar em quanto isso vai custar e em quantas oportunidades de vender imóveis ela perdeu enquanto eu estava no hospital.

Quando o sol mergulha no horizonte, meus amigos começam a ir embora, como se fosse um churrasco normal em um dia normal com uma garota normal. Exceto pelos jornalistas interrogando cada pessoa que sai. Eles sorriem e falam aos microfones, espero que me defendendo diante das câmeras.

Evie me abraça a caminho da porta. Ela levanta uma sobancelha na direção de Jack.

— Não faz ele ficar acordado até muito tarde.

Bato no braço dela.

— Como se eu pudesse.

Rindo, ela vai embora com Rafe.

Jack e eu ajudamos minha mãe a limpar tudo e depois nos despedimos de Sammy, que tosse enquanto sobe a escada.

Finalmente, vamos sentar no sofá. Por mais que eu queira estar com Jack, é insuportável olhar para aquela boca sorrindo e saber que não posso beijá-la. Cruzo e descruzo as pernas várias vezes.

Tento pensar em alguma coisa que não seja romântica para diminuir a frustração.

— Sabe aquela entrevista que vimos com a mãe da dra. Sternfield, aquela em que ela estava mentindo?

Ele bate o joelho no meu.

— Você acha que ela estava mentindo, certo?

— Não. Eu sei que estava. As emoções dela eram nítidas.

— Sério? — Ele se inclina para trás e cruza os braços atrás da cabeça. — Pode me dizer em que estou pensando agora?

— Provavelmente, nas mesmas coisas frustrantes que estão na minha cabeça há algumas horas. — Quero me jogar em cima dele.

— Bom, essa foi fácil. Mesmo que a mulher tenha mentido, e daí?

— E daí que preciso descobrir por quê. Pode ser importante.

Ele segura minha mão.

— Você acabou de ter alta. Vamos usar esse tempo pra gente ser feliz, não pra perseguir uma mulher que não pode te ajudar.

— Como sabe que não? E se a gente descobrir o endereço e for fazer uma visita, se ela não morar muito longe?

Ele olha para mim com uma mistura de confusão e pena.

— Tenho uma ideia melhor. Amanhã, depois do meu horário de trabalho, vamos sair. Cinema, talvez, ou outra coisa que possa te distrair dessa loucura.

— Só queria fazer alguma coisa útil, não me sentir tão sem esperança.

— Está fazendo alguma coisa todo dia se mantendo saudável. Continue assim. Certo? — Ele me abraça.

— Vou tentar.

— Queria... — Jack sussurra no meu ouvido. E suspira. — Você sabe o que eu queria.

— É, eu também queria. — Isso é uma droga, uma droga, uma droga.

Minutos mais tarde, minha mãe desce de novo com o pretexto de pegar um copo d'água, o que é tragicômico, considerando que o CZ88 é um impedimento muito mais

eficiente do que ela jamais poderia ser. Mesmo assim, Jack se levanta para ir embora.

A pele dele está fria e seca quando nos abraçamos e combinamos sair amanhã à noite. Fecho a porta e suspiro. Toco minha testa e me certifico de que estou bem. Estou bem.

Mas isso pode mudar em um instante. Subo depressa para me ocupar. Com a ajuda de um aplicativo de localização, encontro o endereço e o número do telefone de Sheyla Sternfield em Cle Elum, uma cidade rural no meio de Cascades, duas horas a leste daqui. Minha mãe não vai me deixar ir até lá agora, tão pouco tempo depois de eu ter saído do hospital.

Mas a sra. Sternfield pode ser a única pessoa capaz de me dar as respostas de que preciso. Respostas que vão provar para todo mundo que estou certa sobre ela. Além do mais, dirigir até lá não é mais perigoso do que ficar aqui sentada esperando os efeitos colaterais da terapia genética se manifestarem. Em longo prazo, a conversa com a sra. Sternfield seria mais benéfica que prejudicial. Eu sei disso.

Mas Jack tem que trabalhar no dia seguinte. Caso contrário, poderíamos ir juntos, como uma dupla de

detetives. Eu mostraria que minha intuição sobre a sra. Sternfield não está errada. Mas não posso esperar até ele ter um dia livre, o que só vai acontecer no fim de semana. E ainda teria que convencê-lo a ir.

Fico pensando no meu dilema enquanto me preparo para dormir. Acomodada na cama com o celular, ligo para Shane.

— E aí, Loirinha? Curtindo a liberdade com o garotão?

— Como se eu pudesse.

Sinto o sorriso do outro lado da linha.

— Eu avisei que seria frustrante.

— E você, como está lidando com isso?

Ele ri.

— Tem certeza de que quer saber?

— Ah, não, obrigada.

Mudo de assunto depressa, falo da minha certeza de que a mãe da dra. Sternfield está mentindo sobre alguma coisa. Ao contrário de todo mundo, ele acredita em mim de imediato.

Pergunto:

— Quer ir comigo até lá amanhã conversar com ela?

— Ah, pensei que tivesse ligado pra falar que está com saudade.

Suspiro.

— Vai me ajudar ou não vai?

— Vamos nessa.

Sim. Eu tenho minha liberdade de volta. E tenho um plano. Só preciso manter minha saúde.

PACIENTE DE CZ88 QUE DESAPARECEU DO HOSPITAL É ENCONTRADA EM COMA

por Ruthie Mansfield, *The Sound Sentinel*

Sophia Washington, que foi infectada por uma terapia genética ilegal e desapareceu há uma semana do Seattle General, foi encontrada ontem com vida, mas em coma, na praia em Carkeek Park. A srta. Washington e outros cento e trinta e nove indivíduos contraíram um vírus perigoso em resultado de um teste clandestino de um tratamento de alteração de DNA. Na maioria dos casos, o tratamento resultou em coma, e vinte e cinco vítimas morreram até agora.

A srta. Washington não parece ter graves problemas físicos. Porém, grandes hematomas nos braços e perda de sangue levaram as autoridades a investigar a possibilidade de um crime. Se ela não houvesse sido encontrada antes de a maré subir, provavelmente teria se afogado. Quem tiver informações sobre seu desaparecimento deve entrar em contato com a polícia de Seattle imediatamente.

DEZESSETE

De manhã, respiro fundo e desço a escada de casa. A expressão cansada e frágil de minha mãe me diz que ainda não posso ter com ela uma conversa razoável sobre os testes com Sammy, por isso ponho em prática meu outro plano.

— Vou sair com a Evie hoje. — Mentir para minha mãe é como engolir ácido, mas sei que tenho que localizar a mãe da dra. Sternfield.

Ela franze a testa.

— Evie não ia trabalhar na loja dos pais esta semana?

— Ela pediu folga para poder passar um tempo comigo.

— Outra mentira, mais um gole de ácido.

Minha mãe parece pensar enquanto bebe o café.

— Acho que o Sammy pode ir comigo nas visitas ou passar o dia com a tia Emily.

A casa da tia Emily fica a uma hora da nossa. Mas como os vizinhos não querem mais cuidar de Sammy, graças a

mim, as opções são limitadas. A situação quase me faz abandonar o plano.

A dúvida torna meus passos mais pesados quando subo a escada a fim de ligar para Shane. Também mando uma mensagem para Evie pedindo cobertura.

Ela responde: SUA MÃE NÃO MERECE ISSO.

Eu sei que não. Mas não é justo Evie me criticar enquanto vive sua vidinha normal, com um namorado que pode beijar. Digito: PRECISO SABER A VERDADE, ESPERO QUE UM DIA VOCÊ POSSA ENTENDER.

É, EU TAMBÉM ESPERO.

Vou ter que provar para ela, e para todo mundo. Alguns minutos depois que minha mãe e Sammy saem, eu abro a porta.

O primeiro repórter grita:

— Aislyn! Você pode sair? Aonde vai?

Não respondo, é claro.

Outro repórter empurra um microfone em minha direção quando passo por ele.

— O que acha sobre as vítimas do Carisma que foram espancadas em uma boate em Los Angeles ontem à noite?

Eu paro.

— O quê?

— Estão dizendo que foi crime de ódio. Tem certeza de que vai sair sozinha, sem proteção?

Abro a porta do meu carro.

— Não estamos em Los Angeles. Mas obrigada pelo aviso.

— Entro no carro e mordo a boca. Adoraria esperar um instante, mas os repórteres estão do lado de fora. Felizmente, ninguém me segue quando me afasto.

Shane mora no extremo oeste de Tacoma, perto do mar. O sol atraiu os moradores para a rua, e o trânsito é intenso. Mas é um dia para janelas abertas e música alta nos carros, por isso tento aproveitar o clima. Paro em frente a um chalé amarelo e vejo dois repórteres. Sorrio, ignorando as perguntas que fazem sobre eu não ter uma vida amorosa.

Shane abre a porta e acena para os homens atrás de mim.

— Quer entrar?

Sei exatamente onde a visita pode acabar.

— A viagem é longa, e quero estar em casa até as cinco da tarde para encontrar o Jack.

— Ai, os pombinhos decidiram morrer de frustração. — Ele aponta um automóvel preto na rua. — Meu carro está ali.

Quero fazer as coisas conforme o plano, meu plano, por isso respondo:

— Vamos no meu.

Ele guarda a chave no bolso.

— Gosto quando uma garota assume o controle.

Meu Deus, recuperar a liberdade não o acalmou nem um pouco. Bem, talvez seja um sinal de boa saúde. Ignorando os repórteres que nos chamam pelo nome, saímos dali. Infelizmente, um deles entra num carro para nos seguir.

Rangendo os dentes, passo em um semáforo amarelo, mas o repórter vem atrás de mim mesmo com o sinal já fechado. Fazemos um jogo de perseguição pelo tráfego enquanto Shane fica de olho na janela de trás. No meio da agitação, vou parar em uma rua de mão dupla que acaba nos obrigando a reduzir a velocidade. Para piorar a situação, um caminhão de lixo se aproxima e ocupa quase todo o espaço. Ótimo. Mas percebo que o que parece uma dificuldade é, na verdade, uma oportunidade.

— Segura — aviso.

Piso no acelerador e desvio do caminhão, que buzina. O repórter, que está em uma SUV, fica para trás.

Shane ri.

— Caramba!

Pelo menos alguém reconhece a graça de correr riscos. Vamos em direção ao leste. O verde de Tacoma vai se tornando mais verde em nossa viagem rumo às montanhas. Passamos o tempo conversando, reparando em árvores e colinas, coisas corriqueiras da vida, mas que nunca pareceram mais incríveis. O que eu não daria para Chloe, Sebastian e os outros terem outra chance como esta. A sra. Sternfield deve ter alguma pista. A filha pode ter deixado um tesouro em pesquisas ou contado à mãe alguma coisa sobre o que estava fazendo. Tudo é possível. Tenho que descobrir o que está por trás da mentira estampada na cara da sra. Sternfield.

Duas horas mais tarde, paramos na rua isolada e sem saída onde mora a sra. Sternfield, perto de um resort que anuncia um campo de golfe e esqui *cross-country*.

Dou um tapa na testa.

— Ah, droga. E se for só uma casa de veraneio?

Shane sopra o dedo indicador como se soprasse a fumaça do cano de uma arma e fala pausadamente:

— Não tem como saber sem tocar a campainha, parceira.

Paro o carro em uma área de cascalho diante de um jardim cheio de flores. A casinha branca tem cortinas de babados lilases. Não era o que eu esperava, considerando a impressão de severidade que tive da sra. Sternfield. Minha leitura de sua expressão também estava errada?

Respiro fundo algumas vezes, saio do carro e me dirijo à porta com Shane. Ele sorri e toca a campainha. Nenhum ruído de passos ou cachorro latindo. Espio pela janela grande à nossa direita. Nenhum movimento.

Levanto a mão para tocar a campainha de novo, mas a porta se abre antes. A mulher cujo rosto vi na tela da minha televisão está diante de nós com sua personalidade gelada. Em vez de um colete de golfe ou pulôver verde e rosa, ela usa jeans e botas de trilha.

— Estão muito longe de casa, não estão, srta. Hollings e sr. Elliott?

Apesar da voz firme, percebo uma nota de medo.

— Sabe quem somos? — É estranho.

— Não consigo fugir das notícias, por mais que tente. O que querem aqui? — A testa franzida transmite uma leve curiosidade, mas o medo é a emoção que se sobrepõe a todas as outras.

Shane mantém o peito aberto e uma das mãos na cintura, uma atitude relaxada como a de um xerife.

— Primeiro, sentimos muito por sua filha. — Desde quando ele se tornou um diplomata?

As pálpebras da sra. Sternfield tremem um pouquinho.

— Obrigada.

Com toda delicadeza possível, eu falo:

— Sua filha criou uma conexão entre todos nós, não acha?

Ela levanta uma sobrancelha.

Shane se inclina para a frente e põe a mão no peito, sobre o coração.

— Sabemos que esta não é a melhor hora, mas pode ser nossa única chance de falar com alguém que era mais próximo da dra. Sternfield do que qualquer outra pessoa. Pode nos contar um pouco sobre ela? Qualquer coisa que nos ajude a entender o que é isso que ela plantou em nós, e por quê.

Os ombros da sra. Sternfield ficam tensos, e a desconfiança cresce. Espero tristeza quando mencionamos sua filha, mas só vejo suspeita. Estranho. O que ela ainda tem a temer? O legado da filha? Tarde demais.

Com esforço aparente, ela relaxa e suaviza o olhar.

— Charlotte era obcecada pelo trabalho. Sei que ela não quis fazer mal a vocês ou aos outros. Quando percebeu os danos que sua pesquisa havia causado, e como seria perseguida e pressionada para sempre, ela não suportou. — Ela limpa uma lágrima que nem existe e abaixa a cabeça, interrompendo o contato visual. — O resto vocês sabem. Agora espero que me deixem chorar a morte dela em paz.

Eu a examino. Tudo em seu discurso parece muito ensaiado. As emoções que leio são ansiedade e desonestidade, nenhuma tristeza. E por que ela não nos convidou para entrar, como faria uma pessoa normal nestas circunstâncias?

Apesar de me sentir invasiva, dou um passo em sua direção.

— Talvez possa aliviar a dor do luto ajudando a consertar o que ela fez.

A mulher cruza os braços.

— Não sou geneticista. Leciono literatura.

— Só queremos saber se ela deixou anotações ou um computador, qualquer coisa que possa fornecer informações sobre uma cura.

A sra. Sternfield balança a cabeça.

— Nada que eu já não tenha dado ao meu ex-marido. Sinto muito.

Sente o caramba. E seus traços ficam mais duros quando ela se refere ao dr. Gordon.

Shane e eu usamos todo o charme que temos para convencê-la a falar mais, porém ela avisa que tem outros compromissos. Quando a mulher fecha a porta, fico parada ao lado de Shane, sem saber o que fazer.

Sussurro:

— Viu a cara dela quando falou sobre a dra. Sternfield? Não estou imaginando coisas, tem alguma errada nisso, não tem?

Ele me leva para o carro.

— É, tem alguma coisa esquisita nela.

— Ela está escondendo alguma coisa. E se a dra. Sternfield deixou um laboratório em algum lugar? Com chimpanzés?

— Duvido que a mãe ia cuidar de macacos. Talvez ela esteja escondendo algo que não tem nada a ver com essa história, como uma destilaria clandestina. Ela estava vestida como se estivesse indo acampar.

Abro a porta do carro.

— Destilaria clandestina?

Sério? Shane dá de ombros.

— Por que não? As pessoas são surpreendentes. Ninguém poderia imaginar que você ia concordar com o CZ88. Ou passar um dia comigo.

Entramos no carro, mas fico olhando para a casa, em vez de ligar o motor.

— Acha que ela ia notar se a gente desse uma volta na casa e espiasse pelas janelas?

Shane grita:

— Porra, sim, ela ia notar. E o que acha que vai descobrir?

— Não sei, só não quero desistir tão fácil.

— Entendi, Mulher Maravilha, mas é melhor a gente ir embora, antes que ela chame a polícia.

Relutante, ligo o motor e saio da rua sem saída. Mas não vou longe.

Menos de dois quilômetros depois, pego um desvio de terra que segue até o começo de uma trilha. Escondido por árvores, um pequeno estacionamento já tem algumas vagas

ocupadas, principalmente por Subarus com racks para transportar bicicletas. Paro em uma vaga e desligo o motor.

Shane sorri.

— E aí, detetive Hollings, qual é o próximo passo? Ou me trouxe aqui com objetivos indecentes? — Ele reclina um pouco o encosto do banco.

— Vamos esperá-la sair, depois damos um jeito de entrar na casa dela.

Ele olha para mim e fica sério.

— Loirinha, eu vim pra te fazer companhia, mas duvido que a dra. Sternfield tenha deixado uma cura. Se tivesse feito isso, a mãe dela não teria motivo algum para não divulgar e transformar a filha em heroína.

— Então, sobre o que ela está mentindo?

— Não sei. Mas não acho que vale a pena perder mais tempo com isso. Não quando podemos ter tão pouco.

Nós nos olhamos por um momento.

Eu cruzo os braços.

— Então, com o que vamos perder nosso tempo? Com mais vídeos para depois que estivermos mortos? Quero ajudar a encontrar uma cura.

— Eu também quero. E isso significa dar todas as informações possíveis à Nova Genetics. E pra outros pesquisadores que possam ajudar.

— Quem, por exemplo?

Ele estende um braço para fora da janela. Um inseto pequenino pousa nele.

— Alguém da VidaLexor entrou em contato comigo.

— VidaLexor? Eles são contra a terapia genética.

— São contra a terapia genética irresponsável. Eles querem trabalhar com a gente pra reverter o CZ88. Tudo aberto e legal.

— Por quê?

Ele move o braço, mas o inseto continua lá.

— Pra serem os caras legais? Publicidade boa.

— Não me interessa transformar essa gente em heróis.

— Sei. Você quer ser a heroína sozinha.

— Não seja injusto. — Tudo bem, talvez eu queira mandar um recado para gente como Heath Roberts ou aqueles juízes da feira de ciências que me humilharam, mas meu interesse é principalmente sobreviver.

— Devia ao menos falar com o cara. Vou encontrar com ele às cinco.

— Vou encontrar Jack na mesma hora.

Ele revira os olhos.

— Sério? A possibilidade de encontrar uma cura não é mais importante que arranhar o estofamento com o garotão?

Olho por entre as árvores para a rua da sra. Sternfield. Será que é muito difícil invadir a casa? É tudo muito parecido com um programa sobre crimes, mas minha vida se transformou nisso.

Shane toca o local no braço de onde o inseto finalmente decolou.

— Loirinha, não vamos invadir nada. Não antes de tentarmos alguma coisa que faça sentido. Venha comigo ao encontro. Podemos usar nossa percepção aguçada para descobrir se o cara é honesto. Você tem que admitir, vale a pena tentar.

É difícil rebater argumentos tão lógicos, principalmente quando penso em Chloe deitada e imóvel, com todos aqueles tubos ligados a ela, ou pior, em Rosa.

— Tudo bem.

Meu estômago ronca. Já passou da hora do almoço. Vamos até a cidadezinha mais próxima e paramos o carro em frente a um desses lugares que vende café da manhã o

dia todo. Depois de uma pilha de torradas com calda doce e bacon, mando uma mensagem para Jack perguntando se a gente pode se encontrar mais tarde, explicando que vou conversar com um médico.

Shane se oferece para dirigir até a VidaLexor. A sonolência provocada pelo excesso de carboidratos me convence a aceitar a oferta. Reclino o encosto até embaixo, ignoro o comentário de Shane sobre a posição do banco e me acomodo para dormir, o que acontece um minuto depois de pegarmos a estrada.

Acordo com a sensação de que o carro parou. Shane está apoiado na porta do motorista, roncando baixinho. Dou uma olhada no celular. Cinco e dez.

Bato no braço dele.

— Estamos atrasados.

Ele esfrega os olhos e resmunga:

— Droga, aquele almoço me derrubou.

Abro a bolsa para pegar balas de hortelã. Estamos em uma área residencial, parados em frente a um prédio bege de quatro andares com placas de várias especialidades médicas.

— Pensei que a VidaLexor tivesse um prédio elegante em Seattle.

Shane passa a mão no cabelo.

— Não quero nenhum repórter transformando a gente em propaganda da VidaLexor antes que eles mereçam essa publicidade.

A atitude sensata, uma novidade, me convence. Eu o acompanho por uma escada até uma porta com a inscrição “VL, INC.”. Uma sineta anuncia nossa presença quando entramos na sala de espera com cheiro de purificador de ar. Um homem alto, com cabelos pretos que começam a branquear e um bronzado de velejador, surge apressado vindo de dentro.

Ele estende a mão.

— Sou o dr. Pete Dulcet. Estou muito feliz por vocês dois terem vindo. Vamos à sala de reunião, lá é mais confortável.

Olho para o corredor meio escuro.

— Aqui está ótimo. — Sento em uma das poltronas estofadas.

O olhar de Shane vale por um soco de nocaute, mas ele também se acomoda.

O dr. Dulcet se senta.

— Como estão se sentindo? Passaram por uma coisa muito difícil.

— Ainda não passamos — respondo.

O médico apoia os antebraços nas coxas.

— Sim, sim. Bem, acho melhor ir direto ao ponto, certo?

— Ele une as mãos. — A VidaLexor tem tudo que é preciso para ajudar vocês. Por favor, aceitem nossa ajuda.

Examino a expressão do homem. Até agora, tudo nele parece genuíno, embora reservado, cuidadoso.

— Vocês não apoiam a terapia genética.

O homem arregala os olhos e inclina o corpo para a frente.

— Pelo contrário. Conduzimos estudos há anos e estamos bem próximos de algumas terapias inovadoras. Só protestamos contra a Nova Genetics quando há opções mais seguras e mais eficientes. Se mantiverem a mente aberta, acredito que vamos poder ajudar vocês. — Nada nele sugere desonestidade. Só determinação.

Shane pergunta:

— Por que não se junta ao pessoal da Nova Genetics ou à equipe do hospital?

O médico sopra o ar de um jeito ruidoso.

— Já tentamos. O hospital não divulga dados dos pacientes por causa dos requisitos de confidencialidade, e a

Nova Genetics não compartilha os dados por serem de sua propriedade. Para eles, a decisão é comercial, presumindo que consigam se manter no ramo depois disso. A única coisa que ainda os mantém funcionando é a esperança do governo de que consigam uma cura para o que a dra. Sternfield criou.

— E do que vocês precisam pra tentar encontrar uma cura? — Shane pergunta.

Vejo a animação brotar do dr. Dulcet.

— Do consentimento de vocês e de uma amostra de sangue, que nós sequenciaríamos. Temos várias ideias sobre o que procurar.

Cruzo as pernas.

— A Nova Genetics está procurando há semanas e ainda não conseguiu muita coisa.

— Nossos pesquisadores são extraordinários.

Eu bufo.

— Os deles também são. Uma era, pelo menos.

— Sim, ela era brilhante. Demais, talvez. Mas agora temos que pensar em vocês. O que têm a perder, além de um pouco de sangue?

Quero ser cobaia de novo? Para um cara em um escritório rudimentar? Não vão me enganar, de jeito nenhum.

— Ainda não tenho dezessete anos — aviso. — Minha mãe teria que assinar uma autorização, não posso decidir nada sozinha. — Eu devia ter me preocupado com isso quando me ofereceram o CZ88. — E não estou dizendo sim. Preciso pensar.

Shane flexiona o cotovelo.

— Pensar em quê? — ele pergunta. — Eu tenho dezoito anos e posso decidir sozinho.

Toco seu braço.

— Não é melhor conversarmos com a dra. Culdicott primeiro?

— É só uma amostra de sangue. E quanto antes a tiverem, mais depressa podem começar a trabalhar. Você não é a única que está cansada de se sentir sem esperança. — Ele encara o dr. Dulcet. — Estou pronto para começar quando quiser.

O médico assente.

— Venha comigo.

Shane fala olhando para trás.

— Pode me agradecer mais tarde.

Ele e o dr. Dulcet desaparecem no corredor. Fico ali sentada e pego o celular. Jack ainda não mandou nenhuma

mensagem, por isso eu ligo.

— Oi — ele atende. — Onde você está?

— Ah, na consulta com o médico. Bem, na verdade, o médico trabalha na VidaLexor. Eles acham que podem ajudar.

— Sério? Isso é ótimo.

Enrosco uma mecha de cabelo no dedo.

— Não sei. Tem alguma coisa esquisita. E se eles só quiserem mostrar ao mundo como a Nova Genetics é horrível?

Ele ri.

— Isso parece uma teoria absurda que o Shane seria capaz de criar.

— Na verdade, ele está com o médico neste momento tirando uma amostra de sangue.

Jack bufa do outro lado.

— Vocês estão aí juntos?

— Sim, estamos. Por que não estaríamos? Mas espero que a gente saia daqui logo.

— Por que não vem embora agora?

— Tenho que dar carona pro Shane.

Ele faz uma pausa.

— A casa dele fica no caminho?

— Ah, ele... me ajudou em um outro projeto antes, por isso foi mais conveniente vir no meu carro.

— Que projeto?

Shane está voltando e sorri satisfeito.

Falo mais baixo pelo telefone.

— Eu conto mais tarde. Ele e o médico já terminaram.

— É, a gente tem que conversar.

Encerramos a ligação de um jeito meio estranho.

O dr. Dulcet me entrega um cartão.

— Se mudar de ideia depois de conversar com seus pais e médicos, por favor, ligue para mim.

Bem, pelo menos ele é direto. Pego o cartão e digo que mando notícias.

No caminho para a casa de Shane, ele liga o rádio em uma estação de *heavy metal*.

— Preste atenção. Criar um pouco de competição para a Nova Genetics vai botar fogo no rabo daquela gente. Agora é jogo jogado.

— Não é um jogo. E se você irritar o dr. Gordon e ele desistir? Aí vai ser nosso fim. Literalmente.

Ele para de batucar no painel.

— Não comece.

Agarro o volante com força.

— Tem razão. Pensamento positivo. Então, quando a gente deve tentar entrar na casa da sra. Sternfield?

Ele ri.

— Minha cúmplice gostosa não desiste!

— Fale que vai pensar nisso.

— Fale que vai pensar em colaborar com a VidaLexor.

Paro em frente da casa dele e estendo a mão.

— Negócio fechado.

Trocamos um aperto de mão. Ele sai do carro e se afasta, o corpo ainda balançando ao som de uma melodia imaginária. Sorrio sozinha, grata pelo Carisma ter me dado ao menos esse novo amigo, que antes era insuportável e agora se tornou encantador. Não que Jack tenha com que se preocupar.

Saio dali e mudo a estação de rádio. Por um momento, tenho a sensação de ouvir o eco da última música reverberando no carro. Mas o eco não para. De repente percebo, com um aperto no peito, que o barulho não é um eco.

Meus ouvidos estão apitando.

O VÍRUS CZ88 CONTINUA SE ESPALHANDO

por Josephine Bailey para o *USA Now*

Apesar de a comunidade médica garantir que o CZ88, apelidado de Carisma, só é transmitido por contato sexual e agulhas compartilhadas, o número de vítimas continua aumentando. Muitos entraram em coma antes do diagnóstico, dificultando a tarefa de determinar como, exatamente, foram contaminados. Grupos de cidadãos exigem que os pacientes ainda lúcidos que tiveram alta dos hospitais sejam recolhidos ao isolamento imediatamente.

Contagem de vítimas do Carisma
no www.NowYouKnowToo.com

Total de casos:	169
Conscientes:	17
Em coma:	123
Mortos:	29

DEZOITO

Paro no acostamento da estrada e, horrorizada, seguro a cabeça com as duas mãos, o que só torna o apito agudo mais perceptível. A boca fica seca. Chloe e Jesse reclamaram de um apito nos ouvidos antes de entrarem em coma, e os dois seguraram a cabeça como estou fazendo agora. A última vez que vi Rosa, ela não estava segurando a cabeça? Não posso estar perdendo essa briga, não posso. Não quando finalmente saí do hospital. Não quando Jack voltou à minha vida. Não.

Abro o espelho do quebra-sol para identificar sinais de um coma iminente, como se pudesse ter um anúncio estampado na testa. Meu rosto está normal, se eu ignorar o pânico. Respiro fundo. Estou me sentindo bem. Bem. O barulho parece menos intenso que há um minuto. Talvez tenha sido um alarme falso provocado pela música de Shane.

Espero mais dez minutos até parar de tremer e conseguir dirigir. Quero correr para casa e me esconder no quarto. Mas enquanto estiver consciente, não vou desperdiçar minha vida. Não sei quanto tempo ainda tenho, então vou viver intensamente cada minuto.

Agindo de maneira automática, estaciono o carro, cumprimento minha mãe e Sammy com voz trêmula e subo a escada. Tento fazer uns polichinelos e planto bananeira apoiada à parede para sacudir o que estiver solto na minha cabeça. Nada funciona, e preciso respirar fundo para não começar a chorar. O apito aumenta e diminui enquanto me arrumo. Quando escuto a campainha, forço um sorriso e desço segurando o corrimão com força.

Acho que Jack ainda está aborrecido por eu ter passado o dia com Shane, mas seu rosto é como a luz do sol entrando em casa.

— E aí, o que quer fazer?

Tem muitas respostas para isso. Quero curtir a noite sem ficar apavorada com barulhos dentro da cabeça. Quero beijar meu namorado. Quero que meus amigos saiam do coma. Quero uma cura para Sammy e quero que minha mãe aceite essa cura.

Mas só respondo:

— Hum...

Ele mostra a tela do celular, onde tem uma lista de filmes. Dou uma olhada nos títulos, descarto um que trata de um vírus que mata metade do planeta e todos os românticos.

— Invasão alienígena?

Jack ri.

— Perfeito.

Evito olhar para minha mãe e para Sammy quando saímos. Eles tinham esperança de que eu ficasse em casa hoje, mas preciso de movimento. E não quero brigar com minha mãe. Lá fora, dois paparazzi se preparam. Apontam a câmera para nós e gritam perguntas sobre nosso relacionamento. Cochicho para Jack:

— Tem certeza de que quer passar por isso?

Ele passa um braço em torno dos meus ombros.

— Trate esses caras como abelhas. Se não mexer com eles, eles também não vão te incomodar.

Não comento que algumas pessoas morrem por causa de picadas de abelhas.

Partimos para o que poderia ser uma perfeita noite de verão, não fosse pelo apito em meus ouvidos. A música alta

dentro do carro mascara o ruído.

Jack segura a minha mão e brinca com meus dedos como se tudo estivesse normal, o que me dá vontade de chorar.

— Então, me conte o que você e Shane estavam aprontando. — Ouço na voz dele notas de nervosismo e raiva.

— Não julgue, está bem? — Pisco para afastar as lágrimas e conto uma versão resumida da visita à casa da sra. Sternfield. Enquanto falo, os dedos dele seguram os meus com menos intensidade que antes.

Jack balança a cabeça e bufa alto.

— Não acredito que vou concordar com o Shane sobre alguma coisa, mas seu plano de invadir uma casa é completamente insano.

O tom de voz me incomoda. Ele devia ficar do meu lado.

— Pode ser minha única chance de descobrir o que a dra. Sternfield sabia antes de morrer.

O carro ganha velocidade.

— O que acha que vai descobrir? Essa médica era maluca. Mesmo que ela tenha deixado alguma informação, deve ser só mais um monte de maluquices.

O cinto de segurança aperta meu peito.

— Tenho que tentar alguma coisa. Não posso ficar esperando o que vai acontecer.

A voz dele fica mais branda.

— Não pode se oferecer como estagiária na Nova Genetics, por exemplo? Talvez inspire os pesquisadores.

— Se não estão inspirados depois de vinte e nove mortes, não sei o que eu poderia fazer. Queria muito convencer o dr. Gordon a trabalhar com a VidaLexor.

— Acho que hoje em dia você consegue convencer qualquer pessoa a fazer qualquer coisa. — As narinas dele dilatam.

Respiro fundo.

— Qualquer pessoa, menos a sra. Sternfield.

Jack comprime a boca por um instante numa reação irritada. Ele para o carro, e nós andamos pelo estacionamento. Sem a música para mascarar o ruído, a vibração surda em minha cabeça volta a incomodar. Sinto um aperto por dentro. Jack olha para mim preocupado. Forço um sorriso. Felizmente ele não consegue ler expressões como eu.

Fico de cabeça baixa, evitando contato visual com as pessoas que passam, apesar do impulso de me conectar a

elas. O esforço é para permanecer incógnita, mas algumas se aproximam e perguntam sobre meu “estado”. No começo, Jack assente com indulgência, mas fica tenso cada vez que alguém o empurra para o lado para chegar perto de mim. Tento ser educada com todo mundo e volto para perto de Jack, que parece estar sempre além do meu alcance. Entramos no cinema com a sessão começando.

Ele se inclina para mim.

— Isso deve deixar você maluca.

— A maioria tem boas intenções. É melhor do que ver as pessoas fugindo de mim.

Ele recua um pouco para estudar meu rosto, e o dele fica mais claro e mais escuro de acordo com o reflexo da tela.

— Puxa, você mudou mesmo.

Por alguma razão, o comentário me incomoda.

— Só o comportamento, não quem eu realmente sou — respondo.

Ele morde o lábio.

— E qual é a diferença?

Uma mulher na fileira de trás pede silêncio.

Eu me viro.

— Desculpe.

Ela se assusta.

— Ah, é *aquela garota*!

Jack olha para mim, mas não fala nada na hora, nem quando a mulher e a amiga passam algumas fileiras para trás. No começo me sinto grata por elas nos terem dado espaço, mas depois percebo que devem estar com medo de respirar o mesmo ar que eu.

Um trailer sucede o outro, até que o filme realmente começa. Tento me distrair com as espaçonaves e os contra-ataques heroicos, mas é impossível. Só consigo pensar que sou “aquela garota”, seja ela quem for. E muita gente tem medo dela.

Depois do filme vamos tomar sorvete, mas é como se seguissemos um roteiro. Com poucos diálogos. Isso tem o efeito adicional de tornar ainda mais notável o apito nos ouvidos, fazendo meu coração bater mais depressa e o foco se voltar para dentro. Jack não ajuda em nada me examinando daquele jeito, como se tentasse resolver uma equação complexa. Minha cabeça está confusa. Cada vez que abro a boca, fico pensando se as palavras que saem dela são da eu “verdadeira” ou da eu “falsa”. E se essa eu, verdadeira

ou falsa, vai mergulhar na inconsciência a qualquer momento.

Por mais que eu queira confiar em Jack e recuperar aquela proximidade que passei a adorar, sei que só o aborreceria se contasse que tenho tido sintomas. Na verdade, a melhor coisa é encerrar a noite, principalmente porque as pessoas na mesa ao lado começaram a cochichar e apontar. Jack não discute quando sugiro que ele me leve para casa.

Na varanda, nós nos despedimos com um abraço rápido. O olhar dele é mais intrigado que persistente, como se tentasse descobrir quem realmente sou. E eu que achava que ele sabia!

Quando estou abrindo a porta, o celular dele vibra. Ele pega o aparelho, e vejo que a mensagem é de Alexandra. Meu primeiro impulso é pedir explicações, mas a noite já foi ruim o suficiente. Além do mais, considerando o atual estado de coisas, não posso culpá-lo por estar pensando em um plano B.

Entro apressada, com os ombros caídos e o coração pesado. Minha mãe desvia os olhos da tela do computador e levanta as sobrancelhas.

— Ele vai ter que acordar muito cedo pra ir trabalhar amanhã — explico, mentindo mais uma vez.

— Você também devia ir descansar. Passou o dia inteiro fora.

— Amanhã eu fico com o Sammy. Prometo. Já falei pra ele que pode contar comigo pra ir aonde ele quiser. Se não estiver ocupada, a gente pode sair pra almoçar. Nós três.

A gratidão que vejo em seu rosto quase me derruba.

— Vou dar um jeito.

Animada, conto:

— O dr. Dulcet, da VidaLexor, entrou em contato comigo e com o Shane hoje.

Ela me encara.

— Entrou em contato com você, que é menor de idade, em vez de me procurar ou procurar o hospital?

— Na verdade, ele procurou o Shane. Eu falei que vou conversar com você e com a dra. Culdicott antes de participar da pesquisa. Vou te dar o cartão dele.

Mais uma onda de gratidão.

— Fico feliz por não ter tomado nenhuma decisão precipitada.

Quase conto que procurei a sra. Sternfield, mas sei que ela não entenderia e, pior, tentaria me impedir de voltar a Cle Elum. Não. Uma coisa é ser franca, outra é ser burra.

Subo a escada e acesso a internet.

Grande erro.

Só vejo gente cheia de ódio dizendo que não medi esforços para me apoderar de uma droga “sob medida”. O resultado é culpa minha, e ninguém deve desperdiçar solidariedade comigo. Alguém até postou uma contagem dos mortos na minha página com a mensagem: “Quem vai ser o próximo infectado?”.

Mordo o nó do dedo e sinto as lágrimas inundando os olhos. Shane e eu lutamos muito para voltar a um mundo que nos despreza. Os únicos que parecem me querer por perto são os membros de um grupo cujas mensagens me incomodam ainda mais que as de ódio. Recebo uma mensagem privada: “Você sabe o que é sentir medo de molhar as calças cada vez que tem que conhecer uma pessoa nova? Acabe com esse meu sofrimento. Encontro você a qualquer hora, em qualquer lugar”.

Putá merda. Uma onda de repulsa ecoa por meu corpo. Fecho o laptop com força, ofegando.

Lutando contra um soluço, eu me jogo na cama. Primeiro o apito nos ouvidos, depois Jack me olhando torto, talvez até me traindo com Alexandra, e agora mais gente esquisita e pessoas que me odeiam. Cubro a cabeça com o travesseiro e gemo embaixo dele. Droga, droga, droga. Mas cobrir a cabeça só aumenta o apito nos ouvidos.

Desisto do travesseiro e vou andar pelo quarto enquanto puxo a ponta das orelhas. A dra. Culdicott disse para voltar ao hospital se tivesse algum sintoma. Mas por quê? Eles vão me trancar no isolamento e esperar o pior. Se tenho algumas horas de vida, não quero passá-las sozinha.

Desço na ponta dos pés e encontro minha mãe cochilando no sofá com o laptop aberto. Não vou acordá-la. O silêncio da casa transforma o apito nos meus ouvidos em um barulho gigantesco. Por mais que eu queira desesperadamente sair correndo e gritando pela rua, volto para o quarto.

Continuo andando, chorando sem tentar me controlar. Que jeito horrível de passar as últimas horas de consciência. Se pelo menos eu pudesse conseguir mais uma coisa, uma realização surpreendente e linda! Evie diria para eu “criar lembranças”. Mas não tenho nada. Como a antiga Aislyn.

Visto o pijama, pego um travesseiro e vou para o quarto de Sammy. Ele dorme agitado, mas com um sorrisinho nos lábios. Pelo menos não está tossindo. Graças a Deus. Pego o cobertor extra que fica dobrado na cadeira de balanço e o estendo no chão ao lado da cama, onde me encolho confortada pelo som de sua respiração e pelas pinturas familiares nas paredes. Como se sentisse minha presença, Sammy deixa um braço cair para o lado. Seguro a mão dele e apoio o antebraço no friso entre a cama box e o colchão, como faço quando ele tem uma noite difícil. Quantas horas passei neste chão?

Segurando a mão do meu irmão para me sentir confortada, como ele sempre fez comigo, fico ali, tremendo. Olho para o teto por longos minutos, talvez horas; às vezes deixo de perceber o apito nos ouvidos, mas volto a ouvi-lo no instante em que penso nele. A ideia de recuperar o silêncio e a paz verdadeira parece impossível.

Mas, de algum jeito, eu pego no sono.

Quando acordo de manhã, estou meio grogue. Mas consciente. Incrível. Na névoa que ocupa meu cérebro, o apito não parece tão alto. Enfio o dedo nas orelhas só para

ter certeza. Parece realmente mais baixo. Talvez eu tenha mais um dia de vida. Mais um dia para resistir.

Sammy já se levantou, e deve estar imaginando o que me fez ir dormir no chão. Massageando as costas doloridas, vou me arrastando para o quarto e deito em minha cama.

Só para acordar um minuto depois com alguém batendo na porta. Quando respondo, Sammy aparece na soleira.

— Tudo bem?

— Sim, só tive uma noite assustadora, sabe?

Ele assente e começa a tossir. É claro que ele sabe.

Sento na cama.

— E aí, aonde a gente vai primeiro? — Sinto novamente uma profunda gratidão por termos um dia para planejar. O sentimento explode em meu peito espalhando calor, energia e, por um momento, uma felicidade tão intensa que enche meus olhos de lágrimas.

— Na Comix Dungeon — ele responde. A tosse vira ânsia.

Corro para pegar lenços nos quais ele limpa os pulmões.

— Ai, Sammy, você precisa entrar nos testes do AV719. Se pedir, a mamãe não vai negar.

Ele me olha de cara feia e, quando recupera o fôlego, fala:

— De jeito nenhum. A mamãe ficou maluca enquanto você estava no hospital. Não vou me meter em um experimento que ela não aceita. Ela não tem mais nenhum filho reserva.

Fico sem ar.

— Foi assim que pensou em mim todos esses anos, como a filha reserva da mamãe?

— Não, como a garantia dela. E agora ela não tem mais nenhuma.

Eu tenho que consertar isso. Mamãe precisa de nós. De nós dois. E meu irmão não deveria ter que esperar nem um dia além do necessário para poder respirar, para ter esperança de um futuro livre da doença.

Sammy volta para o quarto dele. Eu fico no meu, soco a cama e as paredes. Não serei a responsável pela destruição da vida do meu irmão nem de qualquer outra pessoa. Sammy e minha mãe precisam entender que a terapia genética ainda é uma promessa em que vale a pena acreditar. O mundo precisa transmitir essa mensagem em alto e bom tom. O que eu posso fazer? O que eu posso fazer?

Tenho uma ideia.

Visto uma roupa qualquer, escovo o cabelo e me preparo para enfrentar o público. Lá embaixo, saio para a manhã nublada, mas ainda quente, de Tacoma. Uma repórter de cabelo preto curto e um terninho de mil dólares corre em cima do salto alto até a entrada de casa. Os outros a seguem. Fico parada na varanda enquanto eles se reúnem à minha volta ali embaixo, mas ninguém se aproxima muito. Todos mantêm uma distância mínima de um metro e meio. O contágio serve para alguma coisa, afinal.

Tremendo, eu aviso:

— Vou dar uma declaração.

Olho para trás e vejo Sammy espiando pela fresta da porta com um olhar desconfiado.

Os repórteres preparam as câmeras, e eu limpo a garganta pigarreando.

— Quero deixar bem claro que a dra. Sternfield agiu sozinha. Sozinha. Tenho certeza de que os outros pesquisadores da Nova Genetics estão qualificados para desenvolver a cura para o mal que ela criou. — Paro para respirar. — Mas eles não são os únicos. Espero que muitos geneticistas abordem esse problema e salvem muitas vidas. Por isso, autorizo que todas as organizações de pesquisa,

endossadas por meus médicos no hospital Florence Bishop, tenham acesso a uma cópia da minha sequência genômica.

Os repórteres reagem com surpresa, inclusive os mais duros. Porém, a parte mais importante da minha declaração ainda está por vir.

Aceno chamando Sammy e continuo:

— Meu irmão tem fibrose cística, para a qual, um dia, a terapia genética vai encontrar a cura. Fico feliz por saber que há experimentos clínicos em andamento e acredito que são conduzidos de forma segura e responsável. Seria uma tragédia privar as pessoas de terapias promissoras por causa do erro de uma pesquisadora.

Pronto, isso vai pressionar minha mãe a fazer o que é certo com o AV719, e talvez convença os pesquisadores a aceitar Sammy no experimento, mesmo já começado. Abro os braços com as mãos abertas e erguidas.

— Se tiverem perguntas, posso tentar responder. Só não esqueçam que estou no colégio, não sou cientista.

Eles riem, depois começam a perguntar.

A mulher de cabelo curto empurra o microfone na minha direção.

— Deve saber que publicar sua sequência genômica vai acabar com boa parte da sua privacidade. Os pesquisadores vão poder procurar os genes manipulados pelo Carisma, mas também vão poder ver se você é suscetível a muitas outras enfermidades.

— Por isso eu disse que o hospital tem que dar o aval aos pesquisadores que forem sérios e dignos. Quanto a outras enfermidades, se ninguém descobrir um jeito de contra-atacar o CZ88, talvez eu nem viva o suficiente para me preocupar com isso.

Um homem ruivo segura um lenço sobre a boca e grita:

— Tem certeza de que não é contagiosa? Há casos registrados a milhares de quilômetros daqui.

Levanto as sobrancelhas.

— Algum deles foi transmitido por contato casual?

Sammy segura minha mão.

— Minha mãe e eu fizemos vários exames, várias vezes.
Nada.

O homem me encara atento.

— E o namoro, Aislyn? Vimos você por aí com seu namorado.

— Por enquanto, nada de relacionamentos sérios. A mulher de cabelo curto interfere:

— Defina “sérios”.

Eu a encaro.

— Acho que você mesma pode se encarregar disso.

Ela pisca surpresa.

— Deve ser devastador para uma adolescente. O que Shane, a outra vítima, pensa sobre isso?

— Pergunte a ele. Quanto a ser devastador, eu usaria essa palavra para os que estão em coma ou mortos.

— Por enquanto — resmunga o homem.

Engulo em seco. Continuo respondendo às perguntas até o homem questionar Sammy sobre seu prognóstico. A respiração de meu irmão está ficando mais difícil. Hora de acabar com isso.

Empurro Sammy para a porta.

— Desculpe, ele só tem onze anos.

Quando entramos, aproveito o embalo e telefonei para o dr. Gordon do meu quarto. Se Shane estiver certo, o que fizemos deve forçar a Nova Genetics a se esforçar mais. Depois que conto ao médico sobre como abri a concorrência, ele fala:

— Acho que não posso te culpar por isso.

— Além disso, tem uma coisa que preciso saber sobre sua ex-esposa.

— Sheyla? O que quer saber sobre ela?

— Vai achar tudo meio maluco, mas desde que recebi o CZ88, consigo ler expressões faciais com uma clareza muito maior.

— Faz sentido.

Então não é alucinação.

— Para mim, é óbvio que sua ex-mulher está mentindo sobre alguma coisa relacionada à sua filha. Lamento muito se isso é doloroso, mas fico pensando se a dra. Sternfield contou a ela alguma coisa sobre o que fez ou por que ia, hum, fazer aquilo na ponte.

O longo instante de silêncio é finalmente interrompido por um ruído de tosse do outro lado.

— Ah, Aislyn, sei que está desesperada para encontrar respostas, mas duvido que Sheyla saiba alguma coisa que possa ser útil. Ela e Charlie eram próximas, mas não devem ter discutido assuntos técnicos.

— Tem certeza?

A voz dele soa mais velha do outro lado.

— Às vezes não existem explicações para as escolhas das pessoas. Tenho que assumir parte da culpa por sempre ter incentivado Charlie a ir além dos limites do conhecimento.

— Ele faz um barulho que pode ser da respiração ou um soluço.

— Deve haver alguma coisa que estamos deixando passar, alguma coisa que eu possa fazer.

Ele responde:

— Você está frustrada, é claro. Eu também estou. Mas acho que pode ajudar. Vamos nos reunir hoje à noite com possíveis investidores capazes de patrocinar nosso esforço na busca pela cura para o CZ88. Talvez você possa ir, vai inspirar os que nos apoiam para a luta que está por vir.

— A empresa não vai ser fechada, então?

— Não, mas só porque oferecemos a melhor possibilidade de cura para você e os outros. Mas o governo vai nos manter na rédea curta.

O dr. Dulcet falou a verdade sobre isso.

Seguro o telefone com força.

— Tudo bem, vou tentar “inspirar” seus investidores, mas você precisa falar com o dr. Dulcet na VidaLexor sobre trabalharem juntos.

— Esse tipo de parceria sempre provoca mais atraso que eficiência.

— Esse tipo de parceria pode salvar minha vida.

— Vou pensar nisso, Aislyn. Estamos todos juntos.

Espero que sim.

— Vou mandar um carro ir buscá-la às sete em ponto. Prepare-se para dar algumas declarações ao grupo. — Ele desliga.

Fico olhando para o celular. O que foi que eu aceitei fazer? Um discurso? Na frente de um grande grupo de desconhecidos? Parece mais assustador do que responder às perguntas de um punhado de repórteres na varanda de casa. Talvez fosse melhor me concentrar nos detalhes logísticos, como que roupa usar. Rio sozinha. É difícil acreditar que houve um tempo em que a decisão de que roupa usar era realmente importante.

O que importa é cumprir as promessas que fiz a Sammy. Cada uma delas. Eu o encontro na cozinha, ainda com o rosto vermelho do último ataque de tosse.

— E aí, pronto para ir visitar a Comix Dungeon?

Um baque na porta da frente nos assusta. O que é isso? Um repórter tentando invadir a casa? Corro até lá.

É só a correspondência, que está espalhada no chão embaixo do vão na porta. Recolho tudo e deixo em cima da mesa do hall. Uma carta é dirigida “aos pais de Aislyn Hollings”, e o endereço do remetente é o da escola da região. Rasgo o envelope.

Leio e sinto um nó se formar no meu estômago. Eu me enganei pensando que a vida fora do hospital seria ótima. O mundo real pode ser cruel.

ADOLESCENTE DE TACOMA ENCONTRA TEMPO PARA SE DIVERTIR, APESAR DE QUADRO FATAL

por Serena Wagner, *Tacoma Times*

Aislyn Hollings, dezesseis, que participou do teste ilegal de uma terapia genética e integra o pequeno grupo de pacientes que ainda escapa das consequências fatais, voltou para casa esta semana com grande estardalhaço. Correspondendo à expectativa da terapia genética que promete maior sociabilidade, o primeiro compromisso da srta. Hollings foi fazer uma festa, apesar da evidência de que o tratamento por ela recebido é contagioso e normalmente leva à morte. Uma fonte que esteve presente na festa da srta. Hollings relatou: “Aislyn se comportou como se estivesse em um comercial de biquíni. E ela e o namorado, Jack, não se largaram”.

Moradores do norte de Tacoma registraram várias reclamações na polícia e na prefeitura, exigindo que a ordem de isolamento seja restaurada. Porém, Liam Guthrie, porta-voz do Departamento de Saúde de Washington, declarou: “A menos que a srta. Hollings ou o sr. Elliot exibam intenção de infectar outras pessoas por um mecanismo de transmissão conhecido, não podemos aplicar nenhuma medida restritiva que limite o comportamento dos dois”.

DEZENOVE

A carta do colégio informa: “Depois de longas discussões com oficiais da saúde, decidimos que, em prol dos interesses de nossa comunidade estudantil, Aislyn não poderá assistir às aulas no outono”.

Eles têm “certeza” de que minha mãe vai entender.

E eu aqui com a lista de leituras obrigatórias para o ingresso no último ano, inclusive aquele romance idiota, *Flores para Algernon*, que me fez soluçar. Jogo a carta em cima da mesinha e pego o celular para ligar para Shane.

— Aí também? — ele responde.

Ando de um lado para o outro na sala de estar.

— Isso é loucura.

— Não é mais maluco que querer invadir a casa de alguém.

— Ah, sobre isso, estou com o Sammy hoje. Pode ser amanhã?

— Não vai adiantar muita coisa se você for presa, mas a gente se vê na reunião dos figurões hoje à noite. Sally Sims acabou de ligar pra avisar que você vai comigo.

— Ah, sério? Ela deve ter falado que *você* vai comigo.

— Tanto faz, Loirinha. A gente se vê mais tarde.

Ligo o computador para pesquisar alguns tópicos para o discurso de hoje à noite. A primeira coisa que vejo é a mensagem de uma menina chamada Mercedes, cujo avatar é uma mistura de bochechas rosadas e brilho labial, mas as palavras são lâminas afiadas. “É melhor se cuidar! Gente como você é uma aberração da natureza e deve ser tratada como praga.”

Meu coração dispara. Tratada como praga? Evitada ou exterminada?

Melhor me concentrar no discurso. Encontro vários artigos sobre liberdade civil e relatos emocionantes de um garoto chamado Ryan White, que foi um adolescente com aids antes de eu nascer. As histórias sobre como ele foi forçado a usar um banheiro separado e utensílios descartáveis na escola e como seu túmulo foi vandalizado me fizeram ranger os dentes. Mas ele suportou o assédio com

dignidade e uma personalidade inspiradora que não era resultado de nenhuma droga.

Digitei uma página de anotações quando Evie manda uma mensagem, falando para a gente se ver hoje. Ah, é, eu tinha que sair com Sammy. Que porcaria de irmã eu sou.

Evie e eu fazemos planos rápidos, e meia hora mais tarde passamos pelos repórteres levando Sammy. Felizmente, ninguém segue o carro quando nos afastamos ou, se tem alguém nos seguindo, é alguém muito discreto.

Vamos em direção ao centro de Tacoma e paramos em um bairro próximo de lá, uma área pobre que não foi dominada por condomínios e padarias caras. A maioria das lojas tem toldos desbotados e funcionários cheios de piercings.

Estou de óculos de sol e boné, mas várias pessoas me param entre o carro e a Comix Dungeon. Por algum motivo, sinto-me obrigada a responder a todas as perguntas que posso, provavelmente para provar que não sou um monstro contagioso. Levo quinze minutos para entrar na loja pouco iluminada que cheira a poeira e papel velho.

Sammy, com sua inseparável mochila, se aproxima do balcão para perguntar pelos lançamentos. Evie sugere que a gente vá sentar no café ali perto enquanto meu irmão

discute as nuances da arte de contar histórias em quadrinhos. Compramos *lattes* gelados e escolhemos uma mesa descascada no canto do café.

Ela empurra para trás uma mecha de cabelo preto e brilhante.

— Tem várias fotos suas com o Shane circulando pela internet. Quer me contar alguma coisa?

Engasgo com a bebida e tusso.

— Nada. — Respiro fundo e falo sobre a missão nada criminosa com Shane e o encontro nada íntimo com Jack, inclusive sobre a mensagem de Alexandra.

O canudinho de Evie fica com a marca do batom vermelho que ela está usando.

— Tenho certeza de que Jack não está fazendo nada com Alexandra. Ainda. Mas é hora de ser prática. Se não pode ficar com o Jack, por que deixar passar um gato como o Shane? Por que se privar desse jeito?

— Porque sempre fui afim do Jack. E se ele está disposto a esperar, presumindo que esteja, eu também estou.

Ela suspira alto. Não preciso procurar microdicas faciais.

— Está perdendo muita coisa, Aiz.

Só então percebo que ela não tem me contado detalhes de sua vida amorosa ultimamente, o que é incomum. O jeito como evita me encarar revela que ela está escondendo alguma coisa.

Passo um dedo pelo copo de plástico, desenhando na condensação.

— Aconteceu alguma coisa... importante entre você e o Rafe? Você me contaria, não é? Não esconderia nada por pensar que eu me sentiria mal por não poder viver as mesmas coisas com o Jack?

Ela fica vermelha.

Paro de respirar por um segundo.

— Ai, meu Deus. Quando? Como conseguiu não me contar?

Seu rosto se contrai.

— Faz dois dias. É que, com tudo que você está enfrentando, achei que seria muito doloroso falar sobre...

— Evie! — Baixo a voz quando duas pessoas olham para nós. — Você devia me contar as coisas importantes. Independentemente de qualquer coisa.

— Eu... ai, tenho ficado maluca por não dividir isso com você.

Amasso meu copo vazio.

— Não deixe essa coisa do gene levar embora a minha melhor amiga, além de tudo, está bem?

— Desculpe. Se acontecer alguma coisa importante, você vai ser a primeira a saber. Prometo.

Meus olhos ardem, mas balanço a cabeça em uma resposta afirmativa, pensando se ainda estarei por perto quando a próxima coisa importante acontecer na vida dela.

— Vamos sair daqui — falo com voz rouca.

Voltamos à loja de revistas em quadrinhos. A mudança repentina do dia ensolarado para o interior meio escuro me ofusca temporariamente. Mas quando volto a enxergar, não vejo Sammy.

Ando pelos corredores apertados.

— Sammy?

Dois garotos olham feio para mim, como se eu tivesse violado algum código de conduta. Ando mais depressa e chamo mais alto. Evie procura do outro lado da loja, e acabamos nos encontrando no meio dela. Nada de Sammy.

Vou até o balcão perguntar ao funcionário:

— Viu um menino bem magro e loiro, mais ou menos dessa altura?

Ele fala acomodando alguma coisa dentro da boca.

— Sim, ele comprou o último número de *Alakazomb* e me mostrou seu portfólio. O garoto é incrível.

— Eu sei. Mas aonde ele foi?

O rapaz dá de ombros.

— Provavelmente foi ler ou desenhar. — Seu rosto se ilumina. — Ei, eu sei quem você é. Já leu o último número da *Virality*? É sobre uma poção do amor genética...

Evie e eu nos olhamos sérias e corremos para fora da loja. Meu coração fica apertado quando olho em volta. Nada de Sammy.

— Fique calma — diz Evie. — Ele deve ter ido procurar a gente.

Descemos a rua no sentido contrário ao do café. Olho em um estúdio de tatuagem, em uma livraria e em um brechó, sempre gritando:

— Sammy!

Quando chegamos a um cruzamento, vejo um garoto loiro do outro lado da rua. Ele usa uma camiseta amarela como a do meu irmão e está rindo ao lado de uma mulher de cabelo roxo. Corro até lá e, aliviada, descubro que é Sammy.

Seguro seus ombros.

— Sammy, que droga é essa?

Ele se assusta.

— Pensei que tivesse vindo pra cá. Desculpe.

A mulher se inclina para mim em cima do salto alto e fino.

— Aislyn Hollings? Estava te procurando. Recuo um passo.

— Sério? Como soube que eu estava aqui?

Ela ri de um jeito cínico.

— Ah, meu bem, você é mais fácil de encontrar que um sinal de GPS.

Um cara com bíceps do tamanho de melões sai de uma porta nas sombras. Ele se mantém afastado, mas assente para a mulher de um jeito que me provoca um arrepio.

Ela olha para mim e pisca algumas vezes.

— Queria te convidar pessoalmente para uma festa exclusiva. Zeke Takahashi, que recebeu o Carisma e não teve efeitos colaterais, como você, vai estar lá, e seria muito legal se também pudesse estar com a gente amanhã à noite.

Cruzo os braços.

— Duvido que haja uma versão do CZ88 que não provoque efeitos colaterais. E por que esse Zeke não se

manifestou antes?

Ela tira da bolsa um envelope grosso com o qual se abana.

— Talvez ninguém tenha feito a oferta certa para ele. Dez mil sem esforço nenhum.

— Dez mil? Por uma festa?

— Muita gente quer conhecer vocês. Pessoalmente.

Meu coração acelera.

— Qual é a pegadinha?

No fundo eu já sei. Só um grupo de esquisitos ia querer me ver sem máscaras de proteção.

O grandalhão se aproxima com as mãos nos bolsos.

A mulher de cabelo roxo diz:

— Não tem pegadinha nenhuma. — E passa a língua nos lábios. — Você pode se divertir muito, talvez encontrar um jeito de aumentar ainda mais seus rendimentos. Conheço gente com mais dinheiro do que pode imaginar. — Ela sorri, e vejo em seus olhos uma intensidade que me faz pensar em chacais.

Puxo Sammy e Evie pelo braço.

— Pra casa. Agora.

Nenhum deles protesta. Quando nos afastamos apressados, olho para trás e vejo a dupla olhando para nós.

Nada na expressão deles sugere empatia ou bondade. O fato de continuarem no lugar, satisfeitos por eu ser tão fácil de rastrear, me incomoda.

O cara joga um beijo para mim.

ELA FEZ OU NÃO FEZ?

por Lulu Lakes para o *In the Know*

A questão mais recente que tem provocado muita especulação entre os observadores de celebridades não tem a ver com botox ou plástica de seios. Em vez disso, estamos tentando determinar quem elevou seu grau de popularidade com um bom trabalho de relações públicas e quem conseguiu o mesmo resultado com uma visita ao geneticista. Se isso parece coisa de ficção científica, pense bem. Depois que duzentas e trinta e sete pessoas foram injetadas ou infectadas com uma terapia genética não regulamentada chamada Carisma, a personalidade dessa gente passou de sem graça a magnética. A transformação teve consequências letais e provocou quarenta e uma mortes até agora. No entanto, há boatos de que uma versão nova e aperfeiçoada do Carisma vem sendo desenvolvida na clandestinidade. Celebridade a que preço? Bem, leitores, parece que nada está fora de questão, nem mesmo trocar o próprio DNA.

VINTE

Faço toda a viagem de volta olhando pelo retrovisor. Quando falo para Sammy que não vamos mais visitar as outras lojas na lista, ele dá de ombros como se estivesse acostumado a ser decepcionado por mim.

Tomo um caminho alternativo para ter certeza de que não somos seguidos e, quarenta minutos depois, paro em frente de casa. Estudamos o ambiente com cuidado antes de sairmos do carro e passarmos por um grupo de repórteres. Eu já devia estar acostumada com eles, mas as perguntas que gritam me atingem como tiros.

— Nada a declarar — anuncio, levando Sammy para a porta.

Evie me abraça com força quando nos despedimos.

— Não deixe essa gente maluca e cheia de ódio te atingir. Tem muito mais gente do seu lado. Começando por mim.

— Desculpe por antes. Você é demais, Evie.

— Eu sei. Cuide-se, tá bem? — Ela se afasta, mas a atitude positiva parece forçada.

Dentro de casa, minha mãe está sentada sozinha à mesa de jantar.

— Não íamos almoçar juntos?

Dou um tapa na testa.

— Ah, sim, é claro. Desculpe. A gente saiu tarde. — Logo ela vai descobrir que ofereci minha sequência genômica a quem se interessar.

Mamãe trouxe sopa de frango com coco e curry, misturada a uma infusão de capim-limão tão azeda que sinto minha boca enrugar. Sammy e eu também sentamos à mesa.

Procuro nela sinais de instabilidade e decido que não a vejo tão calma desde que voltei do hospital.

— Mãe, será que a gente pode conversar sobre o Sammy participar dos testes do AV719?

Ela solta a concha dentro da sopeira. Seu rosto revela uma mistura de medo, culpa e raiva.

— Ninguém vai dar aos meus filhos mais nada que possa prejudicá-los. Fim da discussão.

— Mas o estudo preliminar...

— Aislyn, pare com isso. Você pode usar seu novo poder de persuasão com o resto do mundo, mas não vou brincar com a vida dos meus filhos.

— Tudo na vida envolve algum risco, apostar em probabilidades.

— Não. Não é assim. Pensei que tivesse aprendido a lição.
— Agora sua expressão é só terror e raiva. Juro que seu cabelo está mais branco do que há um mês.

Tudo bem, hora de mudar de tática. Menciono casualmente o evento na Nova Genetics. Se eu me sair muito bem hoje à noite, vou provar que muita gente ainda acredita na terapia genética.

Os olhos dela sugerem desconfiança, mas alívio, também, por eu ter mudado de assunto.

— Tem certeza de que está disposta para isso?

— Tenho que estar. Essas pessoas podem investir em pesquisas que vão curar não só o CZ88, mas outros problemas genéticos, como FC. De um jeito ou de outro, quero que minha vida tenha um significado maior do que um experimento fracassado.

Algumas gotas de sopa da colher dela respingam na mesa. Minha mãe pega um guardanapo para limpá-las.

— Sua vida significa muito, especialmente para as pessoas que te amam. Vamos superar tudo isso.

Essa é a mãe positiva que eu conheço. Tento fazê-la se lembrar da filha responsável que eu era lavando a louça do almoço, para ela poder sair correndo e ir encontrar o cliente cuja visita remarcaria.

Talvez eu possa levar Sammy para visitar mais algumas lojas. Mas olho pela janela, vejo o grande grupo de repórteres e mudo de ideia. Além do mais, Sammy tossiu durante a maior parte do almoço.

Meu celular vibra. É uma mensagem de Jack. FIQUEI MAL POR CAUSA DE ONTEM.

Respondo: EU TAMBÉM.

VAMOS COMPENSAR HOJE À NOITE?

Eu me animo por uma fração de segundo, antes de lembrar que não posso vê-lo.

TENHO UM EVENTO NA NOVA GENETICS. AMANHÃ?

É CLARO. QUE EVENTO?

ELES VÃO TENTAR ATRAIR INVESTIDORES PARA PATROCINAR A PESQUISA DA CURA. EU SOU A PRINCIPAL ATRAÇÃO.

SHANE VAI ESTAR LÁ?

Ai, cara, quando eu acho que tudo vai ficar bem de novo...

VAI. QUANTO MAIS ATRAÇÕES, MELHOR.

SEI.

Digito o mais depressa que posso.

NÃO É UMA DECISÃO MINHA.

TUDO BEM. BOM, DIVIRTA-SE. TENHO QUE TRABALHAR. VOCÊ ENTENDE, NÃO É? ISSO TEM A VER COM ARRECADAR UMA GRANA. SÓ ISSO.

É CLARO. A GENTE SE FALA AMANHÃ.

Ah, droga. Ele não pode estar pensando que tenho alguma coisa com Shane. Passamos doze dias no hospital juntos e nada aconteceu. Por que aconteceria agora?

Sammy está esparramado no sofá em frente à televisão, vendo um filme de faroeste cheio de tiros para todo lado e tossindo em um lenço. Sento ao lado dele.

— Vou dar um jeito de te colocar no esquema do AV719.

Ele continua olhando para a televisão.

— Por que tem tanta certeza de que eu quero? Aquele último remédio me fazia vomitar o tempo todo.

— Eu sei, amigo, mas a gente precisa continuar tentando, certo?

Ele olha para mim de um jeito sério, um olhar prolongado, depois olha para a TV.

Fico pensando em um modo de arrancar a verdade da sra. Sternfield, e se alguém pode incentivar mais pesquisadores a combater o CZ88. Se eu for curada, mamãe vai aceitar ajuda para Sammy.

Fico entretida com o filme de Sammy e perco completamente a noção do tempo, o que me obriga a subir correndo para tomar um banho e me maquiar. O vestido de comprimento médio não vai chamar atenção como chamaria se Evie tivesse escolhido meus acessórios, mas é o que tem para hoje. Além do mais, é com minha personalidade que estou contando. Deixo o cabelo solto e escolho um par de argolas prateadas para as orelhas.

Desço a escada vinte e nove minutos mais tarde.

Minha mãe abre a boca.

— Meu bem, você está linda, e tão, tão...

— Discreta?

— Eu ia dizer madura.

Tenho que admitir que gosto da admiração que vejo nos olhos dela e de Sammy. Queria poder sair com Jack hoje e senti-lo olhar para mim do jeito que costuma olhar. Costumava.

Mas o próximo a ficar impressionado é Shane. Quando ele chega, tenho a impressão de que engoliu a língua. O único comentário que faz é:

— Uau.

Faz poucos dias que saímos do hospital, e seu bronzeado já contrasta com o colarinho da camisa azul. Os cachos pretos foram aparados na altura do queixo, e ele se barbeou. É por isso que todas aquelas garotas ainda se candidatam ao *Shane Show*. O cara que elas querem está aqui em carne e osso.

Ele puxa o colarinho e limpa o suor da testa.

— O terno está me matando.

Felizmente, minha mãe não insistiu em tirar fotos de formatura em frente ao canteiro de flores. Engraçado como antes eu nem pensava em ir à formatura, porque era muito tímida. Agora talvez eu não vá porque, bom, porque não. As dores de cabeça periódicas e o apito baixo, mas constante, nos ouvidos não me deixam esquecer o que provavelmente vai acontecer.

Mas, por ora, estou viva. Lá fora, a noite é clara e quente. Quando Shane me acompanha até o carro elegante que a

Nova Genetics mandou para nos buscar, os repórteres apontam as câmeras para nós.

A mulher de cabelo curto ajeita a franja.

— Vocês formam um casal fofo. O que aconteceu com o Jack?

Solto meu braço da mão de Shane.

— Nada. Shane e eu vamos juntos a um evento porque é conveniente. Agora, por favor, com licença.

Ignorando os flashes, um motorista loiro com óculos de aviador de lentes verdes se apresenta como Baxter e abre a porta do automóvel para nós. Depois do incidente com a mulher de cabelo roxo, não entro no carro até ver seu documento de identificação, que ele mostra sorrindo.

Shane cochicha:

— Paranoica.

Ele tira o paletó antes de sentar ao meu lado. Assim que o motorista arranca, o ar-condicionado começa a funcionar com força total.

Shane se coloca na frente do ar gelado.

— Quer dizer que eu sou conveniente?

Arrumo o vestido sobre as pernas para não amarrotar o tecido.

— As coisas já estão bem difíceis sem boatos de um relacionamento.

Ele olha para a divisória entre nós e o motorista.

— E aí, como vai a vida no celibato? Pronta pra me usar?

— Vai sonhando, sr. Último Homem da Terra. — O comentário de Evie sobre não deixar passar a oportunidade com Shane surge do nada em minha cabeça.

Ele diz:

— Um dia você não vai conseguir resistir a estas covinhas, e não vai demorar.

É brincadeira, claro, mas vejo em seus olhos uma esperança sincera.

Sinto um arrepio e pego o controle do ar-condicionado.

— Posso aumentar um pouco a temperatura?

Ele puxa a camisa que está colada no peito.

— Pouco, por favor. Está muito quente.

Vejo o suor que cobre sua testa.

— Está tudo bem?

— Só um pouco de dor de cabeça. E calor.

Sinto um nó na garganta.

— Dor de cabeça? Está com febre? Tontura?

— Loirinha, dá um tempo. É essa coisa de *rock star*, isso está me deixando esgotado. Ridículo, não é?

Apesar de sua atitude tranquila, eu sinto um arrepio nas costas.

— Você desmaiou? Seus ouvidos estão apitando?

— Acha que eu iria ao evento do dr. Gordon se me sentisse prestes a desmaiar? É só o exagero, tenho saído todas as noites. Acho que cerveja e Carisma não combinam.

— A voz dele fraqueja.

Agarro a beirada do banco.

— Pode voltar pras noitadas depois que curarem a gente.

— Você fala como se realmente se importasse. Estou emocionado.

Bato no braço dele.

Mas eu me importo. O suficiente para fingir que aprecio a paisagem ao meu lado e impedir que ele leia meu rosto. Baxter faz as curvas da estrada com habilidade e cuidado, e a viagem é tão confortável quanto o sofá de uma elegante sala de estar.

— Tem umas cenas bem legais pro *Shane Show* de hoje — Shane comenta. — Uma maluca me ofereceu cinco mil para ir a uma festa no fim de semana.

— Uma mulher de cabelo roxo? E o cara é um fortão esquisito? Ela me ofereceu o dobro desse valor.

O carro se desestabiliza por um segundo. Talvez a divisória não seja à prova de som, afinal.

Shane franze a testa.

— Eles me roubaram.

— Você aceitou?

Ele se assusta.

— Você não?

— Não acredito nisso — falamos ao mesmo tempo.

Passamos o resto do trajeto discutindo sobre os prós e contras de se aceitar convites para festas com pessoas insanas, e chegamos ao prédio da Nova Genetics sem termos entrado em acordo. Mas a discordância entre nós não é nada comparada aos grupos de manifestantes ao lado do portão. A maioria das pessoas usa máscaras cirúrgicas.

Baxter abaixa a divisória.

— Não se preocupem, vou levar vocês até lá dentro.

Assim é melhor. Entramos atrás de um Mercedes e um BMW, com os manifestantes acompanhando os carros e gritando slogans de ódio. Um homem magro e de olhos claros nos vê. Ele arregala os olhos e aponta para nós

chamando a atenção dos amigos. Todos correm para o carro, e vemos os rostos colados às janelas enquanto as pessoas gritam:

— Aberração! Aberração!

Verifico se a porta está travada. Shane acena e comenta:

— Queria ter trazido a câmera. — Ele aponta o celular para a multidão, o que só faz as pessoas gritarem ainda mais.

Os guardas afastam os manifestantes fazendo ameaças por megafones, enquanto Baxter fornece nosso nome para uma mulher com um coldre. Ela autoriza a entrada.

Paramos no oásis do estacionamento VIP. Dois homens musculosos vestidos com terno escuro nos levam até a porta principal, onde Sally Sims recebe os convidados em um cintilante vestido social preto.

Ela nos cumprimenta com abraços tensos capturados por um fotógrafo.

— É um alívio ver vocês tão bem e enfrentando um desafio tão grande. Se eu puder ajudar de algum jeito, falem comigo.

Espero Shane pedir um médico, mas ele só quer saber onde estão as bebidas. Sally nos leva ao salão principal,

decorado com gaze drapeada e grandes vasos de flores que espalham um perfume doce. Andamos em meio a um mar de ternos e vestidos elegantes.

Cutuco Shane com o cotovelo.

— Por que não falou pra Sally que teve febre? — Não me sinto hipócrita com a pergunta, já que o barulho das vozes abafa o apito nos meus ouvidos.

— Pra quê? Eu estou ótimo.

— Talvez eles tenham alguma coisa que possam testar em nós. Devíamos perguntar ao dr. Gordon. — Tento detectar ruídos indesejados no meu ouvido, mas com todo o barulho à nossa volta, não dá para perceber nada.

Vários garçons andam pelo salão com bandejas de torradas e caviar, espetinhos de frango com molho de amendoim e outros quitutes. Sinto vontade de pegar uma taça de champanhe, mas penso melhor quando vejo outro fotógrafo. Ser apontada como a menor de idade que consome bebida alcoólica não vai contribuir para a nossa causa. Além do mais, não preciso de muleta para me sentir corajosa. Não mais.

O dr. Gordon nos chama e apresenta o coronel Collins, um pesquisador do Exército que não sorri, e o sr. Chong, que

tem uma indústria farmacêutica na Coreia do Sul. Os homens fazem várias perguntas, a maioria para Shane.

Olho para o coronel.

— Por que o Exército está interessado em terapia genética?

A expressão dura reflete um momento de irritação.

— Para os nossos veteranos, senhorita. Se houver como identificar a predisposição genética para o transtorno de estresse pós-traumático, talvez possamos fornecer os psicotrópicos adequados ou desenvolver um treinamento preventivo.

Seu rosto faz crer que ele acredita no que diz. Mas li várias revistas em quadrinhos de Sammy, sei que quase todo super-herói resulta de um aperfeiçoamento ou mutação genética. Antes que eu possa perguntar sobre os soldados geneticamente modificados, alguém da Nova Genetics leva o coronel e o sr. Chong para visitar os laboratórios.

O dr. Gordon me diz:

— Você está ótima, querida.

Tem uma nota de melancolia em suas palavras, como se ele recordasse um tempo em que a filha se arrumava para ir

a um evento. Ou como se nossa presença, minha e de Shane, fosse um lembrete do dano que ela causou.

Shane entrega o paletó para um valete que parece surgir do nada. Depois abre um botão da camisa.

O dr. Gordon o examina.

— Está se sentindo bem?

Shane sorri.

— Com calor, mais nada. — Ele chama um garçom e pega um camarão, que mergulha em molho apimentado e põe na boca.

O dr. Gordon se vira para mim.

— Fique de olho nele.

— É claro.

É de surpreender que o dr. Gordon não mande Shane para casa imediatamente, mas um episódio dramático de desmaio pode comover os doadores.

Shane dá risada.

— Agora é a hora em que a gente circula e inspira todo mundo, certo?

O dr. Gordon nos leva pelo salão e vai nos apresentando ao dr. Isso, CEO Aquilo, todos com mãos bem cuidadas e cabelo perfeitamente penteado, sem nenhuma fibra sintética

à vista. Quando Shane e eu somos dispensados, finalmente, vamos nos servir de frutos do mar e encontramos os lugares designados em uma das mesas no terraço externo, com vista para o Canal Hood. As notas de uma melodia suave flutuam no ar de verão. Um casal bem-vestido senta à mesa em frente a nossa.

Shane parece pular na cadeira.

— Você é o Carlos Zahn, não é?

O homem sorri e apresenta a esposa. Shane me conta que aquele é o astro do futebol em Seattle.

A expressão de Carlos sugere compaixão.

— Sinto muito por vocês estarem vivendo toda essa loucura.

Dou de ombros, grata por ele não comentar que nós mesmos causamos tudo isso.

— Deve estar acostumado a lidar com repórteres e malucos. Como consegue viver?

Ele olha para a esposa, Anna.

— Ter alguém ao meu lado ajuda.

Anna levanta o queixo.

— Procure se concentrar no positivo. Quanto mais puder fazer o bem, mais vai receber. Estamos muito interessados

na promessa da terapia genética, especialmente para crianças como nosso filho. Ele tem fibrose cística.

Sally Sims deve ter nos colocado na mesma mesa de propósito. Anna e eu começamos a falar sobre o AV719. O filho dela faz parte do grupo de teste. Ela me conta onde os testes estão sendo feitos, mas também diz que a segurança é muito severa. Ainda estou pedindo mais informações quando o dr. Gordon se junta a nós. Ele olha desconfiado para Shane, que está meio vermelho, depois para mim.

— Pronta para dizer algumas palavras aos convidados, Aislyn?

Sinto a boca seca. Mas Shane não está em condições de falar para uma plateia. Sigo o médico até o palco improvisado. Meus joelhos tremem um pouco quando me posiciono. Deve ter mais de duzentos investidores ali. A maioria sorri com evidente expectativa quando o dr. Gordon conta como alguém como eu, desesperada pelos benefícios de uma terapia genética, corre o risco de participar de um experimento “premature”. Ele não menciona o envolvimento da filha, o que não deveria me surpreender. Pessoas poderosas agem de acordo com regras diferentes.

Depois dos aplausos entusiasmados, tusso para limpar a garganta e olho para aquelas pessoas. Um homem de vinte e poucos anos, pele clara e cabelo preto se mantém à margem do grupo, sério. Seu olhar penetrante faz meu peito ficar apertado, mas consigo falar.

— Oi, pessoal. Eu sou a garota que vocês jamais teriam notado antes. Ser invisível não é algo que eu recomendo. Insuportável, porém, era não ter voz, não porque as pessoas não me ouviam, mas porque eu não conseguia falar.

Algumas pessoas concordam balançando a cabeça. Muitas continuam olhando para mim, esperando o que ainda tenho a dizer. O rapaz sério se aproxima, está a uns três metros de distância do palco e mantém as mãos nos bolsos. Quando atraí meu olhar nervoso, ele se aproxima um pouco mais, há ameaça em seus olhos. Quem é ele? Procuro em volta, mas não vejo nenhum segurança grandalhão entre os presentes.

Respiro fundo.

— Eu não conseguia me colocar, mas o que realmente me destruía era não poder falar por meu irmão Sammy, que tem fibrose cística. Ele diz que é como se afogar de dentro para fora. Independentemente de vocês acharem ou não que a terapia genética vale a pena para traços debilitantes de

personalidade, ela é fundamental para doenças como a de Sammy, condições que ameaçam a vida. Os cientistas estão testando tratamentos gênicos contra a aids, o câncer e muitas outras doenças. — Olho para Anna e Carlos Zahn, e eles sorriem para mim.

Enquanto conto histórias de esperança, fico atenta à ação que se desenrola diante de mim. Uma mulher de blazer azul se aproximou do homem de olhar ameaçador e agora está ao lado dele, cochichando alguma coisa. Eles trabalham juntos ou estou ficando paranoica? O homem se irrita com a mulher e, por um segundo, tenho medo de que ele a agrida. Mas eles se dirigem a uma porta, e é quase como se a mulher empurrasse o rapaz. Respiro mais tranquila. Deve ser assim que a segurança funciona em festas elegantes.

Forçando um sorriso, concluo meu discurso e sou muito aplaudida. Mesmo assim, enquanto cumprimento possíveis doadores e converso com as pessoas, continuo atenta aos espectadores sinistros.

Sou sugada por um vórtice de apresentações, conheço políticos e cientistas, aposentados precoces e personalidades da mídia. Câmeras espocam e sorrisos largos cintilam. Convidados de olhos brilhantes brindam à possibilidade de

uma terapia genética. Uma pequena centelha de esperança se acende. Talvez alguém encontre a cura sem destruir tudo de bom que o Carisma me deu. Logo estou surfando nessa onda de animação.

Até encontrar Shane.

Sua pele está acinzentada e ele enxuga o suor das têmporas. Ri com uma mulher de vestido decotado, mas alterna o peso de uma perna para a outra como se tentasse manter o equilíbrio.

Eu me apresento à mulher e falo para Shane:

— Temos que ir embora logo.

Ele coloca um braço quente sobre meus ombros e se apoia em mim.

— Mas a festa está animada!

— Acho que o dr. Gordon quer conversar sobre as últimas pesquisas. — Peço licença à mulher e levo Shane para fora do salão. Quando nos afastamos, sussurro: — Não me interessa se você acha que seus sintomas são das noitadas. Precisa de um médico agora.

No saguão, onde tem menos gente circulando, seguro Shane pelo tronco. O corpo dele está queimando.

Pulo para trás.

— Você está muito quente.

Ele pisca.

— Você notou, finalmente?

Dou um soco em seu braço.

Ele ri.

— Só preciso de um pouco de ar fresco. Se isso não funcionar, vamos falar com o dr. Gordon. Combinado?

— Tudo bem. — Viro-me para o salão e vejo o homem assustador olhando para nós enquanto digita alguma coisa no celular. Acho que todo tipo de gente pode patrocinar pesquisa. Levo Shane para fora por uma porta lateral.

Sob o céu do anoitecer, Shane melhora imediatamente. Talvez ele só precisasse de ar fresco, mesmo. Começo a andar em direção ao mar, atraída pelo movimento rítmico das ondas.

Caminhamos pela praia. O sol quase desapareceu no horizonte, mas o ar ainda é quente, mais como nos trópicos do que em Seattle.

Shane fala:

— Sabe aonde quero ir? Àquela área dos moluscos. Você e eu poderíamos formar uma dupla incrível para pegar geoducks.

Tiro os sapatos e os carrego pelas alças.

— Teríamos sido uma dupla ótima. Achei que Chloe tivesse te convencido a me assediar.

Quando menciono o nome de Chloe, sinto como um soco no peito.

Ele segura a minha mão.

Chloe é forte. Todos eles são. Já faz semanas, e eles continuam estáveis. E nem a Nova nem a Vida não vão encontrar a cura tão cedo.

Ele para e me abraça, mais como um irmão do que como alguém que poderia fazer um de seus comentários de mau gosto. Encosto a cabeça em seu peito tão reconfortante e quente. Muito quente.

— Você está com febre, Shane. Temos que entrar.

— Eu me sinto melhor aqui fora. Só mais alguns minutos.

Nós nos afastamos, mas ele não solta a minha mão quando retomamos a caminhada pela praia. É reconfortante e me faz lembrar de como tenho sorte por tê-lo ao meu lado em tudo isso.

Tem um guarda de sentinela na cerca onde termina a propriedade do instituto. Felizmente, os manifestantes não

vieram até aqui. Falamos com o guarda e prometemos voltar em poucos minutos.

Na área dos moluscos, um casal está sentado sobre um enorme tronco trazido pela maré. Shane dobra as barras da calça para podermos continuar andando pela beira d'água, pelas ondas que nos censuram. *Slap, slap, slap*. Ou talvez seja só o que acho que mereço.

Eu conto:

— É o seguinte: não surte, mas meus ouvidos apitaram nos últimos dois dias.

Ele para.

— Por que não falou nada?

— O que você acha?

Ele balança a cabeça e olha para o céu. Eu o puxo de volta à praia. O casal sentado no tronco olha para nós, e um deles digita no celular. Quando olho para eles, os dois se encaram.

— Logo o sol vai se pôr — comento.

— Vamos curtir isso aqui mais um pouco. — Ele nem precisa falar que nós dois temos sintomas, e que por isso devemos curtir tudo que for possível.

Procuramos pedras soltas que jogamos na água. O casal se levanta do tronco e se vira para a área de floresta

próxima. Um deles aponta animado para alguma coisa nas árvores. Estico o pescoço tentando ver o que é.

Como se lesse meus pensamentos, o mais baixo dos dois se vira para nós e grita com voz de menina:

— Ninho de águia!

Shane acelera o passo para se aproximar deles.

— Eu vi uma águia aqui na última vez. Vamos dar uma olhada.

É claro, ele vai atrás de qualquer aventura, mesmo uma tão pequena quanto ver uma águia livre. Cada momento é insuportavelmente precioso. Rindo baixinho, seguimos o casal para as árvores, onde o sol já quase não chega. Ouço outras vozes no meio da vegetação.

— Espero que não assustem as aves — cochicho.

Andamos na ponta dos pés e descalços. Vamos ter que nos lavar antes de calçar os sapatos. Mas, sério, quem liga para pés sujos?

Shane vai andando entre as samambaias, provavelmente pronto para contar aos outros uma ou duas coisas sobre apreciar as águias. Vinte metros adiante, porém, ele para.

— Mas que p...?

Passo na frente dele para ver o que é. Primeiro, não acredito no que vejo. Em uma pequena clareira embaixo do céu cada vez mais escuro, há um punhado de gente usando capuz e máscara que cobre a maior parte do rosto. Olhos predadores se voltam para nós.

Fico gelada por dentro. Isso não é nenhuma convenção de observadores de aves. É um culto. Do tipo que sacrifica águias em vez de observá-las.

O membro mais alto do grupo se adianta com os braços abertos, como se fosse voar.

— Que bom que se juntaram a nós, Aislyn e Shane.

VINTE E UM

Eu puxo Shane.

— Corra!

Ele e eu corremos pela vegetação, mas não temos chance. Dois corpos enormes brotam do meio das folhas e impedem nossa passagem. Antes que eu consiga gritar, somos amarrados, amordaçados e vendados. Mãos ásperas agarram meus braços e me empurram para a frente. Quando resisto, alguém segura minhas pernas, e outra pessoa me levanta pelas axilas. Eles me carregam pela vegetação e me jogam em um assoalho acarpetado onde sinto a vibração de um motor. Tem outro corpo ao meu lado, um corpo tão quente que deve ser Shane.

Escuto as batidas das portas da van e partimos por uma estrada esburacada, com Shane e eu sacudindo lado a lado. Eu me contorço contra as amarras nos pulsos, mas não consigo afrouxá-las. Quando esperneio e chuto a porta,

alguém segura minhas pernas e amarra meus tornozelos com uma corda áspera que machuca a pele. São os manifestantes que estavam à espreita, esperando para destruir as “aberrações”? Eu me debato como um touro, mas não consigo me soltar.

Tenho a sensação de que viajamos por horas e não consigo identificar em que direção. Amarrada e vendada, sou dominada por um terror pior que o de um ataque de pânico.

Grito contra a mordaça, o que me sufoca. Se eu me acalmar, talvez as pessoas que nos dominam digam alguma coisa. A van continua em movimento, não tenho como calcular onde estamos. Ou o que essas pessoas querem. Com uma onda renovada de horror, lembro-me das mensagens que recebi sobre “dividir o que eu tinha” ou como eu seria tratada como uma “praga”. Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

Ondas de frio e calor percorrem meu corpo várias vezes. Tenho que fazer um grande esforço para controlar meus gritos e não sufocar com a mordaça.

Finalmente, o carro reduz a velocidade até parar. O grito dentro da minha cabeça ganha força no cânion escuro e sem esperança. É assim que as coisas vão acabar para nós? Em uma vala num lugar isolado?

Cada músculo do meu corpo se contrai quando alguém puxa meus braços e corta a corda que prende meus pulsos. Eu me debato, mas sou contida por braços fortes e peludos que me imobilizam por trás. O hálito quente de cerveja no meu rosto me faz encolher. O dono do hálito diz:

— Quanto mais você rebola, mais eu gosto.

Fico quieta e espero, o coração disparado.

Ouçõ grunhidos e ruídos de luta perto de mim, depois alguns estalos altos e o silêncio do outro lado da van. Fico aflita por Shane e o que fizeram com ele.

O chão vibra como se alguém tivesse entrado na van. Uma voz com o tom suave do homem alto e magro que vimos na floresta diz:

— Espero que seu tempo conosco seja breve. Tudo depende de vocês, é claro.

Breve, tipo, vão nos matar logo? Meus ossos viram geleia.

Agora a voz está bem perto do meu rosto.

— Então, Aislyn, quer compartilhar o que tem do jeito mais chato ou do jeito divertido?

Balaço a cabeça violentamente, lutando contra o corpo enorme que imobiliza o meu.

A voz continua:

— Ah, eu esperava mais cooperação. Tudo bem...

Escuto um estouro como o de um balão. Depois, mãos protegidas por luvas de borracha seguram meu braço esquerdo, puxando a pele e estendendo o cotovelo. Quando resisto, um tapa no rosto me faz ver estrelas. Gemo contra a mordada.

Um líquido gelado cobre a parte interna do meu cotovelo. O cheiro de álcool se sobrepõe ao do homem atrás de mim.

Alguma coisa espeta meu braço. Eu me encolho. A agulha é removida e introduzida outra vez. E de novo.

A voz resmunga.

— Isso vai ser bem mais fácil se você ficar quieta.

Não tenho alternativa, já que a pessoa grande e grudenta segura meus braços enquanto alguém senta em cima das minhas pernas. Mesmo com o corpo imobilizado, porém, a agulha me fura mais algumas vezes.

Finalmente, ela fica dentro da veia. A voz comenta:

— Hum, acho que encontrei o lugarzinho, preciosa.

Preciosa? Quem me chamou assim há pouco tempo? Uma lembrança paira no limite da minha consciência. Vários minutos depois de a coleta de sangue ter começado, sinto a cabeça rodar e os pensamentos ficarem confusos.

A voz vibra:

— Você sangra lindamente. Só faltam mais alguns frascinhos.

Quanto eles tiraram? Minha vida está escoando. Uma vida que teve várias mudanças imprevistas. Tudo por causa de uma decisão idiota. Lágrimas quentes escorrem por meu rosto quando penso em Jack, meus amigos, minha mãe e Sammy. Se eu tivesse compreendido bem as consequências de deixar a dra. Sternfield fazer o que fez! Nenhum de nós entendeu.

Se, se, se...

Minha audição enfraquece. Pequenos pontos luminosos explodem atrás das pálpebras. O cérebro luta para permanecer consciente, mas os pensamentos se transformam um a um em nada. Até restar apenas um suspiro.

VINTE E DOIS

Recupero a consciência deitada no chão duro e frio. Está escuro, exceto pela lua e as estrelas. Minha cabeça gira, e a dobra do braço, onde tem muito sangue seco, lateja loucamente.

Aos poucos a visão se ajusta. Alguns metros longe de mim tem um corpo grande e imóvel deitado de lado. Com gravetos e pedras esfolando meus joelhos, engatinho até lá e sacudo o corpo pelos ombros.

— Shane!

Ele geme e segura a barriga. Graças a Deus está consciente. Mas quando toco sua testa, ela está pegando fogo.

Shane treme.

— Onde a gente está?

Olho em volta.

— No mato, perto de uma estrada. No meio do nada, acho. Não dá pra ver muita coisa.

Ele respira com dificuldade e tenta sentar. Assim que consegue, puxa as pernas contra o peito e apoia a cabeça nos joelhos, sempre gemendo.

Afago seu braço.

— Vou dar uma olhada na estrada, ver o que dá pra fazer.

Levanto-me, sacudo o vestido arruinado e vou andando na ponta dos pés e descalça pela vegetação espinhosa. Sob a luz das estrelas, a estrada desaparece na escuridão de um lado. Do outro, vejo o brilho pálido de alguma coisa construída pelo homem, mas não dá para saber a que distância.

Volto para perto de Shane e conto o que vi. Ele cobre as orelhas com as mãos e balança a cabeça.

Isso me faz lembrar o apito nos meus ouvidos.

— É o apito no ouvido?

— É um zumbido — ele responde. — Mas isso não quer dizer que vou entrar em coma a qualquer segundo. Você não entrou.

Belo conforto. O ar da noite é gelado para quem está com um vestido de alças finas. Shane percebe que estou tremendo

e me abraça.

— Pelo menos não mataram a gente — eu falo. — Tiraram sangue de você também?

Ele estica um braço.

— Acho que sim, mas não lembro. Minha cabeça está latejando.

Eu o abraço com mais força.

— Acha que consegue andar? Se formos em direção às luzes, teremos mais chances de conseguir ajuda.

Não que a ideia de pegar carona com um desconhecido em uma estrada no meio do nada seja muito animadora.

Ele tenta ficar em pé, mas nem com minha ajuda consegue se sustentar e cai no chão.

— Desculpe, Loirinha. Não vou a lugar nenhum. De manhã deve ter tráfego. — O luar revela a camada fina de suor sobre sua testa. O peito dele treme junto do meu corpo. Vai demorar para amanhecer.

Apoio seu ombro até ele parar de tremer.

— Vou lá na estrada de novo, tentar ver mais alguma coisa.

— Não, fique comigo. Ninguém pode fazer nada por nós, na verdade.

Minha visão ainda está meio turva e uma náusea forte contrai meu estômago.

— Talvez não possam fazer nada com relação ao CZ88, mas quem sabe quanto sangue aqueles malucos tiraram? Um pouco de soro ajudaria muito.

— Duvido. — Ele ameaça se levantar, mas acaba se acomodando em posição fetal. Fico ali sentada, bem na curva de sua barriga e virada para a cabeça dele.

— Acha que já é mais de meia-noite? — diz Shane.

A pergunta é tão aleatória que me faz pensar se ele começou a delirar.

— Bem mais, com certeza. Só precisa ficar acordado mais um pouco, logo o sol vai nascer e alguém vai passar de carro.

Ele sorri.

— Feliz aniversário, Loirinha.

Minha respiração falha. Eu realmente cheguei aos dezessete?

— Meu Deus. Como você sabe?

— Seu garotão estava planejando uma grande festa surpresa. Ele até me convidou. Uma garota chamada Alexandra é minha maior fã.

— Quê? — Pensei que Jack estivesse chateado demais até para falar comigo. E talvez esteja, apesar de planejar uma festa. Eu devia ser ótima nessa coisa de ler as pessoas, mas o subestimei completamente.

Shane faz uma careta.

— Acho que dá pra entender por que está tão afim do cara, não de mim. Eu era muito babaca quando a gente se conheceu.

Seguro a mão dele e afago.

— Na verdade, acho que a expressão certa é “babaca”.

Rimos por um momento. Sinto meus olhos ardendo com as lágrimas.

Continuo falando.

— Quando a gente se conheceu, eu devia parecer muito travada.

— Não. Eu sabia que você era tímida. Irritar as pessoas era só meu jeito de chamar atenção. Eu era idiota. Desculpe.

Passo a mão no braço dele.

— Você não era tão ruim quanto pensa. Era bem legal, na verdade. E todo mundo te notava, pode acreditar.

— Ah, droga, o CZ88 deve estar bem perto de me matar, se você está me elogiando.

— Cala a boca.

— Assim é melhor.

Começo a enrolar as mangas rasgadas da camisa dele.

— Talvez a febre não seja por causa do CZ88. A semana foi muito agitada. Sua imunidade deve ter baixado. Pode ser gripe. Ou um resfriado forte, ou...

— Não, Aislyn. É ruim demais pra ser gripe.

Sufoco um soluço e olho para o garoto que tem enfrentado tanta coisa comigo. Que me conquistou, apesar de tudo. Se o perder também... não, isso não pode acontecer.

Agarro sua camisa.

— Escute, Shane, você e eu somos os sortudos. Por alguma razão genética obscura, nosso corpo consegue resistir ao CZ88. Acredite nisso.

— Acredito que você é foda.

— Com quem acha que aprendi?

Ele ri e canta:

— Parabéns à fodona...

Espero ele continuar, mas seu rosto cai na terra.

— Shane?

Nenhuma resposta.

Repito seu nome mais dez vezes enquanto um nó enorme se forma em minha garganta. Sacudo seus ombros e grito.

— Acorda! — Soco a terra dura. — Seu grande babaca, maluco, cretino! — Ele não se mexe. É como se soubesse que não há esperança para nós. Talvez nunca tenha havido.

Preciso de ajuda. Alguém ainda pode dar um jeito nisso. Shane e eu somos diferentes dos outros. Temos que ser. Só preciso levá-lo a um hospital. Agora.

Beijo seu rosto.

— Nós vamos sobreviver. Você vai ver.

Se estivesse consciente, ele me questionaria sobre a dúvida em minha voz.

Com as pernas tremendo, fico em pé. Pego um galho bem grande e o arrasto para a estrada a fim de marcar o lugar onde Shane está. Não vou reconhecer a paisagem, e ele não vai gritar para me ajudar.

Luto contra a tontura que me pede para deitar e esperar. Dormir ao lado de Shane até ficar tudo bem. Mas sei que não posso esperar um resgate milagroso.

A estrada é áspera embaixo dos meus pés descalços. Tento correr, mas caio depois de alguns passos. Tudo bem, vou andar.

Meus pés se arrastam no asfalto e eu sigo em frente. Não dá para dizer que horas são ou em que direção estou indo. Devia ter estudado astronomia. Vou andando, rezando por Shane, por Sebastian, Chloe, Jesse, Xavier e todos os outros que arriscaram a vida pela chance de mudar ou que foram contaminados por alguém em busca da transformação.

Estou tão atenta à estrada tentando determinar se o que vejo ao longe são mesmo pontos de luz que não ouço o barulho que vem do outro lado até ele estar quase em cima de mim. Morrendo de medo de ser surpreendida pelas pessoas que nos sequestraram, corro para fora da estrada quando a luz dos faróis está quase me iluminando. Eu me encolho no meio da folhagem, com os galhos arranhando meus braços e pernas.

O carro para com uma freada brusca. Não é uma van, felizmente. Pode ser uma alma boa que vai ajudar? Quase saio do esconderijo, mas algo me impede, talvez a paranoia provocada por tudo que tenho enfrentado.

— Moça? Está se sentindo bem? — É uma voz masculina.

Parece comum, legal, se é que dá para perceber esse tipo de coisa em cinco palavras. Mas por mais que precise de ajuda para mim e Shane, ainda hesito.

Ele fala de novo.

— Eu vi que correu para as árvores. Não é seguro ficar aqui sozinha. Está sozinha?

Sua voz fica estridente na última palavra, e sinto uma tensão na barriga. Quero confiar nele, aceitar ajuda. Minha versão antiga sempre deixava outras pessoas resolverem tudo, mas a nova versão espera um pouco mais.

A porta do carro é aberta e a luz interna ilumina o rosto do homem. Deve ter trinta e poucos anos, cabelo curto e rosto suave. Ele sai do automóvel, mas vejo alguma coisa em seus olhos antes de ele mergulhar na escuridão. Alguma coisa dura que me deixa gelada e me impede de aceitar aquela que pode ser a única chance de uma carona para a segurança nesta estrada no meio do nada.

Ele me chama mais algumas vezes. Depois resmunga um palavrão, volta ao carro e vai embora. Lágrimas escorrem por meu rosto quando vejo os faróis desaparecendo na estrada.

Espero mais alguns minutos antes de retomar a caminhada. Desta vez me mantenho no acostamento, em vez de andar no meio da estrada, e fico atenta ao som de um motor.

Meus olhos estão mais acostumados à escuridão. Queria poder enxergar como os animais noturnos. Um dia, com a engenharia genética, essa possibilidade vai ser real. Porque, por mais que as pessoas tentem resistir à tecnologia, haverá aqueles, como a dra. Sternfield, que não resistirão à tentação do aperfeiçoamento. E quando isso acontecer, alguém irá ainda mais longe, modificando células da linhagem germinativa que se propagarão pela geração seguinte e as próximas. Então nossa espécie terá realmente o potencial de se diferenciar, como temem os que protestam contra isso. Eu suspiro. Mas a solução não é evitar completamente a modificação genética. Muita gente pode se beneficiar com ela.

Uma ou três horas depois, não sei, os pontos de luz estão suficientemente próximos para eu entender que são lâmpadas nos postes de iluminação ao lado da estrada. Embaixo do poste mais próximo tem uma estrutura pequena e quadrada que percebo ser uma caixa de correspondência. Quase choro. Uma alameda de cascalho se estende até uma casa entre as árvores. Mas uma cerca de arame e uma placa alertando “CUIDADO COM O CACHORRO” me impedem de correr até a porta.

E nesse segundo penso que o homem de olhar duro que parou na estrada pode morar ali. Ou alguém pior. Como vou decidir se devo pedir ajuda a quem mora na casa, se nem consigo ver o rosto dessas pessoas?

Olho para a estrada. A cada cem metros tem outra caixa de correspondência e, deduzo, outra casa. Mesmo que eu não consiga avaliar a probabilidade de não ter um monstro escondido em uma delas, preciso apostar que nem todas elas têm.

Acho um lugar entre as árvores, respiro fundo e grito. E continuo gritando como se nunca mais fosse parar, como se uma comporta se rompesse e todo o meu corpo fosse um rio de gritos intermináveis.

Em algum lugar, um cachorro late e uma luz se acende. Continuo gritando. Momentos depois, vejo uma mulher com um rifle.

VINTE E TRÊS

Gritando e chorando, conto à mulher que fui sequestrada e meu amigo está inconsciente em uma área perto da estrada. Depois caio no chão. Ou ela vai atirar, ou vai buscar ajuda.

Felizmente, ela corre para dentro da casa e logo ouço uma sirene ao longe. Faço uma prece rápida de gratidão em meio aos latidos persistentes do cachorro.

Os médicos me colocam na ambulância, apesar de eu dizer que posso andar.

— Preciso ir buscar o Shane. — Minha garganta arde de tanto gritar.

Um dos médicos põe alguma coisa fria no meu braço dolorido.

— Nós vamos cuidar disso, srta. Durona.

— Não, eu sou a srta. Fodona. Pergunte ao Shane.

Outra sirene se afasta em direção ao galho que deixei marcando o local na estrada. Quando a porta da ambulância

em que estou é fechada, estremeço e começo a suar frio assim que o médico introduz a agulha de um tubo intravenoso no meu braço.

Mergulho em um estado de confusão no qual vejo bandos de atacantes em uma perseguição cruel. O rosto dessa gente se contorce em fúria e desejo, e eles estão cada vez mais próximos. Mas não posso fugir nem me esconder.

Tenho a impressão de que passou muito tempo quando acordo do pesadelo, mas ainda estou na ambulância. O médico conta que fui resgatada a trinta quilômetros de Olympia, e que Shane estava dez quilômetros mais longe. Choro de alívio por ele ter sido encontrado.

Tem um hospital perto dali, mas por ordem do departamento de saúde e, pelo que sei, da Segurança Nacional, a ambulância me leva para o Florence Bishop, meu lar longe de casa.

Eles me conduzem ao pronto-socorro para fazer curativos nos joelhos e nos pés. A chegada da dra. Culdicott menos de uma hora depois não me surpreende.

Ela pega meu prontuário.

— Algum desmaio ou outros sintomas?

— Não. E o Shane?

— Muito fraco. Entre consciente e inconsciente. — Os olhos dela continuam colados no tablet.

Pela tensão em seu queixo, deduzo o prognóstico para Shane.

— Posso falar com ele? Só por um minuto? — Tenho que falar que ele precisa melhorar. Tenho que dizer quanto eu... eu... não sei. Só preciso falar com ele.

— Vamos ver.

— Talvez a Nova Genetics tenha alguma coisa em andamento, qualquer coisa que possa usar com ele antes que seja tarde. — O apito em meus ouvidos muda de tom. — E eu quero isso também.

Ela suspira.

— O dr. Gordon nos mantém a par da pesquisa. — Depois de uma pausa longa, continua: — Infelizmente, um dos chimpanzés em que estavam testando uma nova droga morreu há dois dias.

Isso me deixa sem ar. O dr. Gordon devia ter falado alguma coisa.

— Qual deles? Ruby?

— Não sei.

Meu coração bate forte quando penso em perder um daqueles animais tão doces.

— Mas só porque a cura preliminar da Nova Genetics não funciona em chimpanzés, isso não significa que não vai funcionar com humanos, certo?

O olhar dela é firme.

— Aislyn, estamos fazendo tudo que é possível.

Minha mãe entra no quarto e quase derruba a médica. Nos últimos dias, o rosto dela ficou ainda mais abatido. Deus, o que tenho provocado.

Ela me abraça com tanta força que imagino o tubo intravenoso pulando do meu braço.

— Meu amor! O que aconteceu?

Por onde começar?

Um policial alto se junta a nós e pergunta se posso responder a algumas perguntas. É claro. Quanto mais cedo encontrarem aqueles vampiros, mais fácil vai ser impedi-los de roubar o sangue de mais alguém, ou, pior, usar meu sangue e o de Shane para contaminar outras pessoas com o CZ88.

Dou um depoimento tão completo quanto é possível, enquanto minha mãe fica ali por perto, mais pálida a cada

novo detalhe da minha história. Quando chego na parte em que os esquisitos tiram meu sangue à força, penso que ela vai desmaiar.

— Estou bem, sério. — O soro fez maravilhas. Não sinto mais a boca seca, e minha energia está aumentando.

O policial se retira, e eu abraço minha mãe. A dra. Culdicott volta para me dizer que o quadro de Shane é muito grave, tão grave que só a família pode visitá-lo. A essa altura, acho que já devia ser tratada como família, mas os médicos não veem a situação desse jeito.

A dra. Culdicott também informa que vai me manter em observação até a manhã seguinte. Assunto encerrado.

Um enfermeiro me leva na maca a um quarto alguns andares acima do pronto-socorro, onde posso tirar o vestido rasgado e tomar um banho antes de pôr a camisola e o robe do hospital, que parecem luxuosos, comparados à situação anterior.

— Preciso muito ver o Shane — falo para minha mãe.

Ela respira fundo e me abraça.

— Sinto muito, meu bem. Enquanto você estava no banho, a dra. Culdicott passou aqui para dizer que ele entrou em coma.

Tenho a impressão de que meu peito vai explodir. Não acredito que a transferência genética também provocou essa alteração dramática nele. Passado todo esse tempo, eu já estava quase acreditando que ele e eu poderíamos ter uma versão menos letal. A saúde dele pode ter piorado muito depois que os cretinos roubaram seu sangue, causando um trauma muito grande ao seu corpo. Se forem pegos, vou estrangular os desgraçados até a voz mansa do líder esganiçar.

Minha mãe tenta me acalmar, mas só quero ir para debaixo do cobertor. Depois de um tempo, ela me deixa quieta e eu cochilo por algumas horas. Sonho que sou capturada e furada com agulhas.

De manhã, minha mãe me dá algumas roupas limpas que fora buscar em casa. Tomo um banho mais cuidadoso, deixando o vapor esvaziar cada poro antes de enxugar a pele rosada.

Quando termino, o policial volta com fotos do evento para arrecadar fundos. Ele me pede para apontar qualquer pessoa que pareça suspeita, e indico imediatamente o rapaz que me encarou com aquele olhar ameaçador. O policial agradece e sai.

Depois disso, a dra. Culdicott me dá alta com os avisos de sempre. É claro, não conto a ela sobre o apito nos ouvidos. Imploro mais uma vez para ver Shane, e ela me deixa passar um tempo com ele.

Na UTI, a família o cerca com os olhos inchados. Shane, sempre tão grande, parece pequeno no meio de todas aquelas máquinas ligadas ao seu corpo.

Engulo o choro e seguro a mão dele.

— Acho bom você levantar daí. O *Shane Show* e aquelas meninas idiotas precisam de você. E eu também.

O rosto dele, que passei a conhecer tão bem, não registra nada. Talvez isso seja mais assustador que qualquer outra coisa, ver os traços sempre tão animados agora imóveis. Eu mataria por um de seus sorrisinhos arrogantes.

Uma enfermeira avisa que eu tenho que sair.

Digo a ela que preciso ver os outros amigos. Depois de uma conversa rápida com membros das famílias, consigo ver todos, menos Xavier, mas só por um momento cada um. O suficiente para me lembrar de que eles ainda estão em algum lugar distante.

Minha mãe e eu saímos daquela ala por corredores compridos no subsolo e seguimos para o estacionamento. Na

saída, passamos por pelo menos uma dúzia de câmeras de noticiários. Fico abaixada dentro do carro até estarmos longe do hospital.

Só paramos para pegar Sammy. Porém, quando chegamos em casa, lamento não termos ficado mais tempo com meus tios. Uma horda de repórteres continua diante do nosso jardim. Minha mãe buzina para que saiam da frente do carro. Eles se afastam um pouco, mas as lentes seguem apontadas para as janelas quando passamos.

Eu me encolho tentando escapar da comoção, dominada por uma onda de pânico. Todas essas pessoas são realmente repórteres? E se houver alguém ali esperando para me raptar de novo e roubar o resto do meu sangue?

Um homem de cabelo escuro com o mesmo porte físico do sujeito magro na floresta grita:

— Ei, Aislyn! Eles pegaram as pessoas que te sequestraram? Os médicos encontraram uma cura?

Enterro o rosto nas mãos e me abaixo ainda mais. Com movimentos bruscos para a frente e para trás e freadas que fazem meu estômago ferver, minha mãe consegue entrar na garagem. Não percebo que estava prendendo a respiração até ouvir a porta se fechar atrás de nós.

Lá dentro, encontro vários presentes sobre a mesa de jantar. Minha mãe põe as mãos sobre meus ombros.

— Sei que o momento é péssimo, mas feliz aniversário, meu amor, com um dia de atraso.

Eu a abraço pela centésima vez.

— Ah, mãe.

Sammy também me abraça.

— Pena que dezessete anos não seja maioridade pra nada.

Não que isso tenha impedido alguma coisa recentemente.

Minha mãe me abraça outra vez. Finalmente, eu me afasto e digo:

— Desculpe. Acho que não consigo abrir os presentes. Não hoje.

— Eu entendo. — Seu olhar é desolado.

Eu me desculpo de novo e subo para ir para a cama. O quarto e meus ouvidos estão quase silenciosos. Ou é minha aflição gritando mais alto que tudo. Deito e mergulho em um sono profundo.

Já é fim de tarde quando acordo assustada. Instintivamente, toco o pulso e olho em volta, esperando descobrir que estou amarrada ou fui abandonada no acostamento de uma estrada. Demoro um minuto para

constatar que estou em casa, segura, e me acalmar. Bem, tão segura quanto é possível com o CZ88 à espreita em minhas células.

Como meu celular foi roubado pelos malucos que também roubaram meu sangue, uso o telefone fixo no hall e deixo mensagens de voz para Jack e Evie avisando que estou bem.

Lá embaixo, minha mãe serve o jantar de frango ao curry e arroz. Os presentes de aniversário não estão mais à vista, mas os olhos de Sammy se voltam a todo instante para a cristaleira.

O aroma condimentado da comida traz de volta lembranças de me sentar à mesa com meus pais e Sammy, quando ninguém imaginava acidente de mergulho, DNA assassino e ladrões de sangue. Naquele tempo, Sammy raramente tossia e seus pulmões ainda estavam relativamente inteiros. Balanço a cabeça. Pensar no passado só torna o presente mais doloroso.

Depois do jantar, o telefone toca, e é Evie. Ofegante, ela faz milhares de perguntas ao mesmo tempo.

— Venha pra cá e eu conto tudo — sugiro.

Falo a mesma coisa para Jack quando ele liga, um minuto depois.

Evie e Jack chegam juntos uma hora mais tarde. Nós nos abraçamos em silêncio antes de subi para o meu quarto, onde sentamos na minha cama. A constante troca de olhares entre eles deixa claro que têm conversado sobre a amiga maluca, mas Jack tenta manter o clima leve perguntando sobre dois fantoches pendurados na parede.

— São de quando fui pra Indonésia. — Pela milésima vez, imagino se os micróbios com que tive contato naquela viagem salvaram minha vida.

Evie aponta um dedo para mim.

— Bom, você não vai a lugar nenhum nem vai falar com estranhos por um bom tempo. Ouviu?

Jack segura meu pulso exatamente onde os hematomas deixados pela corda começam a se espalhar.

— Vai ficar perto da gente.

Acabou o clima ameno.

— Não estou planejando nenhuma viagem internacional, se é disso que estão falando. Mas um dos dois pode ir comigo a Cle Elum?

Evie torce o nariz.

— Onde é isso? E por que está cochichando?

— É onde a mãe da dra. Sternfield mora, fica duas horas a leste daqui.

Os dedos de Jack apertam meu pulso com uma força que se torna incômoda.

— Ainda essa história? Aislyn, olhe o que aconteceu depois que você e Shane se meteram nessa última aventura.

— Não foi uma aventura. Estávamos arrecadando dinheiro para a pesquisa da cura.

A expressão de Evie é cética.

— Fala sério. Vi suas fotos toda arrumada no meio daquela gente chique.

Tiro a mão de Jack do meu pulso e massageio a região dolorida.

— Houve um tempo em que você pagaria para eu ir a uma festa.

— Isso foi antes de as pessoas roubarem seu sangue.

Jack acrescenta:

— Você precisa ficar em casa e melhorar, em vez de ir atrás de alguém que acha que está mentindo sobre uma pessoa que já morreu.

Desvio o olhar de seu rosto. Não quero ler o que sei que está estampado ali. Em voz baixa, digo:

— Mas o que mais posso fazer pra consertar tudo isso?

Depois de um olhar rápido para Jack, Evie diz:

— Por que não telefona pros pesquisadores e pergunta se eles têm alguma ideia? Aposto que vai poder fazer muito mais nos bastidores, longe dos holofotes.

— Está com inveja da publicidade, não é?

Evie parece crescer trinta centímetros. Seus olhos brilham.

— Não tenho inveja de uma pessoa que está absolutamente decidida a se destruir.

Olho para Jack.

— Acha que quero me destruir?

Ele engole a saliva.

— Acho que não está contando com as pessoas a quem devia recorrer.

Não acredito que estão me julgando desse jeito. Nunca enfrentei toda essa hostilidade de amigos, não antes do CZ88. Lutando contra o calor em meu rosto, respondo:

— E o que as pessoas com quem eu *devia* contar acham que tenho que fazer? Ficar sentada atrás de cortinas fechadas e discutir quem está pegando quem e que porcaria de banda vai ser entrevistada pela emissora de rádio?

As narinas de Jack se abrem.

— Nossa vida pode não ser tão excitante quanto a sua e a do Shane, mas é importante.

Evie também fala.

— Você achava a mesma coisa antes de se tornar uma celebridade que aparece no jornal todas as noites.

— Acham que isso é só glamour e fama?

O rosto de Jack não expressa a ternura com que me acostumei.

— Acha que todos nós somos superficiais e chatos?

— É claro que não. Só temos prioridades diferentes. Ele pula da cama.

— Prioridades diferentes, é? Evie e eu aguentamos um monte de coisas só por andarmos com você, e sua demonstração de gratidão é nos arrastar para os seus esquemas suicidas. Tem razão, temos prioridades diferentes.

Evie também se levanta.

— Acho melhor levarmos nossas prioridades para outro lugar enquanto você se exhibe para os repórteres. Espero que perceba quanto está sendo ridícula, antes que seja tarde demais.

Eles descem a escada. Por um momento, sinto vontade de ir atrás deles, mas não serviria para nada. Faço um esforço para respirar fundo e tento me acalmar. Não posso me ocupar de suas impressões equivocadas, isso me impediria de fazer o que precisa ser feito. Porque, apesar do que todo mundo diz, sei qual é o melhor caminho a seguir. Mesmo que isso enfureça o universo.

Acesso a internet para me preparar e encontro rapidamente as informações de que preciso. Estudo o material e pego as ferramentas adequadas, que guardo na mochila antes de ir para a cama. Queria parar de pensar nas acusações de Jack e Evie.

Horas mais tarde, meu relógio interno me acorda cinco minutos antes de o alarme tocar. Troco de roupa em silêncio e vou para a sala na ponta dos pés, onde encontro minha mãe. Droga.

Ela está perto da mesa com uma xícara de café.

— Acordou cedo.

— Não consegui dormir. — Meu planejamento não previa a interferência da minha mãe. Pego um muffin e como enquanto penso em um jeito de salvar minha missão.

— O que gostaria de fazer neste dia lindo? — ela pergunta.

— Acho que ficar em casa, depois de tanta loucura. — Forço um bocejo e me espreguiço. — Puxa, eu só precisava de comida. Aposto que agora posso dormir até a hora do almoço.

— Que bom. Você precisa descansar.

Perfeito. Sem chamar atenção, pego duas barras de granola no armário.

— Pede pro Sammy não me acordar? É sério, vou dormir até a hora do almoço. Talvez mais. Não quero nem atender o telefone. — Esfrego os olhos.

Vejo o alívio no rosto dela.

— Excelente ideia. Tenha bons sonhos.

Bocejando, subo a escada com passos pesados. Bom, se vou fazer alguma coisa, tem que ser antes de os repórteres aparecerem.

Sair pela porta da frente não é uma opção. Hum. As janelas de uma das paredes do meu quarto dão para a lateral da casa. Quando eu era criança e sonhava fugir de casa, pensava que descer por ali seria possível. Teoricamente. Agora preciso testar essa teoria.

Pego as barras de granola e uma garrafa de água e guardo com as coisas que preparei ontem à noite. Sei que mamãe vai falar para Sammy não me acordar, mas tranco a porta. Também escrevo um bilhete explicando quanto é crucial ir interrogar a sra. Sternfield. Prendo o bilhete ao meu laptop, caso mamãe destranque a porta mais tarde em um ataque de pânico. Espero voltar rápido o bastante para impedir que isso aconteça.

Deixo um rádio tocando baixinho e esfrego as mãos. Depois de calçar os tênis e respirar fundo, saio pela janela. Caramba, o segundo andar parece muito mais alto quando a gente se equilibra do lado de fora em um parapeito de menos de dois centímetros.

Muito mais alto.

Com as pernas tremendo, invoco os genes da aventura que herdei do meu pai e me agarro à calha. Ela vai sustentar meu peso? O cano balança, mas não se solta. Vou encaixando a ponta dos pés nos tijolos, fileira por fileira, e descendo devagar. Um pica-pau começa a trabalhar na árvore alguns metros longe de mim, e eu me assusto. Agarro a calha com mais força, e o movimento faz um barulho alto. Respiro fundo e dou mais um passo para baixo. E outro. Quando falta

um metro e meio para o chão, minha mão escorrega e eu caio sentada.

Uau. Pausa para respirar. Quando estou limpando a terra dos shorts, olho em volta para ter certeza de que ninguém me observa, depois corro de árvore em árvore até chegar ao jardim da frente. Sem fazer barulho, abro meu carro e o deixo em ponto morto para empurrar até a frente da casa do vizinho antes de ligar o motor. Torço para ninguém perceber mais tarde que o carro não está no lugar de costume.

Entro e me afasto dali, e só volto a respirar normalmente dez quarteirões depois. Quando tenho certeza de que ninguém me segue, ligo o rádio e aumento o volume para ouvir minha *playlist* favorita. Não que isso ajude a diminuir a ansiedade ou a culpa. As pessoas têm atormentado Jack, Evie e minha família por minha causa. Sammy ficou fora do teste do AV719. Minha mãe está péssima, totalmente estressada.

A lista é interminável. Quero resolver o caos que provoquei.

Duas horas mais tarde, às oito da manhã, chego à rua sem saída da casa da sra. Sternfield. Não tem movimento nenhum na casa dela ou nas outras. E agora? Não vou tentar invadir o lugar enquanto ela estiver lá dentro. Devia ter

considerado que era cedo demais para um fim de semana, mas não incluí essa informação no meu plano. Talvez Jack e Evie tenham razão, ultimamente estou deixando os impulsos dominarem a razão.

Volto à estrada e paro no estacionamento no começo da trilha, no mesmo lugar onde estacionei com Shane na última vez. Meu Deus, Shane, você tem que ficar bom. Sinto um vazio por dentro, e a dolorosa solidão provocada pela ideia de perdê-lo ameaça me derrubar.

Ofegando, cruzo os braços como se quisesse me abraçar e balanço no assento. Vi muitas vítimas do CZ88 partirem uma a uma, algumas gritando, outras choramingando. Vi tudo isso impotente. E agora sou só eu, sozinha com a tristeza, o medo e a culpa. Afinal, a dra. Sternfield não enfiou a agulha no meu braço à força, como os ladrões de sangue. Tomei a decisão sem precisar de muito incentivo. E agora família e amigos sofrem comigo. A qualquer momento posso me juntar à lista das vítimas do CZ88 que estão presas no coma, esperando por uma salvação que talvez nunca chegue.

E é por isso que, por mais que eu sofra, não posso desistir nunca.

CARISMA TEMIDO COMO POSSÍVEL ARMA BIOLÓGICA

John Rasmusson, *Hilton News*

O recente sequestro de dois adolescentes, com os criminosos roubando quantidades significativas do sangue das vítimas, despertou nos cidadãos o medo de uma possível ameaça terrorista. De acordo com nossas fontes, Aislyn Hollings e Shane Elliott, que há um mês aceitaram o perigoso tratamento genético conhecido como Carisma, foram sequestrados por um grupo mascarado que roubou sangue dos adolescentes antes de abandoná-los em uma estrada deserta. Embora o estado da srta. Hollings permaneça estável, o sr. Elliot entrou em coma.

O objetivo do suposto roubo de sangue é desconhecido, mas há muitas teorias, inclusive a do uso de sangue contaminado por Carisma em armas terroristas. Sarah Dunsworth, porta-voz da Survival America, declarou: “Todo cuidado é pouco quando se trata da segurança do nosso país e de pessoas que planejam atacá-lo de várias maneiras, inclusive com armas biológicas”.

VINTE E QUATRO

Pego uma barra de granola e olho para a estrada. Cada fibra do meu corpo sente que a sra. Sternfield é a melhor chance de conseguir informações que ninguém mais tem. Por isso fico vigiando e espero a oportunidade, sejam quais forem as consequências.

Uma hora mais tarde, um Acura branco sai da rua. Acho que é um carro que a sra. Sternfield poderia dirigir. Tento enxergar o motorista. É uma pessoa pequena, provavelmente uma mulher, mas ela passa depressa demais para eu ter certeza. De qualquer maneira, a sra. Sternfield deve ser o tipo de pessoa que acorda cedo, mesmo no fim de semana.

Volto à casa dela e estaciono alguns metros antes da entrada. Se a pessoa no Acura não era a sra. Sternfield e eu acabar presa, vou alegar que os sintomas pioraram e estão provocando comportamento instável. Tenho munição de sobra para bancar a louca ou provocar piedade.

Contorno a casa com os polegares enganchados nos passantes da calça, como imagino que um leiturista de medidores de consumo faria, apesar de ser domingo. Infelizmente, todas as portas estão trancadas, e espiar pelas janelas só serve para eu descobrir que tem apenas móveis lá dentro. Nenhum laboratório secreto nem jaulas de chimpanzés.

Olho para as casas vizinhas para ver se tem alguém me observando. Aquilo é uma cortina balançando? Espero, mas não percebo nenhum outro sinal de movimento. Respiro fundo e penso.

Muito bem, hora de tomar uma atitude séria. Minha cabeça fica confusa por um momento, não sei se pela insanidade do que estou prestes a fazer ou ainda pela perda de sangue.

Eu me encolho perto da porta dos fundos, tiro uma chave de fenda pequena do bolso e, seguindo as instruções de um vídeo que achei na internet, encaixo a ponta da ferramenta na fechadura, empurro para cima e giro. Para minha surpresa, a porta se abre.

Entro na casa na ponta dos pés e torcendo para a sra. Sternfield não ter um alarme. Dou dois passos para dentro

da cozinha azul que cheira a croissants, e não ouço nada. Não tem nada fora do lugar ali, nem pratos, nem evidências de terapia genética que deu errado, a menos que a embalagem de barras de proteína em cima da mesa contenha produto modificado.

Ando com cuidado pelo primeiro andar, começando a vistoria pela sala de jantar com perfume de lustra-móveis de limão. Tem dois lugares à mesa, guardanapos de tecido e uma bandeja de chá. Ela deve esperar alguma visita. Ando mais depressa, passo pela sala de estar e por um quarto e um banheiro de hóspedes que parecem não ser usados.

Começo a subir a escada, e me assusto quando uma tábua do assoalho range embaixo dos meus pés. Só volto a me mexer depois de recuperar o fôlego. No segundo andar, passo por um quarto decorado com cetim branco e sigo para o segundo quarto, que é um escritório.

Ligo o computador enquanto vasculho papéis no arquivo de aço. Contas e faturas, em sua maioria, mas tem uma pasta com recortes de jornais e revistas. Dou uma olhada no conteúdo e vejo manchetes sobre o Carisma e a morte da dra. Sternfield. Uma coleção mórbida para lembrar uma filha, mas não tem nada ali que eu não saiba.

O computador faz um ruído para anunciar que o sistema está carregado. Não tem senha, felizmente. Deixo o arquivo de lado e vou olhar as pastas no computador. Uma delas tem o título “Charlotte”. Bingo.

Antes que eu consiga abrir a pasta, ouço o barulho da porta da frente e congelo. Ah, não. Já? Silenciosamente, desligo o computador e sigo para o corredor na ponta dos pés.

Ouçó ruído de saltos na madeira, depois no piso frio, e em seguida o som das portas dos armários e o tilintar de copos em cima do balcão. Procuro esperançosa uma varanda por onde eu possa sair. Nada. Engulo o medo e olho para a escada que desce até o saguão perto da porta da frente, que está a uns vinte metros de mim, talvez. Vou conseguir correr e sair sem ser vista da cozinha? É minha melhor chance. Mesmo que arriscada.

Olho para o escritório. Queria ter mais tempo para examinar o computador e os dados que a sra. Sternfield achou que valia a pena salvar em uma pasta com o nome “Charlotte”. Aposto que tem mais que fotos de família ali.

O barulho lá embaixo continua. É só uma questão de tempo até ela subir. O barulho de água corrente me faz

decidir que este é o melhor momento para fugir.

Tiro os sapatos e desço a escada a caminho da porta da frente. Passo por caixas de frutas. Infelizmente, a porta range quando a abro.

— Tem alguém aí? — pergunta a voz da cozinha.

Saio e encosto a porta o máximo possível, torcendo para ela pensar que a deixei aberta ao entrar, e corro pelo jardim e pela rua até onde deixei meu carro. Destranco a porta e entro ofegando. Só depois de ligar o motor eu olho pelo espelho retrovisor e vejo a sra. Sternfield chegar à entrada da garagem com as mãos na cintura, olhando em volta.

Torço para ela não ter me visto nem reconhecido meu carro. Olho de novo pelo retrovisor e a vejo se virando e voltando para dentro da casa. Mesmo assim, me encolho atrás do volante quando passo por um vizinho passeando com seu pitbull.

Na entrada da rua, reduzo a velocidade para acessar a estrada principal. Uma caminhonete vindo em sentido contrário me faz parar no cruzamento. Olho para o outro motorista e me assusto ao ver um rosto familiar. Dr. Dulcet.

O que é isso? Afundo no banco. Meu coração está disparado quando sigo em frente.

Com a cabeça girando, volto ao estacionamento no começo da trilha. A caminhonete já desapareceu. Não tenho dúvida de que está a caminho da casa da sra. Sternfield. Ele deve ser o convidado para o chá. Mas não é uma visita social, tenho certeza disso. O médico também deve estar atrás de informações. Mas ela vai falar o que sabe? Queria ser uma espiã de verdade, com microfones e equipamento de rastreamento.

Fico olhando para a rua que segue até a casa da sra. Sternfield por minutos que parecem intermináveis, querendo que meu olhar pudesse atravessar todas as barreiras entre mim e aquela porta. Mudo de posição tentando ficar mais confortável, mas é inútil.

Neste momento eles podem estar discutindo informações sigilosas relacionadas a uma cura. Qual será o preço da sra. Sternfield? Como se salvar vidas não fosse suficiente.

Uma hora mais tarde, a caminhonete sai da rua e o dr. Dulcet passa por onde estou escondida. E agora? Volto à casa da sra. Sternfield e exijo que ela me conte o que disse a ele? Não vi nada na internet sobre como interrogar testemunhas hostis. Na verdade, nem procurei esses tutoriais. Ainda.

O dr. Dulcet tem mais interesse em encontrar uma cura, por isso é dele que devo exigir respostas, ver se é tão franco e direto quanto afirma ser. Ligo o motor e sigo a caminhonete.

Percorremos estradas sinuosas a caminho das montanhas, onde as árvores se encontram com a pista garantindo sombra permanente. Eu o sigo pelo caminho sombrio e sinto um arrepio na nuca. Tenho medo de ir parar em outra estrada desolada, mas não posso voltar agora.

Em um cruzamento não sinalizado, ele segue por uma estrada de cascalho que entra na floresta densa. Meu coração enlouquece quando penso em segui-lo pelo caminho rústico. Em uma trilha tão pequena, ele certamente me veria. Tudo bem, preciso pensar. Como é improvável que essa trilha na floresta leve a outra rua, esperar por ele parece ser uma aposta sensata.

Volto e estaciono em um recuo da pista. Estou ficando boa nessa coisa de vigilância. Só queria que os ladrões de sangue não tivessem roubado meu celular também.

Uso um chapéu para esconder o rosto e me preparo para esperar. Dez minutos depois outro carro passa por ali, e nesse tempo eu penso sobre o apito em meus ouvidos. Shane

e os outros conseguem sonhar? Ou o barulho na cabeça está deixando todos malucos?

Quarenta minutos mais tarde, a caminhonete aparece na trilha de cascalho e passa pelo recuo onde estou escondida. Não foi tempo suficiente para a prática de um esporte ao ar livre. O que ele foi fazer lá, então? Tudo isso deve ter alguma relação com a falta de sinceridade que vi no rosto da sra. Sternfield e com as roupas que ela usava uma semana atrás, um traje apropriado para trilhas.

Considerando que não tenho um cúmplice, seguir o dr. Dulcet da segurança do meu carro é muito tentador. Mas se tem algum segredo na floresta, ele pode desaparecer de lá em pouco tempo. E Jack ou Evie não vão voltar aqui comigo.

Respiro fundo, ligo o carro e sigo pela estrada sem sinalização.

Quando o terreno irregular se torna tão difícil que tenho medo de não conseguir voltar, eu paro. Devo continuar a pé? E se encontrar outro bando de ladrões de sangue? Ou pior?

A dor surge como uma pontada atrás dos olhos. Se eu não investigar o que tem mais adiante, a chance de morrer de qualquer jeito vai continuar sendo bem grande. Isso me faz sair do carro.

Tranco tudo e pego um pedaço de pau da grossura do meu pulso para me proteger. Armada, vou andando pela sombra fria e úmida. Estou vestida com shorts e camiseta. É claro que ainda tenho muito que aprender sobre essa coisa de vigilância.

Uma brisa balança as folhas e os galhos das árvores. Sempre que um galho estala ou uma ave pia, corro para me esconder, e meu coração bate acelerado até eu ter certeza de que não é outro humano. Quando cada som morre, bato o pedaço de pau na mão aberta com uma coragem debochada, mas minha alma parece encolher. Os ladrões de sangue levaram uma coisa muito mais valiosa que meu sangue e um celular.

Além da próxima curva sinto o cheiro de alguma coisa. Fumaça? Espio por entre as árvores tentando descobrir de onde vem o aroma, e é aí que vejo a cabana. Uma construção de tábuas largas cuja beleza me faz pensar em um canal de viagens. Mas por que o dr. Dulcet está perdendo tempo aqui?

Chego mais perto, mas me mantenho escondida atrás de uns arbustos.

Suspiro. A ideia de esperar aqui nesta umidade por horas, talvez, parece idiota demais. Mas também é idiota pensar em

interrogar quem está lá dentro da cabana sobre as intenções do dr. Dulcet.

Frustrada, jogo uma pedra na porta. Erro, mas acerto a parede. É o suficiente. Vamos ver o que acontece. Fico escondida atrás de uma grande samambaia.

Momentos mais tarde, a janela ao lado da porta é aberta e uma cabeça aparece. Reconheço aquela cabeça. Não pode ser.

Sou tomada de assalto por uma mistura de raiva e choque, mas também por uma incoerente onda de esperança. Porque a dra. Sternfield está viva.

VINTE E CINCO

Ela olha em volta com a testa franzida. Saio de trás dos arbustos.

— Está com uma aparência ótima, para um cadáver. — É difícil resistir ao impulso de agarrar a mulher pelo cabelo e arrastá-la de volta a Tacoma.

Com uma expressão dura, ela olha para um lado e para o outro.

— Está sozinha?

Bato no bolso como se tivesse um celular nele.

— Não por muito tempo.

Ela balança a cabeça com pesar.

— Não tem sinal aqui.

Ela desaparece além da janela; momentos depois, abre a porta e sai.

Sinto um frio na base da coluna quando penso em como fui estúpida vindo aqui sozinha. Somos só eu e a médica que

injetou genes assassinos em pessoas desavisadas. E esse é o cenário bom. No ruim, tem mais gente com ela.

Seguro o pedaço de pau atrás do corpo e me mantenho afastada.

— Olha só, não quero te expor nem causar problemas pra ninguém. Só quero escapar da morte com meus amigos. Por favor, dê um jeito nisso.

Ela põe as mãos na cintura do shorts elegante.

— Acha que não é isso que eu quero?

— Então, por que está fingindo que morreu? Devia estar liderando a equipe de pesquisa.

— Acha que me deixariam pesquisar alguma coisa? Se as pessoas tivessem ficado quietas e evitado esse circo da mídia, eu poderia ter ajudado. — Ela balança a cabeça com desgosto.

— A mídia nunca te incomodou antes. E o que esperava, com seus sujeitos de pesquisa entrando em coma e morrendo? Como teve coragem de testar uma coisa tão perigosa em nós?

Ela suspira e dá alguns passos para a frente.

— O teste preliminar em Portland ia bem. O que aconteceu depois foi totalmente imprevisto. Eu realmente

queria melhorar a vida de vocês. E por um tempo isso deu certo. Você não é a garota que sonhava ser?

— Sou a garota que pode entrar em coma a qualquer momento. Que tipo de vida é essa?

Ela continua a uns dez passos de mim. Perto o bastante para eu ver o suor em sua testa. Os olhos acompanham um falcão que sobrevoa as árvores, depois ela me encara.

— Não valeu a pena correr o risco para ter alguns dias de vida plena, em vez de suportar uma longa existência de mediocridade?

Mediocridade. É claro, era só isso que eu representava para ela.

— É o tipo de coisa que você não pode decidir pelos outros. Eu te considerava um exemplo, o tipo de pesquisadora que eu queria ser um dia. E você era só uma vigarista.

Ela passa a bota de trezentos dólares sobre um arbusto de trevos.

— Desculpe, Aislyn. Eu não era uma vigarista. E a ciência por trás do Carisma ainda é muito promissora.

Tento ler seu semblante, mas a variedade de expressões que desfila por seus traços não compõe um todo

compreensível. Recuo um passo.

— Se o CZ88 é tão bom, por que não o usa em você mesma?

Os olhos dela parecem tragar as sombras projetadas pelas árvores.

— Se eu precisasse desse tipo de transformação, usaria.
— E respira fundo. — Toda descoberta de um grande cientista é acompanhada de percalços. Você sabe disso. E tem gente com recursos que ainda apoia o que faço. Você pode trabalhar conosco. Sempre apreciei suas colaborações, e estou muito perto de encontrar uma cura. Uma solução que deixaria você manter sua sociabilidade.

Um raio de esperança se acende dentro de mim, tão real quanto o corvo que nos observa de seu galho no pinheiro. A pessoa mais habilitada para resolver tudo está aqui, oferecendo uma chance que eu pensava estar perdida. Manter as partes do CZ88 que mudaram a minha vida, remover só as que podem acabar com ela. Todo mundo sai ganhando.

Se eu puder confiar nela.

Olho para o rosto seguro, convencido. De quê? De poder me persuadir novamente? A manipulação sempre foi fácil

para alguém com a inteligência dela, aposto. A melhor aluna da turma, a mais brilhante da Nova Genetics, a estrela da empresa. Nunca confinada à *mediocridade*. Como é ser tão bizarramente inteligente? Sim, sempre me senti inteligente, mas ela funciona em um nível distinto, quase como se... De repente, uma ideia maluca, mas muito adequada, passa por minha cabeça.

Falo sem pensar.

— Ai, meu Deus. Você *também* foi modificada. Mas não com o CZ88.

Ela me encara, e um calor intenso parece emanar de sua pele. Finalmente consigo ver emoções claras naquele rosto. Surpresa e, mais intensamente, vergonha. Não é uma emoção que eu tenha visto nela antes, e o sentimento agora se destaca como um sapato que não cabe em seu pé.

— Por isso é tão especial — continuo. — Por isso tem um QI tão acima da média.

Ela se abaixa um pouco, como se fosse pular em cima de mim. Só então percebo que a doutora também mantinha uma das mãos para trás. Salto para o lado e uso o pedaço de pau no mesmo instante em que ela avança com a seringa apontada como uma arma.

Putá merda! Essa mulher já não matou gente suficiente com suas malditas seringas? Acerto sua coxa com o galho grosso, mas não antes de ela arranhar meu braço com a agulha.

A médica pula de um pé para o outro, como uma tenista esperando o saque do adversário.

— Não vai acertar minha cabeça. Para isso, teria que ter um gene de guerreira que Deus e a ciência não te deram.

Fico longe dela. Estou ofegante, minha visão começa a ficar turva.

— O que tem na seringa?

— Só sedativo. Para cavalo. O melhor amigo de uma mulher por aqui. A droga, não o cavalo. — Ela olha para o meu braço.

Olho para o arranhão onde surgem gotículas de sangue. Ferimento superficial, espero. Mas estou ficando tonta.

Ela fala:

— Relaxe, Aislyn. Descanse um pouco, depois vamos conversar com calma sobre tudo isso.

Dou um passo para trás.

— Quando passou pela alteração que te deu tanta inteligência?

Ela se inclina para a frente brandindo a seringa.

— A modificação genética foi só um bônus. Sempre fui inteligente. — A voz e a tensão em torno dos olhos sugerem uma profunda mágoa.

— Mas não o suficiente, não é? — Dou mais um passo trôpego para trás e seguro o galho diante do peito. — Seu pai transformou você em cobaia? — Isso explicaria a decisão de abandonar a Nova Genetics agora, quando o dr. Gordon mais precisa que a filha assuma a responsabilidade pela confusão que criou, e o porquê de a dra. Sternfield estar trabalhando com a VidaLexor para encontrar uma cura, se é realmente isso que ela está fazendo aqui.

Os corvos mais próximos grasnam quando a dra. Sternfield avança com a seringa apontada para o meu peito. Bato no braço dela com o galho, e o impacto provoca um ruído horrível e a desequilibra, mas também arranca o pedaço de pau da minha mão.

Em um segundo, ela avança contra mim de novo. Mas desta vez não tenho arma. Não me atrevo a me virar e correr, porque ela pode enfiar a agulha em minhas costas. Só consigo pensar em chutar seu peito e torcer para conseguir evitar a seringa. Ela cambaleia para trás, mas acerta minha

panturrilha e consegue enfiar a agulha a um centímetro de profundidade.

Minha vista está escurecendo, como aconteceu quando os bandidos roubaram meu sangue. Quanto tempo eu tenho? Segundos? Com o que me resta de energia, eu me jogo em cima do braço dela e arranco a agulha da perna. Quando estou perdendo a consciência, furo a coxa da médica e torço para ela receber mais droga do que injetou em mim.

Quando acordo, o céu escureceu e está anoitecendo. Minha mãe e Sammy devem estar desesperados.

O corpo embaixo do meu está morno, mas imóvel. Atordoadada, tateio em volta procurando a seringa, que ainda está enterrada na coxa da dra. Sternfield. Eu a puxo e jogo longe, no meio da vegetação.

Atordoadada, vou cambaleando na penumbra em direção à cabana, parando para vomitar nos arbustos. Lá dentro, aciono um interruptor na parede e revelo o covil da doutora. Não tem sinal de celular, mas tem energia elétrica. Vejo várias mesas cobertas de anotações, um computador, equipamento de laboratório, embalagens de comida que reconheço serem da casa da mãe dela e um refrigerador

cheio de prateleiras com tubos. Abro um armário de suprimentos e vasculho tudo até achar uma corda.

Saio para amarrar a dra. Sternfield antes que ela acorde, mas não a encontro onde a deixei. À minha direita, vejo as árvores se mexendo. E se ela chamar alguém para ajudá-la, para garantir meu silêncio? Ah, não!

Sigo na direção dos galhos em movimento e alcanço a dra. Sternfield na entrada de uma clareira, onde vejo um jipe estacionado. Fecho a mão e dou um soco nas costas dela, e de novo caímos no chão lutando. Ela mostra os dentes, claramente tomada pelo desespero.

Posso não ter gene de guerreira, mas tenho o tronco de alguém que passou anos treinando nado borboleta. Mais importante, é minha vida que está em risco.

— Vaca! — Dou um murro na parte de cima de sua cabeça e a viro para passar a corda em torno dos pulsos, sentando sobre suas pernas. — Você não me conhece.

Ela grita e se debate até eu acertar uma cotovelada em seu rim. Isso a deixa sem ar por tempo suficiente para prender seus tornozelos também. Com mais nós que o necessário, eu a amarro como estive amarrada há duas noites.

— E agora? — Ela grunhe.

Eu a viro de lado e revisto os bolsos.

— Não consigo te levar pro jipe e não confio em você pra te desamarrar. — Pego as chaves em um dos bolsos. — Portanto, fique à vontade.

Ela balança o corpo de um lado para o outro, os olhos dominados pelo pânico.

— Não, Aislyn. Eu estava falando sério sobre trabalharmos juntas. E estou mesmo muito perto de uma cura. O dr. Dulcet está me pagando para isso. Ninguém mais sabe que DNA modificar. Se a polícia me prender, todo o meu trabalho será interrompido. Você só precisa confiar em mim.

Não preciso ter seu super QI para saber que essa é uma péssima ideia.

— Se quer minha confiança, fale que genes manipulou.

Ela gagueja três genes.

Eu suspiro.

— Esses as pesquisas já identificaram.

— Bem, não vou dar a fórmula completa enquanto não me soltar. Mas garanto que os outros pesquisadores não vão conseguir descobri-la.

— Por que não? Eles fizeram várias varreduras genômicas em todos nós e localizaram o vetor viral que você usou para

transportar seu combo sinistro de genes modificados. Tem muitos médicos inteligentes além de você, mesmo que eles não tenham sido geneticamente modificados.

Ela está furiosa.

— Eles tiveram quase um mês. E só encontraram os candidatos óbvios. Não vão achar o que é necessário para você.

— Como pode ter tanta certeza? — Nesse momento lembro uma coisa que ela disse, algo sobre o lixo de um cientista ser o tesouro de outro. E Xavier não escreveu “LIXO” em suas anotações? Talvez não tenha sido por considerar os próprios palpites inúteis. E se ele percebeu que a pesquisa era bastante restrita? Limitada a genes. Mas cerca de cinquenta por cento do nosso DNA é considerado “lixo” por não codificar as sequências de criação de proteínas.

Minha respiração acelera.

— Você também alterou nosso DNA lixo para regular nossos genes de alguma maneira.

A arrogância é substituída por uma ansiedade tangível, furiosa.

— Não seja ridícula.

— Não, ridícula é a facilidade com que consigo ler suas emoções, graças ao Carisma. Ironia incrível, não acha?

Volto correndo à cabana, pego o computador dela e algumas caixas em que coloco os tubos do refrigerador. Ela tem trabalhado muito. Para manter os tubos resfriados, pego no freezer algumas embalagens de frutas congeladas e coloco entre eles.

Enquanto a dra. Sternfield grita palavrões intercalados por ofertas, faço cinco viagens entre a cabana e o jipe para pegar tudo que possa ter a ver com pesquisa. Na última varredura que faço no laboratório secreto, vejo uma cópia bem velha de *Flores para Algernon*. Faz sentido. Deixo o livro para ela.

Depois de levar tudo para o jipe, jogo um cobertor em cima da dra. Sternfield e ignoro suas súplicas; afasto-me dali enquanto o dia se despede.

Na cidade mais próxima, eu me sinto tentada a parar na delegacia, mas a urgência de seguir viagem direto para Tacoma é maior. Só paro para abastecer o carro e fazer uma ligação anônima para a polícia, informando que perto dali, em uma cabana, uma médica criminosa que tem estado em todos os jornais espera por eles amarrada. É claro, vou ter

que dar muitas explicações, mas a prioridade agora é entregar todo o material de pesquisa nas mãos de alguém em quem possa confiar. A dra. Culdicott não é a pessoa mais amorosa do planeta, mas é com ela que decido contar.

Menos de duas horas mais tarde, estaciono no Florence Bishop. Meu corpo todo treme quando entro correndo no pronto-socorro. Explico à recepcionista que é urgente e preciso falar com a dra. Culdicott. Ela assente como se já tivesse escutado tudo isso antes e me orienta a ir sentar na sala de espera. A mesma coisa de sempre.

Dez minutos depois, a dra. Culdicott aparece e, assim que ouve minha história, chama um funcionário para nos ajudar a pegar todo o material de pesquisa, os frascos e o laptop no jipe. Tudo é colocado dentro de um carrinho que o funcionário leva para o consultório particular da médica.

Meu estômago ronca. A cabeça dói. Tentando ignorar os dois incômodos, digo:

— Fale pros pesquisadores que eles também têm que examinar as alterações no DNA lixo.

Ela assente e faz algumas exigências, como ligar para minha mãe e para a polícia, por exemplo. Não sei de quem tenho mais medo. Na verdade, eu sei, e ela chega primeiro.

— Aislyn, onde estava com a cabeça? Decidiu que vai se matar?

Levanto as mãos num gesto de rendição.

— Mas eu estava certa, mãe! E encontrei a dra. Sternfield. Ela está viva e fazendo pesquisas. Talvez eu tenha até encontrado uma cura na qual ela vem trabalhando.

Minha mãe respira algumas vezes como se estivesse à beira de um ataque de ansiedade, depois pergunta:

— Uma cura? — Ela abaixa a cabeça e a balança como se não pudesse acreditar no que digo. Depois começa a chorar.

Seguro seus ombros trêmulos.

— Vai ficar tudo bem, mãe. Eu queria consertar as coisas pra todo mundo, provar... desculpe se te assustei.

Ela ainda está soluçando, e eu ainda estou segurando seus ombros, quando uma policial com o cabelo preso em tranças finas entra na sala com a dra. Culdicott.

A policial se apresenta e abre um bloco de anotações.

— A equipe do xerife encontrou a cabana e seu carro, mas não tinha médica nenhuma, e parece que o lugar foi saqueado.

Sinto o sangue gelar nas veias.

— Ela não pode ter desaparecido. Eu, ah... depois que ela me drogou, eu a amarrei.

A policial levanta as sobrancelhas.

— Precisamos ouvir os dois lados da história.

A dra. Culdicott, que ouvia tudo com a testa franzida, interfere:

— Temos razões para crer que a médica sonegava evidências cruciais para uma cura que poderia salvar a vida de mais de duzentas pessoas.

A policial fala comigo.

— Então admite que invadiu a casa da médica depois de tê-la incapacitado?

— Não, a porta estava aberta e eu...

Minha mãe se coloca entre mim e a policial.

— Ela não vai falar mais nada sem a presença de um advogado. Deve saber que não pode interrogar uma menor de idade. Principalmente depois de uma experiência tão traumática.

A dra. Culdicott abre a porta e usa aquele tom de comandante militar.

— A sra. Hollings tem razão. Como médica responsável, informo que Aislyn precisa descansar. Eu mesma vou

declarar, se for o caso, que há sedativos perigosos em seu organismo e ferimentos decorrentes de agressões.

A policial percebe que não vai conseguir mais nada e se retira prometendo manter contato. Com a porta fechada, minha mãe e a médica batem as mãos no ar em um cumprimento vitorioso.

Eu não estou tão contente. Se existe alguma chance de cura para o CZ88 como eu quero que aconteça, essa chance desapareceu com a dra. Sternfield. A menos que haja algum tesouro naqueles tubos de ensaio e no material todo.

Depois disso, sou liberada para ir embora. Porém, por maior que seja a ansiedade em sair do hospital, insisto em ver Shane e os outros. Já passa da meia-noite, mas quem liga para horário de visitas? paro ao lado da cama de cada um deles e digo:

— Aguenta, aguenta.

No caminho para casa, entre suspiros e lágrimas, minha mãe informa que estou de castigo até segunda ordem. Só consigo dar risada. Meu quarto é o único lugar onde quero estar. Acho que minha mãe aferrolharia a porta e as janelas, se pudesse. Mas ela não precisa se preocupar. Não vou mais fugir.

CINCO PAÍSES VETAM VISITANTES DOS ESTADOS UNIDOS

Jonah Walters, *Agência de Notícias dos Estados Unidos*

Devido ao medo da contagiosa terapia genética CZ88, os seguintes países vetaram turistas norte-americanos até segunda ordem: Egito, Iraque, Qatar, Cingapura e Ilhas Turcas e Caicos. São os mesmos países que negam visto de entrada a pessoas que vivem com o HIV. Até agora, o CZ88 infectou duzentas e setenta e três pessoas, resultando em quarenta e nove mortes e mais de duzentos pacientes em coma.

VINTE E SEIS

Só supero todo o efeito do sedativo depois de dormir um dia inteiro. Um apito baixo nos ouvidos substitui o torpor, um ruído como o de um mosquito persistente que nunca me deixa esquecer o que há dentro do meu corpo.

Assim que acordo, minha mãe avisa que Jack e Evie telefonaram uma dúzia de vezes implorando para vir aqui. Decido encarar a notícia como um bom sinal.

Jack é o primeiro a chegar. Ele hesita em minha frente por um momento, depois nos abraçamos. Meu corpo esquenta.

Com os olhos cheios de lágrimas, eu digo:

— Desculpe se te deixei preocupado e dei a impressão de te excluir dos meus planos.

Ele apoia a testa na minha.

— Eu devia ter ido com você a Cle Elum, por mais maluco que parecesse. Shane foi.

— De qualquer maneira, você sabe que fiz minha escolha há muito tempo. — Passo o dedo por seu ombro e noto que ele tem cheiro de cloro, como eu sempre tinha quando ainda podia ir à piscina. Bem, se as anotações de pesquisa pelas quais arrisquei minha vida derem o resultado esperado, talvez a gente ainda possa ir nadar juntos uma noite dessas.

No meio desse pensamento delicioso, Evie aparece.

— Você já está nos jornais!

— Ai, droga — respondo. — Não foi de propósito. E se me pedirem uma entrevista, vou querer você por perto pra me preparar.

Ela puxa meu cabelo.

— Você precisa de preparação para usar armas, isso sim. Não acredito que foi atrás daquela médica maluca. Graças a Deus está bem.

Eu fungo.

— Bem, não precisa mais se preocupar com armas e perseguições malucas. Não vou a lugar nenhum.

Ela e Jack gritam juntos:

— Promete?

Horas mais tarde, minha mãe anuncia que a dra. Sternfield ainda não foi encontrada, mas a sra. Sternfield e o

dr. Dulcet foram levados para depor. A notícia mais útil é a de que os pesquisadores encontraram muita informação no computador e nos tubos e frascos. Coisas que a dra. Sternfield estava testando antes de desaparecer.

No dia seguinte, a dra. Culdicott usa o viva-voz para minha mãe e eu ouvirmos um geneticista explicar que o CZ88 tem dois vetores virais, e o segundo foi encontrado nos frascos que eu peguei. A dra. Sternfield precisou de dois vetores para transportar todas as modificações genéticas que queria fazer, e usou uma combinação de técnicas, como enviar fragmentos de RNA para modificar genes, em vez de introduzir genes inteiros todas as vezes. Até o material usado para preencher os vírus, o “recheio”, que muitos pesquisadores consideram “lixo”, tinha instruções genéticas embutidas nele.

A maior parte do que ele explica depois disso é mais complexa do que posso entender, mas o entusiasmo dele é óbvio.

— Resumindo? — Minha mãe se manifesta quando o homem faz uma pausa para respirar.

— Bem, não vamos prometer nada. Mas a dra. Sternfield mapeou vários meios possíveis de se reverter o processo, e

até começou o trabalho de desenvolvimento, com um plano de vendê-lo pela oferta mais alta, pelo que consegui entender.

Minha mãe se inclina para o telefone.

— Quanto tempo para terminar e testar?

— Meses, provavelmente. Vamos informar cada passo que dermos.

Minha mãe e eu nos olhamos confusas. Eu tenho esse tempo? Shane, Chloe e os outros têm esse tempo? Mas me obrigo a sorrir pelo bem de minha mãe e falo:

— Os caras sabem o que estão fazendo. E tem mais gente do lado do bem do que do lado da dra. Sternfield. Às vezes, correr um risco é menos arriscado do que não correr nenhum.

Vejo a tensão na mandíbula de minha mãe. Nós duas sabemos que estou falando de Sammy. Mas ela não se opõe imediatamente ao que digo. Nós duas precisamos acreditar que dei aos cientistas o material necessário para trabalhar. Porque não tem mais nada.

Durante julho e agosto, o apito em minha cabeça persiste como uma irritação incessante. Nos piores momentos, uma

pequena parte de mim sonha com um coma para eu poder escapar da eterna incerteza. Mas quando a crise passa, eu supero o desespero e agradeço por mais um dia.

Enquanto tento ignorar os sintomas, os pesquisadores se mantêm em contato por e-mail e conferências virtuais. Até o dr. Dulcet se oferece para ajudar, dizendo que só havia sugerido que a dra. Sternfield se dedicasse a trabalhar pela cura. Como não há provas suficientes de que ele tenha feito alguma coisa ilegal, a força-tarefa do governo aceita sua ajuda sob controle rígido. A sra. Sternfield, por outro lado, foi acusada de cumplicidade e incitação, já que a polícia tem evidências de que ela enviou o vídeo do falso suicídio para as redes de notícias e alugou a cabana onde a filha foi se esconder.

Enquanto isso, vivo com medo de alimentar esperanças. E com medo de não ter esperança.

Mas sei como quero passar o tempo que tenho: com minha família, Jack e Evie. Agora que não estou mais perseguindo fugitivos, as pessoas que amo não estão mais em constante estado de irritação comigo. Mesmo assim, a “vida normal” não é fácil. Muitas vezes me pego mordendo os lábios com a frustração. O pior é quando Evie e Rafe

insistem em sair comigo e com Jack. Não que eles passem o tempo todo se pegando, mas não dá para deixar de notar os beijos roubados, mesmo quando acham que estão sendo discretos. E não vou pedir para ela esconder sua alegria por minha causa. Se Shane estivesse consciente, com certeza me daria uma opção e algum conselho safado. Ver seu rosto mais magro cada vez que vou visitá-lo e ver os outros no hospital é difícil de aguentar. Mas ainda vou lá toda semana, e não vou me permitir esquecer deles. Não vou deixar ninguém esquecer.

Apesar do desafio de enfrentar a desgraça iminente, minha vida desabrocha de maneiras estranhas. Os jornais me perseguem, como seguem os outros infectados pelo CZ88 que permanecem conscientes em Nova York e Los Angeles para entrevistas bombásticas. Eles nos chamam de casos “milagrosos”. Uso meu status de milagre para defender a terapia genética, especialmente no tratamento da fibrose cística.

Minha existência pode fazer a diferença.

No fim de agosto, o pai de Chloe manda uma mensagem para mim. VOCÊ VIU ISSO? Ele inclui o link de uma matéria

sobre testes de uma terapia genética que usa uma forma modificada do vírus HIV para atacar o câncer.

Eu respondo: INCRÍVEL! TEM ESPERANÇA PARA TUDO.

Ele concorda: É VERDADE, TEM.

Sim, ele e eu nos tornamos amigos.

Ele continua: FIQUEI SABENDO QUE UM DOS SEQUESTRADORES MORREU.

Sinto pena da mulher que dirigiu a van naquela noite. A cadeia teria sido castigo suficiente. Um dos sequestradores era o rapaz que estava no evento para angariar fundos, e o líder do grupo, o que falava com voz suave, era aquele que tentou invadir minha festa de boas-vindas com uma caixa de cerveja. Depois de injetar o sangue contaminado, todos acabaram entrando em coma. Considerando o alto poder de contágio pelo sangue, fico pensando se a dra. Sternfield também não foi contaminada depois de eu ter cravado nela a agulha que ela usou em mim. Mesmo que a polícia nunca a prenda, o CZ88 pode pegá-la.

E talvez o CZ88 também me pegue em algum momento. Tenho feito muitos exames para determinar se tenho alguma imunidade maluca, ou se as características que me fizeram ser quem sou – tímida, inclusive – também são o motivo da

minha boa sorte agora. É possível que eu tenha partido de um patamar tão diferente que as mudanças em minha bioquímica ainda tenham que progredir muito antes de atingirem o limiar do coma. E isso me remete à pergunta: quanto tempo eu tenho?

VINTE E SETE

Em setembro, depois de uma intensa campanha on-line se transformar em protestos reais e discursos da ACLU, minha escola decide que posso voltar para o último ano, pelo menos enquanto eu estiver consciente. A decisão traz de volta as mensagens de ódio e os protestos na Nova Genetics. Mas a terapia genética chegou para ficar.

Uma semana antes do Halloween, quando tenho planos de me fantasiar de Madame Curie, a manhã começa fria. Jack segura minha mão a caminho da escola.

Sammy grita do banco de trás do carro:

— Quantos terapeutas genéticos são necessários pra trocar uma lâmpada?

Respondo:

— Não sei.

— Nenhum. Eles mandam vírus pra fazer o trabalho.

Jack e eu gememos. Mas os vírus estão fazendo um bom trabalho em Sammy. Tem dias em que ele faz o caminho todo sem tossir. E sua capacidade pulmonar aumentou vinte por cento desde que mamãe autorizou sua participação no teste expandido do AV719, o que só aconteceu depois que os pacientes do teste anterior mostraram melhora rápida. Sem efeitos colaterais.

O cabelo de Jack dança com o vento que entra pelas janelas abertas. O outono chegou, mas hoje em dia tenho sempre muita necessidade de ar fresco. Porém, ficar fora de casa tem seu preço. Os ladrões de sangue estão incapacitados, e a Segurança Nacional já eliminou a possibilidade de ataques de bioterrorismo, mas eu me mantenho em constante vigilância, sempre olhando pelo espelho retrovisor e verificando todo mundo à minha volta, especialmente estranhos que se aproximam demais.

Jack batuca no volante.

— E aí, vamos colher maçãs no fim de semana?

Meu rosto está adormecendo com ar gelado, mas não o desvio da janela.

— Evie e Rafe também querem ir.

Jack geme baixinho.

— Estou imaginando que tem um galpão escondido?

Dou de ombros.

Paramos em frente à escola de Sammy e nos despedimos dele antes de continuar. A cinco quarteirões do colégio, meu celular vibra. Deve ser Evie querendo ajuda de última hora com cálculo. Fico feliz por algumas coisas não terem mudado. Nós até desenhamos nosso mapa habitual para calcular o máximo de oportunidades de contato, e este ano incluímos os namorados na equação.

Mas a mensagem é da minha mãe. Uma mensagem pela qual tenho torcido muito, mesmo com medo de alimentar esperanças.

Acho que o choque está estampado em meu rosto.

Jack para o carro.

— Que foi?

Olho pelo para-brisa sem enxergar nada.

— A cura está pronta.

Ele me abraça, e sua respiração faz cócegas no meu pescoço.

— Isso é maravilhoso.

Sinto meu corpo dormente em seus braços.

— É. Seria ótimo não ter que me preocupar com entrar em coma ou contaminar alguém, mas...

— Mas o quê?

Fecho os olhos e escondo o rosto em seu peito.

— Não quero voltar a ser tímida. A não saber como agir com você, a não ser capaz de falar por crianças como o Sammy. — É claro, tentei convencer os pesquisadores a buscar uma cura que me permitisse preservar a parte do Carisma do CZ88, mas nem minha personalidade radiante foi capaz de persuadi-los a correr esse risco.

Jack me abraça com força.

— Se a cura remover a parte social, você ainda vai me conhecer, e eu vou te conhecer. Isso não pode ser desfeito. Você nunca foi tímida com Evie e seus amigos mais próximos, foi? E nunca escondeu seu verdadeiro eu das pessoas que queriam te conhecer e prestavam atenção em você. E eu sempre estive atento, pode acreditar.

Levanto a cabeça e assinto, pensando pela milésima vez em quanto da nossa personalidade reside em nosso DNA e quanto é comportamento aprendido. Nos últimos meses, meu cérebro tem usado sinapses que percorrem os caminhos

da confiança. Talvez eu consiga manter essa parte, se for curada. Talvez, não.

Ele afaga minha mão.

— Ei, se as coisas ficarem difíceis, você pode voltar a mandar mensagens pra mim até ter certeza de que nada mudou. — E beija meu rosto. — Além do mais, acho que está esquecendo a parte boa de ser curada. — Ele levanta as sobrancelhas e os cantos daquela boca que quero tanto beijar.

Ah, sim. Um tremor brota em meu peito e desce até a barriga. Tudo que consigo fazer é sorrir, e devo estar tão vermelha quanto ficava antes.

Ele fala:

— Agora tem algo em que pensar esta noite, quando estiver sozinha no hospital.

— Ah, cara... — De repente tenho dificuldade para falar. Minha voz esganiça como não acontecia desde antes do CZ88. Quem precisa de cura? Pensar em ficar com Jack já está me transformando.

— E aí, quer que te leve pra lá? — ele pergunta.

— Vou ligar pra minha mãe.

Eles planejam administrar a droga hoje à tarde. Minha mãe vai me levar para o hospital na hora do almoço. Até lá, vou cumprindo a rotina de um dia no colégio, contando com a constante ajuda de Evie para saber aonde ir.

Ela leva um dedo aos lábios.

— Talvez deva fazer uma última coisa de diva antes da cura.

— Pare, eu nunca fui diva.

Ela revira os olhos.

— Se a gente acreditar na cobertura da mídia...

Não vou discutir. Hoje, não.

— Alguma ideia?

— Hum...

— Esqueça. Sei o que vou fazer. — Entro na aula de ciências do dr. Lin, onde a maioria dos alunos se movimenta em torno das bancadas do laboratório.

— Dr. Lin — falo, projetando a voz para o fundo da sala.

Todo mundo para de falar.

O dr. Lin levanta os olhos, mas mantém o rosto voltado para baixo, para um jogo de ímãs que está arrumando.

— Bom dia, Aislyn.

— Na feira de ciências, você me perguntou sobre a relevância do meu projeto e onde eu colocaria o limite.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Perguntei.

— Não consegui responder na hora, e talvez não consiga responder amanhã, mas queria tentar agora.

Ele me encara de um jeito que dá a impressão de que vai apertar o botão do pânico embaixo da mesa.

— A aula começa em dois minutos.

— Vou correr o risco de me atrasar. Então, é o seguinte.

— Viro para a turma. — A importância do meu projeto é lançar uma luz sobre as incríveis possibilidades da terapia genética. Quando realmente entendermos como manipular o DNA, poderemos mudar todo o jogo em termos de qualidade e tempo de vida. O que pode ser mais relevante que isso?

Uma garota no fundo da sala grita:

— O tanquinho do meu namorado.

O dr. Lin ameaça falar, mas eu o interrompo:

— Quanto ao limite sobre quais melhorias fazer e quais proibir, não sei onde o colocaria. Não devíamos permitir experimentos radicais como aquele em que me envolvi, mas estipular quanto permitir que os humanos se transformem é

um alvo em movimento. Não faz mal admitir que ainda não temos as respostas. Mas depois que o futuro é visto, não pode ser desvisto.

O dr. Lin diz:

— Já que tem uma opinião tão forte sobre isso, pode conduzir uma discussão hoje à tarde, quando for à aula.

— Na verdade, vou embora na hora do almoço. Vou ao hospital.

Ele me encara por alguns segundos sem piscar, como se fosse registrar suas impressões em um caderno do laboratório.

— Se faz alguma diferença saber, votei no seu projeto na competição estadual.

— Sério? Ah, obrigada. Hum, acho melhor ir para a aula.

— Boa sorte, Aislyn.

Durante o resto da manhã, converso com o maior número possível de amigos, levanto a mão a cada oportunidade e abraço Jack depois de cada aula. Se a escola for metade disso quando eu voltar, ficarei feliz. Muita gente me acompanha até a porta quando minha mãe chega para me pegar.

Minhas pernas não param de tremer no caminho para o hospital. Lembro a mim mesma de que nada garante que

tudo isso vai funcionar. Na verdade, a “cura” pode ter efeitos colaterais ou me deixar pior que o tratamento. Não pela primeira vez, especulo se o “Vale da Morte” entre os testes com animais e os testes clínicos está ocupado não só por projetos infundados, mas por pessoas que se submeteram a curas experimentais que fracassaram drasticamente. Não, esse tipo de coisa só leva a batimento acelerado e nada de bom.

Olho o celular pela última vez no estacionamento. Jack mandou dez mensagens, todas iguais: PARA MIM, VOCÊ VAI SER SEMPRE “AQUELA GAROTA”.

Ah, como torço para ele estar certo.

Minha mãe fica comigo durante a internação. Assim que sou instalada em um quarto pequeno, a dra. Culdicott e um especialista em terapia genética chamado dr. Cho aparecem. Com a aceitação de todos os envolvidos, uma pequena equipe de cinegrafistas captura discretamente o momento. Sorrio para eles. Se esses forem meus últimos momentos de coragem, quero que sirvam para inspirar as pessoas.

Meus braços se arrepiam.

— Os outros já receberam a droga da cura?

O dr. Cho sorri tenso.

— O que *esperamos* que seja uma cura, Aislyn. Você é a última a ser medicada neste hospital.

— Posso ver os outros? — Visitei essas pessoas regularmente, passei a maior parte do tempo sentada ao lado de Shane, segurando a mão dele enquanto falava sobre as pessoas que ele poderia atormentar quando ficasse melhor. Espero estar por perto quando isso acontecer.

A dra. Culdicott diz:

— É claro.

O dr. Cho lava as mãos e calça as luvas.

— Preparada?

Preparada? Meu Deus, é difícil imaginar como estava ansiosa para receber o CZ88 em junho passado. Agora parece que isso aconteceu em outra vida. Um nó se forma em minha garganta e meu corpo se curva. Para muitos outros, aquela vida realmente acabou.

Seguro o cobertor sobre o qual estou sentada e me forço a endireitar as costas.

— Estou pronta.

Ele limpa meu braço. Diferente da droga aplicada pela dra. Sternfield, a cura requer duas injeções hoje, e talvez haja outras. Eu me encolho a cada picada da agulha.

Provavelmente, vou reagir assim pelo resto da vida. Quando o médico termina, ele me aconselha a relaxar. Sei. É claro.

Ele e a dra. Culdicott prometem voltar mais tarde. A equipe que filmou tudo fica para falar comigo e com minha mãe. Eles pagaram caro para acompanhar minha possível metamorfose de volta à garota tímida. Bem, melhor isso que minha mãe fazendo hora extra para levantar o dinheiro da faculdade. Felizmente, as famílias dos outros adolescentes também concordaram com o documentário, e a equipe sai do quarto para ir filmá-los.

De repente, meu quarto parece ficar quieto demais. Não há muito para fazer aqui. Não que o dr. Gordon tenha tido tempo para pensar nisso enquanto trabalhava com a força-tarefa para procurar uma cura e pressionava a polícia para encontrar sua filha. De qualquer maneira, tenho dificuldade para olhar nos olhos dele hoje em dia. Por um lado, o médico parece verdadeiramente preocupado com a solução de tudo isso. Por outro, qualquer que tenha sido a terapia genética que ele impôs à dra. Sternfield, ajudou a fazer dela quem é.

Minha mãe puxa uma cadeira. Sua expressão é muito animada, uma tentativa frustrada de mascarar a preocupação. Ainda vou conseguir ler seu rosto tão bem

assim, se a cura der certo? Espero que não. Testemunhar as emoções de todo mundo é exaustivo.

Coloco minhas mãos nas dela, que estão tremendo, e ofereço minha melhor versão da filha animada.

— Estou me sentindo bem. Na verdade, tenho um livro ótimo, você não precisa ficar aqui.

Ela tira uma linha imaginária da cama.

— E se eu ficar mais um pouco? Podemos ir comer alguma coisa na cantina.

Sorrio.

— Tudo bem, se é assim que quer passar a noite de sexta-feira.

Comemos massa cozida demais, salada que está na geladeira há muito tempo e gelatina de limão que não está ruim. Eu me encosto na cadeira e penso no que vou dizer.

— Sabe, seja qual for o resultado dessa cura, você precisa ter vida própria, mãe.

Ela tosse.

— Como assim? Eu tenho tudo que quero com você e Sammy.

— Você merece mais. Papai se foi há muito tempo. Está na hora de pensar em namorar.

A tosse quase a sufoca.

— Ai, meu bem, vamos pensar em uma coisa de cada vez.

Entrego a ela meu guardanapo.

— Só queria falar enquanto ainda tenho esta personalidade desinibida.

Ela assente e limpa a boca.

— Vou pensar.

Planejo começar imediatamente uma propaganda online. Vai ser divertido canalizar minha Evie interior para reformar o guarda-roupa da minha mãe.

De volta ao quarto, os médicos passam para ver como estou. Ainda não mudei. Posso levar dias ou semanas para detectar alguma diferença. Quando os médicos saem, minha mãe diz que vai ver como está Sammy, se eu não me importar. Garanto que vou ficar bem.

Assim que ela sai, vou até o elevador com aqueles chinelos do mesmo material usado para fazer fraldas descartáveis e visito a ala onde estão Sebastian, Xavier, Jesse e Shane. Em coma, eles foram relegados mais uma vez ao quarto dos meninos.

Bato palmas.

— Vocês chamam isso de festa?

Eles estão deitados de costas, como sempre. Os membros das famílias colocaram cadeiras do outro lado do quarto para as entrevistas do documentário. A mãe de Shane acena para mim e leva um dedo aos lábios, porque a câmera está ligada.

Começo pela cama de Sebastian e passo os dedos pelo cobertor. Quando me lembro de seu corpo em movimento, criando uma coisa bonita mesmo em um triste quarto de hospital, minha garganta fica apertada. Ah, queria vê-lo fazer uma pirueta no palco. Só uma vez. Passo para a cama de Jesse e vou cochichando para cada um deles.

— Acorde.

Na cama de Shane, sento e seguro a mão dele.

— Quando sair daqui, é bom manter a parte do seu DNA que tem a ver com o cara legal. Ou vou te socar até ficar tonto. — Bato no joelho dele. — E nem pense que vou te apresentar pra alguma amiga minha, mesmo que fique livre do vírus. — Levanto e beijo seu rosto.

Com a câmera ainda ligada, os membros da família perguntam como estou me sentindo. Não notei nenhuma mudança específica, nem física nem de personalidade. Ainda não, pelo menos. Eles assentem sérios e eu vou ver Chloe no quarto ao lado. A mãe e a irmã dela estão sentadas à mesa

jogando um jogo qualquer. Felizmente, a equipe do documentário já passou por aqui, e agora temos um pouco de paz.

Bailey sorri para mim.

— Quer jogar?

São cinco partidas antes de Bailey dar um tempo para a gente respirar.

— Quanto tempo ainda vai demorar pra Chloe acordar?

— ela pergunta, mancando para perto da cama da irmã.

A mãe responde:

— Não sabemos, meu bem. Pode demorar muito.

Bailey aproxima o rosto do de Chloe.

— Mas os olhos dela tremem.

— Eu sei, docinho. Tremem, mesmo. — Ela se junta a Bailey e brinca com a trança da filha mais nova. — Mais uma partida antes de ir para casa dormir?

Bailey faz bico.

— Não. Quero falar com Chloe e Aislyn.

Ajeitamos cadeiras em torno de Chloe para contar a ela o que temos feito, como se ela participasse da conversa. Como essa garota vibrante pode estar imóvel há quatro longos meses? Seguro a mão dela, que agora é muito magra. Talvez

os médicos me deixem pintar suas unhas de verde. Ela ia gostar.

Chloe aperta a minha mão.

— Ai, meu Deus! Ela mexeu a mão.

Bailey pula.

— Veja os olhos dela. Eu falei que estavam tremendo!

É verdade, as pálpebras de Chloe tremem e até se abrem por um instante antes de se fecharem novamente, como se a luz ferisse seus olhos.

A mãe de Chloe se debruça sobre ela.

— Meu amor, meu bebê, está acordada?

O rosto de Chloe sofre um espasmo. Ela abre os olhos e, desta vez, os mantém abertos. E ela também abre a boca.

— Aham — responde.

A mãe de Chloe ergue a voz enquanto pressiona loucamente o botão de emergência.

— Alguém, rápido! Minha filha acordou! Minha filha acordou!

Olho para minha amiga com o coração batendo num ritmo louco. Isso está acontecendo de verdade?

Chloe consegue falar uma palavra enquanto olha em volta.

— Jesse?

Explodimos em gritos e aplausos. Enfermeiras, médicos, familiares e a equipe do documentário entram no quarto. Eu recuo para dar espaço a eles.

A cura está funcionando.

Os pais dos garotos devem estar pensando a mesma coisa, porque todos nós corremos ao quarto deles para ver se alguém acordou. Não, ninguém. Mas nos abraçamos com esperança.

Vou para o meu quarto e uso o telefone para contar a novidade à minha mãe. Ela grita de alegria e diz que vai voltar agora mesmo.

O restante da noite é uma confusão de riso e alegria. Chloe adora toda aquela atenção, e logo pergunta quando vai poder fazer uma transmissão para a “sua” emissora de TV. Comemoramos até ser bem depois do fim do horário de visitas, e uma enfermeira ordenar que todo mundo saia para Chloe poder dormir.

Ela e eu imploramos para ficar no mesmo quarto como antes, mas os médicos dizem que Chloe tem que ficar no quarto dela, que tem monitoramento mais pesado. Faz

sentido. Ainda assim, meu quarto parece tremendamente solitário naquela noite.

Na manhã seguinte, acordo pouco antes do nascer do sol, animada para ver o que vai acontecer. Levo alguns minutos para perceber o barulho assustador na minha cabeça. Silêncio. O apito nos ouvidos desapareceu completamente. Ai, meu Deus. Minha respiração falha e lágrimas lavam meu rosto. Pela primeira vez, desde junho, tenho esperança real no futuro.

Tomo um banho rápido, me visto e subo correndo para os quartos, que estão vibrando de alegria. Sebastian, Xavier e Jesse recuperaram a consciência durante a noite. Alternos entre o quarto deles e o de Chloe enquanto a festa do dia anterior cresce em tamanho e intensidade. A equipe do documentário volta com mais alguns membros, o que parece acelerar a recuperação de Chloe. A única pessoa que falta é Shane, que continua em coma. Deve ser só uma questão de tempo, mas cada hora sem ele se torna mais devastadora.

O dr. Cho e uma equipe de pesquisadores fazem vários testes com a gente, tiram sangue e colhem amostras de DNA. Ao entardecer, eles afirmam com segurança que a carga viral em nosso organismo diminuiu drasticamente. Não há como

testar se os genes no cérebro mudaram sem extrair tecido da região. Mas a melhor prova é que meus amigos saíram do coma. Com relação às mudanças de personalidade, vamos ter que esperar para ver.

Estou agindo diferente? É difícil dizer. Essas pessoas agora são muito próximas de mim, não tenho por que me sentir tímida perto delas. Tenho que ver como me sinto com estranhos ou com Jack. Por ora, meu peito explode de felicidade. Exceto quando vejo os pais de Shane, ao lado da cama dele, e noto tanta esperança no rosto de cada um que tenho que desviar o olhar.

Considerando a transformação nos outros, e também nos pacientes espalhados por outros hospitais, que receberam a droga da cura hoje à tarde, os pesquisadores pedem para eu ficar mais uma noite para que possam documentar nosso progresso com detalhes. Não que eu tenha tanto progresso quanto os outros para ser relatado. Mas a química do meu corpo é de grande interesse para eles, já que só cinco por cento de nós não entraram em coma.

Conversamos e brincamos até as dez da noite, quando a equipe pede que todos que não são pacientes saiam do quarto. As famílias finalmente se retiram uma hora mais

tarde. Sei que vão voltar muito antes das oito da manhã, quando começa novamente o horário de visitas.

Quando ficamos só nós, as “vítimas”, no quarto dos garotos, revezamo-nos para incentivar Shane a despertar e se juntar a nós. Mas seu corpo continua imóvel.

Chloe me pede para levá-la até perto da cama dele e toca sua testa.

— A temperatura parece normal. E a cor também.

— Vocês todos ficaram com uma coloração bem normal o tempo todo, só com um tom meio desbotado no bronzeado.

Os outros olham para mim. Chloe balança a cabeça.

— Por que você não entrou em coma?

Mordo o lábio e me sinto culpada por alguma coisa que não é minha culpa.

— Pensei muito nisso, e tudo que posso dizer é que foi sorte, talvez por causa de uns anticorpos esquisitos. Mas eu tive sintomas, e acho que teria adoecido com o passar do tempo sem a cura, como aconteceu com o Shane.

Todos nós olhamos para ele. Queria que sua boca se mexesse ou que os olhos tremessem. Mas, em vez disso, o monitor ligado a ele começa a apitar, primeiro baixinho, depois cada vez mais alto. Uma enfermeira entra correndo

no quarto e verifica o aparelho. Seus lábios se comprimem numa linha fina e ela sai apressada, ignorando as perguntas que fazemos aos gritos.

Momentos depois, ela volta com um médico que não reconheço e que começa um exame quando o apito da máquina se torna contínuo. Outro médico se junta ao primeiro, e depois um dos pesquisadores com quem comemorávamos pouco antes aparece e fica ali parado de braços cruzados.

A enfermeira pede para sairmos de perto da cama.

— Precisamos de espaço.

Nós nos olhamos. Depois de alguns minutos frenéticos de instruções gritadas pelo primeiro médico, Shane é levado em uma maca. Como isso pode estar acontecendo? O clima festivo chega ao fim e o medo domina a cena. Chloe e eu nos recusamos a sair do quarto dos garotos, apesar dos pedidos da enfermeira.

Chloe segura Jesse com tanta força que ele se encolhe.

— Ele tem que melhorar, tem que melhorar.

Sento ao lado de Sebastian e seguro uma das mãos dele, enquanto Xavier segura a outra. Esperamos entorpecidos que

o que corre em nosso corpo também circule no corpo de Shane.

Finalmente, horas mais tarde, a dra. Culdicott volta. Naquele rosto cansado da batalha vejo algo que me empurra para um vórtice de dor. Lágrimas.

Não pode ser. Não. Pode. Ser.

— Não! — grito.

A dra. Culdicott enxuga o rosto.

— Eu sinto muito, muito mesmo.

VINTE E OITO

Tudo fica mais escuro e pesado nas horas que se seguem à morte de Shane. Na manhã seguinte, o céu está encoberto e a chuva cai. Sempre que penso que não consigo mais chorar, eu choro. Shane, ah, Shane.

Tenho alta do hospital no dia seguinte, e os outros são liberados logo depois. Na manhã do funeral de Shane, o céu brilha com um tom de azul igual ao dos olhos dele. É o céu típico de um dia de outubro, um azul-cobalto que implora para você correr por milharais e beber suco de cidra feito na hora.

Os pais de Shane me pediram para falar umas palavras. Pela primeira vez em meses, a ideia de falar em público revira meu estômago. Mas lembro que falei diante de grupos e para milhares de pessoas on-line sem desmaiar. Não há motivo para eu voltar aos dias de pânico e de nunca me fazer

ouvir. E quero ser ouvida quando falar sobre meu doce amigo.

Isso não significa que não sinto um formigamento quando me dirijo ao púlpito na igreja. Mas não fujo.

De punhos cerrados, respiro fundo e falo para a grande plateia em minha frente.

— Conheci Shane há quase cinco meses, e ficou evidente que nunca nos tornaríamos amigos. Mas nos tornamos.

Um murmúrio percorre o grupo. Continuo falando.

— Tive a chance de conhecer Shane como ele realmente era. O único que conseguia transformar cada pequeno medo em risada e nos ajudar a descobrir o que fazer com o maior de todos os terrores. Quando estivemos juntos no hospital, foi ideia dele fazer vídeos para mandar a todas as pessoas que amávamos, dizer adeus do nosso jeito. Como Shane fazia tudo. — Paro e respiro. — É possível conhecer alguém muito bem e muito depressa quando a gente escuta essa pessoa declarando suas verdadeiras crenças em suas mensagens finais.

Imagens de Shane segurando minha mão em uma cama de hospital, brincando com Sammy on-line e andando na

beira d'água da península desfilam por minha cabeça. Tenho que fazer um grande esforço para continuar.

— Queria ter feito um vídeo pra ele, contando quanto aprendi a amar O *Shane Show*. O verdadeiro por trás da figura conhecida. Era divertido, doce e leal, e nunca era previsível. Jamais vai haver outro igual. — Temendo que a dor transborde de mim a qualquer momento, termino: — Shane aceitou o Carisma para se tornar irresistível, e sabem de uma coisa? Ele era.

Olho para o público com a visão embaçada. Há muitas meninas ali. Imagino o espírito de Shane pairando sobre elas e resmungando: “Que desperdício”. Rindo internamente da imagem, volto ao meu lugar, onde o “garotão” espera para me abraçar.

Nas semanas seguintes, passo muito tempo no meu quarto pondo em dia a lição de casa ou conversando com Jack e Evie. Não que esteja recorrendo ao recolhimento de antes, mas preciso chorar sozinha. Evie não me incomoda por eu estar perdendo festas. Jack não insiste em passar um tempo só comigo.

A boa notícia é que os exames de sangue mostram que os dois vírus no CZ88 foram erradicados em todos os pacientes. Não somos mais contagiosos, portanto. Nosso DNA alterado deve ter sido reparado também no tecido celular, teoria que é comprovada por nossa saúde física melhorada e por discutíveis mudanças de personalidade.

Enquanto procurava a cura, a força-tarefa compartilhou minha sequência genômica com sete organizações de pesquisa respeitáveis, e todas me ofereceram relatórios detalhados do que posso esperar do meu corpo à medida que envelheço. Em parte, tenho vontade de saber se vou ficar grisalha cedo ou se corro o risco de desenvolver várias doenças. Porém, uma parte mais sensata decide deixar os relatórios de lado. É muito mais importante viver meus dezessete anos.

Não que eu tenha vivido muito ultimamente. Jack e Evie me visitam com frequência cada vez maior, mas a maioria dessas visitas é uma tentativa frustrada de me animar.

Descubro que Jack estava certo sobre como “conhecê-lo” não mudaria com a cura. Nossa amizade abriu sulcos suficientes em minha psique para eu me sentir confortável com ele para sempre. Isso confirma o que os psicólogos do

hospital dizem sempre sobre eu não ter que voltar à estaca zero com relação às inibições. Meu comportamento nos últimos meses foi modificado pelo DNA alterado, mas essas novas atitudes reprogramaram meu cérebro, da mesma forma que a terapia de exposição pode provocar mudanças comprovadas por exames de imagem cerebral. O importante é continuar praticando.

Uma notícia menos animadora é que, na noite anterior ao dia de Ação de Graças, Jack me convidou para ir com ele a uma festa na casa do Drew Collier. Evie vai estar lá e, embora ela não me pressione mais como antes, também me incentiva a ir. Praticar, praticar, praticar.

E é o que eu faço.

Jack segura minha mão quando andamos pela calçada.

— Vai ser legal. E se não for, já sei qual é a senha.

Sorriso.

— É só não fazer graça com a Alexandra.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Eu nunca...

Dou um soquinho de brincadeira em seu braço.

— Eu sei.

Quando entramos, alguém acende a luz e dúzias de pessoas gritam:

— Surpresa!

Jack me incentiva a entrar.

— Não comemoramos direito seu aniversário.

Todo mundo canta “Parabéns a você”. Seguro o choro quando me lembro da versão de Shane: “Parabéns à fodona”.

Tenho que me concentrar no aqui e agora. E no fato de ser fodona o bastante para não fugir da atenção. Porque sempre tive força para não fugir. Bem, quase sempre, mas me perdoei pela única vez que fiz isso.

Seco uma lágrima que espero que todos interpretem como sinal de felicidade, e que de fato é, em grande parte.

— Valeu, gente. Ter dezessete anos tem sido interessante, até agora. Mas já me falaram que a diversão de verdade começa aos dezoito. — Essa ideia é assustadora.

Jack e eu sentamos perto de um casal que esteve na minha casa no dia do escorregador de água. Naquele dia tive a impressão de que eles se divertiram de verdade. Mas não dá para ter certeza. Desde que entrei em processo de cura, ainda sinto as vibrações sociais que as pessoas projetam,

porém é mais como uma coisa que aprendi, não uma intuição. E agora minha timidez é um sussurro ao fundo que torna legal ficar sozinha, mas não me sufoca.

A nova Aislyn é alguém com quem consigo conviver.

Olho para Jack. Ele passa um braço em torno do meu corpo. Sem me importar com quem está olhando, puxo seu rosto para perto e beijo sua boca. E beijo de novo. Ele é quente, é delicioso e é meu. Valeu a pena cada segundo de espera. Meu coração dispara, o corpo fica fraco e a pele arrepia.

Quando nos afastamos ofegantes, alguém perto de nós grita:

— Vão procurar um quarto!

Evie se aproxima, puxando Rafe pela mão.

— Que fofos!

Aproximo o rosto do de Jack.

— E eu nem tive que beber três cervejas pra criar coragem.

Evie revira os olhos.

— Que tipo de bebida tem aqui, aliás?

Nós nos levantamos para ir à cozinha. Além de um enorme bolo de aniversário, encontramos as coisas de

sempre: um barril e uma pilha de copos vermelhos. Várias pessoas conversam e riem perto da porta do fundo, passando entre elas pacotinhos de alguma coisa.

Evie levanta as sobrancelhas e se aproxima do grupo.

— O que é isso?

Uma garota que costuma sentar no fundo da sala na aula de história mundial se vira com uma expressão radiante e ri. Nunca a vi tão animada. Deve ter bebido demais.

Ela esfrega a região entre o nariz e a boca como se sentisse coceira.

— Drew cobrou alguns favores em uma *rave* no centro da cidade.

Para enfatizar o que ela dizia, Drew se aproxima com um sorriso largo.

— Quer experimentar o C? — ele pergunta. — Amostra grátis. Faz a gente ficar muito simpático.

Jack responde:

— Não, valeu.

Voltamos à sala. Nunca estive em uma *rave*, mas ouvi falar que as pessoas cheiram drogas que as tornam mais sociáveis. Alguma coisa provoca minha curiosidade.

Eu me viro.

— Posso ver como é esse C?

Ele pisca para mim.

— Claro, pode ver. Mas se quiser usar, vai ter que ir pro banheiro.

Estendo a mão e ele coloca uma dose no centro da palma. Tremendo, abro o pacotinho de papel amarelo que contém o pó. Meu coração dispara quando viro a embalagem para ver o outro lado, já sabendo o que vou encontrar. Um coraçãozinho cor-de-rosa carimbado no centro.

Meus joelhos tremem quando penso em qual é a chance de alguém além da dra. Sternfield estar por trás dessa nova droga. Apesar de tudo que aconteceu, o que mais me incomoda é que sinto uma vontade insana de usá-la, experimentar a adrenalina de ser mais que eu só por uma noite. Isso não é terapia genética. Posso provar sem entrar em coma.

Olho para o pacote por um momento, considero a ideia, sinto o coração bater ainda mais depressa. Não. Devolvo o pacotinho.

De cabeça erguida e olhos fechados, respiro. E respiro. Por mim mesma.

Nota da autora

Terapia genética e vírus

Embora *Carisma* seja a história de uma cientista desonesta que usa muitos caminhos escusos e errados, a promessa da terapia genética na vida real é de tirar o fôlego. Desde que começaram a entender que mutações genéticas estavam relacionadas a certas doenças, os cientistas se dedicam a consertar essas falhas genéticas. E a busca finalmente começa a dar frutos.

Nesse sentido, um grande desafio é levar a versão “consertada” de um gene às células certas. Vários veículos de transporte têm sido testados, porém o mais fascinante, para mim, e o mais comum quando escrevi este livro, são os vírus. Todos sabemos como eles se espalham quando não queremos que isso aconteça; então, por que não tirar proveito desse poder e usá-los para espalhar alguma coisa boa?

Para que isso aconteça, os cientistas mantêm os aspectos infecciosos do vírus, mas substituem o DNA criador da doença pelo DNA bom destinado a consertar problemas genéticos (por exemplo, substituindo ou desativando genes modificados ou introduzindo um novo gene que vai ajudar no combate à doença). Os “vetores virais” cheios de coisas boas podem ser introduzidos no corpo de várias maneiras: por injeção, pelo caminho intravenoso e diretamente nos tecidos com células defeituosas ou removendo células do corpo, introduzindo nelas o vírus em laboratório e devolvendo-as ao organismo.

Um dos fatos mais fascinantes que descobri enquanto fazia a pesquisa para este livro foi que uma forma modificada do vírus HIV era usada para transportar o tratamento contra certos tipos de câncer e contra o próprio HIV. Existe certa justiça poética em poder usar um dos maiores flagelos da humanidade para combater ele mesmo e outras doenças fatais.

Como muitos outros tratamentos promissores, a terapia genética ainda enfrenta vários obstáculos. Entre eles, a questão de o vírus acionar inadvertidamente o sistema imunológico do corpo, seu alto custo em comparação ao

número de pacientes que podem ser tratados neste momento e a complexidade de levar os genes certos ao lugar certo em quantidades suficientes e depois ativá-los sem interferir nos genes bons.

Mesmo assim, acredito que a terapia genética é uma grande promessa. Se quiser saber mais, há muitas fontes maravilhosas on-line (algumas interativas) e livros. Passar horas e horas com esse material me fez pensar mais de uma vez que eu devia ter estudado bioquímica na faculdade.

Agradecimentos

Este livro demorou muito mais tempo para ser concluído do que eu esperava. Mas, durante todo esse período, tive o apoio de minha incansável editora, Heather Alexander. O produto final não seria o que é sem ela.

Como sempre, agradeço a Ammi-Joan Paquette por sua representação estelar. Obrigada a Danielle Calotta por sua capa cativante, a Maya Tatsukawa pelo projeto gráfico do livro, e a Regina Castillo por me livrar de erros gramaticais e de outros tipos. Minha enorme gratidão a Draga Malesevic, Kim Ryan e Donne Forrest do departamento de direitos subsidiários da Penguin, que levou meu livro aos leitores do mundo.

Também agradeço aos diversos críticos que me deram material valioso quando este projeto era só um punhado de sinopses e capítulos rústicos. Entre eles: Jaye Robin Brown, Kelly Dyksterhouse, Dani Farrell, Tara Grogan-Stivers,

Annika de Groot, Lee Harris, Kristi Helvig, Joanne Linden, Christine Putnam, Michelle Ray, Lesley Reece, Mary Louise Sanchez, Niki Schoenfeldt, Meradeth Houston Snow (que também foi leitora beta), Pam Vickers e Laura Hamilton Waxman.

Agradeço a Ryan Tjoa, o primeiro leitor beta deste livro, e a Rachel Chamberlain, minha leitora beta e revisora sempre disponível para cada manuscrito que eu mandava.

Muito obrigada ao dr. Ricki Lewis, por responder às minhas perguntas sobre terapia genética; à dra. Paulene Quigley, por encontrar tempo para me receber e responder a mais perguntas sobre terapia genética; e ao dr. Anthony Fiore, por me ajudar a compreender como são tratadas as epidemias. Todos os erros que cometi ao abordar esses assuntos são só meus.

Agradeço aos meus filhos tão pacientes e incríveis. Espero ter sempre por seus sonhos o mesmo entusiasmo que vocês têm pelos meus.

E, finalmente, muito obrigada a James, que tornou todo o resto possível com seus conselhos, seu incentivo e seu amor.

A americana Jeanne Ryan foi criada com onze irmãos e irmãs. Passou a infância no Havaí e, nos anos seguintes, acompanhou a família em suas andanças pela Coreia do Sul, pelos Estados Unidos e pela Alemanha.

Antes de se dedicar à ficção, aventurou-se em outras atividades profissionais, entre elas a realização de testes com jogos de guerra e o desenvolvimento de pesquisas com adolescentes. Jeanne Ryan é autora também de *Nerve*, publicado pela Editora Planeta.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA POR UMA DOSE DE CARISMA?

Aislyn sofre de timidez crônica até o dia em que lhe oferecem uma dose de Carisma, droga clandestina que promete fazê-la brilhar. Os efeitos são instantâneos: de repente, ela é charmosa, vivaz e popular. Mas, estranhamente, alguns outros jovens também apresentam as mesmas mudanças. A mídia entra em um frenesi quando o que era um tratamento se torna uma doença contagiosa e mortal, e a médica que lhes deu o medicamento desaparece. Aislyn precisa encontrar um jeito de salvá-los, antes que seja tarde demais.



JEANNE RYAN

NERVE

O livro que deu origem ao filme com
EMMA ROBERTS e DAVE FRANCO

 Planeta

Nerve

Ryan, Jeanne

9788542208528

201 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você já se sentiu desafiado a fazer algo, mesmo sabendo que pode se arrepender depois, acaba levando em frente? A heroína deste livro também. Vee cansou de ser só mais uma garota no colégio e quer deixar os bastidores da vida para assumir seu merecido posto sob os holofotes. E o jogo online NERVE, febre nacional transmitida ao vivo, pode ser o início dessa trajetória de sucesso. Basta que ela clique no botão "Jogador" em vez de "Observador" para entrar na disputa, que propõe, a cada etapa, um desafio novo. A

adolescente acaba formando uma dupla imbatível com Ian, um garoto desconhecido com quem trava contato ao se inscrever em NERVE. Juntos, vão galgando posições no jogo. Mas, conforme os dois avançam na disputa, os desafios ficam cada vez mais complexos... e perigosos.

[Compre agora e leia](#)

♥ FABI SANTINA ♥

VOCÊ
acredita
MESMO
em
AMOR
à primeira
VISTA?



Planeta



Você acredita mesmo em amor à primeira vista?

Santina, Fabi

9788542214468

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um romance sobre o amor verdadeiro e sobre a pessoa mais importante da sua vida: você mesma! Quando nos deparamos com o amor pela primeira vez podemos perder as estruturas, fazer loucuras, viver com mais intensidade e acabar até nos esquecendo de nós mesmos. Não que amar não seja bom, mas é que ele não vem com manual de instruções, nos deixa perdidos, sem saber como agir e anestesiados. O amor por si só deveria se bastar! Mas nem sempre é assim. Somos seres humanos,

queremos mais, criamos expectativas e sonhamos longe. Então vem a vida nos ensina a viver um dia de cada vez... Levei muitos tombos, engoli alguns (muitos) sapos e passei por poucas e boas. Quem nunca, não é mesmo? Mas uma lição aprendi: é impossível amar o outro se você não aprendeu a amar a si mesmo. Este livro é sobre o amor verdadeiro, mas também sobre o amor que devemos aprender a nos dar, mesmo que não seja à primeira vista. Você acredita mesmo em amor à primeira vista? "Fim? Foi isso mesmo que aconteceu. Era o fim! Fim de longos anos! Fim de um relacionamento! Fim de uma linda história de amor! Fim do nosso futuro! Fim da minha vida! Pera aí! Fim da minha vida? Era isso mesmo? Eu estava apostando todas as fichas da minha vida e felicidade em alguém?".

[Compre agora e leia](#)



Se liga nessa história do Brasil

Neto, Ary

9788542215663

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Para entender a história do Brasil Em Se liga nessa história do Brasil, os professores Walter Solla e Ary Neto abordam de forma leve e bem-humorada a história do Brasil sem papas na língua. Dos índios nativos ao "descobrimento", da colônia à economia do açúcar, da escravidão às revoltas nativistas, da família real à Independência, da proclamação da República aos dias atuais. Nada escapa ao olhar dos criadores do Se Liga Nessa História, multiplataforma de ensino com mais de 900 mil inscritos no YouTube. Fruto de intensa

pesquisa, este livro possui uma narrativa ágil e envolvente sobre um país doido, repleto de tretas e personagens mirabolantes que mais parecem extraídos de uma obra de ficção. Nunca foi tão importante entender a história do nosso país como agora.

[Compre agora e leia](#)



Hipnose

Lee, Pyong

9788542213263

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Descubra como a hipnose pode transformar a sua vida! Você acredita em hipnose? Pensar em hipnose te causa medo ou curiosidade? Acha que teria coragem de ser hipnotizado? Acredita que algum dia conseguiria hipnotizar alguém? Hipnose é uma das técnicas mais comentadas e procuradas por curiosos, médicos, clientes e, até mesmo, pelos céticos que se recusam a acreditar na efetividade. Neste livro, Pyong Lee apresenta a hipnose de forma simples, acessível e completa. Revela que, por mais que você não perceba, a técnica já faz parte de sua

rotina, e aplicá-la de forma correta poderá ajudar a melhorar seu empenho diário, reprogramar seus hábitos, sensações, pensamentos e até a autoconfiança.

[Compre agora e leia](#)

Você está na lista vip de Deus



Alexandre
Nolleto

 Planeta

Você está na lista VIP de Deus

Nolletto, Alexandre

9788542216080

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Certa vez, o autor deste livro publicou a seguinte frase em suas redes sociais: "Moça, você faz parte da lista VIP de Deus e isso é o que importa." Momentos depois recebeu uma comovente mensagem de uma leitora relatando que aquela frase a fez refletir e a encorajou a desistir de cometer suicídio. Diante desse impactante acontecimento Alexandre Nolletto percebeu o quanto as palavras podem transformar vidas e que esta é a sua missão. Com uma linguagem simples, poética e comovente, este livro fala direto aos nossos

corações. Seus textos refletem as inúmeras lições que Jesus nos ensinou. São palavras milagrosas, capazes de tirar pessoas de um profundo estado de tristeza, depressão e resgatam nelas o gosto pela vida e força necessária para a busca de uma evolução espiritual. São construções em prosa e verso que despertam a fé e resgatam a alegria de viver, com mensagens que estimulam o amor, o autoperdão e o recomeço.

[Compre agora e leia](#)